

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

CELSO DAVI AOKI



**O CONFLITO SOCIAL NO NORTE DO PARANÁ: ESTUDO
DESCRITIVO E ESTATÍSTICO DE BANCO DE DADOS DOS AUTOS
CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA – 1934/1970**

**CURITIBA
2014**

CELSO DAVI AOKI

**O CONFLITO SOCIAL NO NORTE DO PARANÁ: ESTUDO
DESCRITIVO E ESTATÍSTICO DE BANCO DE DADOS DOS AUTOS
CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA – 1934/1970**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes

CURITIBA
2014

Catálogo na publicação

Mariluci Zanela – CRB 9/1233

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Aoki, Celso Davi

O conflito social no Norte do Paraná : estudo descritivo e estatístico de banco de dados dos autos criminais do Fórum da Comarca de Londrina – 1934/1970 / Celso Davi Aoki – Curitiba, 2014.

200 f.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes

Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Crime – aspectos sociológicos. 2. Vitimologia. 3. Controle social. 4. Justiça e política. I.Título.

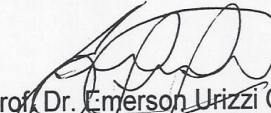
CDD 364

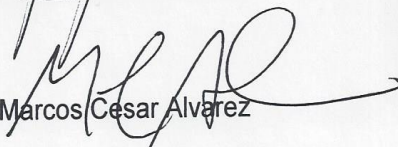


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 996 Fone e Fax: 3360-5173

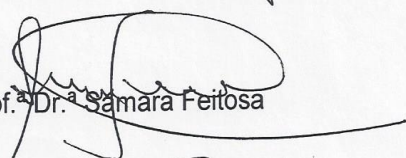
Ata de Defesa de Tese De Doutorado

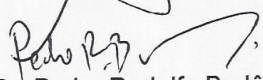
Ata da Sessão Pública, de defesa de tese para obtenção do Título de Doutor em Sociologia, área de concentração "SOCIOLOGIA", Linha de Pesquisa "Cidadania e Estado". No dia 30 de setembro de 2014, às 14:00 horas, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, composta pelos Professores Doutores Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira – UFPR (Presidente), Emerson Urizzi Cervi - UFPR, Marcos Cesar Alvarez – USP, Hélio Rebello Cardoso Júnior (UNESP), Samara Feitosa - CESP/DF e Pedro Rodolfo Bodê de Moraes (Orientador) para avaliar a Tese de Doutorado de **Celso Davi Aoki** intitulada "O CONFLITO SOCIAL NO NORTE DO PARANÁ: ESTUDO DESCRITIVO E ESTATÍSTICO DE BANCO DE DADOS DOS AUTOS CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA – 1934/1970", para obtenção do Título de Doutor em Sociologia. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pelo Colegiado do Programa sob a coordenação do Presidente. Após haver analisado o referido trabalho e argüido o(a) candidato(a), os membros da banca examinadora deliberaram pela ".....APROVAÇÃO....." do(a) candidato(a), concedendo-lhe o título de **Doutor(a) em Sociologia**. Curitiba, 30 de setembro de 2014.



Prof. Dr. Emerson Urizzi Cervi


Prof. Dr. Marcos Cesar Alvarez


Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Júnior


Prof.ª Dr.ª Samara Feitosa


Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes
orientador

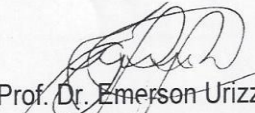

Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira
Presidente da banca examinadora

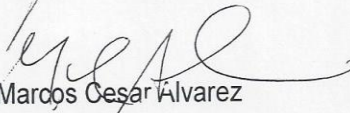


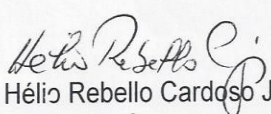
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

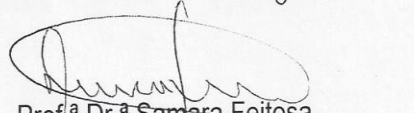
PARECER

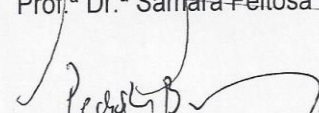
A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) candidato(a) **Celso Davi Aoki**, em relação ao seu trabalho de tese intitulado "O CONFLITO SOCIAL NO NORTE DO PARANÁ: ESTUDO DESCRITIVO E ESTATÍSTICO DE BANCO DE DADOS DOS AUTOS CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA - 1934/1970" é de parecer favorável à *Aprovação* do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Doutor* em Sociologia, linha de pesquisa "Cidadania e Estado" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 30 de setembro de 2014.



Prof. Dr. Emerson Urizzi Cervi


Prof. Dr. Marcos Cesar Alvarez


Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Júnior


Prof.ª Dr.ª Samara Feitosa


Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes
orientador


Prof. Dr. Márcio Sérgio Barbosa Silveira de Oliveira
Presidente da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer implica em escolhas, que nem sempre são as mais justas e pode significar omissão de pessoas. Portanto, se as escolhas não foram as mais justas, peço desculpas pela falha cometida.

Início pelos meus pais, que apesar de terem tido uma trajetória de dificuldades, sofrendo por vezes, o preconceito de serem nipônicos, nem por isso deixaram se abater ou de priorizar a educação de seus filhos.

À Universidade Estadual do Norte do Paraná pela licença parcial para cursar o doutorado na UFPR.

Ao Centro de Documentação e Pesquisa Histórica/Departamento de História, da Universidade Estadual de Londrina, que gentilmente autorizou a utilização do Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina para a realização desse trabalho.

À Fundação Araucária pela bolsa de estudo e pelo financiamento parcial do projeto de pesquisa.

Aos professores do programa de pós-graduação, que contribuíram para o meu enriquecimento teórico e aos meus colegas da turma 2010, que compartilharam dessa caminhada.

Ao professor orientador, Pedro Bode, que aceitou essa empreitada, possibilitando a realização dessa tese e também ao colega, sempre presente nos períodos de dificuldade, a minha gratidão.

A Joyce, colega de turma, sempre prestativa, com suas orientações. Ao Walter e a Samara, parceiros, desde os Seminários de Sociologia e Política da UFPR.

Aos colegas Marcos, Júlio, Cristiano e Hélio, cada qual com sua vida, mas sempre em contato, e pelo longo tempo de amizade.

Ao estudante de mestrado em economia Wander Plaza, pela elaboração do trabalho estatístico junto ao Banco de Dados e ao aluno de geografia, Anderson R. N. Nobre, pelo mapeamento dos delitos em Londrina.

A minha irmã Anna, amiga de todas as horas.

A Eledir e Yumi, esposa e filha, pela paciência e alegrias que me proporcionam no dia a dia.

Aos meus pais (in memoriam).

AOKI, Celso Davi. **O Conflito Social no Norte do Paraná: Estudo Descritivo e Estatístico de Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina – 1934/1970.** 200f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR, 2014.

RESUMO: O trabalho trata de compreender analiticamente o Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina/PR, no período de 1934/1970, visando a obter as informações quantitativas mais simples e os indicadores cruzados mais qualitativos, através de tabulação. Identifica os tipos de crimes e especifica as variáveis referentes aos réus e vítimas, nas seguintes categorias: a) idade; b) sexo; c) naturalidade; d) nacionalidade; e) cor; f) estado civil; g) profissão. Apresenta o contexto histórico que envolve os crimes em Londrina e como acontece a percepção da cidade planejada, moderna e próspera, diante da sua situação de formação socioeconômica. Com uma urbanização rápida, Londrina recebe grande contingente de pessoas e entra em tensão social. Vagabundos, pobres, ladrões, jogadores e prostitutas são os protagonistas principais, que deturpam a ordem e fogem do controle social. Afloram-se diversos crimes, sendo os mais praticados os de furto, lesões corporais, homicídios, sedução de menores e difamação, que se tornam um problema de segurança pública. Os órgãos de repressão são acionados e reformados para dar conta do clamor da elite e da imprensa londrinense. A polícia responde à demanda, prendendo, averiguando, caçando bandidos e delinquentes de toda ordem. Surge o uso da estatística para mostrar o sucesso da atividade policial, em termos de números de presos averiguados, apreensão de armas e batidas em locais suspeitos. Muitos destes delitos e crimes chegaram ao Fórum de Londrina, através de autos criminais, para serem julgados. Com o seu término, a justiça faz o encerramento do processo. E assim, os autos criminais do Fórum de Londrina formalizam um testemunho histórico do período e o Banco de Dados, criado no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica do Departamento de História/UEL, é sua expressão mais real. O resultado mais geral deste trabalho é um levantamento estatístico, descritivo e pormenorizado, que permite analisar as evoluções históricas dos crimes, dos réus e das vítimas. Por fim, considera-se que o Estado tinha função primordial na sociedade, estabelecendo a segurança, a ordem e o controle social, através do monopólio da violência pelos órgãos de repressão e de justiça, a partir do julgamento legal dos crimes.

Palavras-chave: Crime. Réu. Vítima. Ordem. Controle social. Justiça. Estado. Polícia. Estatística.

ABSTRACT: This work comes to analytically understand the Database of Criminal Records of the forum in the district of Londrina, in the state of Parana, Brazil, during the 1934/1970 period in order to obtain most simple quantitative information and more qualitative crossed indicators by tabulating them. It identifies the types of crimes and specifies the variables related to defendants and victims in the following categories: a) age; b) sex; c) birthplace; d) nationality; e) race; f) marital status; g) profession. The work presents the historical context surrounding the crimes in Londrina and how it is given the perception of planned, modern and prosperous city towards its socio-economic formation. With rapid urbanization, which receives large numbers of people, Londrina goes into social tension. Vagabonds, poor, thieves, gamblers and prostitutes are the main protagonists, who misrepresent the order and scape the social control. Different crimes emerge: thefts, personal injury, murder, seduction of minors and defamation, being one of the most practiced, become an issue of public safety. The organs of repression are triggered and reformed, to account for the cry of the elite and press from Londrina. The police respond to the demand arresting, checking, hunting bandits and criminals of all kinds. The use of statistics arise to show the success of police activity in terms of numbers of investigated prisoners, guns takings and beats in suspicious locations. Many of these irregularities and crimes came to Londrina Forum through criminal records to be judged. With its completion, justice makes the end of the process. And so, the criminal records of Londrina Forum formalize a historical testimony of the period and the database created by the Center for Documentation and Historical Research of the History department from State University of Londrina being its most real expression. The most general result of this paper is a statistical, descriptive and detailed analysis which allows us to analyze the historical developments of the crimes, the defendants and the victims. Finally, it is considered that the State had primary function in society, establishing security, order and social control, through the monopoly of violence by the organs of repression and justice via the legal prosecution of crimes.

Keywords: Crime. Defendant. Victim. Order. Social control. Justice. State. Police. Statistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Quantidade total de crimes	50
Gráfico 2 – Quantidade total de crimes por período	52
Gráfico 3 – Quantidade e porcentagem total de réus por faixa etária	74
Gráfico 4 – Quantidade e porcentagem total de réus por sexo	76
Gráfico 5 – Quantidade e porcentagem total de réus por naturalidade	77
Gráfico 6 – Quantidade e porcentagem total de réus por nacionalidade	79
Gráfico 7 – Quantidade e porcentagem total de réus por cor	80
Gráfico 8 – Quantidade e porcentagem total de réus por estado civil	82
Gráfico 9 – Quantidade e porcentagem total de réus por profissão	84
Gráfico 10 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por faixa etária	85
Gráfico 11 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por sexo	87
Gráfico 12 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por naturalidade	88
Gráfico 13 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por nacionalidade	90
Gráfico 14 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por cor	91
Gráfico 15 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por estado civil	93
Gráfico 16 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por profissão	94
Gráfico 17 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal	98
Gráfico 18 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por faixa etária	100
Gráfico 19 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por faixa etária	101
Gráfico 20 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por sexo	102
Gráfico 21 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por sexo	103
Gráfico 22 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por naturalidade	104
Gráfico 23 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por naturalidade	105
Gráfico 24 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por nacionalidade	106

Gráfico 25 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por nacionalidade	107
Gráfico 26 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por estado civil	108
Gráfico 27 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por estado civil	109
Gráfico 28 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por cor	110
Gráfico 29 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por cor	111
Gráfico 30 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: Crimes contra a Propriedade.....	112
Gráfico 31 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por faixa etária	115
Gráfico 32 – Quantidade total de réus por período: crimes contra propriedade por faixa etária	116
Gráfico 33 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a Propriedade por sexo	117
Gráfico 34 – Quantidade total de réus por período: crimes contra propriedade por sexo	118
Gráfico 35 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por naturalidade	119
Gráfico 36 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por naturalidade	120
Gráfico 37 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por nacionalidade	121
Gráfico 38 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por nacionalidade	122
Gráfico 39 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por estado civil	123
Gráfico 40 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por estado civil	124
Gráfico 41 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por cor	125

Gráfico 42 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por cor	126
Gráfico 43 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue	127
Gráfico 44 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por faixa etária	129
Gráfico 45 – Quantidade e porcentagem total de réus por período: crimes de sangue por faixa etária	130
Gráfico 46 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por sexo	131
Gráfico 47 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por sexo	132
Gráfico 48 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por naturalidade	133
Gráfico 49 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por naturalidade	134
Gráfico 50 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por nacionalidade	135
Gráfico 51 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por nacionalidade	136
Gráfico 52 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por estado civil	137
Gráfico 53 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por estado civil	138
Gráfico 54 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por cor	139
Gráfico 55 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por cor	140
Gráfico 56 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais.	141
Gráfico 57 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por faixa etária	143
Gráfico 58 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por faixa etária	144
Gráfico 59 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por sexo	145
Gráfico 60 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por sexo	146

Gráfico 61 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por naturalidade	147
Gráfico 62 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por naturalidade	148
Gráfico 63 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por nacionalidade	149
Gráfico 64 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por nacionalidade	150
Gráfico 65 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por estado civil	151
Gráfico 66 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por estado civil	152
Gráfico 67 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por cor	153
Gráfico 68 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por cor	154
Gráfico 69 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra	156
Gráfico 70 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por faixa etária	158
Gráfico 71 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por faixa etária	159
Gráfico 72 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por sexo	160
Gráfico 73 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por sexo	161
Gráfico 74 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por naturalidade	162
Gráfico 75 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por naturalidade	163
Gráfico 76 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por nacionalidade	164

Gráfico 77 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por nacionalidade	165
Gráfico 78 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por estado civil	166
Gráfico 79 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por estado civil	167
Gráfico 80 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por cor	168
Gráfico 81 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por cor.	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução da população residente do município de Londrina – 1940/2000	26
Tabela 2 – Quantidade e porcentagem total de crimes – 1934/1970	49
Tabela 3 – Quantidade e porcentagem total de crimes por período	51
Tabela 4 – Quantidade e porcentagem total de réus por faixa etária	74
Tabela 5 – Quantidade e porcentagem total de réus por sexo	75
Tabela 6 – Quantidade e porcentagem total de réus por naturalidade	77
Tabela 7 – Quantidade e porcentagem total de réus por nacionalidade	78
Tabela 8 – Quantidade e porcentagem total de réus por cor	80
Tabela 9 – Quantidade e porcentagem total de réus por estado civil	82
Tabela 10 – Quantidade e porcentagem total de réus por profissão	83
Tabela 11 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por faixa etária	85
Tabela 12 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por sexo	86
Tabela 13 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por naturalidade	88
Tabela 14 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por nacionalidade	89
Tabela 15 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por cor	91
Tabela 16 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por estado civil	92
Tabela 17 – Quantidade e porcentagem total de vítimas por profissão	94
Tabela 18 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal	97
Tabela 19 – Quantidade e porcentagem total de réus por período e por grupo: lesão corporal	98
Tabela 20 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por faixa etária.....	99
Tabela 21 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por faixa etária .	100
Tabela 22 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por sexo	101
Tabela 23 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por sexo	102
Tabela 24 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por naturalidade	103
Tabela 25 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por naturalidade	104

Tabela 26 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por nacionalidade	105
Tabela 27 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por nacionalidade	107
Tabela 28 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por estado civil	108
Tabela 29 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por estado civil	109
Tabela 30 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: lesão corporal por cor	110
Tabela 31 – Quantidade total de réus por período: lesão corporal por cor	111
Tabela 32 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade	112
Tabela 33 – Quantidade e porcentagem total de réus por período e por grupo: crimes contra a propriedade	113
Tabela 34 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por faixa etária	114
Tabela 35 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por faixa etária.....	115
Tabela 36 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por sexo	116
Tabela 37 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por sexo	117
Tabela 38 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por naturalidade	118
Tabela 39 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por naturalidade	119
Tabela 40 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por nacionalidade.....	120
Tabela 41 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por nacionalidade	122
Tabela 42 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por estado civil	123

Tabela 43 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por estado civil	124
Tabela 44 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a propriedade por cor	125
Tabela 45 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a propriedade por cor	126
Tabela 46 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue	127
Tabela 47 – Quantidade e porcentagem total de réus por período e por grupo: crimes de sangue	128
Tabela 48 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por faixa etária	129
Tabela 49 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por faixa etária	130
Tabela 50 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por sexo	151
Tabela 51 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por sexo	132
Tabela 52 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por naturalidade	133
Tabela 53 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por naturalidade	134
Tabela 54 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por nacionalidade	135
Tabela 55 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por nacionalidade	136
Tabela 56 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por estado civil	137
Tabela 57 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por estado civil	138
Tabela 58 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes de sangue por cor	139
Tabela 59 – Quantidade total de réus por período: crimes de sangue por cor	140

Tabela 60 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais...	141
Tabela 61 – Quantidade e porcentagem de réus por período e por grupo: crimes sexuais	142
Tabela 62 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por faixa etária	143
Tabela 63 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por faixa etária	144
Tabela 64 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por sexo.....	145
Tabela 65 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por sexo	146
Tabela 66 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por naturalidade	147
Tabela 67 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por naturalidade	148
Tabela 68 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por nacionalidade	149
Tabela 69 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por nacionalidade	150
Tabela 70 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por estado civil	151
Tabela 71 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por estado civil	152
Tabela 72 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes sexuais por cor	153
Tabela 73 – Quantidade total de réus por período: crimes sexuais por cor	154
Tabela 74 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra	155
Tabela 75 – Quantidade e porcentagem total de réus por período e por grupo: crimes contra a honra	157
Tabela 76 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por faixa etária	158
Tabela 77 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por faixa etária	159

Tabela 78 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por sexo	160
Tabela 79 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por sexo	161
Tabela 80 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por naturalidade	162
Tabela 81 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por naturalidade	163
Tabela 82 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por nacionalidade.....	164
Tabela 83 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por nacionalidade	165
Tabela 84 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por estado civil	166
Tabela 85 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por estado civil	167
Tabela 86 – Quantidade e porcentagem total de réus por grupo: crimes contra a honra por cor	168
Tabela 87 – Quantidade total de réus por período: crimes contra a honra por cor	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I	24
1 LONDRINA: A TERRA DO ELDORADO E DO CONFLITO SOCIAL- 1934/1980	25
1.1 AS ORIGENS: O SERTÃO, A TERRA DA PROMISSÃO E A EMPRESA COLONIZADORA – ANOS 20 e 30.....	28
1.2 OS ANOS DE AUGE DO CAFÉ: O ELDORADO, ANOS DE 1940/1950	33
1.3 URBANIZAÇÃO E DESIGUALDADE: O CRESCIMENTO ACELERADO E DESORDENADO	37
1.4 O POLICIAMENTO DA CIDADE DE LONDRINA NO PERÍODO DE 1948 A 1962: A GARANTIA DA ORDEM	39
1.5 LONDRINA E O POLICIAMENTO: A BUSCA DA ORDEM E AS CONTRADIÇÕES DA POLÍTICA DE SEGURANÇA.....	44
1.6 CRIMES MAIS FREQUENTES	49
CAPÍTULO II	54
2 BANCO DE DADOS, SEGURANÇA E ESTADO: A ESTATÍSTICA INSTRUMENTAL	55
2.1 BANCO DE DADOS DOS AUTOS CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA - 1934/1970.....	55
2.2 O PAPEL SOCIOECONÔMICO-POLÍTICO DA ESTATÍSTICA E DO ESTADO.....	57
CAPÍTULO III	68
3 SOBRE RÉUS E VÍTIMAS: ANÁLISE SOCIOCULTURAL	69
3.1 DA DEFINIÇÃO DE RÉU E DE VÍTIMA	69
3.2 SOBRE O RÉU – ANÁLISE SOCIOCULTURAL	74
3.3 SOBRE A VÍTIMA – ANÁLISE SOCIOCULTURAL	85
CAPÍTULO IV	96
4 TIPIFICAÇÃO DE CRIME, ANÁLISE SOCIOCULTURAL E POR PERÍODO HISTÓRICO	97
4.1 LESÃO CORPORAL	97
4.2 CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE	112
4.3 CRIMES DE SANGUE	127
4.4 CRIMES SEXUAIS.....	141

4.5 CRIMES CONTRA A HONRA.....	155
CAPÍTULO V.....	171
5 O ELDORADO, A ESTATÍSTICA E O CONFLITO SOCIAL: O CONTROLE SOCIAL.....	172
5.1 LONDRINA: O ELDORADO E A CIDADE MODERNA	172
5.2 CONFLITO SOCIAL E A ESTATÍSTICA: A BUSCA DA ORDEM	175
5.3 ROUBO E FURTO: PREVALÊNCIA DOS CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE	176
5.4 HOMICÍDIO: O CRIME VIOLENTO.....	179
5.5 CRIME SEXUAL: O GÊNERO FEMININO EM FOCO	185
CONCLUSÃO	189
REFERÊNCIAS.....	192
ANEXO	196
ANEXO A – LISTA DE PROFISSÕES RÉUS E VÍTIMAS.....	196

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a fazer um estudo descritivo dos crimes registrados no Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina -1934-1970 – Paraná. Está composto por quatro capítulos e um anexo.

No Capítulo I, intitulado LONDRINA: A TERRA DO ELDORADO E DO CONFLITO SOCIAL - 1934 a 1980, é feito um relato histórico da cidade de Londrina, no período de 1934 a 1980. Inicia, desde a sua origem, como terra promissora, passando pelo ‘auge do café’ atraindo, assim, um contingente incomum de pessoas, das mais variadas estirpes. Todos esses fatores trouxeram, além do desenvolvimento econômico, uma urbanização acelerada e desordenada. Diante disso, foi necessário estabelecer leis de zoneamento para a organização desse espaço urbano, dentro de uma concepção moderna de cidade. E, para resolver a quantidade enorme de crimes que emergiram da convivência entre a diversidade das pessoas que conviviam no caos urbano, a polícia local precisou reorganizar-se na parte técnica, administrativa e de recursos humanos. Tornava-se imperativo manter a ordem e a segurança da população, juntamente com o Estado. Nesse capítulo, aborda-se, ainda, os delitos que mais aconteceram, procurando explicá-los dentro do momento histórico sociocultural e econômico-político, no qual a cidade estava se constituindo e crescendo. Seja na balbúrdia das gentes que se aproximam das arapucas armadas contra os incautos, nas brigas individuais e de *ganges* em festas, bares, prostíbulos, nos furtos e roubos à mão armada em casas ou contra pessoas ou, ainda, os imigrantes e os emigrantes com seus parentes, com seus hábitos e gostos exóticos, são os que fazem o crescimento pedir ordem social na sociedade londrinense. Eis o contexto que coroava os crimes mais frequentes.

No Capítulo II, BANCO DE DADOS, SEGURANÇA E ESTADO: A ESTATÍSTICA INSTRUMENTAL, há uma apresentação desse Banco de Dados, relatando a sua origem e constituição no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL/Paraná). Ele é composto por 6.847 autos criminais, constituindo três tabelas para consulta: a primeira, contendo dados com informações judiciais, como enquadramento do delito, vara, sentença e outros itens pertinentes ao processo; a segunda e a terceira apresentam características dos réus e vítimas,

respectivamente, referentes às idades, sexo, naturalidade, nacionalidade, cor, estado civil, profissão e outros dados individuais. No decorrer da análise deste banco, constatou-se que o período histórico é mais extenso, pois no título consta 1934/1970, mas abrange um período de 1934/1980. Apesar disso, decidiu-se manter o título original, 1934/1970. Outra abordagem foi sobre o papel socioeconômico e político da Estatística e do Estado. Trata-se de uma disciplina polissêmica, que se relaciona com outras disciplinas do mesmo nível, sendo utilizada como uma técnica para produção de conhecimento. É proveniente da matemática, como seu braço instrumental, e sua lógica é usada para modelos matemáticos (equações, matrizes, fórmulas) na biologia, agronomia, medicina, ciências sociais, entre outras. Assim, mesclando lógica e prática de campo, a estatística emerge soberana na área científica e suas fórmulas e equações parecem ter o poder de explicar a realidade como ela é. Por isso, o Estado faz uso de seu instrumental técnico para nortear diretrizes e políticas de ação em suas áreas de atuação governamental, social, política e econômica.

Quanto ao Capítulo III – SOBRE RÉUS E VÍTIMAS: ANÁLISE SOCIOCULTURAL, ele apresenta uma investigação das características biossociais e culturais (faixa etária, sexo, naturalidade, nacionalidade, cor, estado civil e profissão) destes atores que estão no palco de um drama pessoal, em que a sociedade julga suas ações na vida social. Tornam-se réu e vítima num átimo de egoísmo e desrespeito, dor moral e sofrimento, violento e violado. O palco é um juizado que encena o direito de ter justiça e justicado com seus principais atores, que indagam, respondem, arguem e treplicam. Homem ou mulher, nacional ou estrangeiro, nortista ou sulista, jovem ou adulto, médico ou motorista de caminhão são conceitos culturais que os colocam em contato, público e privado. É nessa trama social, costurada pelos limites que os ambientes de diversão, jogos, trabalho, dança, prazer, andanças sem rumo os fazem entrar em conflito por algum motivo. Passa-se, então, de agressor e agredido, a réus e vítimas. Saber de sua origem social, através de uma estatística simples, é conhecer quem são esses atores históricos perdidos na conta da violência social.

O Capítulo IV – TIPIFICAÇÃO DE CRIME, ANÁLISE SOCIOCULTURAL E POR PERÍODO apresenta como os diferentes tipos de crimes são considerados e qualificados, se houve intenção ou não de fazê-lo, o grau de violência aplicado, a destruição realizada, as pessoas envolvidas e a plasticidade da criatividade na sua

realização. Os códigos penais de 1890 e 1940 foram as balizas desta divisão de grupos de crimes: Lesão Corporal, Contra A Propriedade, de Sangue, Sexuais e Contra A Honra. Além da agregação dos delitos nos cinco grupos, foram também apresentados pelos seguintes períodos históricos: 1934-1940, 1941-1950, 1951-1960, 1961-1970 e 1971-1980. E, ainda, foi feita uma análise dos dados referentes às características sociais e culturais dos infratores, relativa à idade, sexo, naturalidade, nacionalidade, cor, estado civil. Por meio dessas informações, percebe-se como a evolução de crimes ocorreu em paralelo com o crescimento econômico e demográfico da cidade de Londrina.

Finalmente, o Capítulo V, O ELDORADO, A ESTATÍSTICA E O CONFLITO SOCIAL relata, de início, como Londrina foi planejada e como o seu crescimento ocorreu paralelamente ao desenvolvimento econômico, primeiro devido ao algodão e, depois, ao café. Junto com o progresso, vieram muitos emigrantes e imigrantes, exigindo uma racionalidade no planejamento urbano, dentro da concepção de cidade moderna. A fama de cidade próspera fez com que muita gente procurasse a cidade para fazer a vida ganhando dinheiro. A cidade não estava preparada para a chegada desta multidão e os problemas de ordem e conflito emergem. Aqui fazemos uma análise comparativa com outros estudos que trabalham com processos criminais de outras comarcas judiciais. Assim, comentamos os crimes mais comuns entre os casos apresentados, com destaque para o roubo e furto e o crime de morte, dito de outra forma, 'crime violento'.

Capítulo I

LONDRINA: A TERRA DO ELDORADO E DO CONFLITO SOCIAL - 1934/1980

1 LONDRINA: A TERRA DO ELDORADO E DO CONFLITO SOCIAL- 1934/1980

Londrina completará 80 anos em dezembro/2014. Em 1934, nascia uma urbe de colonização planejada e pensada pela mão do homem inglês, tido como moderno, ou seja, aquele que produziu a industrialização. Ao mesmo tempo, o Reino Unido colonizava o mundo com sua civilização industrial (HOBBSAWM, 1981, p. 43 - 69). No ano do seu octogésimo aniversário, foi construída uma passarela na Rodovia 369, em frente ao Parque Ney Braga, para facilitar o acesso à ExpoLondrina e outros eventos. Ela imita as torres do relógio Big Ben, da capital inglesa Londres, cujo valor foi orçado em R\$1,9 milhão de reais (SALVATICO, 2014). Trata-se de uma homenagem aos colonizadores ingleses, pois o nome Londrina seria uma corruptela da palavra Londres.

Considera-se uma cidade pujante, nos termos de uma vida econômica, social, política e cultural. Foi uma cidade que emergiu de uma conjuntura histórica, nos anos 30 do século XX, como uma fronteira agrícola que se expandiu desde o sul até o oeste do Estado de São Paulo. Nesse contexto, o bandeirante e o pioneiro são personagens que pontuam um registro de riqueza econômica, cuja terra ‘tudo dá’, tornando a agricultura a base de florescência dessa prosperidade.

Desde outrora a referência foi sua capacidade de produzir o ‘ouro verde’: o café da espécie arábico para exportação. Fonte de divisas em dólares, outro tipo de ‘ouro verde’, que enriqueceu tradicionais e novos fazendeiros na exploração da terra vermelha. O discurso e a representação do que se construiu e o que se constrói da cidade é a sua pujança econômica, o pioneirismo de seu povo e a capacidade de enfrentar as adversidades nas mudanças impostas pela natureza. Com a geada negra em 1975, houve muitas perdas de pés de cafés queimados. Isso produziu uma alteração no perfil econômico da cidade. Porém, foi mantida essa representação do homem forte e laborioso diante da natureza inóspita e austera, que ainda pode imperar, esporadicamente.

Londrina possui uma população de quase 515.707 habitantes Prefeitura Municipal de Londrina/Perfil de Londrina (2012, p. 75). Nos dias de hoje, encontra-se com seu crescimento populacional estável. Nos tempos áureos de colonização, da propaganda de ‘terra da promessa’, seu crescimento demográfico foi intenso, muito acima do crescimento populacional brasileiro. Esse crescimento trouxe problemas sociais e assistenciais para a cidade, que teve de enfrentar outros de infraestrutura,

tais como saneamento, água, eletricidade, arruamento, serviços médicos e segurança.

Vejamos a seguir sua evolução populacional, retirada do “PERFIL DE LONDRINA 2008 – ano base 2007”, editado pela Secretaria Municipal de Planejamento (LONDRINA, 2008, p. 13).

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO MUNICÍPIO DE LONDRINA – 1940/2000

ANO	POPULAÇÃO RESIDENTE						TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ⁽¹⁾
	Urbana		Rural		Total		
	Número	%	Número	%	Número	%	
1940	11 175	36,90	19 103	63,09	30 278	100,00	-
1950	34 230	47,93	37 182	52,07	71 412	100,00	-
1960	77 382	57,40	57 439	42,60	134 821	100,00	6,60
1970	163 528	71,69	64 573	28,31	228 101	100,00	5,40
1980	266 940	88,48	34 771	11,52	301 711	100,00	2,82
1991	366 676	94,00	23 424	6,00	390 100	100,00	2,36
1996	⁽²⁾ 39 121	96,19	⁽²⁾ 15 679	3,81	⁽²⁾ 411 800	100,00	-
2000	433 369	96,94	13 696	3,06	447 065	100,00	2,02

FONTE: IBGE - Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000; Contagem da População 1996.

* NOTA: (1) Taxa média geométrica de incremento anual da população.

(2) Já subtraída a população de Tamarana, que era distrito do Município de Londrina e foi desmembrado deste, através da Lei Estadual nº 11.224, de 13/12/1995.

Organização dos dados: PML/SEPLAN/Gerência de Pesquisas e Informações/Perfil de Londrina

Observa-se pela tabela que, em 1940, havia uma população de 30.278; em 1950, já era mais que o dobro com 71.412; em 1960, cresceu quase o dobro com 134.821 e, em 1970, sua população era de 228.101. A taxa de crescimento é alta para o período entre 1940-1970, sendo, neste período, a terceira cidade do Sul do país.

Hoje é sede da Região Metropolitana e fazem parte de sua composição os Municípios: Alvorada do Sul, Araçongas, Assaí, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Centenário do Sul, Florestópolis, Guaraci, Ibiporã, Jaguapitã, Jataizinho, Londrina, Lupionópolis, Miraselva, Pitangueiras, Porecatu, Prado Ferreira, Primeiro de Maio, Rancho Alegre, Rolândia, Sabáudia, Sertaneja, Sertanópolis, Tamarana e Uraí, com 1.043.328 habitantes (Prefeitura Municipal de Londrina/Perfil da Região Metropolitana de Londrina 2013).

Nesta seção, faremos uma contextualização sócio-histórica, observando como a colonização da cidade e região fez o cruzamento de pessoas, mercadorias e capital na trama da vida social, enfatizando as implicações com as questões de segurança e violência.

Utilizaremos um estudo histórico realizado por Arias Neto (1998), quando analisa as representações sociais e políticas nos anos de 1930 a 1970, quase o mesmo período compreendido pelo Banco de Dados. Este, porém, é mais abrangente, com processos criminais gerados pelo Poder Judiciário do Fórum da Comarca de Londrina, aqui objeto de estudo, referente aos anos de 1934 a 1980. Tal período engloba também a criação da cidade de Londrina, seu crescimento vertiginoso, conforme descrito e que será aprofundado posteriormente, assim como a sua fase de estabilização. O trabalho apresentado não trata especificamente do tema da colonização ou da política municipal/estadual ou sobre a urbanização, como um espaço de sociabilidade. Consideramos que o sistema de representação sociocultural proposto pelo historiador está de acordo com nossa visão teórica e não diverge da discussão mais geral, supracitada.

Enfim, o que se pretende é contextualizar como o processo econômico-político está imbricado com o processo de violência social. Daí decorrem os diversos tipos de delitos praticados, demonstrando que existiam, sim, problemas com os quais, dirigentes ou autoridades tinham que lidar para dar segurança e tranquilidade aos habitantes da cidade.

Convém salientar que há uma grande produção de textos científicos sobre a cidade de Londrina. Foram produzidos por diferentes áreas de conhecimento: geografia, economia, história, sociologia, antropologia, política, biologia, química, pedagogia, letras e muitos outros produzidos pela Universidade Estadual de Londrina, através dos estudos de pesquisas científicas feitas pelos docentes da instituição¹.

O trabalho do historiador Arias Neto (1998) procura demonstrar como uma determinada imagem e um discurso da cidade e da região foram construídos para fins comerciais de venda de lotes de terras. Isso ocorreu no seu início e no seu crescimento para fixação das ideias-base: a modernidade e a racionalização. Assim,

¹Apresentamos alguns trabalhos que serviram de subsídios de análise, além do citado Arias Neto. (1998). Entre outros, citamos: Cancián (1977), Almeida (1981 e 1995), Kosminsky (1984), Cesário (1986), Wachowicz (1987), Adun (1991), Oliveira (1993), Castro (1994), Gonçalves (1995), Rolim (1996), Tomazi (1997), Arias Neto (1998), Leme (2001), Maesima (2003), Ferreira (2003).

personagens ou atores políticos, comerciais, fazendeiros, imprensa, ‘empreendedores diversos’, tidos como ‘bandeirantes’ ou ‘pioneiros’ são aqueles que veiculam essa fabulação sobre a colonização, nos anos de 1930 em diante. Apregoam que o sertão do norte do Paraná será o palco do progresso e do planejamento, da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Além dos aspectos descritivos e narrativos historiográficos que são amostrados, o autor desenvolve suas ideias-chave sobre o que seria a Terra da Promissão e o Eldorado, no prolongamento de áreas geográficas não habitadas ou virgens. Ou seja, é a incorporação de espaços não ocupados por colonização e ocupação produtiva destas áreas.

1.1 AS ORIGENS: O SERTÃO, A TERRA DA PROMISSÃO E A EMPRESA COLONIZADORA – ANOS 20 e 30

Reafirmando, usaremos o trabalho de Arias Neto (1998) como base para nossa análise. Trata-se de uma dissertação de mestrado em história que descreve, narra e retrata como foi povoada esta região norte do Paraná, em termos político-econômicos e culturais pelos colonizadores ingleses, que vieram aqui estabelecer um centro agrocomercial, vinculado às atividades do manejo do algodão e do café para exportação.

Em sua obra, Arias Neto (1998) usa o artifício do campo político como principal argumento de seu trabalho. Fica evidente que o imaginário, o discurso e a representação social que se constrói para erguer a cidade de Londrina e sua terra vermelha estão carregados de uma coloração na qual os colonizadores, os migrantes internos e externos, as mercadorias e capital são pincelados nos termos do progresso, do planejamento, da fertilidade e do pioneirismo.

Utiliza, ainda, a ideia da Terra da Promissão e do Eldorado, como ‘representação da cidade’ (ARIAS NETO, 1998, p.18). É uma fabulação que se apresenta nas falas das autoridades colonizadoras, nos panfletos de propaganda de venda de terras e na imprensa, que mostra nas reportagens essas imagens da terra que ‘tudo dá’, além de escritores e poetas exaltando o pioneirismo dos colonos. Essa visão tem dois sentidos: a) a riqueza da terra trabalhada e seus frutos, isto é, “A Terra da Promissão e o Eldorado foram ideias que designaram o que os homens poderiam construir e construíram através do trabalho.” (1998, p. 8); b) uma

representação a ser estabelecida e edificada, como símbolo da terra e da cidade, ou seja, “[...] utilizei estas representações – Terra da Promissão e Eldorado – com o sentido que pude perceber na documentação consultada.” (1998, p. 9). O econômico e o discurso, como linguagem cultural, dão o sentido do desenvolvimento pretendido pelos colonizadores estrangeiros.

A cidade de Londrina, em sua criação e desenvolvimento, teria essa característica histórica de ser um ator regional numa estrutura mais ampla no estado do Paraná e no Brasil. A maneira de ver a Terra da Promissão e o Eldorado são construções criadas por personagens que atuaram neste meio. São concepções baseadas no trabalho sob a forma industrial, da grande produção e uma ocupação geopolítica do solo e demográfica. Ao mesmo tempo, exprimem em imagens, textos, discursos essa forma de pensar e agir. Assim, a formação do Norte do Paraná e de Londrina emerge como o sertão a ser dominado pela mão do homem, aquele que vem primeiro – o pioneiro ou o bandeirante. A cidade como ator principal e seus coadjuvantes conformam em seus papéis, as relações histórico-sociais que os homens estabelecem entre si. É uma relação política comandada pelas elites e as massas populares que aqui vieram.

O ator principal era a Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTN), empresa de colonização inglesa, com sede na vila, que foi fundada no final da década de 20. Ela foi um braço da ‘Paraná Plantations Syndicate’, em Londres, que comprou uma área de 515.000 alqueires, no Norte do Paraná. Geograficamente, o terreno está localizado entre os rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema. E, ainda, a formação da empresa estava vinculada à vinda da Missão Montagu, em 1923, com o Lord Lovat, alto funcionário da ‘Suddan Cotton Plantations Syndicate’, que objetivava plantar algodão para fornecer a matéria-prima para a indústria têxtil britânica. (ARIAS NETO, 1998, p. 24, 25).

Outro aspecto da aquisição da gleba foi o prolongamento da Estrada de Ferro São Paulo – Paraná (EFSP) até Jataizinho, no Rio Tibagi e, depois, Londrina, em 1935. Fundada pelo Major Barbosa Ferraz, em 1910, o fazendeiro paulista com outros pares atravessou o Rio Paranapanema e chegou a Cambará. Tudo isso para escoar a produção dos fazendeiros paulistas, que tinham propriedades rurais naquela região do Estado de São Paulo. A estrada de ferro foi um dos símbolos da modernidade na colonização das terras do sertão, quando o que existia de transporte eram os animais de carga.

Logo no seu início, foi pensado em dividi-la em grandes lotes de terra, para serem vendidos aos poderosos fazendeiros paulistas que tinham interesses nestas terras. Posteriormente, foi feita também uma divisão em lotes pequenos (mais ou menos 10 alqueires), que serviriam de chamariz para o pequeno proprietário. Por influência de um engenheiro construtor de navios e agrônomo alemão, com experiência na colonização holandesa ocorrida na Sumatra, os empreendedores ingleses compreenderam que havia necessidade de existir algum tipo de povoamento. Seria para evitar o monopólio das grandes propriedades, que impediriam esse tipo de ocupação. A divisão da gleba em pequenas e grandes propriedades produziu uma diferenciação de outras empresas colonizadoras, que tinham como objetivo vender as segundas (ARIAS NETO, 1998, p. 26).

O procedimento adotado pelos ingleses foi trabalhado como sendo o de uma colonização racional e planejada. Em consequência, os conceitos de progresso, fertilidade da terra e modernidade surgiram como fatores de exaltação, de repetição e de imagens de crescimento da cidade para vender a colonização aos públicos interno e estrangeiro. Duas fontes foram usadas para efetivar o pensamento da modernidade e do progresso para que fossem transmitidos e propagandeados. A primeira foi a crônica e a outra, a ciência. Ambas contribuíram para existir a ideologia da riqueza, da prosperidade material, do enriquecimento fácil, da fartura agrícola produzida pela terra, da cidade planejada, das casas e prédios de alvenaria e dos bairros bonitos.

A crônica veio dos jornais e revistas locais, com reportagens das grandes revistas brasileiras, dos panfletos publicitários, propagandas em revistas, das autoridades inglesas e, posteriormente, das governamentais, sejam do Estado ou da Federação. Reproduzimos alguns trechos da análise de Arias Neto (1998) sobre um panfleto da Companhia de Terras Norte do Paraná para divulgação no Estado de São Paulo, celebrando a terra abençoada:

[...] é o destaque que se dá à fertilidade da terra. Este é ponto central de toda propaganda [...] É necessário “ver para crer” na fantástica fertilidade do solo, [...], adequado para qualquer cultura, [...], uma terra “[...] toda chã e muito cheia de arvoredos. [...] É em tal maneira é grandiosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem”. [...]. Os vendedores sabiam que a idéia de um Éden terrestre atrairia, [...], compradores desejosos de adquirir um fragmento do paraíso. [...] evidencia, [...], as diferenças com o passado e estabelece uma hierarquia de vantagens: títulos de domínio seguros, fertilidade e salubridade, estrada de ferro e boas estradas de rodagem, água de pureza invulgar. Sabiam os vendedores que, em um contexto da vida nacional povoado de conflitos

sobre questões de domínio, inclusive o Paraná, a garantia de títulos seguros era um grande atrativo para possíveis compradores. A estrada de ferro e as estradas de rodagem propiciariam o necessário escoamento da produção, garantindo a realização dos lucros privados. (ARIAS NETO, 1998, p. 29).

A outra fonte foi a da ciência, ou seja, era a palavra do cientista evidenciando que a colonização realizada pelos anglo-saxões tinha essa característica moderna, incorporada na fundação de Londrina e proximidades. Cita autores franceses como Pierre Monbeing (1957, 1984) e Claude Lévi-Strauss (1955), que visitaram a região e fizeram observações sobre a tomada da terra sertaneja, nos anos trinta. Posteriormente, nos anos 80 e 90, autores londrinenses, em estudos acadêmicos, vão alinhar estas ideias de racionalidade, funcionalidade e progresso. Tomazi (1989), Adun (1992) e Barnabé (1989) são autores que farão análises nesta vertente. Vejamos dois pontos de vista, em tempos diferentes, sobre o povoamento.

Pierre Monbeing, observando o desenvolvimento da franja pioneira paulista que posteriormente se estendeu ao Paraná, percebeu a lógica norteadora da ação de várias companhias privadas de colonização. Trata-se de empreendimentos imobiliários planejados em detalhes por especialistas: arquitetos, engenheiros e imobiliários. Os planos previam desde a repartição dos lotes rurais e urbanos, a forma, [...], da cidade e do campo para atender a uma clientela específica e a divulgação, [...], a propaganda. [...] um movimento geral de ocupação e povoamento do Estado de São Paulo, aquilo que denominou marcha pioneira que termina por transbordar, [...], as barrancas do Rio Paranapanema em direção ao Paraná. [...] dá um novo sentido à expressão “colonização”, que passa a ser identificada com um projeto imobiliário planejado em áreas de expansão capitalista. [...] construía um novo mundo de modo acelerado. Florestas gigantescas eram derrubadas, áreas imensas transformavam-se da noite para o dia, em campos cultivados e cidades. É Monbeing que cunha [...] plano racional de colonização como fator de progresso. É ele quem transforma cientificamente um projeto imobiliário em trabalho de colonização. (ARIAS NETO, 1998 p. 36, 37).

Diferente é a visão do empreendedor sobre o progresso e a colonização. A terra é a que dá sentido ao progresso, nela o que se cultiva cresce, floresce e produz a riqueza agrícola. Vejamos o comentário de Arias Neto sobre isso:

[...] ênfase à fertilidade das terras “adequadas para qualquer cultura” e ao caráter planejado das cidades, especialmente Londrina. [...] Até fins dos anos trinta o norte do Paraná é a Terra da Promissão, o paraíso permitido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para aqueles que quisessem nela trabalhar e prosperar. (1998, p. 38).

Sob outro ângulo, a cidade, o campo e o progresso estiveram misturados nesta fórmula de competição, de sedução e fascinação, que atuava como chamariz às pessoas que buscavam se firmar e se estabilizar na vida. Muitos migrantes europeus e brasileiros de vários Estados (centro, sul e nordeste) afluíram para a cidade de Londrina.

É muito significativo que quando se fala das razões do progresso é à cidade e ao planejamento urbano que se refere à propaganda. [...] campo e cidade vão adquirindo, cada qual, significações específicas: o campo é a terra fértil, local de trabalho, fonte de riqueza; a cidade é sede jurídica, administrativa, planejada urbanisticamente, local de comodidade onde os homens encontram a alegria de viver. Estas representações tiveram uma longa permanência na história de Londrina. O campo triunfou sobre a cidade no que diz respeito à ideia de prosperidade [...]. (ARIAS NETO, 1998, p. 33).

A Terra da Promissão constituiu-se para os clientes que afluíram para este sertão de futuro. E é aí que as crônicas, as propagandas e as análises científicas colocaram em relevo a representação da cidade e do campo, como fontes de boas riquezas para quem labutasse diuturnamente. Era a racionalidade, o planejamento, o progresso e a fertilidade da terra com a humanização do sertão pela civilização moderna.

Neste contexto histórico de ser a Terra da Promissão, surgiu, em 1929, o núcleo da cidade Londrina, “sobre um espigão a oeste do rio Tibagi, localizado a 23 23’ 30” W e 51 11’ 05” S, sendo em 1934 elevada a município.” (Arias Neto, 1998, p.49). Surgiram também no mesmo período: Cambé (1930), Rolândia (1932), Araongas (1935), Mandaguari (1937) e Apucarana (1938), que se tornaram municípios na década 40. A comarca judiciária originou-se em 18 de janeiro de 1938, desmembrada da Comarca de Jataí (hoje, Jataizinho). Ela foi instalada dez dias depois, no dia 28 de janeiro do mesmo ano, tendo como primeiro juiz o doutor Augusto Faria da Rocha.

O Decreto nº 2519 de 1/12/1934, que fundou o município, estabeleceu que fosse administrada pelo diretor da Companhia de Terras Norte do Paraná, Willie B. Davis. Ele conservou a política da empresa e da recém-criada cidade em mãos dos colonizadores ingleses, mas o monopólio político e empresarial estabelecido não foi mantido na década seguinte, pois houve um confronto político com o Estado do Paraná e também por parte do Governo Federal da era Vargas. Possuía a cidade, neste ano, 554 habitações.

O confronto estadual surge da questão de ser Londrina pertencente ao Paraná ou não. Isto advinha do fato de que muitos paulistas vieram para cá, quando da expansão de colonização do oeste do Estado de São Paulo. E também pelo motivo de que a cidade mantinha um contato comercial estreito com São Paulo, através da Estrada de Ferro, que ligava os dois Estados. Havia um intenso trânsito comercial referente a produtos *in natura*, como: "algodão, arroz, feijão, café, suínos, peles e madeiras" (ARIAS NETO, 1998, p. 59). Nesse sentido, tinha pouca comercialização com o sul do estado ou com a capital do Paraná. Além disso, os trilhos de trem traziam grande afluxo de pessoas de outras regiões devido à propaganda realizada pela colonizadora e um contra fluxo de mercadorias oriundas de São Paulo. "Em 1936, as estatísticas municipais registram 611 empresas comerciais e industriais e três bancos" (ARIAS NETO, 1998, p. 59).

O Paranismo, segundo Arias Neto (1998, p. 63), foi um movimento político regional que pretendia manter a unidade do estado do Paraná sob três aspectos: 1) Curitiba, na década de 1890, tornou-se um lócus de atividade intelectual dominado pelo movimento simbolista, criando um Centro Literário (1897); 2) estabelecer um conjunto de ideias e fatos sobre o Paraná e sua gente e, ao mesmo tempo, limitava seus contornos regionais quanto aos limites territoriais com outros Estados da União; 3) evitar o enfraquecimento econômico das atividades dos ervateiros e fazendeiros de gado da região sul, que necessitavam manter suas tradições vivas. Assim, ser um Paranista era estar imbuído destes sentimentos regionais, observados na ocupação da região sul e na capital, Curitiba. A cidade de Londrina não se encaixava nesse contexto político-histórico de formação do Estado. Emergia, então, a questão: Londrina era ou não um elemento do Paraná?

No final das contas, houve um realinhamento político, no sentido da conciliação entre as partes. Na medida em que a Companhia de Terras Norte do Paraná e seu jornal (Paraná Norte) se alinhavam com o governo estadual, iam-se dirimindo as possíveis 'contradições' que haviam surgido na colonização desta parte do Paraná.

1.2 OS ANOS DE AUGE DO CAFÉ: O ELDORADO, ANOS DE 1940/1950

A conjuntura econômica-política no Brasil mudou bastante no período do Estado Novo de 1937-1945, constituindo um momento em que a urbanização

ganhou intensidade, a industrialização recebeu incentivo para crescer, a agricultura retomou seu crescimento com o advento de um novo ciclo exportador (SOLA, 1974; ARIAS NETO, 1998).

Neste contexto, uma nova dimensão sobre a cidade nascente e próspera de Londrina vai emergir para expor o seu crescimento econômico e aumento demográfico acima da normalidade. E, ainda, há o planejamento urbano como instrumento de ação racional sobre o espaço da cidade, na questão da infraestrutura, como vias pavimentadas, água, esgoto, calçamento e iluminação. Uma elite econômica baseada na agricultura do café surgiu: a Companhia de Terras Norte do Paraná alterou sua condição de protagonista monopolista inglesa de dirigente da colonização, cedendo espaço a partir da venda para o grupo Vidigal/Mesquita, em 1944. Por sua vez, a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná foi, em 1939, nacionalizada e incorporada à estatal Rede Viação Paraná-Santa Catarina.

Mas, até sua venda, a Companhia procurou adaptar-se à nova realidade, buscando fazer um realinhamento com as novas conjunturas político-econômicas nacionais, estabelecendo uma política de adesão. Desta feita, mudou também a relação do Estado do Paraná com a cidade de Londrina, na medida em que o interventor nomeado por Vargas traduz uma alteração das relações políticas, até então estabelecidas. Em 1944, faleceu o prefeito Willie B. Davids, figura de proa da empresa de colonização e que dirigiu a cidade até 1940. “Os últimos anos do Estado Novo foram marcados em Londrina pela desarticulação do complexo inglês e pelo crescente controle da interventoria sobre o município.” (ARIAS NETO, 1998, p. 100). Assim, no período da era varguista foram nomeados nove prefeitos, indicados pelo Interventor do Paraná, que iriam cuidar da cidade de Londrina.

Só no período pós-guerra Mundial, especialmente a partir de 1945, foi que os preços de café estouraram no mercado mundial, fazendo as primeiras fortunas dos cafeicultores da cidade e região. O crescimento econômico deste setor específico criou um ator político que não possuía, até então, uma representação de classe: o fazendeiro de café.

O ‘boom’ econômico faria uma nova representação de que a riqueza produzida existiu no meio rural: o ‘Eldorado Cafeeiro’, um lugar em que a natureza (terra roxa) fazia produzir sua riqueza principal, o ‘ouro verde’. Como o fortalecimento do setor cafeeiro possibilitou que o fator político fosse incorporado por

esta categoria, fez com que surgisse uma influência nos meios políticos da cidade e do Estado. Juntamente com isso, veio a criação do personagem do pioneiro londrinense, que se constituiu de um misto do bandeirante paulista com o pioneiro americano (o desbravador de terras incultas). Assim, o Eldorado foi construído pela burguesia agrária cafeeira, com a representação de um pioneiro. O progresso econômico enfeixa o tema da política, na medida em que o poder expresso pela economia cafeeira consolidava também uma expressão política, através das reivindicações e acertos realizados no meio político local e estadual. Desta questão, Londrina se torna, de fato, uma expressão política de peso no processo político do Paraná, influenciando, indicando e nomeando pessoas ligadas ao grupo cafeeiro.

Essa nova representação buscou não apenas legitimar os novos grupos dominantes, mas também estabeleceu os pressupostos a partir dos quais foi realizado um reordenamento sócio-político e econômico local e regional, ou seja, esse conjunto de idéias buscava justificar a conquista do poder local e a luta para a aquisição de um espaço de representação política em nível estadual e federal, por parte dos cafeicultores. Assim, pode-se verificar que a representação do Eldorado e a do pioneiro constituem-se no discurso público das elites da cidade e do norte do Paraná nos anos cinquenta e sessenta. (ARIAS NETO, 1998 p. 102).

O progresso econômico foi um elemento real, que fez existir uma noção de que havia realmente um homem que produzia esta riqueza: o pioneiro. Há uma mudança na visão de valor daquele que constituía o início da colonização. Agora, não é mais a Terra da Promissão e a possibilidade de existir riqueza através do trabalho daquele colono que dá duro na lida do campo. É, sim, agora, que a riqueza se torna factível e real, pois ela deve ser apropriada pelo homem, que aqui primeiro chegou. Não é mais o colono, mas o pioneiro misto de personagem de bandeirante paulista com o 'pioneiro americano', que povoa o oeste norte-americano. Na Terra da Promissão, não havia o colonizador, apenas a terra como personagem e um ente da natureza. Somente quando a terra produziu de seu ventre os produtos agrícolas esperados, especialmente o café, é que vimos aparecer o personagem do pioneiro bandeirante e a terra como Eldorado. "Quando o termo pioneiro emerge no conjunto de representações do norte do Paraná e da cidade de Londrina... possui um conteúdo político claramente explícito [...]" (ARIAS NETO, 1998, p. 102).

Da mesma forma, os cronistas e a imprensa desenvolveram uma visão mítica do pioneiro e da terra roxa. Ambos tiveram uma imagem do desbravador, do trabalho e da terra como elementos orgânicos da pujança laboriosa, provocada pelo

homem semeando a terra em comunhão com a nação. “A mistura das cores, dos homens, das raças, dá origem ao homem novo, o trabalhador morigerado, o norte-paranaense, épico lutador, que encontra o seu estilo na comunhão nacional.” (ARIAS NETO, 1998, p.106). Dessa maneira, a terra foi ovacionada como uma ‘benção’ da natureza, pois quando semeada, tudo fornecia; essa porção de terra, que abrangia agora uma noção de região geográfica e não uma terra prometida, uma Canaã. Ou seja,

[...] em nível propangadístico a natureza da região é apresentada como um paraíso (terra fértil, grande quantidade de madeiras, águas de qualidade invulgar), quando o pioneiro entra em ação o paraíso se transforma em uma selva, um verdadeiro inferno verde que era necessário vencer. Nesse momento, o pioneiro torna-se um gigante, o verdadeiro desbravador bandeirante. (ARIAS NETO, 1998, p. 112).

Criou-se um discurso de que o que se operava nestas paragens era uma cosmovisão de um homem e uma terra vivendo em um Eldorado, criado pelo trabalho humano.

Outro aspecto é o da ciência, que ajudou a consolidar essa visão de Eldorado e do homem pioneiro-bandeirante. Desta feita, a avaliação dos geógrafos e economistas, quanto às características naturais (relevo, clima, vegetação, solo) favoráveis à plantação do café, foi usada para qualificar esta parte de terra no avanço da colonização para o oeste brasileiro. Nestes termos, a colonização foi entendida como um avanço da colonização paulista para o oeste do Estado de São Paulo. Um braço que se estendeu para o Paraná e chegou ao norte deste Estado. E o paulista, num primeiro momento, será representado pelo bandeirante, aquele homem destemido e pioneiro, que avança abrindo as primeiras clareiras na selva indomada. Posteriormente, acompanha os primeiros colonizadores.

Além disso, a análise composta pelos geógrafos deu atenção aos fatores naturais, que contribuíram para a interpretação da região em termos geomorfológicos, procurando dar os contornos e limites da gleba de terra roxa. Era o torrão de terra formado à base de um solo vermelho, de fertilidade inigualável, repercutindo o bordão de terra produtiva, terra generosa que recepcionava qualquer tipo de cultura e frutificava com abundância.

A delimitação espacial do norte do Paraná enquanto região, sofre, [...], uma alteração. [...] a região, especialmente no texto Cambiaghi¹⁸³ coincide com a zona econômica pioneira. [...] é sobre o aspecto geológico – o derrame trapp, as terras roxas – que se baseiam Neyde Prandini e Salette M.

Cambiaghi para caracterizar o norte do Paraná enquanto região. [...] explicam o progresso do norte do Paraná a partir do desenvolvimento da cultura cafeeira, e por isso mesmo, a escolha do critério para a caracterização da região é o geológico – a delimitação das terras roxas apropriadas para o plantio de café. (ARIAS NETO, 1998, p. 123).

Vai existir um debate em torno da ideia de terra roxa: pioneiro-bandeirante, pioneiro relacionado ao pioneiro americano cafeicultor, que expressaria o progresso, o desenvolvimento e a modernidade. Estes atributos foram incorporados pela cidade de Londrina como um Eldorado em uma localidade geográfica beneficiada pelos dotes naturais e pelo progresso econômico. Um tempo depois foi a ‘Capital Mundial do Café’, ‘Cidade Progresso’ e outros termos parecidos. Por fim, estabeleceu-se que o pioneiro londrinense era o cafeicultor, o fazendeiro de café consolidando a representação da cidade como o ‘Eldorado’ neste período de 1940-1950.

1.3 URBANIZAÇÃO E DESIGUALDADE: O CRESCIMENTO ACELERADO E DESORDENADO

Na esteira do povoamento, da colonização, a cidade começa a receber levas de grupos humanos vindos de todas as partes, sejam os nativos, sejam os estrangeiros. A propaganda usada no Brasil e no exterior tem efeito. A concepção de cidade planejada, elaborada pelos ingleses, ganha adesão daqueles que chegam e se fixam em Londrina. Ou melhor, é a elite londrinense que se forma no bojo do desenvolvimento da cidade. Um “poder [que] buscou ordenar e racionalizar a cidade que crescia aceleradamente e, ao mesmo tempo, legitimar as desigualdades sociais que se aprofundavam nos anos cinquenta” (ARIAS NETO, 1998, p.143).

Foram tomadas medidas políticas institucionais, em nível de prefeitura, no período de 1951 a 1955, que nortearam a multiplicação de vilas e ajuntamentos que floresciam da noite para o dia. A disciplina da cidade iria obedecer a uma urbanização moderna, seguindo a “Carta de Atenas redigida por Le Corbusier [...] [ou] Estatuto da Cidade Moderna [...] ao regular a vivência humana na cidade, demarcando os limites da mesma e [...] expurgar as marcas do rural.” (ARIAS NETO, 1998, p. 151). Basicamente, foram três as medidas para conter esse descontrole demográfico-social: a) a Lei 133, promulgada pelo prefeito Milton Ribeiro de Menezes, no ano de 1951, teve a consultoria do ex-prefeito de São Paulo (1938-1945), Francisco Prestes Maia, engenheiro e arquiteto pela Politécnica de São

Paulo. A Lei estabelecia as primeiras regulamentações sobre os loteamentos e a urbanização do município, como o loteamento de terrenos, além do zoneamento espacial urbano (zona residencial, industrial, comercial, escolar, hospitalar) e rural; b) em 1953, através da Lei 219, foi instituído o Código Municipal de Postura. Este ordenava as questões de higiene e da moralidade pública que afetavam a cidade com o surgimento de muitos estabelecimentos comerciais e pseudocomerciais, como também o comportamento de homens e mulheres nas vias públicas. Com tais medidas, tinha-se uma espécie de polícia sanitária e disciplinar; c) o Código de Obras, Lei 281 de 26/10/1955, que determinava uma padronização da construção, reforma, edificação, demolição de imóvel urbano, em que a prefeitura deveria fazer a autorização, a fiscalização e a legalização da obra final, certificando-se de que a construção estava de acordo com a planta.

Outra Lei que deve ser citada é a Lei 218, de 31/12/1953, que estipulava as regras tributárias, regulamentando a cobrança que seria feita dos munícipes para obter um fundo de investimento e de manutenção da cidade. O conjunto de leis que foi implementado pela administração de Milton Menezes conforma um planejamento urbano moderno para Londrina. A racionalização das medidas disciplinares proporcionou uma política municipal de ordenamento espacial e geográfico; instrumentos de repressão dos maus costumes; vigilância sanitária nos estabelecimentos comerciais; orientação e padronização de construção de imóveis e, por fim, uma receita tributária para financiamento do município.

Da organização mais geral do espaço da cidade ao detalhe da vida individual no interior da casa e em relação à ordem moral, essa legislação representou, de fato, um esforço de fundação do modernismo urbano [...] representação do homem moderno que habitaria a cidade: fundamentalmente equilibrado, o cidadão deveria ser trabalhador, moralmente respeitável, cumpridor dos deveres cívicos. Dividiria suas atividades nos diferentes espaços da cidade (morar, trabalhar, recrear-se, circular), entendendo-a como prolongamento de sua casa [...] Esse quadro configura a noção que o poder e as elites possuíam de civilização moderna [...] por isso mesmo não havia realmente uma tensão entre os interesses agraristas e as concepções modernistas. [...] era a face racionalizadorado Eldorado que fornecia às elites novos instrumentos [...] para a ampliação e consolidação de práticas de dominação [...] [dependendo] do contínuo sucesso do empreendimento agrícola. [portanto] [...] ao mesmo tempo, moderna e agrarista (cafeicultura), símbolo do trabalho e do progresso. (ARIAS NETO, 1998, p. 160, 161).

Os exemplos desta concepção são o Jardim Shangri-la e o Jardim Santos Dumont, com suas casas de alvenarias construídas em grandes terrenos, com ruas

largas, água encanada, esgoto e luz. Há, ainda, a Avenida Higienópolis, cujo nome originou-se de higiene, ou seja, avenida higiênica, situada no espigão central de Londrina: é onde fica a grande caixa d'água de alvenaria da SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná) e as mansões da elite londrinense, uma área bem arborizada com ruas largas e asfaltadas. A construção da Rodoviária e do Cine Ouro Verde são obras do arquiteto João Batista Villanova Artigas.

1.4 O POLICIAMENTO DA CIDADE DE LONDRINA NO PERÍODO DE 1948 A 1962: A GARANTIA DA ORDEM

Neste período ocorreu a reorganização da repressão local, constituída pela polícia civil e militar. Este acontecimento não só se deu em Londrina, mas correspondeu ao reordenamento do espaço geográfico do Paraná, relativo à vigilância e ao controle social pelo Estado.

Significou dizer que um aparato civil-militar estatal se formaria em moldes modernos, com o estabelecimento de uma polícia civil burocratizada, padronizada em suas ações de campo e de trabalho interno. Contaria, ainda, com apoio logístico, como edificações, transportes, comunicação e recursos humanos próprios. Por sua vez, a polícia militar se constituiria como uma parcela importante deste quadro, fazendo o trabalho de patrulhamento preventivo nas ruas, com pessoal próprio e um treinamento militar para enfrentar a violência social.

Devido ao crescimento demográfico, desenfreado e mutável, Londrina enfrentou o “caos” urbano que ali se instalou. Surgiu, então, na periferia e no centro da cidade uma sensação de insegurança, provocada pelos assaltos, “mendicância”, “vadiagem”, “crianças abandonadas”, “ambulantes”, “prostituição”, “jogos de carta”, “migrantes” vindo do Brasil e estrangeiros, que se ajuntavam pelas calçadas londrinenses (ROLIM, 1999, p. 81-96).

A questão social perpassava, via imprensa, de uma forma eloquente e sensacionalista, discutindo o índice de criminalidade, apontando para periculosidade das pessoas estranhas que chegavam e se aninhavam pelo centro, pois não havia acomodação ou local de recepção destes ‘estranhos’. O migrante, embora tivesse sido estimulado pela propaganda a vir fazer seu ‘futuro’ no Eldorado, recebia, ao desembarcar na rodoviária, um ‘olhar suspeito’: era um bom trabalhador ou mais um

meliante. A noção de periculosidade e de suspeito estava, então, subordinada às “[...] estratégias na estigmatização de condutas e hábitos de vida presentes no cenário urbano, mas majoritariamente dos setores populares.” (ROLIM, 1999, p. 76).

As elites e a classe política haviam estabelecido um conjunto de regras para disciplinar o crescimento urbano, limitando os espaços para as atividades de moradia, produção, comércio e lazer, buscando racionalizar o desenvolvimento socioeconômico. Porém, isso não foi suficiente para assegurar que o progresso fosse realizado dentro de um ambiente ordeiro e obediente. O serviço de segurança era muito criticado pela imprensa, pois não tinha condições objetivas de fazer frente à avalanche de gente, da qual não se conhecia a origem e que inundava as ruas londrinenses. Nestas circunstâncias, as autoridades locais nada podiam fazer, senão pedir ajuda ao governo estadual para melhorar a segurança municipal.

O diagnóstico da situação apresentada pela classe política, estadual e municipal, no final dos anos 40 e início dos 50, em relação à política de segurança foi analisado com parcimônia por:

[...] Chefe de Polícia – período 1952-1954 – Major Ney Braga [...] defendia a posição de que a Polícia se adequasse aos novos tempos, pois ‘o dinheiro atraiu infratores da lei e mulheres desajustadas dos bons costumes. A miséria nos trouxe o problema da mendicância. (ROLIM, 1999, p. 84).

E a violência social, que campeou pelo território paranaense, indicava a necessidade de uma mudança na organização, estruturação e formação da polícia existente. Ou seja, não havia uma infraestrutura técnica, material, tecnológica e pessoal que possibilitasse o enfrentamento desta situação. Vejamos alguns aspectos da análise da deficiência estatal em conter esse avanço da desordem social.

A crítica recaía sobre o delegado do interior e o inspetor de quartelão, ambos tidos como incapazes de realizar o trabalho de prevenção dos delitos e conter o aumento da criminalidade. O primeiro constituía-se numa figura emblemática na cidade, já que sua autoridade estava sob a influência das autoridades locais, não respeitando a hierarquia estadual. Como sua função era vitalícia na localidade, não havendo a possibilidade de transferência para trabalhar em outro lugar, ele se sentia à vontade para ‘obedecer’ ao seu superior, seja local ou estadual. Assim, o delegado do interior tinha uma autonomia muito superior para resolver que rumo decidir. Por sua vez, o inspetor de quartelão era escolhido entre

os membros da comunidade, não recebia nenhum salário por seu trabalho e o serviço de vigilância não tinha prioridade. Para sobreviver, tinha que executar algum outro tipo de serviço que lhe desse algum provento. (ROLIM, 1999, p. 86, 87). Foram dois personagens muito criticados pela imprensa local, pois o trabalho que executavam era considerado falho e inseguro para a proteção da sociedade londrinense.

Constatou-se que não existia, neste caso, a profissionalização dos agentes de repressão, nem uma carreira a ser seguida por eles. Sendo assim, havia a falta de formação profissional que orientasse a conduta e o comportamento do pessoal de segurança em seu processo de trabalho, prevenção e contenção da delinquência na cidade.

A polícia militar, outra face do aparelho repressivo, recebia críticas pelo fato de ser inoperante e sua ação não tinha eficácia frente aos meliantes ou delitos. A situação era pior que a da polícia civil. Seus recursos humanos, os soldados, eram recrutados entre aqueles elementos que não eram aceitos para o trabalho comum e ordinário. Assim, o recrutamento não tinha qualidade de escolha de pessoal. O soldo pífio era recebido pelo recruta militar e não sedutor para aqueles que recebiam melhores salários. O aspecto da remuneração adequada é importante fator para se agenciar pessoas para este trabalho, mas não havia esse benefício na época. A ortodoxia da organização, com sua inflexibilidade hierárquica e obediência aos seus superiores, também restringia o interesse para se filiar a um organismo militar. Desta forma, a atuação da polícia militar, no campo da segurança, só podia ser pouco eficiente diante do contencioso provocado pela urbanização acelerada.

Outro fator apontado é a ausência de especialização do trabalho policial, na medida em que ocorria uma diversificação dos tipos de delitos praticados pelos meliantes. Assim, a inexistência de delegacias específicas e treinamento adequado de recursos humanos dificultavam a elucidação de novos casos de crimes. Neste aspecto, não havia ainda um setor de polícia técnica, identificação e medicina legal, no interior, somente na capital do Estado.

Por fim, não havia sede própria com celas para o desenvolvimento do trabalho policial, nem mobiliário apropriado e, muito menos, transporte que proporcionasse uma rápida locomoção até o local da ocorrência. Além da falta de veículos ágeis para atendimento, não havia um sistema de comunicação que facilitasse o trabalho dos agentes no contato com a sede.

Londrina, em 1952, tinha uma demanda de serviços policiais que correspondia a 40% dos casos de Curitiba e uma população flutuante de 28.000 em seus hotéis. (ROLIM, 1999, p. 93).

O diagnóstico apontado acima levou, na década de 50-60, ao estabelecimento de uma política de segurança que implementasse a demanda organizacional necessária ao setor policial.

Em suma, autoridades estaduais e municipais, além da imprensa, indicavam vários pontos como causa da inépcia do policiamento, tais como: atuação “quase patriarcal” dos policiais com a população; formação inadequada; falta de profissionalismo; número insuficiente de agentes civis e militares no trabalho de segurança pública; organização antiquada e obsoleta; falta de especialização na execução do serviço e centralização em demasia das atividades na capital do Estado. (ROLIM, 1999, p. 95).

Realmente, no período de 50-60, foram criadas várias delegacias especializadas, que foram desdobradas ou suprimidas para dar lugar a outras como: de Auxiliar de Polícia; de Acidente de Trânsito; dos Costumes; Crimes Contra Fazenda; de Estrangeiros; de Economia Popular; de Falsificações e Defraudações, de Furtos e Roubos, de Investigações e Capturas; de Jogos e Diversões; de Menores e de Serviços Especiais. Criaram doze novas delegacias que teriam os seus serviços especializados em determinada área de atuação exclusiva. (ROLIM, 1999, p. 110).

Ocorreu a reorganização e a criação das delegacias regionais, com construção de sedes próprias, melhoria nas delegacias de polícia, cadeias públicas e postos de polícia, nos distritos das maiores cidades. Neste sentido, foi estabelecida uma regionalização estadual, procurando preencher todos os espaços vazios que não possuíam algum tipo de instituição de repressão. “Percebemos que na política de segurança pública definida por Lupion e Munhoz da Rocha, havia uma preocupação em estender a ação do aparelho repressivo por todo Estado” (ROLIM, 1999, p. 112). A regionalização administrativa procurou dar agilidade e autonomia aos novos centros de representação policial, delegando tarefas às autoridades regionais.

Departamentos técnicos de polícia científica foram montados nos moldes do instituto de identificação em seis municípios; laboratório técnico com um ‘detector de mentira’ para ajudar na revelação de casos obscuros; uma ‘Divisão Postal e de Rádio Comunicação’, que melhorasse as comunicações internas e de operações na

rua, instituindo a Escola de Rádio Eletricidade e de Rádio Telegrafia. A motorização da vigilância diária com o serviço de Rádio Patrulha era feita “com 3 policiais, [mas refletia] o serviço de 30 [policiais], já que em cada um dos postos havia um sistema de comunicação onde os policiais condutores dos veículos eram rapidamente comunicados pela torre de comunicação.”(ROLIM, 1999, p. 119, 120). Desta feita, um conjunto de inovações tecnológicas foi criado para enfrentar as novas demandas, geradas pela rápida urbanização das cidades do interior do Paraná e pelo aumento do fluxo populacional que chegava ao Estado.

Em 1962, a antiga Chefatura de Polícia ligada à Secretaria do Interior e Justiça é desmembrada e se torna a Secretaria de Segurança, que passa a ser um órgão estatal, especializado na questão do controle social e nas demandas de repressão ao crime.

Com as modificações realizadas, foi preciso implantar um corpo de funcionários especialistas que assumissem essa variedade de cargos e funções na reorganização do sistema policial. A carreira de delegado foi a primeira a ser criada, em 1948. Seguiram-se a de escrivão, agente e detetive de polícia. Foram feitos concursos para os funcionários não concursados da polícia a fim de que pudessem progredir na carreira. Assim, essa corporação estatal só poderia ser admitida por concurso público e, ao assumir o cargo, haveria uma carreira a ser seguida. Criou-se, então, uma motivação para o trabalho policial. Uma escola de formação e preparação, com base em critérios ‘científicos’ e modernos, foi instituída: Escola de Polícia. Outros cargos técnicos também foram instituídos para os laboratórios científicos.

Polícia Militar foi outro órgão que passou por transformações para executar o trabalho de vigilância e de controle de rua, tendo em vista a modernização de sua estrutura interna. Foi estipulada uma política de ampliação do quadro de militares, via concurso público, “com a contratação de mais de mil homens, [na qual] para [...] o interior do Estado de seiscentos a setecentos homens” (ROLIM, 1999, p. 125). Elaborou-se um Estatuto dos Servidores Militares do Estado, estabelecendo a sua hierarquia militar bem como os seus deveres e direitos. O uniforme tornou-se obrigatório para distinguir o policial militar dos outros membros do corpo de repressão. E, ainda, organizou-se um plano de assistência médico-social, que serviu de chamariz para o trabalho militar dos jovens civis. Houve, também, a preocupação com a preparação e formação, na medida em que abrangia uma variedade grande

de atividades: vigiar e controlar a cidade, campo, presídio, portos, trânsito rodoviário e aéreo, além de dar apoio às delegacias civis. Nesse período, foi implementada a dupla militar que fazia a vigilância nas ruas, motorizada e que ficou conhecida como 'Cosmo e Damião'.

Estas transformações produzidas nas polícias civil e militar, na década de 50-60, configuraram uma postura do Município e do Estado para buscar uma solução para as desordens provocadas pela rápida urbanização, causada pelo grande fluxo de pessoas. Ficou expressa, na reorganização do aparato civil-militar de repressão, a construção efetiva de um sistema de controle, que ficou inserido na capilaridade da vida social. Significou estar presente na vida cotidiana das pessoas, dia e noite. A cidade de Londrina, moderna e organizada, usufruiu destas mudanças inovadoras patrocinadas pelo Estado paranaense, que forneceu recursos materiais e humanos para combater a criminalidade e a desordem.

1.5 LONDRINA E O POLICIAMENTO: A BUSCA DA ORDEM E AS CONTRADIÇÕES DA POLÍTICA DE SEGURANÇA

O acelerado desenvolvimento socioeconômico de Londrina e a sua concepção de lugar moderno - bom para viver, morar e ganhar dinheiro - atraíram grande quantidade de pessoas, mercadorias e capital. As relações sociais estavam em permanente mutação, sem consolidação de padrões, devido à interação entre vários grupos étnicos. A estrutura econômica oscilava entre o campo e o setor comercial. Já o processo político municipal liderado pelos ingleses e, posteriormente, pela elite endinheirada emergente fez com que houvesse uma dimensão muito além daquela imaginada pelos colonizadores anglo-saxões. Nesse saldo de positividade econômica, atração de diversos interesses baseados na cultura do café, sua produção recorde de grãos, o ouro verde para exportação e uma circulação de capitais agrários, comerciais e financeiros embalam a sensação de um progresso sem limites. Desde a sua criação, a cidade vinha expandindo seu espaço geográfico de forma racional, sob a gerência inglesa.

O que não estava no planejamento foi o fluxo enorme de uma massa humana em busca do enriquecimento fácil e da construção de sua vida em um ambiente aprazível. O progresso econômico trouxe consigo outros interesses, como os daqueles que querem fazer sua fortuna aqui, no Eldorado. Mas as oportunidades

econômicas não eram iguais para todos e nem o aprendizado para se ganhar o dinheiro honesto. Assim, acompanhavam também pessoas ou grupos que tinham outras profissões, que não envolviam ganhar o dinheiro suado, através da labuta. Mas, sim, por meio de outras atividades, algumas consideradas ilícitas. Estamos falando do prazer humano mais antigo: sexo e jogo de carta. Além disso, uma nata de gente 'má' veio, aqui, buscar uma oportunidade de ganhar dinheiro fácil. "Escroques", "ladrões", "mendigos", "prostitutas", "falsificadores", "menores abandonados", "estelionatários", "sedutores de mulheres e moças" e "enganadores" de todos os naipes vieram para a terra da oportunidade, atraídos pela propaganda da Companhia de Terras.

Quando a urbanização tornou-se incontrolável, as levas de gente que chegavam eram despejadas na rodoviária ou na estação de trem. Ficavam amontoadas no centro da cidade, nas calçadas ou vagueando a esmo. Ao mesmo tempo, procuravam os limites da cidade para ficar: a periferia emergiu como um local de depósito das pessoas que chegavam e não tinham onde ficar. Era uma massa que se tornava um estorvo, porque não havia um mercado que absorvesse essa mão de obra de reserva. Autores como Arias Neto, (1998); Rolim, (1999) e Leme, (2001) irão destacar, em suas análises sobre o desenvolvimento da cidade, as constituições de práticas não legitimadas pela sociedade londrinense, como a prostituição, os jogos de carta, a mendicância, a vagabundagem e os foragidos da lei. O relato a seguir tem base nestes autores supracitados.

A prostituição proliferou de forma rápida e contagiante com a segmentação das casas de luxo e dos 'pobres': alto e baixo meretrício conviveram no mesmo espaço, mas frequentados por clientes com poder econômico e político diferentes. A imprensa local, por sua vez, porta voz das elites, clamou pelo controle deste câncer social e denunciou a invasão que elas faziam no centro da cidade, aliciando seus clientes com roupas decotadas e surreais. Londrina foi a capital da prostituição. Outra forma de ilicitude, que se propagou com virulência, foi o jogo de cartas em clubes recreativos de fachada, bares e prostíbulos. Jogadores profissionais e amadores 'viram' a noite jogando caxeta, buraco, tranca e pôquer a dinheiro. O jogo de cartas foi proibido, mas se espalhou por todo o Paraná, por isso ocorreu a criação da Delegacia de Jogos e Diversões para fazer a repressão a esses jogos de azar no Estado.

Para fazer frente a este ambiente e à sensação de insegurança na cidade, na década de 50-60, Londrina integrou também a política paranaense de segurança, recebendo recursos materiais, humanos e tecnológicos do Estado. Foi, então, construída a sede da 13ª Delegacia Regional de Polícia com mais quatro Delegacias Distritais. Contava com uma Seção de: Furtos e Roubos, Investigação e Capturas, Hotéis e Pensões, Transporte e Manutenção, Costumes, Menores e de Ordem Social. Em relação à polícia científica, era constituída de um órgão de Identificação, Serviço Médico Legal e Polícia Técnica. O serviço de Rádio Patrulha foi instituído com viaturas fazendo vigilância, busca, apreensão, *blitz*, batidas em estabelecimentos e pessoas em atitudes suspeitas, além de repressão aos ambulantes. Instalou-se, ainda, o sistema de Rádio para facilitar a comunicação entre a Sede e a Rádio Patrulha para facilitar o acesso mais rápido aos acontecimentos, que necessitavam de ação policial.

Além disso, em 1950, foi montada uma Guarda Municipal Urbana que fazia a ronda noturna pelas ruas londrinenses, das 22 às 5 horas da manhã, com seu apito de hora em hora para avisar de sua passagem. O serviço era um auxílio aos órgãos oficiais de vigilância e controle. Fez muito sucesso essa iniciativa, espalhando-se pelas cidades vizinhas e logo a seguir pelo Estado. Entretanto, o trabalho da guarda só funcionava se houvesse a contribuição voluntária dos moradores que recebiam a prestação de serviço. Como não havia a obrigatoriedade de pagamento de uma taxa, o caixa para pagamento do vigilante oscilava, tornando o serviço inconstante nas ruas. Durante 10 anos, a guarda urbana trabalhou ajudando a polícia local no trabalho ostensivo e de prevenção.

Sendo assim, três categorias de polícia atuavam de formas diferentes em um mesmo campo de trabalho, procurando minimizar o desconforto provocado pelos desocupados espalhados pela cidade. Polícia civil, militar e guarda urbana conduziam ao aumento dos efetivos e o policiamento procurava verificar os lugares suspeitos de ação delituosa. Os conflitos e os crimes, geralmente, não tinham um agravante de periculosidade.

Como Rolim (1999, p. 136) afirma:

Outra prática que ocupava uma atenção especial era a pequena, mas extensa delinquência. Os pequenos golpes e os diversos expedientes utilizados para se obter algum dinheiro deixavam os grupos enriquecidos aflitos. Com isso, aumentou a repressão para acabar com a denominada “economia das ilegalidades”, que tanto ameaçava a propriedade das

pessoas que vieram para a região e ascenderam socialmente, seja com a economia cafeeira ou com a especulação imobiliária.

Como se observa, os pequenos delitos eram o grande problema que embalava a cidade, na qual era preciso fazer frente à população flutuante, que chegava à busca de trabalho.

A caracterização do trabalho policial caminhava para a priorização da vigilância e da repressão, tanto no espaço público quanto no privado. Desse modo, ocorriam rondas noturnas pelas ruas, batidas que vistoriavam bares, boates, zona do meretrício e detenção de pessoas sem documentos, levadas para averiguação na delegacia. As ações policiais tornaram-se mais regulares e constantes com as melhorias introduzidas pela Secretaria de Segurança do Paraná.

A taxa de presos aumentava substancialmente com as várias ações, que se tornaram mais frequentes. Objetivavam 'limpar a cidade' fazendo uma triagem, retirando os maus elementos das ruas, mostrando que havia lei e ordem na cidade, com o trabalho sistemático dos órgãos de repressão ao crime. As prisões ocorriam pelo motivo de falta de documentação pessoal, mendicância, vadiagem, desordens e embriaguês, com a finalidade de averiguação. Em 1953, um jornal londrinense publicou que, em uma só noite, foram efetuadas 20 prisões, demonstrando que as ações tomadas pelas autoridades estaduais e municipais estavam "produzindo efeitos necessários no combate aos considerados marginais e atendendo as demandas por segurança pública." (ROLIM, 1999, p. 137). Ficou evidenciado que a noção de suspeito e averiguação tornara-se um discurso policial corriqueiro para enquadrar as pessoas comuns, que tinham uma conduta ou comportamento anormal.

A proporção de gente estranha, migrantes estrangeiros e nacionais, em relação aos já pioneiros londrinenses era bem superior no período da década de 50-60, fazendo com que a boa sociedade londrinense ficasse receosa das condições maltrapilhas e sujas em que eram encontradas pelas ruas e praças locais. Esses agrupamentos ou seus membros, quando detidos pelas autoridades como pessoas suspeitas, também tinham outro caminho, além de serem presos para averiguação: o desterro ou o recambiamento ou, ainda, as deportações de estrangeiros. Assim, levadas de pessoas podiam, conforme o 'olhar' da autoridade, ser mandadas de volta para o local de origem. Eram 'convidadas' a se retirarem da cidade. "[...] tanto as deportações de estrangeiros como o desterro de nacionais para locais cada vez

mais distantes das áreas urbanas, tornaram-se uma prática amplamente utilizada pelo aparelho policial para limpar a cidade” (ROLIM, 1999, p.143). A chegada de gente para o mercado de trabalho, ao mesmo tempo possuía uma dupla face: positiva, pois o excesso de mão de obra fazia com que os salários pagos ficassem sempre baixos, favorecendo os compradores da força de trabalho; e negativa, uma vez que o excesso de gente fazia com que o “caos social” sobreviesse na cidade ordeira e moderna, provocando desordens de toda forma. Porém, não era só esse grupo de pessoas que eram indesejáveis, mas também prostitutas, mendigos e menores.

A violência da polícia, diante da envergadura da tarefa a ser cumprida, impunha de forma natural sua prevalência no ambiente policialesco. Não era só nas dependências da delegacia que isso acontecia, mas também nas batidas em estabelecimentos comerciais, na vigilância e na abordagem de estranhos nas ruas. Equivale a dizer que qualquer fala que contrariasse o policial, a pessoa assediada poderia enfrentar a sua fúria. Ser preso para averiguação poderia se transformar em um suplício de tortura nas celas. Pau de arara, telefone nos ouvidos, choque elétrico e surras eram os instrumentos usados para coagir ou se obter alguma informação de um suspeito.

As vítimas, na maioria, eram pessoas comuns que caíam nas garras de uma dúvida policial. Dessa maneira, a polícia militar e civil, na sua luta contra o mal, utilizava sistematicamente a violência bruta para demonstrar que havia ordem aos homens ou às mulheres, caso não se comportassem adequadamente no ambiente público. Mesmo havendo denúncias pelos jornais desses atos violentos, as autoridades faziam ‘vistas grossas’ diante de tais fatos. Então, “... [a] agressão sofrida por populares é o fato de que a violência não era esporádica ou ocasional, [...], mas uma prática que fazia parte da vida cotidiana do aparelho policial.” (ROLIM, 1999, p. 148). Foi um padrão de ação policial que prescindiu estar baseado na justa relação entre aquele a quem é delegado uma autoridade de pedir, mandar ou obrigar alguém a fazer o que não quer, e aquele que deve obedecer, submeter-se ou sujeitar-se a um agente da lei.

A seguir, apresentamos algumas tabelas e gráficos com os tipos de crimes mais praticados, ao longo da criação e formação da cidade de Londrina. Os dados foram extraídos do Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina-1934/1970, conforme já foi mencionado na Introdução e que será mais

detalhado, no Capítulo II deste trabalho. Assim, serão examinados 5.795 delitos dos 6.847 registrados, correspondendo a 84,63%.

1.6 CRIMES MAIS FREQUENTES

TABELA 2 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE CRIMES - 1934/1970

Crimes	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Furto*	1315	22,69%	1315	26,44%
Lesão Corporal*	1305	22,52%	1305	26,24%
Estelionato*	1051	18,14%	1051	21,13%
Homicídio*	594	10,25%	594	11,95%
Sedução de menores	203	3,50%	203	4,08%
Apropriação indébita*	199	3,43%	199	4,00%
Difamação*	91	1,57%	91	1,83%
Ameaça*	80	1,38%	80	1,61%
Estupro	69	1,19%	69	1,39%
Receptação	66	1,14%	66	1,33%
Outros	822	14,19%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	4973	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído e expurga o item outros para uma análise mais objetiva.

Para melhor apresentação visual, na tabela e gráfico, estão agrupados os crimes:

A) Furto(1315): Furto de coisa comum (6), Furto(797), Furto qualificado(331), Furto/furto Qualificado (26), Peculato (10), Esbulho possessório (8), Roubo (132), Furto qualificado/ Estelionato (3) e Furto/estelionato (2);

B) Lesão Corporal (1305) = Lesão Corporal (1035) e Lesão Corporal Culposa (270);

C) Estelionato (1051) = Estelionato/Extorsão indireta (8) e Estelionato (1043);

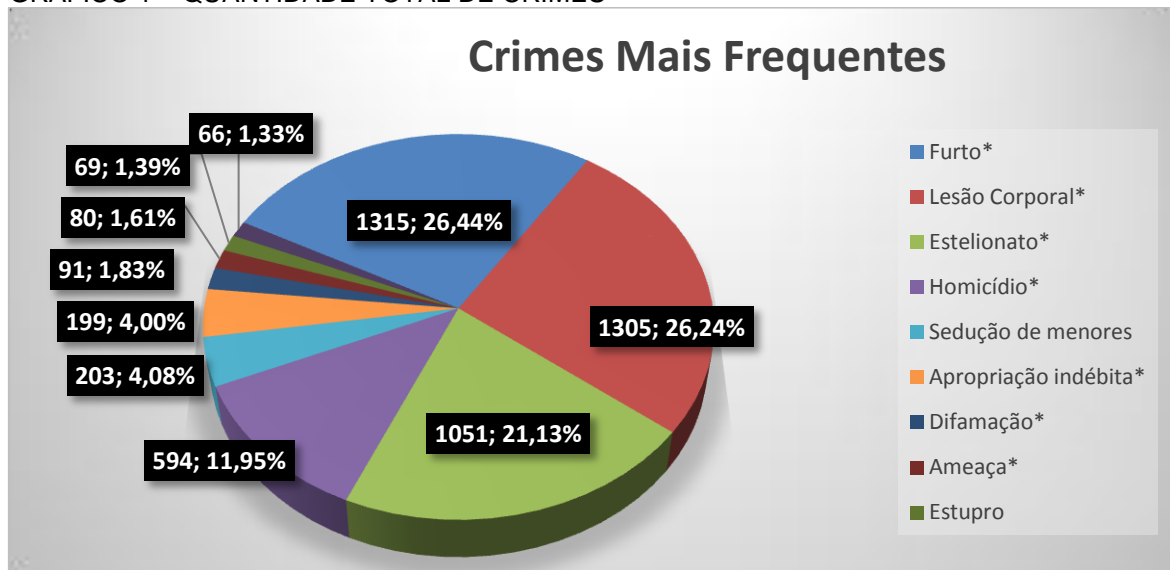
D) Homicídio (594) = Homicídio Culposo (187), Homicídio (147), Homicídio Culp./Lesão Corp. culp (105), Homicídio Simples (80) e Homicídio Qualificado (75);

E) Apropriação Indébita (199) = Apropriação de coisa achada (3), Apropriação de coisa havida por erro, caso fortuito ou força da natureza (5), Apropriação indébita (190) e Apropriação indébita/Estelionato (1);

F) Difamação (91) = Difamação (57), Difamação/Injúria (20) e Difamação/Injúria/Ameaça (14);

G) Ameaça (80) = Ameaça (78) e Ameaça/Extorsão (2)

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE TOTAL DE CRIMES



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UUEL

Na Tabela e no Gráfico acima, visando a obter uma melhor apresentação visual e uma análise mais pontual, estão agrupados diversos tipos de crimes semelhantes em uma só categoria. Enquadram-se, nessa situação, os crimes de Furto, Lesão Corporal, Estelionato, Homicídio, Apropriação indébita, Difamação e Ameaça.

Os quatro crimes, que apresentam maior número de ocorrências, totalizam 4265 e 85,76% da porcentagem válida. Em primeiro lugar, vem o Furto com 1315 casos e 26,44%, seguido pela Lesão Corporal com 1305 e 26,24%. Em terceiro está o Estelionato com 1051 réus e 21,13%. Completando o grupo dos crimes mais frequentes, tem-se 594 referentes a Homicídio com 11,95%. Os demais, um total de 708 e 14,24%, estão divididos em 6 crimes, a saber: Sedução de Menores (203-4,08%), Apropriação indébita (199-4,00%), Difamação (91-1,83%), Ameaça (80-1,61%), Estupro (69-1,39%) e Receptação (66-1,33%).

TABELA 3 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE CRIMES POR PERIODO

Crimes	Réus															Tot
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Furto*	10	7,41	0,76	137	18,92	10,42	447	21,13	33,99	719	25,66	54,68	2	11,11	0,15	1315
Lesão Corp**	42	31,11	3,22	221	30,52	16,94	497	23,49	38,08	540	19,27	41,38	5	27,78	0,38	1305
Estelionato*	9	6,67	0,85	77	10,64	7,33	542	25,61	51,57	421	15,03	40,06	2	11,11	0,19	1051
Homicídio*	59	43,70	9,93	91	12,57	15,32	167	7,89	28,11	274	9,78	46,13	3	16,67	0,51	594
Sedução menor**	0	0,00	0,00	37	5,11	18,23	51	2,41	25,12	115	4,10	56,65	0	0,00	0,00	203
Aprop indébita**	0	0,00	0,00	10	1,38	5,03	76	3,59	38,19	113	4,03	56,78	0	0,00	0,00	199
Difamação*	0	0,00	0,00	6	0,83	6,59	22	1,04	24,18	61	2,18	67,03	2	11,11	2,20	91
Ameaça*	2	1,48	2,50	2	0,28	2,50	23	1,09	28,75	53	1,89	66,25	0	0,00	0,00	80
Estupro	1	0,74	1,45	11	1,52	15,94	17	0,80	24,64	39	1,39	56,52	1	5,55	1,45	69
Receptação	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	52	2,46	78,79	14	0,50	21,21	0	0,00	0,00	66
Outros	12	8,89	1,46	132	18,23	16,06	222	10,49	27,01	453	16,17	55,11	3	16,67	0,36	822
Total Geral	135	100,00	2,33	724	100,00	12,49	2116	100,00	36,52	2802	100,00	48,35	18	100,00	0,31	5795

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/Uel

**NOTA: Lesão Corp (Lesão Corporal). Sedução menor (Sedução de menores) e Aprop indébita (Apropriação indébita).

*NOTA: Para uma melhor apresentação visual, na tabela e gráfico, estão agrupados os crimes:

A) Furto (1315): Furto de coisa comum (6), Furto (797), Furto qualificado (331), Furto/furto qualificado (26), Peculato (10), Esbulho possessório (8), Roubo (132), Furto qualificado /Estelionato (3) e Furto/estelionato (2);

B) Lesão Corporal (1305) = Lesão Corporal (1035) e Lesão Corporal Culposa (270);

C) Estelionato (1051) = Estelionato/Extorsão indireta (8) e Estelionato (1043);

D) Homicídio (594) = Homicídio Culposo (187), Homicídio (147), Homicídio Culp./Lesão Corp. culp (105), Homicídio Simples (80) e Homicídio Qualificado (75);

E) Apropriação Indébita (199) = Apropriação de coisa achada (3), Apropriação de coisa havida por erro, caso fortuito ou força da natureza (5), Apropriação indébita (190) e Apropriação indébita/Estelionato (1);

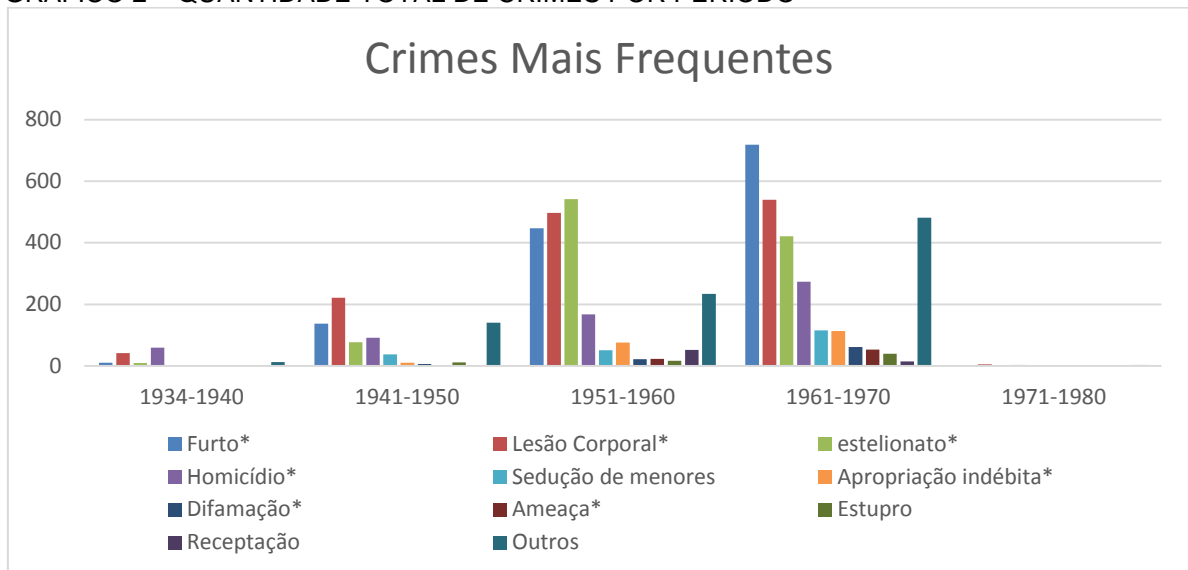
F) Difamação (91) = Difamação (57), Difamação/Injúria (20) e Difamação/Injúria/Ameaça (14);

G) Ameaça (80) = Ameaça (78) e Ameaça/Extorsão (2).

H) % Col: Porcentagem dos dados da Coluna;

I) % Lin: Porcentagem dos dados da Linha

GRAFICO 2 – QUANTIDADE TOTAL DE CRIMES POR PERÍODO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UUEL

A Tabela em epígrafe apresenta a evolução dos crimes ocorridos entre 1934 a 1980, em números absolutos e percentuais da linha (indica a evolução do delito no tempo – 1934/1980) e coluna (informa que tipo de delito foi mais frequente nas décadas deste período). Dessa forma, possibilita-se uma avaliação quantitativa de cada um, bem como uma comparação entre os mesmos. Foi analisado o intervalo compreendido entre 1934 a 1970, uma vez que o decênio seguinte não apresenta todos os registros. Verifica-se, de forma geral, que os delitos e os conflitos cresceram com o passar dos anos, refletindo o desenvolvimento demográfico-econômico da cidade de Londrina.

Constata-se que em 1934 a 1940 houve apenas 10 (0,76%) crimes de Furto; em 1941 a 1950 aumentaram expressivamente para 137 (10,42%); entre 1951 a 1960 triplicaram para 447 (33,99%) e em 1961 a 1970, chegaram a 719 (54,68%).

No mesmo intervalo de tempo, o delito de Lesão Corporal iniciou com 42 (3,22%), quintuplicou-se para 221 (16,94%) situações, que dobraram para 497 (38,08%) e chegaram a 540 (41,38%). O Estelionato apareceu com 9 (0,85%); elevou-se para 77 (7,33%); aumentou substancialmente para 542 (51,57%) e diminuiu para 421 (40,06%). Quanto ao Homicídio tinha 59 (9,93%); pulou para 91 (15,32%), foi para 167 (28,11%) e ficou em 274 (46,13%). E a infração, Sedução de Menores, iniciou em 1941 a 1950 com 37 (18,23%), depois 51 (25,12%) e dobrou para 115 (56,65%).

Considerando-se a distribuição linear desses crimes, observa-se que houve maior incidência entre 1951 a 1970. Na década de 1951 a 1960, os mais praticados foram: Estelionato (542-51,57%); entre 1961 a 1970 encontram-se o Furto (719 – 54,68%), Lesão Corporal (540 – 41,38%), Homicídio (274 – 46,13%), Sedução de Menores (115 – 56,65%) e Apropriação indébita (113 – 56,78%). Quando se compara a frequência dos delitos no tempo, os crimes contra propriedade tornam-se mais comuns (furto e apropriação indébita).

E estabelecendo-se outro comparativo entre os crimes no decênio, os mais cometidos foram: em 1934 a 1940 - Homicídio (59-43,70%); 1941 a 1950 - Lesão Corporal (221-30,52%); 1951 a 1960 – Estelionato (542 - 25,61%) e em 1961 a 1970 – Furto (719 - 25,66%). Constata-se que este último, foi o que teve maior destaque na década de 1961 e também em todo o período analisado. Por sua vez, o delito de Homicídio indica a prevalência da violência interpessoal como forma de resolução dos conflitos, sem a intermediação dos aparatos jurídicos legais.

Com relação aos delitos - Outros, apresentam um total de 822, ficando concentrados entre 1951 a 1960 e 1961 a 1970, com respectivamente, 222 (27,01%) e 453 (55,11%).

No próximo capítulo, apresentaremos brevemente o nosso objeto de pesquisa, ou seja, o banco de dados em seu conteúdo e seu formato. Analisaremos, também, o que representam as frequências numéricas da estatística sobre o comportamento humano e como ela serviu e serve para 'explicar a realidade social'. Faremos uma sucinta discussão da disciplina da estatística, que alicerça o referido banco, pois o conjunto de números registrados fornece uma imagem a ser analisada.

Capítulo II

BANCO DE DADOS, SEGURANÇA E ESTADO: A ESTATÍSTICA INSTRUMENTAL

2 BANCO DE DADOS, SEGURANÇA E ESTADO: A ESTATÍSTICA INSTRUMENTAL

2.1 BANCO DE DADOS DOS AUTOS CRIMINAIS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA - 1934/1970

O banco de dados é fruto de um trabalho laborioso da professora de história Enezila de Lima, do curso de História da Universidade Estadual de Londrina/UEL, responsável pela coordenação dos autos criminais do Fórum da Comarca de Londrina, do período de 1934 -1970.

A coleção dos autos criminais tinha como destino certo a sua destruição, pois fazia vinte anos de transitado em julgado em grande parte dos processos criminais e, quando isto ocorre, o juiz deve dar um fim aos processos mediante incineração, picotagem ou trituração. Porém, antes de realizar a destruição, deve-se fazer uma consulta aberta às instituições públicas ou privadas, que trabalham com documentação. Alertada pela imprensa do possível fim desta documentação e devido à mobilização de docentes do curso de História, o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) acolheu o acervo.

Desta feita, dois trabalhos foram realizados na documentação. O primeiro foi arquivístico, no sentido de ordenação e de conservação dos processos na sua forma original. Isso gerou o projeto “PRESERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ACERVO DOCUMENTAL: OS AUTOS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA - 1934/1970”, que durou o período de três anos (1995-1998). O segundo teve o caráter de produzir a sua digitalização para a consulta e o manuseio para projetos de pesquisa que envolvessem as questões de criminalidade e de poder judiciário, como também evitar a deterioração dos originais dos autos criminais pela manipulação periódica. Surgiu a “PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA: COMPLEMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO INFORMATIZADA DOS AUTOS DO FÓRUM DA COMARCA DE LONDRINA – 1934/1970”, abrangendo o período de 1999 a 2002, resultando em um banco de dados.

Desse acervo já foram feitas quatro monografias de especialização e três dissertações de mestrado, que tinham como temática “vadiagem, conflito de

vizinhança, venda fraudulenta de terras, prostituição, violência contra a mulher, menor infrator.” (MAESIMA, 2003).

O banco de dados está armazenado no *formato* do Access do Windows. Contém 6.847 autos criminais, com três grandes tabelas de consultas.

A primeira é a principal, denominada “tb autos criminais: tabela”, que apresenta os seguintes itens: a) vara criminal; b) tipo de auto; c) local do crime; d) capa/denúncia; e) sentença do juiz e f) descrição. Encerra, também, dados adicionais: i) início; ii) nº de folhas; iii) data de registro de sentença; iv) livro nº.; v) fls. a; vi) data transitado em julgado. Sentença; vii) arquivamento; viii) obs. Dos itens apresentados acima, o tipo de autos fornece-nos as seguintes informações: processo crime, requerimento, inquérito policial, representação, queixa crime, infração de menor e prisão em flagrante. E a capa denúncia informa o(s) artigo(s), no qual se encontra(m) o(s) delito(s) cometido(s) pelo meliante.

A segunda tabela é do réu ou “tb complementação Réu: Tabela”, composta de: a) nº. CDPH; b) c. num réu; c) idade; d) sexo; e) naturalidade; f) nacionalidade; g) cor; h) estado civil; i) profissão; j) residência; k) tipo; l) nome do pai; m) nome da mãe. Apresenta 6.847 registros.

A terceira tabela é a da vítima ou “tb complementação Vítima: tabela”, constituída de: a) nº. CDPH; b) c. num vítima; c) idade; d) sexo; e) naturalidade; f) nacionalidade; g) cor; h) estado civil; i) profissão; j) residência; k) tipo; l) nome do pai; m) nome da mãe. Nela constam 5.671 registros.

As três grandes tabelas possuem indicadores que podem ser trabalhados de forma individual, num primeiro momento, produzindo tabelas e gráficos, que configuram um arcabouço da violência e da criminalidade praticadas no período histórico analisado. E, ainda, num segundo momento, há a possibilidade de cruzamentos pontuais utilizando as três tabelas para um trabalho mais analítico e complexo. A quantidade de processos e a qualidade dos indicadores possibilitarão uma grande variedade de tabelas e gráficos.

Uma análise descritiva pormenorizada nos será oferecida, constituindo um panorama da realidade jurídica e criminal da época, demonstrando, por fim, as regularidades e assimetrias das demandas propostas para o poder judiciário. Cabe ressaltar que na manipulação do banco de dados foi verificado que o período estabelecido de 1934-1970 não corresponde ao período que existe de fato no banco.

O período histórico existente é maior e está compreendido entre 1934-1980, havendo processos residuais entre 1970 a 1980.

Antes da análise dos dados mencionados acima, exporemos uma discussão histórica sobre o papel da Estatística e do Estado no trabalho de sistematização de dados numéricos, procurando explicitar o seu uso social no controle da sociedade.

2.2 O PAPEL SOCIOECONÔMICO-POLÍTICO DA ESTATÍSTICA E DO ESTADO

A Estatística, como disciplina, surge como um conhecimento específico derivado da matemática, com a finalidade de obter previsões e/ou como probabilidades de acontecer um determinado evento, seja no campo científico biofísico, seja no campo sociopolítico. Agricultura, biologia, química, física, comércio, comunicações, economia, administração, educação, eletrônica, psicologia, política, sociologia são ramos que se utilizam da teoria estatística como um instrumento de formulação e de compreensão. E sendo uma disciplina científica, a sua formulação vem acompanhada de um discurso de saber desde o projeto, coleta, tabulação, análise e interpretação dos dados amostrados. Ou seja, é corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos e formulados metódica e racionalmente.

A sua fundação e desenvolvimento advêm do campo de conhecimento das disciplinas de exatas: a química, a física, a matemática. Mais especificamente, da matemática aplicada, pois, de um lado, faz uso dos seus métodos e técnicas em campos particulares, que requerem uma experimentação simulada e calculada. De outro lado, busca obter, através de uma catalogação e classificação, as frequências reais que ocorrem em uma determinada realidade empírica da natureza ou do mundo criado pelo homem.

Dessa forma, as experimentações de pesquisa controlada em laboratórios visam à obtenção de informações e conhecimentos a respeito de uma forma específica de saber, por exemplo: maior conhecimento sobre o vírus HIV para o combate de AIDS como uma doença endêmica. Ou, ainda, um levantamento socioeconômico para obtenção de certos tipos de dados sobre a população: renda, cor, idade, escolaridade e/ou moradia. O que está em questão é a descoberta de causalidade de um problema ou de um enigma, que deve ser esclarecido.

Todos os métodos e teorias, que emergem da estatística, passaram pelo mesmo processo histórico e tiveram os campos de saber das ciências biofísicas, nos séculos XVIII, XIX e XX. O período heroico ou revolucionário da formação e constituição da estatística, como campo de saber específico, possui características polissêmicas.

A legitimidade da estatística, no campo científico, advém da capacidade em formular teoricamente uma explicação e uma compreensão da realidade, de forma plausível e lógica. Sua construção paradigmática contribuiu para uma visão de ciência moderna, que emergiu com a revolução científica. Seus interlocutores inventores orquestraram suas querelas teóricas sobre diversos recortes de abordagens do universo biofísico e da produção econômica, constituindo uma disciplina específica, mas de uso polivalente.

Outro segmento, que também se apropriou desse conhecimento para fins políticos, foi o Estado. O surgimento do Estado-Nação e, antes dele, o Estado Absolutista, usou a estatística como um instrumento de poder político, a fim de assegurar o controle sociopolítico, em termos de segurança, território e população (FOUCAULT, 2008). Longe de ser pura abstração, os três termos formam objetos de estudos reais, que foram criados a partir da conformação da sociedade moderna e remetem à nova estrutura social e político-econômica, formalizada através de novas relações sociais historicamente determinadas.

A estatística aparece associada ao problema da segurança, e visando a estabelecer uma política de prevenção no campo da delinquência, roubo e apropriação indevida, ela é pensada, manuseada e instrumentalizada para conhecer as camadas sociais de indivíduos que fazem da infração as normas para o ato cotidiano. Assim, para se constituir uma forma de reflexão, enquanto disciplina científica, a estatística parte de problemas para ser acionada. Por exemplo, tendo em vista os tipos mais frequentes de infrações (homicídios, roubos, sedução, estupros, brigas, prostituição, tráfico) busca levantar o *modus operandi* dos infratores; tipo de espaços, regiões, locais utilizados; caminhos, estradas, ruelas; horário do delito (manhã/tarde/noite); tipos de vítimas que sofrem esses ataques, enfim, todos esses dados precisam ser contados, registrados e tabulados em um quadro de frequência. E, ainda, deve-se fazer uma catalogação, que arrole pormenorizadamente os dados brutos que surgem no cenário da cidade. É preciso haver uma previsão dos acontecimentos possíveis. Isto é, um número médio de

probabilidade de que uma infração possa acontecer e, com isso, estabelecer uma noção calculada de gasto financeiro perdido pela sociedade com determinada infração. Desse raciocínio, chega-se à conclusão para se estabelecer uma média adequada e as fronteiras que não podem ser ultrapassadas por uma determinada infração. Por exemplo, na França, surgiu, historicamente, no século XIX, uma estatística dos atos delituosos feitos no 'Balanços do Ministério da Justiça'. A estatística é o instrumental técnico utilizado no 'dispositivo de segurança' foucaultiano (2008).

Em outro campo, a medicina coletiva utilizará a estatística para enfrentar os casos de epidemias que surgiam nos centros urbanos. É o caso da varíola, doença infecto-contagiosa, com grande poder de propagação no meio social e alta mortalidade. No início do século XVIII, as práticas de inocular crianças com vírus vivo da varíola, prevalente na China e Oriente Médio, foram importadas para a Europa, inicialmente mais para o Reino Unido. Julga-se que foi a mulher do Embaixador da Inglaterra, Mary Montagu, que trouxe a nova técnica praticada no Império Otomano para o seu país. Com a finalidade de convencer os seus concidadãos, a própria família real inglesa foi inoculada publicamente. Recolhia-se pus de pústulas e com algodão introduzia-se numa pequena ferida. A mortalidade era de apenas 1%, já que o sistema imunológico tinha contato mais cedo com o vírus e a sua resposta era mais vigorosa. Isso era melhor que o risco de apanhar varíola por contágio pulmonar, com mortalidade de quase 40%. Como sua disseminação não tinha um controle prático, tal como a lepra com exclusão dos doentes ou como a peste com a quarentena, tornou-se necessário criar mecanismos de controles dos adoentados e não doentes. Assim, foi preciso montar uma classificação ordenando quantos doentes e não doentes; local de moradia; idade; cor; qual mortalidade nas regiões e quantas inoculações foram executadas nas vilas, bairros, vilarejos e cidades do território nacional, para que houvesse algum controle da epidemia. Essa montagem classificatória embasou as campanhas sanitárias, do início do século XX, no combate às várias doenças epidêmicas. A segurança postulada, aqui, foi da polícia médica, que estabeleceu uma ordem jurídico-disciplinar imperativa.

O pano de fundo desse teatro está no aparecimento de um espaço denominado urbano-industrial, na criação da cidade moderna ou, ainda, num território urbanizado. O desenvolvimento, no início, desestruturado desse centro de

convivência social, coloca o problema das pessoas, mercadorias e capital em um círculo perpétuo de conflitos dos mais diversos. Como administrar as entradas/saídas de pessoas e mercadorias? Como quantificar o que entra e o que sai em termos monetários e de impostos? O que diferencia um comércio legal do ilegal e quais são as doenças que trafegam, sem controle entre as pessoas? E, ainda, quais são os estrangeiros que se tornam figuras mais comuns na paisagem urbana, principalmente em cidades portuárias, porta de entrada do comércio internacional em um mundo cada vez mais universal?

A resposta para este rol de problemas está em recriar as cidades antigas em novas, com estruturas adequadas para seu crescimento socioeconômico e político. Implica também em planejamento urbano-industrial que dê conta dos impasses colocados pelo crescimento econômico, circulação de pessoas e mercadorias. Foucault (2008, p. 25) enumera quatro aspectos para um planejamento urbano na rede viária: a) vai tratar do alargamento das ruas e calçadas para que possa haver uma 'higiene', 'arejamento' do ar, do espaço habitacional e comercial, da circulação de transportes e de pessoas para dissipar a aglomeração, que se constitui de forma espontânea e contribui para difundir a enfermidade; b) possibilitar o comércio de entrada e saída de mercadorias para o interior; c) eixos viários, que permitam o comércio exterior com facilitação do controle aduaneiro, tanto por terra quanto marítimo; d) proporcionar a 'vigilância' no espaço interno e seus limítrofes da cidade, devido ao afluxo constante de pessoas do interior, mendigos, estrangeiros e meliantes, seja no período diurno ou noturno, vinte e quatro horas por dia.

A segurança, sob esse prisma do vigiar, assume a característica de cuidar do espaço natural em que a cidade está assentada, em termos da distribuição de água, arejamento dos espaços fechados para que seja 'maximizada' a utilização do meio-ambiente e 'minimizado' o que é perigoso e indecoroso (doença, briga, prostituição). Em consequência, maximizar e minimizar abre um intervalo de 'probabilidades' de acontecimentos, sejam naturais ou artificiais. Outro aspecto é o da 'polifuncionalidade' que a segurança deve proporcionar aos seus usuários para uma 'sensação' de paz e tranquilidade, diante do imprevisto que pode surgir inesperadamente na rua. Desta feita, o planejamento urbano acontece diante do que pode ocorrer nas ruas e isso tem que ser registrado através de um instrumento à série estatística. Uma série aberta e indefinida de coisas que ocorrem no espaço público. Uma série que é estatística, com a contagem de frequência de

acontecimentos, pessoas e objetos que trafegam nas vias públicas, em determinados períodos do dia ou da noite.

[...] a circulação, número x de carroças, número x de passantes, número x de ladrões [...] É a gestão dessas séries abertas, que, por conseguinte, só podem ser controladas por uma estimativa de probabilidades, é isso, a meu ver, que caracteriza essencialmente o mecanismo de segurança. (FOUCAULT, 2008, p. 27).

O meio do dispositivo de segurança foucaultiano a ser examinado é o da população, que é um conjunto de indivíduos, agrupamentos diversos ou uma multidão fabricando ações, que deverá ser analisada pelos seus eventos ou fatos merecedores de análises sociopolíticas, através da estatística. Enquadram-se aí, principalmente, aqueles casos necessitados de uma ação política preventiva. A população, como algo concreto e não a ideia abstrata de povo, é a que deve ser analisada, pois ela tem características como peso, idade, taxa de natalidade, raça, crença e valor professado, podendo ser medida em quantidade e ser estimada no seu comportamento de amanhã. Nesses termos, a população é pensada como uma amostra quantificada, um conjunto de cálculo probabilístico com medição constante e permanente. A história da noção de população vai ser perscrutada no sentido de que se possa determinar a sua transformação de uma entidade 'jurídico-política' para "uma espécie de objeto técnico-político de uma gestão de governo" (FOUCAULT, 2008, p. 92).

Três fases são assinaladas, nesta metamorfose da população, no período do século XVIII: 1- de associação com a natureza (como clima, vegetação, rios, montanhas) e da vida material e cultural (como comércio interno, circulação de mercadorias e riquezas, costumes e tradições dos grupos sociais, crenças morais e religiosos), que imperam nas associações humanas. Sob esse ponto de vista, a população aparece como um acontecimento natural. Isto é, na relação entre 'governo e população', na qual as diferentes variáveis da natureza, acima colocadas, atuam sobre a vida econômica, valores e crenças sociais, de uma forma que essa mudança e o instrumento de mudança "sejam ao mesmo tempo esclarecidos, refletidos, calculados, calculadores" (FOUCAULT, 2008, p. 94). Para ter esse efeito, é preciso fazer com uma sequência de condições, que na aparência está longe da população, como por exemplo, em relação à exportação e à importação de mercadorias, que impõem uma análise de vários fatores, que podem afetar

positivamente ou negativamente uma população. São esses fatores condicionantes que agem sobre a população de uma forma indireta, diferente da relação entre submissão/obediência do soberano/súdito, que se tornam uma técnica inovadora de poder. Ou seja, “É essa naturalidade penetrável da população que, a meu ver, faz que tenhamos aqui uma mudança importantíssima na organização e na racionalização do poder.” (FOUCAULT, 2008, p. 94).

A segunda modificação trata-se da população, indivíduo e desejo. A população traduzirá, através do indivíduo, o seu desejo particular, na medida em que o desejo é o que move o indivíduo e nada se pode fazer para demover isso. Não é a vontade do soberano de dizer não ao desejo do indivíduo ou da população que está no jogo político. Mas outro tipo de desejo defendido pelos fisiocratas de que é possível sustentar esse desejo no sentido positivo. A terceira transformação observada é que há na população uma constância, uma proporcionalidade dos fatos verificados estatisticamente. Essa constatação foi analisada pelo negociante anglo-saxão John Graunt (1620-1674), na sua construção das tábuas de mortalidade. Verificou, na cidade de Londres, que havia uma razão proporcional constante das causas que provocam as mortes. Essas causas são observações regulares, embora sejam variadas, como se observa em doenças que causam mortes, tais como icterícia, gota e febre. Existe uma regularidade nos ‘acidentes’, no imprevisto, uma probabilidade de acontecer. A tábua de mortalidade ou tábua da vida servirá para estabelecer os cálculos do valor de seguro de vida de uma pessoa, pela sua idade.

A população é um conjunto de elementos, no interior do qual podem-se notar constantes e regularidades até nos acidentes, no interior do qual pode-se identificar o universal do desejo produzindo regularmente o benefício de todos e a propósito do qual pode-se identificar certo número de variáveis de que ele depende e que são capazes de modificação. (FOUCAULT, 2008, p. 97).

A população, ainda, comportaria dois aspectos concomitantes que são a ‘espécie humana’ e o ‘público’. A população como um todo pertence ao mundo dos ‘seres vivos’, deixando de lado as concepções políticas e de *status* social e de renda, em que uma pessoa é reconhecida. Implica que essa qualificação de ser vivo assumam uma visão da biologia e constituam a ‘espécie humana’ dentre outros ‘seres vivos’. Por sua vez, o ‘público’ é o que se impõe aos outros, como costume, regra, norma através da educação, das campanhas de saúde pública ou da persuasão. Dessa perspectiva, se abrem os novos campos, novos conjuntos de coisas e fatos

de ação social. Tanto a noção de ‘espécie humana’ como a de ‘público’ envereda para uma análise do campo biológico associado aos campos da pedagogia, saúde e filosofia. “A população é, portanto, tudo o que vai se estender do arraigamento biológico da espécie à superfície de contato oferecida pelo público.” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

A estatística e a população são fatores que vão liberar a governança no âmbito civil, deslocando a governança real. Quando a estatística coleta seus dados sobre a população está determinando o seu modo de agir em relação ao que ela produz em termos de nascimentos e mortes de crianças, adultos e velhos, doenças endêmicas e epidêmicas, riquezas geradas pela produção de mercadorias, comércio interno e externo. O desenho de família real deixa de ser essencial nestas novas relações econômico-políticas, surgidas a partir do século XVIII. Outro tipo de família será cotejado para servir de aparato/ferramenta no conjunto de relações estabelecidas pela nova ordem sociocultural, que atinge o núcleo grupal mais elementar da sociedade. É a família comum, numa ordem comum e ordinária. Constitui uma parte orgânica da população, da qual se obtêm informações diversas que possibilitam uma gerência estatal das ‘populações’. Taxas, índices de natalidade/mortandade, salários e equipamentos sociais de saúde (posto de saúde, creches, escolas, etc.) são incorporados para estabelecer políticas públicas. A estatística torna-se uma ferramenta do Estado, que facilita o levantamento desses dados espalhados na sociedade, sistematizando-os e organizando-os a favor de uma ‘arte de governar’ não monárquica.

Nesse contexto da noção de governo, população, estatística e família, um aparelho se impõe historicamente: o Estado. Trata-se de um conjunto de locais e espaços onde se pratica o governo de Estado; uma população que é tutelada e cuidada por ele; uma coleção de informação sistematizada, via estatística, que mostra o quanto o Estado é forte ou fraco; famílias ordenadas e espalhadas no território como uma população, que é cuidada por esse mesmo Estado. Assim, esse Estado tem quatro sentidos: a) governar as ações de outrem pela imposição da obediência, uma dominação; b) um poder de Estado decorrente de sua soberania para editar leis, normas, regulamentos para uso na sociedade; ‘instituição’; c) “uma condição de vida [...] uma profissão [...] o estado de magistrado, ou o estado civil, ou o estado religioso.” e d) “é a qualidade de uma coisa [...] é uma qualidade que faz que a coisa seja o que ela é.” (FOUCAULT, 2008, p. 342). O Estado personifica uma

entidade real na sociedade, na qual interfere, através de seus agentes e prepostos, na ação dos indivíduos e grupos e, ainda, busca orientar sua tutela sobre eles de forma legal ou violenta. É a esse Estado a quem a estatística servirá sociopoliticamente, no sentido de ampliar seu governo diante de uma realidade nem sempre manipulável, ordenável e obediente.

O termo 'Statisk' foi cunhado pelo acadêmico alemão Gottfried Achenwall, no século XVIII, para designar a coleta e análise de dados sobre o Estado, bens naturais (rios, minas, animais, minérios) e artificiais (mercadorias, capital humano, tecnologia, conhecimento); são estes bens que estão sob a guarda do Estado, catalogados para se medir sua extensão, profundidade e alcance de sua riqueza material e intelectual. Um 'saber' propriamente estatal, que lida com a riqueza, a violência e a obediência. Um poder, que é fabricado pelo conhecimento das técnicas usadas na estatística e aplicado pelo Estado na sua ação na sociedade e diante de outros Estados. O Estado é o personagem que é visto pela sua grandeza em cuidar de sua população, de ser admirado pela sua força militar local e externa, que é capaz de manipular suas riquezas a seu favor pela conservação de seu poder. A estatística progride, historicamente, nos países pequenos, como a Inglaterra, Irlanda e Estados alemães menores, pois seus levantamentos aí se tornam mais fáceis de serem realizados e consolidados. E, ainda, porque o Estado não é uma entidade de poder complexa, com várias ramificações, mas precisa ser conhecido administrativamente, fiscal e contabilmente, sendo que os seus representantes estatais vão ser considerados uma máquina de saber, concomitantemente, uma característica básica da prática do poder.

A forma de atingir esse objetivo diz respeito aos levantamentos, pesquisas com seus respectivos relatórios, conclusões sobre o que existe e o 'que é possível', de maneira continuada e permanente. Os relatos, as narrativas e as conclusões expondo as coisas existentes do Estado são um conhecimento muito específico, que nem todos devem conhecer, muito menos outros Estados beligerantes. Coloca-se, então, a questão de segurança estatal ou nacional, fazendo com que essa informação seja considerada confidencial e secreta. As catalogações gerenciais, financeiras, humanas e econômicas são extensões da vida cotidiana administrativa estatal. Sob outro ponto de vista, a linguagem utilizada para os relatos tem que possuir uma codificação particular e ser sinalizada como uma publicação para o público em geral e outra como sigilosa, secreta. As informações estatísticas, quando

apresentam um certo conteúdo estratégico para o Estado, possuem esse aspecto de ser um segredo de Estado. “O segredo: ‘em muitos casos, esse saber das forças (real + possibilidade) só é um instrumento de governo contanto que não seja divulgado’” (FOUCAULT, 2008, p. 366).

Isso coloca o problema da transparência do Estado diante da dimensão pública, da sociedade que quer uma informação verdadeira, oriunda de uma pesquisa ou catalogação estatística. A comunicação desse informe, comandada pelo Estado, não visa a sua consciência ou a uma verdade. Pelo contrário, pretende que a maneira de julgamento estabeleça uma mudança interna e seja direcionada para uma conduta específica, seja no campo político, econômico ou social. É uma luta política do Estado (razão de Estado) e a sociedade pela verdade. Cabe destacar que o campo público é, nesse sentido,

sujeito-objeto de um saber: sujeito de um saber que é ‘opinião’ e objeto de um saber que é do tipo totalmente diferente, porque tem opinião como objeto e porque esse saber de Estado se propõe modificar a opinião ou utilizá-la, instrumentalizá-la. (FOUCAULT, 2008, p. 367).

Na ‘arte de governar’ há um significado, que é o de manutenção da ordem política-social-econômica, por intermédio de: conservar as regras e regulamentos relacionados ao pagamento de taxas, impostos; executar a fiscalização de serviços prestados por particulares ao público; obediência pública nas ruas, praças e locais públicos fechados como, por exemplo, museus, teatros e, enfim, a moral e os bons costumes. A agência que faz essa prestação de serviço público é a polícia, uma instância do Estado cujo objetivo é impor a ordem ao meio social. Tem um caráter político repressor e pedagógico, pois orienta para o bem comum, especialmente para o trato e cuidado individual. Há uma mudança desde sua origem histórica, no século XV, ao que virá a se tornar no século XIX como uma agência especializada do poder estatal. Uma série de atividades e funções vai ser atribuída a ela nesse período. Uma delas é o trabalho estatístico para arrolar os bens estatais, dentro da perspectiva do estudo colocado acima, ou seja, medição, análise e conhecimento do próprio Estado e sua comparação com outros Estados. Mas, nesse processo de seu desenvolvimento e evolução, sua tarefa será a de ser cada vez mais um exercício individualizante, pessoal, único. A polícia vai cuidar da pessoa, do indivíduo em dois sentidos: a) do costume e da moral e b) da atividade laboral, da ocupação profissional. Esses dois aspectos tornar-se-ão os pilares com os quais a polícia irá

se especializar. Assim, o trabalho como uma ocupação pessoal é o meio em que o indivíduo se integra na sociedade, contribuindo para o fortalecimento do Estado. Ou seja, há uma positividade na medida em que o progresso econômico impulsiona o crescimento estatal, sob o ponto de vista da riqueza gerada pela atividade profissional, o que deve ser protegido, amparado e resguardado contra ações adversas realizadas por malfeitores. Ao passo que o cuidado com os costumes e a moral tem a ver com esses indivíduos que não respeitam e não obedecem às normas e regras, impostas pelas instituições sociais.

A urbanização é o efeito produzido pela industrialização Hobsbawm (1981, p. 43-69) com uma ocupação acelerada do território da cidade por imigrantes rurais expulsos de suas terras e que servirão de mão de obra barata para o setor industrial. A cidade torna-se o *locus* de uma interação agitada de pessoas, mercadorias e capital, que deve ser guardada com segurança e paz. Os locais públicos devem ser mantidos como locais de livre trânsito, passagem de cargas, meios de transporte coletivos e privados, carroças, calçadas cheias de transeuntes que se movimentam livremente, comerciantes que podem fazer suas transações tranquilos, sem que sejam molestados por estranhos, delinquentes ou malfeitores. Os trabalhadores possam ir e vir de suas casas aos locais de trabalho, sem se sujeitarem com salteadores. Como diz Foucault (2008): “são os problemas da coexistência e da coexistência densa” que a cidade comportará e a polícia terá o papel e a função de preservar uma ordem neste espaço, que é colonizado de forma desorganizada num primeiro momento e, depois, com planejamento urbano.

Os vagantes, os errantes, aqueles que não trabalham, enfim, os vagabundos são aqueles seres-problemas para a cidade. Surgem o alcoolismo, a prostituição, o vandalismo, as mortes e os roubos que afetam as ‘pessoas de bem’. Criam-se leis e códigos para que se prendam e dispersem esses malfeitores. Eles devem ser vigiados para não violarem essas regras. Mas, para efetivar a constituição dessas formas de códigos, são necessários alguns tipos de levantamentos desse segmento. Por exemplo, quantos existem e onde se localizam; hábitos de vida e como interagem entre si; tipos de desordens provocadas no meio social em que estão situados; receio dos outros habitantes que vivem nesse local e registros de observação direta. A estatística, com esses dados, irá confeccionar os relatórios que irão embasar a feitura de leis e regulamentos pertinentes ao problema da vadiagem e vagabundagem, no meio urbano.

No próximo capítulo, discutiremos sobre as características socioculturais que Réus e Vítimas apresentam para conformar um retrato deste contingente de atores principais envolvidos na ação real de conflitos que ocorreram no círculo da vida social londrinense, no período de 1934 a 1980.

Capítulo III

SOBRE RÉUS E VÍTIMAS: ANÁLISE SOCIOCULTURAL

3 SOBRE RÉUS E VÍTIMAS: ANÁLISE SOCIOCULTURAL

3.1 DA DEFINIÇÃO DE RÉU E DE VÍTIMA

Duas personagens há em um processo jurídico. Primeiramente o réu, que é o acusado de cometer o delito e, segunda, a vítima, que é a que sofre a ação deletéria. Quanto ao réu, é toda parte, pessoa física ou jurídica, de direito público ou privada, contra a qual é movido um processo, quer civil (de família, comercial, de estado etc.), criminal, trabalhista, militar, previdenciário. Assim, a segunda é entendida como:

Pessoa que, individual ou coletivamente, tenha sofrido danos, inclusive lesões físicas ou mentais, sofrimento emocional, perda financeira ou diminuição substancial de seus direitos fundamentais, como consequências de ações ou omissões que violem a legislação penal vigente, nos Estados – Membros, incluída a que prescreve o abuso de poder. (DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA, 2013).

Estas personagens estão diante de um ritual de ordem moral, no qual o julgamento de valores e crenças está em jogo em cada uma das partes. Estamos, enfim, na presença de como o indivíduo apresenta-se a si mesmo e diante dos outros. Neste caso, o que está em jogo é o ritual jurídico penal com sua teatralização e ludicidade, Schritzmeyer (2001) em que uma equipe de intérpretes com seus papéis (juiz, advogado de defesa, promotor, jurados, público etc.) representam um julgamento. Pessoas que são julgadas por terem cometido alguma infração social tida como proibida e pessoas que padeceram de algum um tipo de ação que viola a ordem moral. Ambos são julgados pelas suas condutas e aparências, sua vida pregressa, suas vestimentas, os locais que moram e frequentam, os amigos e vizinhos, seu trabalho e profissão. Desta feita, é possível levantar, através de um inquérito, o que ambos fizeram, são e o que 'farão'.

Os processos criminais têm essas características de montar um dossiê de vida moral-profissional de indivíduos que são julgados pelo tribunal. Nele, está fincada a posição do Estado como poder teoricamente neutro, construindo esse discurso sobre como foi executado um crime e quem foi atingido. Há então uma construção parcial, pois é um relato obtido e lido por terceiros, não é o relato original daquele que pratica ou de quem é vítima. Expressa uma representação simbólica através de uma 'narrativa', como sugerida por Luci de Oliveira e Ferreira da Silva

(2005), possuindo uma importância para a interpretação desta peça de dramatização social. As informações colhidas servem para formar certo conhecimento sobre o meliante e a vítima. Decerto, o que se levanta sobre um e outro tem características diferentes na trama do delito realizado. As ênfases recaem de modos diversos, pois dependem do tipo de relato que se busca. Há matizes e opacidades nos informes dados pelos informantes e pelo Estado.

Assim, com relação ao réu, existe uma boa quantidade de denominações que o classificam, como por exemplo: acusado, culpado, denunciado, indiciado, condenado, criminoso, facínora, forçado, réprobo, sentenciado, assassino, bandido, celerado, delinquente, homicida, causador, defendente implicado, suspeito, incriminado, fora da lei, demonstrando que a visão popular desta categoria de indivíduo possui uma alta carga de negatividade em relação ao julgamento de valor. A lei também formula sua denominação peculiar, mas antes é tido como suspeito, indiciado, arguido, ou ainda, acusado assim sucessivamente, até culpado em um processo penal que o julga. (COSTA, 2010). Ao passo que a vítima ocupa um lugar menos 'criticável' perante a sociedade, sua imagem está referida a alguém que sofreu algum tipo de constrição externa, seja através de atos violentos, seja através de forma psicossocial. Na sua origem etimológica, vítima tem a ver com sacrifício, imolação de alguém, cuja representação social tem uma característica de quem foi sujeitado, lesado, abatido (HOUISS, 1990).

Evidentemente, ambas as figuras ocupam um lugar no cenário diferente como representam seus papéis. A representação falsa Goffman (2009, p. 60-67) tem uma função importante tanto para aquele que comete o delito como para aquele que se veste de vítima. O suspeito/criminoso tem mais trabalho de provar sua situação não delituosa em comparação à vítima. Mas esta última também pode estar interpretando um papel 'falso', omitindo ou encobrindo fatos que poderiam inocentar o suspeito/criminoso. É no plano das histórias relatadas e suas incoerências, suas faltas de nexos que é possível descobrir qual papel se está interpretando.

Quando pensamos nos que apresentam uma fachada falsa ou "somente" uma fachada, nos que dissimulam, enganam e trapaceiam, pensamos na discrepância entre as aparências alimentadas e a realidade. [...] na posição precária em que se colocam estes atores, pois em qualquer momento de sua representação pode ocorrer um acontecimento que os apanhe em erro e contradiga manifestamente o que declaravam abertamente [...] (GOFFMAN, 2009, p. 60, 61).

Observa-se que há uma composição material, fixa ou passageira no indivíduo, que deve ser criada para que funcione sua ação interpretativa. É preciso dar vida a sua representação. Para isso, utiliza “[...] vestuário, sexo, idade, características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes.” (GOFFMAN, 2009, p. 31). No suspeito/criminoso e na vítima esses aspectos terão mais ou menos certo grau de importância no seu desempenho, mostrando sua ‘fachada pessoal’ que são lidos e transmitidos para seu público. Mas a interpretação é diversa para cada um e com ênfases diferentes. Isto é importante para fazer o julgamento dos atores em cena formando juízos morais. Nesta apresentação ambos têm comportamentos firmados numa crença que ‘acreditam’ possuir e, assim, demonstram. Por exemplo, o estelionatário que usa da fraude contratual e promete um bem, cobra por ele e não entrega. A vítima é burlada por uma falsa promessa comercial e tem uma perda financeira. Ambos carregam esses atributos sociais, físicos e materiais que configuram o que sejam criminoso e vítima.

Outro item essencial que se coloca é a dramatização do personagem. Tanto o suspeito/criminoso quanto a vítima imbuem-se de uma teatralidade dramática que seus personagens requerem, com suas histórias de vida carregadas de virulência familiar, escolar, no trabalho por parte de pais, parentes próximos, amigos, patrões, às vezes, aparentemente, sem estes tipos de virulência manifesta. Não importa o acento colocado e sim a vivacidade com que o efeito da dramatização é capaz de fazer o ator. Características intrínsecas na capacidade de representação através de ‘expressões faciais’, gestos e uma fala consoante o seu ato teatral conformam uma transmissão do drama que se quer.

Com relação ao criminoso que começa sua vida no mundo da contravenção tem como característica comum sua entrada desde jovem adolescente, mantendo um comportamento delinquente de ‘maturação’ até chegar à idade adulta. Tem seu desenvolvimento de forma precoce em um meio social de difícil sociabilidade (pobreza, família desestruturada, bairro sem infraestrutura, falta de educação formal), encontra facilidade para a prática de ‘pequenos’ furtos progredindo aos poucos para infrações mais graves, chegando aos vinte anos ao ápice da experiência criminal, consolidando sua maturidade. Assim, ocorre um processo de segregação que vai afastando o infrator de sua vida social normal e adentrando em outra realidade diversa da vida cotidiana na sociedade. Nele, todo um processo de

transformação se insinua no seu eu e no seu comportamento externo, ganhando nuances diferentes no trajar, na linguagem e nos valores que se contrapõe à ordem vigente.

Esta concepção se assemelha com outra formulada por Goffman (1974) sobre a carreira moral de um indivíduo (no caso, de um doente mental) que inicia um tratamento em hospital psiquiátrico em duas etapas: a) pré-paciente e b) internado. A carreira está relacionada com a dissociação estabelecida “[...] no eu da pessoa e em seu esquema de imagens para julgar a si mesma e aos outros” Goffman (1974, p. 112), fragilizando a capacidade de pensar e de se ver como ser humano. A fase de pré-paciente está associada ao processo de expropriação de certos elementos de pertencimento que a pessoa deixa de possuir. Com isso prenuncia sua entrada no hospital psiquiátrico,

[...] começa com relações e direitos e termina, [...] praticamente sem relações ou direitos. [...] os aspectos morais dessa carreira Estes últimos aspectos têm um sentido particular para aqueles que ensejam o mundo do crime, demonstrando que o meio social não lhes possibilitou algum meio de socialização. Por fim, o internamento para doente mental significa que sua carreira moral termina e inicia outra, que se dá dentro da instituição psiquiátrica. Expressa “que foi abandonado pela sociedade e perdeu as relações com os que estavam mais próximos dele. (GOFFMAN, 1974, p. 125).

Todo aprendizado social que teve se perde e uma nova experiência de rotina social se impõe com novas formas e conteúdos para se relacionar com os outros. Implode o eu com suas imagens que foram construídas no decorrer dos anos. O fim dos criminosos é a cadeia ou a prisão, outra instituição cuja função teoricamente seria a de ressocializar o indivíduo. Mas não é isso o que acontece neste ambiente. Nele, o criminoso irá ter outros ensinamentos comportamentais totalmente diversos do que aprendera na sua vida pregressa.

Para haver crime, é necessário que haja uma aspiração motivacional na pessoa para que isso aconteça. Goffman (2009, p. 41-53) afirma que é preciso criar uma ‘idealização’ dessa força motivacional impulsionando o ator para desempenhar com adequação sua atividade teatral. No caso, o suspeito/criminoso e também a vítima estão imersos em um universo de representação simbólica em relação à questão de ‘mobilidade social’. A mudança social colocada pela sociedade capitalista e a possibilidade de ascenso e descenso social, em que o mérito pessoal é o que conta para progredir na escala social, seriam o fator motivacional para esta

aspiração ideal de se chegar a algum ponto nesta escala. Estamos falando do *status* social e do prestígio, que os indivíduos possuem e carregam através de suas vestimentas, ambientes sociais sofisticados, bens móveis/imóveis (casas, carros, televisores, joias, relógios, diplomas) e prestígio intelectual advindo da educação, da profissão ou do título nobiliário. Essa busca de ascensão está expressa nos valores e crenças distribuídos pela sociedade: um emprego melhor, um salário mais adequado, uma casa mais confortável, uma esposa e filhos exemplares, uma educação que corresponda à expectativa do grupo social. Estes indicam uma estratificação social existente na sociedade como uma forma de viver em comum.

A disputa pela melhor colocação social põe em questão o egoísmo e a desigualdade social imperante na sociedade, na medida em que a repartição destes valores materiais não está distribuída de forma igualitária pelos grupos sociais. Quando não é possível obter esses produtos da forma como a sociedade pleiteia, logo, formas alternativas surgem para que ocorra a sua apropriação. Por exemplo, o furto de carro ou assalto de casa. Desta feita, vão surgindo modalidades de delinquências que reproduzem esse estilo normal de vida às avessas. As pessoas possuem esses bens para uso ou para revenda no mercado negro ou paralelo. Outras formas também existem de ofender a ordem pública como os crimes de sangue, contra honra, sexuais, que possuem características próprias e motivacionais diversas. Os suspeitos/criminosos e vítimas têm em si suas peculiaridades individuais étnico-culturais, enquanto representação social. É o que tentaremos revelar, através da análise estatística deste perfil, na próxima seção.

A caracterização dos réus e vítimas irá enfatizar aspectos físicos e étnico-culturais, evidenciando sua importância nos conflitos, que foram alvo de processo judicial. Representa um total de 5.795, referente aos Crimes Mais Frequentes, apresentados no Capítulo I. Ressalta-se também, que na configuração das próximas Tabelas, assim como no capítulo III, constará a categoria Não Informado, a qual foi excluída, a fim de realizar uma análise mais pontual das demais informações.

3.2 SOBRE O RÉU – ANÁLISE SOCIOCULTURAL

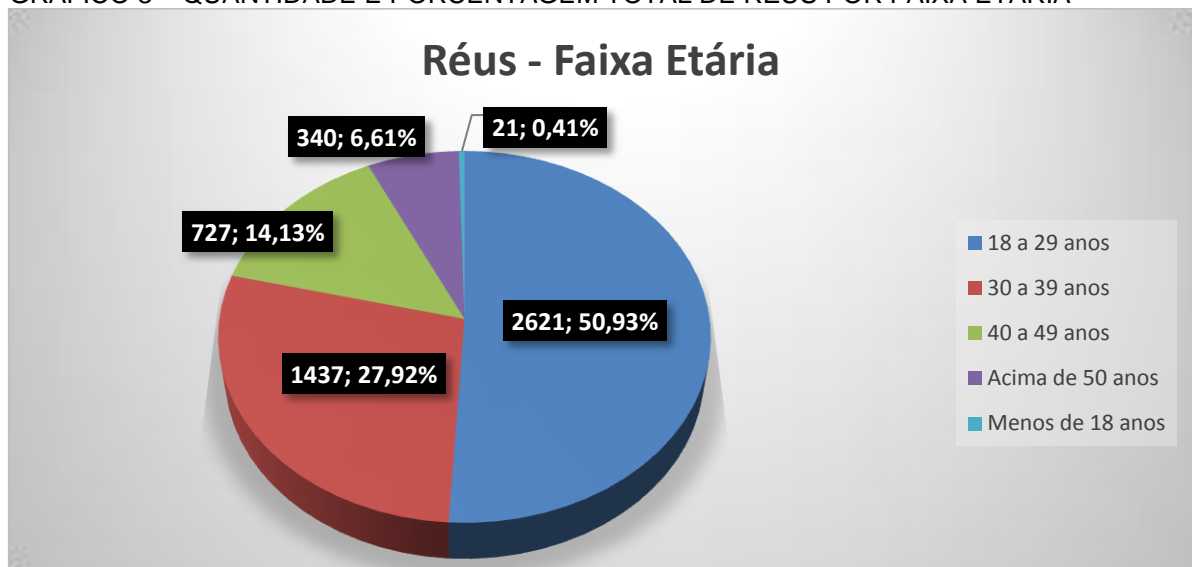
TABELA 4 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	2621	45,23%	2621	50,93%
30 a 39 anos	1437	24,80%	1437	27,92%
40 a 49 anos	727	12,54%	727	14,13%
Acima de 50 anos	340	5,87%	340	6,61%
Menos de 18 anos	21	0,36%	21	0,41%
Não informado	649	11,20%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5146	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 3 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Analisando os Réus por Faixa Etária, verifica-se que aquela com mais ocorrências é a de 18 a 29 anos com 2621 casos e 50,93%. Seguem-se 1437 réus, com idades entre 30 a 39 anos, com 27,92% e outros 727 entre 40 a 49 com 14,13%. E, por último, estão as faixas acima de 50 com 340 indivíduos e a de menos de 18 anos com 21, correspondendo, respectivamente, a 6,61% e 0,41% da pesquisa.

A faixa inicial dos 18 a 29 e 30 a 39 anos corresponde ao período de maior evidência para formação/'maturação' da identidade criminosa, abrangendo um intervalo de tempo, segundo a argumentação apresentada por Sutherland (1949).

Essa linha do tempo especifica o modo pelo qual a progressão ‘profissional’ do criminoso percorre a sua idade biológica, formando um ápice dessa carreira e evoluindo para o seu ostracismo. Num certo sentido, há uma ‘escolha’ que leva a esse destino social, na qual os fatores econômico-culturais determinam essa opção pelo caminho da criminalidade.

Esse processo nos crimes de violência atinge seu clímax quando o criminoso tem cerca de dezenove anos de idade, e depois fica constante por cinco ou dez anos, quando então se transforma em crimes que requerem menos agilidade e audácia, ou no comportamento semi-criminoso ligado à polícia, ao jogo, às bebidas alcoólicas e à prostituição ou é completamente abandonado. (SUTHERLAND, 1949, p. 231).

Os processos criminais examinam o que a lei explicita como um delito. Porém, há um espaço cinzento que a ‘lei’ não abarca. Ou melhor, abrange com outro conteúdo, com outra lei, mas não chega aos processos criminais; os infratores mirins ou ‘menores abandonados’ Arias Neto (1993) e Leme(2001) que perambulam pela cidade e que precisam ser também atendidos pela sociedade. São tutelados pelo Código de Menores (lei nº 17.943 de 12/10/1927). Nesse período histórico, havia uma leva de pequenos vadios que necessitavam de uma ‘assistência social’ para não ficarem à “mercê da malandragem”, que estava pelas ruas da cidade. Assim, instituições como Lar Batista (1952), Albergue Noturno (1953), Casa da Criança (1955), Associação de Amparo ao Menor de Londrina (1956) vão receber esses pequenos que não têm ‘eira nem beira’, abandonados pelos pais e aliciados pelos meliantes mais experientes para cometerem pequenos delitos.

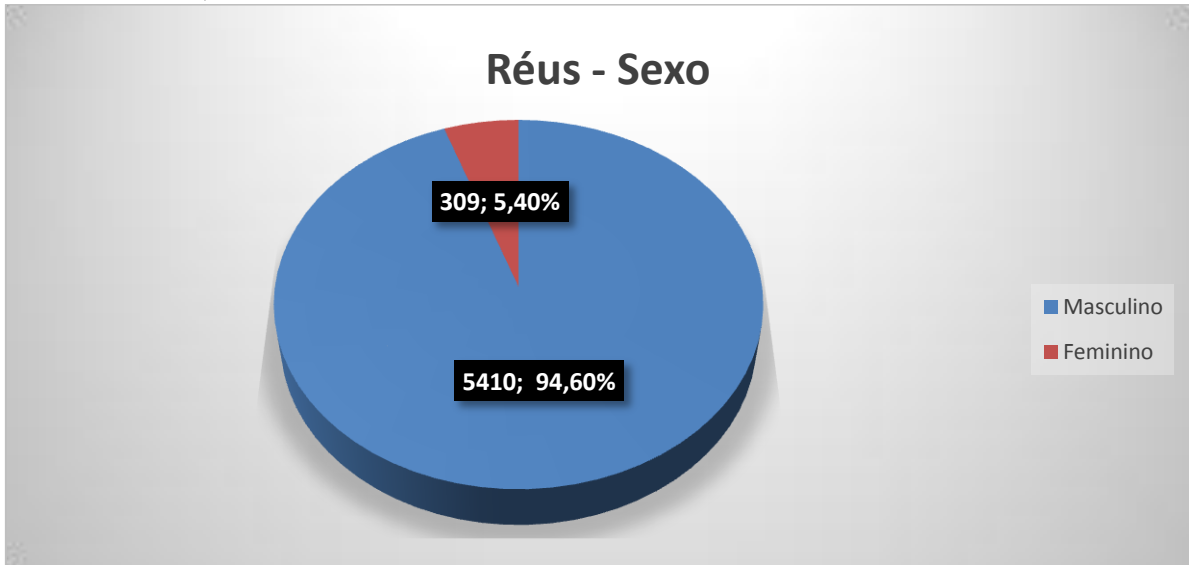
TABELA 5 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR SEXO

Sexo	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	5410	93,36%	5410	94,60%
Feminino	309	5,33%	309	5,40%
Não Informado	76	1,31%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5719	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 4 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL.

Conforme esperado pela pesquisa, os homens são a maioria no grupo de Réus, no total de 5.410 com 94,60%. As mulheres, com uma presença ínfima, correspondem a 309 casos ou 5,40% da pesquisa.

A prevalência do sexo masculino pode ser inferida pelo tipo de sociedade que imperava naquele momento. Uma sociedade patriarcal e machista, oriunda ainda da recém 'extinção' da sociedade escravagista. (QUEIROZ, 1969; FRANCO, 1997; VELLASCO, 2004). Esta se caracteriza pelo mandonismo local dos fazendeiros ou dos endinheirados, que dispunham de um sistema de poder político, com forte apoio de jagunços pessoais. No processo de desenvolvimento de Londrina, essa característica pessoal dos fazendeiros pode ser notada pelo grau de violência rural, desencadeado pelos movimentos políticos comandados pelo Partido Comunista Brasileiro, particularmente na sua atuação na Guerra de Porecatu. E é também consequência dos efeitos provocados no meio urbano, oriundo do crescimento econômico e demográfico acelerado. O homem sertanejo tem uma participação importante, pois foi o ator principal no desbravamento da mata nativa e na transformação da terra em agente produtivo para acumulação de capital. Homens sertanejos e jagunços, juntamente com categorias profissionais diversas (médicos, administradores, professores, comerciantes, cartorários, agentes do Estado), além de delinquentes de vários tipos e naipes foram os atores que borbulharam na cidade em busca de riqueza.

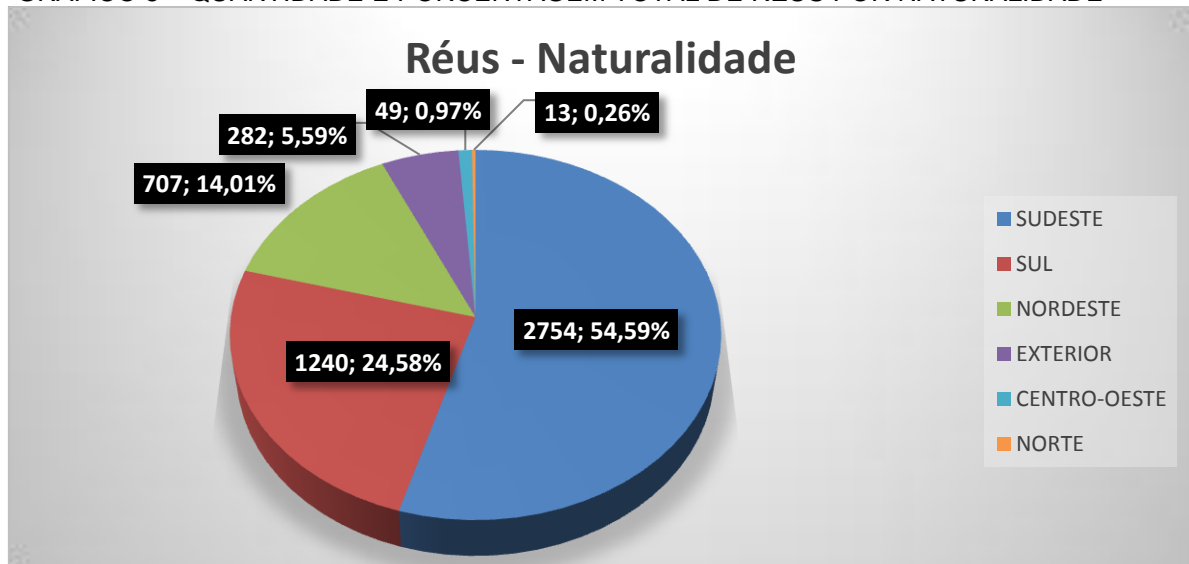
TABELA 6 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR NATURALIDADE

Naturalidade	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	2754	47,52%	2754	54,59%
SUL	1240	21,40%	1240	24,58%
NORDESTE	707	12,20%	707	14,01%
EXTERIOR	282	4,87%	282	5,59%
CENTRO-OESTE	49	0,85%	49	0,97%
NORTE	13	0,22%	13	0,26%
NÃO INFORMADO	750	12,94%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5045	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 5 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Com relação à Naturalidade dos Réus, as cidades brasileiras foram agrupadas em 5 regiões. A região Sudeste é a que apresenta maior número de réus, com 2.754 ou 54,59% da totalidade. A região Sul conta com menos da metade de indivíduos da primeira, ou seja, 1.240 ou 24,58%. Já a região Nordeste aparece com 707 casos e 14,01%. Constatam-se também um grupo de estrangeiros representando o Exterior, com 282 réus e 5,59%. E, concluindo, apresentam-se os grupos minoritários da região Centro-Oeste com 49 situações e Norte com 13, respectivamente, com 0,97% e 0,26% do total pesquisado.

O crescimento populacional de Londrina, a partir de 1940, quando se inicia a contagem de sua população até 1991 aumenta quase 13 vezes: de 30.278 a

390.100 habitantes. E entre o período de 1960 a 1970 sua população aumenta 69%, de 134.821 para 228.101 habitantes.

São Paulo e Minas Gerais, representando o Sudeste, são os dois Estados mais antigos e populosos do Brasil. No processo de migração interna, eles têm uma importância ao liderar esses contingentes de migrantes em busca do seu 'lugar ao sol'. Rio Grande do Sul abastece o processo migratório interno no eixo do Sul para o Sudeste. Por sua vez, o Nordeste brasileiro derrama seu contingente de pessoas, que são expulsas pelas secas do interior nordestino e pelas dificuldades de sobrevivência nas cidades empobrecidas pela decadência da monocultura da cana de açúcar e do cacau. Quando se analisa esse agrupamento através dos réus, vê-se reproduzido um Brasil de violência social suscitado pelo seu caráter regionalizado, para o qual cada uma das gentes contribui. É um conflito que está remetido ao processo de desenvolvimento socioeconômico brasileiro e à integração dos espaços vazios, com importância financeira.

TABELA 7 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	5127	88,47%	5127	93,83%
Europa ocidental*	131	2,26%	131	2,40%
Oriente*	97	1,68%	97	1,78%
Europa oriental*	57	0,98%	57	1,04%
Oriente médio*	39	0,67%	39	0,71%
Países americanos*	13	0,23%	13	0,24%
Não Informado	331	5,71%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5464	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

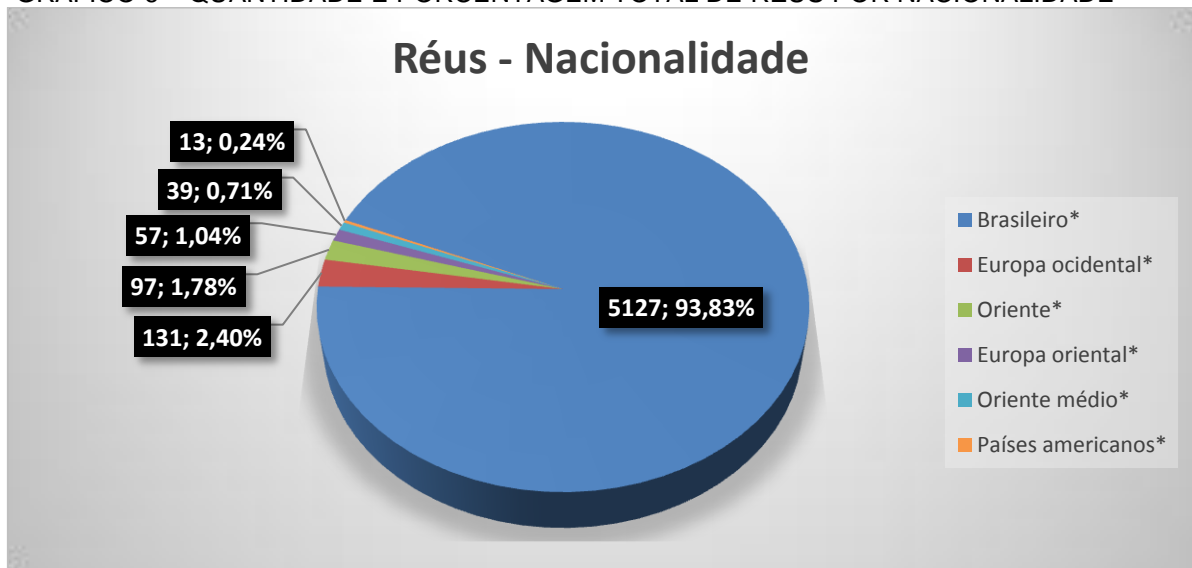
C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China);

F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 6 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UUEL

Tratando-se da Nacionalidade dos Réus, a Brasileira é a majoritária, no total de 5.127 ou 93,83% da pesquisa. Os réus de origem estrangeira foram agrupados em vários blocos geográficos, destacando-se: a Europa Ocidental com 131 réus (2,40%); o Oriente com 97 (1,78%) e a Europa Oriental com 57(1,04%). Aparece, ainda, o Oriente Médio com 39 casos (0,71%) e os Países Americanos com 13 ocorrências (0,24%).

A imigração ocupa uma posição similar ao da naturalidade, porém um item a diferencia: uma cultura alienígena frente à cultura brasileira. Os imigrantes que acorreram para Londrina eram em boa parte de origem europeia ocidental, como portugueses, espanhóis, italianos e uma minoria europeia oriental, como húngaros e tchecoslovacos. Outra parcela de pessoas vindas do Oriente Médio, como sírios e libaneses, outros da América Latina, como argentinos e chilenos e, finalmente, os japoneses do Extremo Oriente, embora seja um retrato étnico restrito, diante dos que aqui aportaram, na medida em que muitas outras nacionalidades participaram desta ocupação.

A cultura ocupa um fator importante na integração social, por parte de quem chega de fora, pois apresenta um conjunto de modos de vida que faz existir uma diferenciação de tratamento com o outro. Isso se demonstra no que se refere ao tipo de comida, diferentes roupas, hábitos familiares distintos, conhecimento e comunicação de língua nativa e estrangeira.

Os réus brasileiros, italianos, portugueses e espanhóis assumem a característica de serem considerados mais indolentes. Uma constatação indicativa está em Fausto (2001), quando analisa processos criminais do Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no período de 1880-1924, que na infração de vadiagem encontra as mesmas nacionalidades indicadas acima (p. 56). Outro agrupamento, os japoneses, apesar de serem poucos réus, é a segunda etnia depois da brasileira, o que indica que houve muita dificuldade de integração social.

TABELA 8 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR COR

Cor	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	2393	41,29%	2393	66,07%
Negra*	890	15,36%	890	24,57%
Parda*	252	4,35%	252	6,96%
Amarela*	87	1,50%	87	2,40%
Não Informado	2173	37,50%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	3622	100,00%

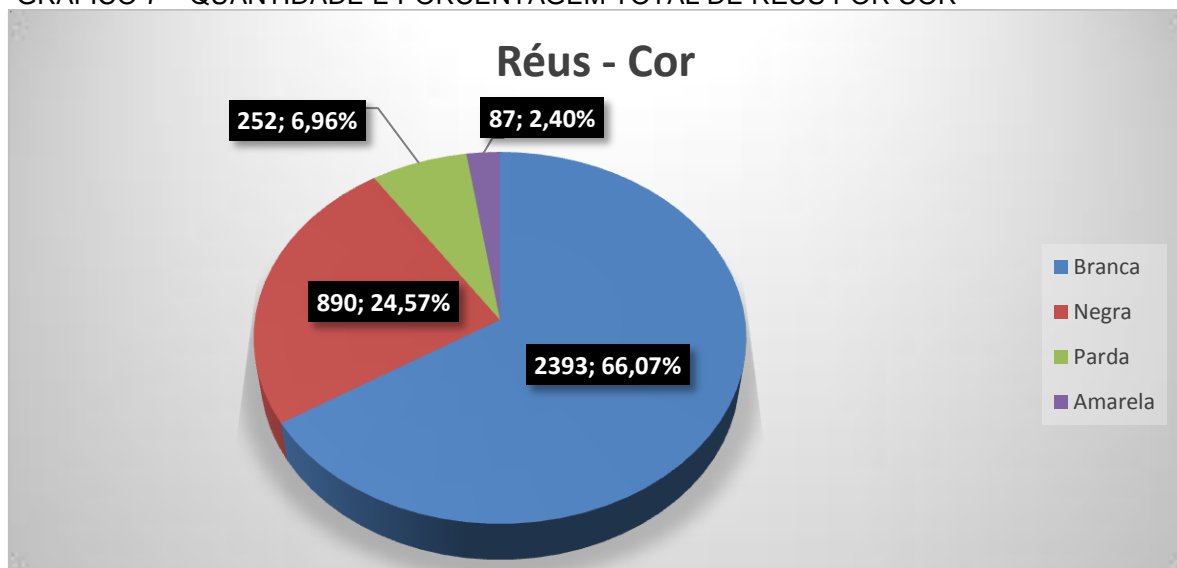
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 7 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Nesse Grupo por Cor, aqueles que declaram a Cor Branca são os mais frequentes, no total de 2.393, ou seja, 66,07%. A seguir, vem a Negra com 890 casos ou 24,57%. E, em menor número, tem-se a Cor Parda com 252 e a Amarela com 87 casos, correspondendo respectivamente a 6,96% e 2,40% da pesquisa.

Nesse quesito, a cor branca é uma metáfora sociocultural inspirada na problemática de raça ou etnia. Tem sua origem histórica na formação de sociedades divididas pela diferença de cor, especialmente daquelas surgidas a partir das colonizações europeias no mundo. As colônias na África, nas Américas indígenas, no Sudeste Asiático, no Oriente Médio marcam uma europeização do mundo. O branco contrasta com negro, mulato, pardo, moreno e amarelo (LECLERC, 1973; MEILLASSOUX, 1976; FERNANDES, 2012). Significa uma sociedade hierarquizada e o poder está baseado nesta segregação de cor. O *apartheid* (nome inglês para a ideia de segregação) expressa esse tipo de sociedade em que o branco administra e tem privilégios em detrimento do negro. Produz espaços específicos e segregados de vida, não podendo haver mistura destes modos de vida na sociedade. No Brasil, essa origem advém da sociedade escravagista, que se utilizava da mão de obra negra africana. A vida brasileira, no seu todo, está constituída pela influência do povo negro. Assim, a sociedade emerge atravessada pela hierarquia social estabelecida pela diferença entre branco e negro. Mas não se refere somente ao negro, tem-se no indígena outra etnia reinante, mas subordinada aos desígnios da sociedade branca. Os diversos matizes de cores oriundos dos cruzamentos étnicos também sofrem da desigualdade estabelecida. O total de negro e pardo é de 1.142 ou 31,53%, representando quase a metade dos réus brancos. Vellasco (2004), em um trabalho sobre a administração da justiça em Minas Gerais, no século XIX, analisa essa questão da cor dos réus em demandas judiciais que acompanham essa tipificação, afirmando:

[...] a amostra apresenta maior diversificação, com surgimento de mestiços, bastardos e caboclos, designações que qualificavam os descendentes indígenas e um aumento de pardos, crioulos e cabras. [...] a cor permanecia funcionando como um critério de hierarquização social. (VELLASCO, 2004, p. 177).

Por fim, resta a cor amarela que, apesar de pouco significativa, indica que havia uma diferença étnica-cultural entre japoneses e os demais componentes

raciais. Desse modo, faziam-se presentes no banco dos réus como agressores de algum tipo de delito.

TABELA 9 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	2975	51,34%	2975	55,06%
Solteiro	2276	39,28%	2276	42,13%
Viúvo	87	1,50%	87	1,61%
Desquitado/separado*	65	1,12%	65	1,20%
Não Informado	392	6,76%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5403	100,00%

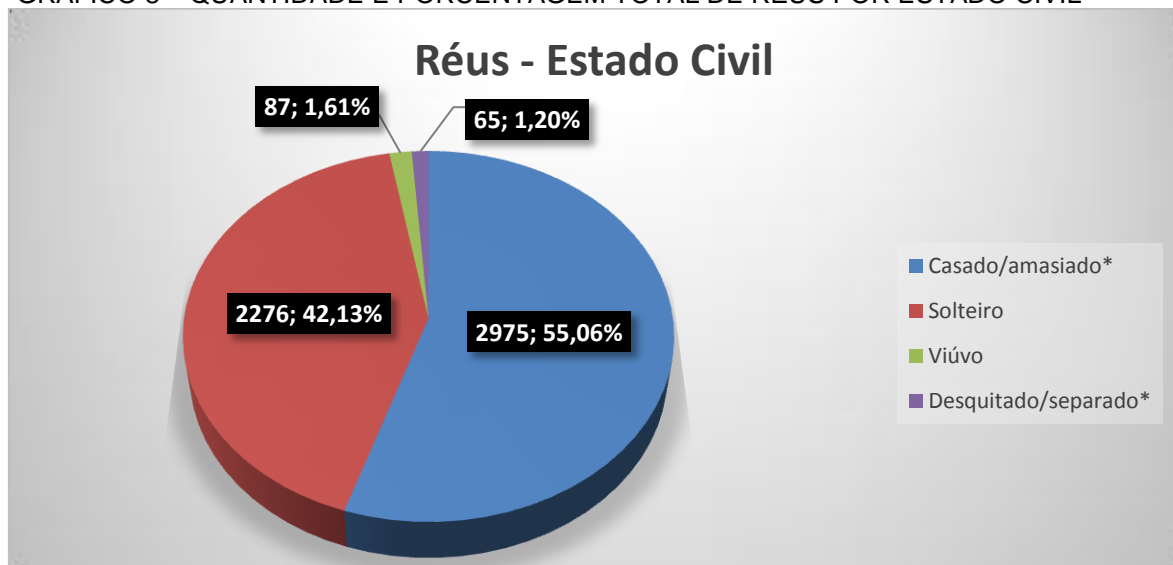
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais Do Fórum Da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

- A) solteiro
- B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável
- C) viúvo
- D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 8 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados Dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Verifica-se que os Réus Casados e Solteiros constituem juntos mais de 90% do total pesquisado. O primeiro subgrupo, com 2.975 indivíduos, representa 55,06% e o segundo, com 2.276, 42,13%. Os demais formam uma parcela pouca significativa, como os Viúvos com 1,61% (87) e os Desquitados/separados com 1,20% (65) da totalidade de réus.

O estado civil indica a situação em que o indivíduo se encontra socialmente ligado à outra pessoa e, no nosso caso, se um homem está institucionalmente se relacionando com uma mulher e qual sua situação diante da sociedade. Assim, o casamento é um ritual de estabilidade da relação entre um homem e uma mulher, que é abençoado no campo religioso e pela legitimação laica do Estado. São duas entidades socioculturais nas quais os réus-atores assumem seu papel de pessoas respeitáveis e honradas, através do casamento. Assim, alguns réus casados, diante de sua realidade de representação falsa, podem ter um sentimento mínimo de reconhecimento social através de suas esposas e, também, de seus filhos.

Outra grande parcela de réus pertence à categoria de solteiros, o contrário daquele estado de casado. Nesse sentido, são pessoas que talvez não possuam uma mulher com *status* oficialmente reconhecido como sua parceira. Podemos inferir que este agrupamento esteja na faixa inicial dos 18 a 29 anos e dos 30 a 39 anos. Desta maneira, passam pela fase de 'maturação' de sua carreira criminosa, observada mais acima, não permitindo que sua vida possa ser perturbada por uma figura feminina, que pode pôr em risco essa carreira.

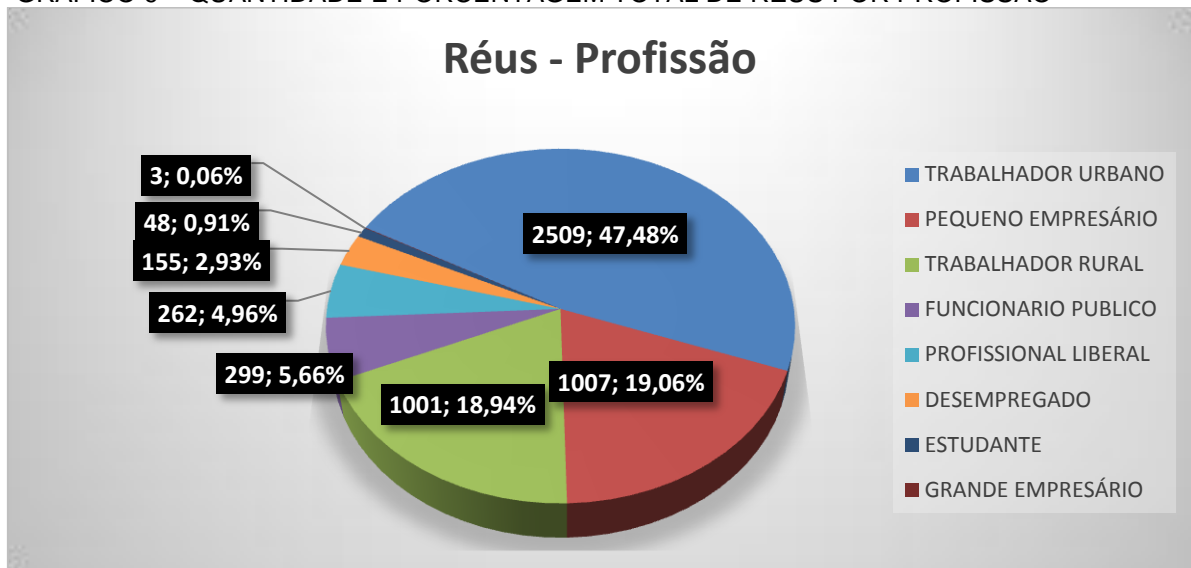
TABELA 10 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PROFISSÃO

Grupo de Profissões	Réus			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Trabalhador Urbano	2509	43,30%	2509	47,48%
Pequeno Empresário	1007	17,38%	1007	19,06%
Trabalhador Rural	1001	17,27%	1001	18,94%
Funcionário Público	299	5,16%	299	5,66%
Profissional Liberal	262	4,52%	262	4,96%
Desempregado	155	2,67%	155	2,93%
Estudante	48	0,83%	48	0,91%
Grande Empresário	3	0,05%	3	0,06%
Não Informado	511	8,82%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5284	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina- 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 9 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PROFISSÃO



FONTE: Banco de Dados dos autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

A Tabela 7 refere-se à Profissão dos Réus, sendo que foram separados por subgrupos de trabalhadores. Aqueles incluídos nos Trabalhadores Urbanos constituem a maioria, com 2.509 ou 47,48% do total pesquisado. Em segundo lugar está a categoria de Pequeno Empresário com 1.007 indivíduos (19,06%), seguida de perto pelo subgrupo Trabalhador Rural com 1.001 casos (18,94%) e em quarto lugar os Funcionários Públicos, com 299 (5,66%). Os demais réus estão reunidos em pequenos subgrupos, entre eles, Profissional Liberal (262-4,96%); Desempregado (155-2,93%); Estudante (48-0,91%) e Grande Empresário (3-0,06%).

O trabalho é uma categoria importante, pois através dele observa-se como a sociedade está estratificada economicamente. A diversidade de profissões retrata o grau de especialização que o trabalho possui. Porém, pode-se considera-se que aquele Trabalhador Urbano, que labuta no comércio ou na indústria realizando trabalhos menos complexos e com baixa remuneração, encontra-se na lista dos réus. Já o Pequeno Empresário, que representa uma categoria de pequenos comerciantes, como donos de bares, hotéis, casas de comércio em geral, explicita que a vida comercial tinha muitos conflitos com os clientes, pois ocupam a segunda categoria da tabela acima. Por fim, aparece o Trabalhador Rural, como aquele que trabalha na terra para colher a sementeira para os grandes fazendeiros ou para sua sobrevivência. Tem sua representação social de alguém com 'pouco estudo, fala errada e simples' e, ao mesmo tempo, com *status* de um indivíduo de poucos recursos capitais e sociais, ao contrário de seus patrões. Assim, refletindo o grau de

conflito entre esses atores rurais, esse segmento condensa o terceiro lugar na lista dos réus.

3.3 SOBRE A VÍTIMA – ANÁLISE SOCIOCULTURAL

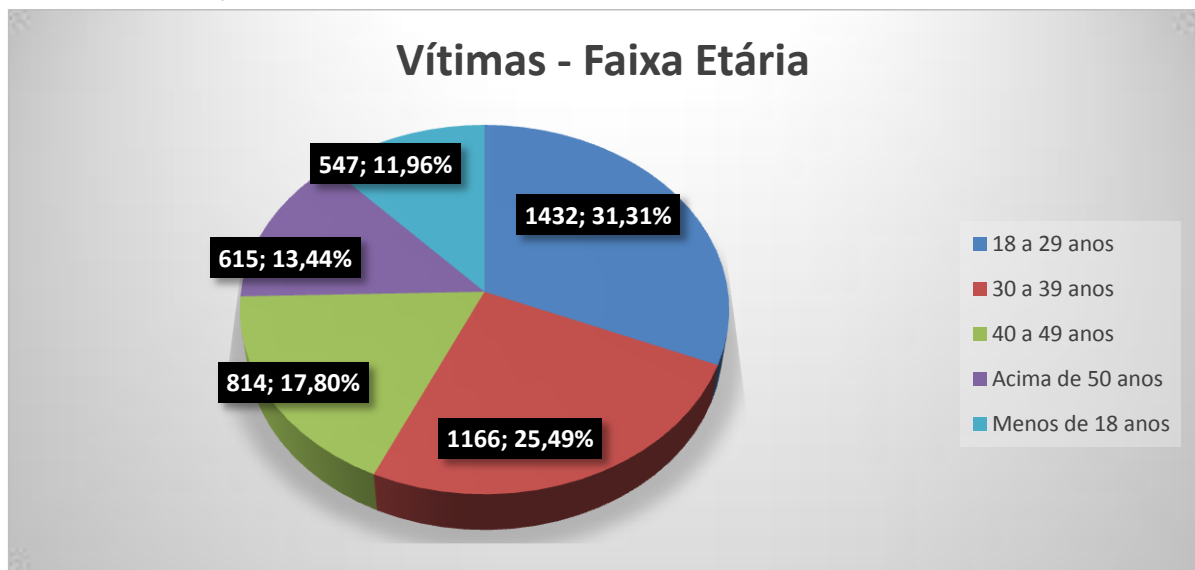
TABELA 11 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	1432	24,71%	1432	31,31%
30 a 39 anos	1166	20,12%	1166	25,49%
40 a 49 anos	814	14,05%	814	17,80%
Acima de 50 anos	615	10,61%	615	13,44%
Menos de 18 anos	547	9,44%	547	11,96%
Não informado	1221	21,07%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	4574	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 10 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Neste Grupo de Vítimas por Faixa Etária, observa-se uma distribuição menos diferenciada entre as diversas faixas, como ocorre em outras características analisadas. A maioria está situada entre as idades de 18 a 29 anos, totalizando 1.432 ocorrências ou 31,31% da porcentagem válida. Em segundo lugar, estão aquelas de 30 a 39 com 1.166 (25,49%) e, em terceiro, as de 40 a 49 anos com 814

(17,80%) situações. Por fim, quase se igualando, porém com idades de lados opostos, encontram-se os subgrupos acima de 50 e menos de 18 anos, correspondendo, respectivamente, a 615 (13,44%) e 547 (11,96%) vítimas.

Comparando-se com a Tabela 4 dos Réus por Faixa Etária, a de Vítimas, como já salientado, apresenta maior homogeneidade entre os indivíduos que sofreram alguma forma de delito. Na Tabela de Réus, a faixa etária entre 18 a 29 anos é a que apresenta maior número de ocorrências, que decrescem com o aumento das idades.

As faixas de idade entre 18 a 29 anos e de 30 a 39anos somam um total de 2.598 ou 56,80% das vítimas. Devido à conjuntura socioeconômica da época, pode-se considerar como um dos fatores desse percentual o fato de que os adolescentes e jovens adultos tinham uma vida social intensa em ambientes mais propícios aos conflitos da cidade, como bares, prostíbulos, casas de jogos, bailes e outros locais com ajuntamento de pessoas.

Voltando a traçar um paralelo com os Réus, nas mesmas faixas etárias de 40 a 49, acima de 50 e menos de 18 anos, observa-se que entre as idades houve uma queda maior na prática de delitos. Ao contrário das Vítimas, que foram alvo de violências com índices mais equivalentes entre si, porém maiores do que os apresentados pelos Réus, principalmente entre os menores de 18 anos.

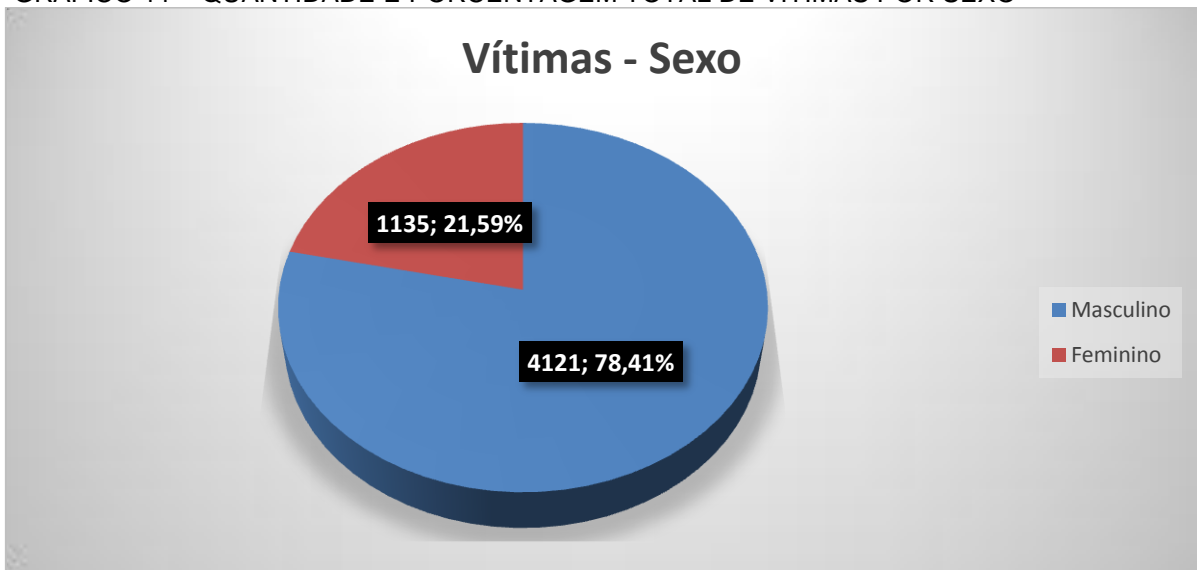
TABELA 12 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR SEXO

Sexo	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	4121	71,11%	4121	78,41%
Feminino	1135	19,59%	1135	21,59%
Não informado	539	9,30%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	5256	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 11 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL.

Analisando a Tabela e o Gráfico acima, constata-se que o número de vítimas Homens foi mais que o dobro, se comparado com o de vítimas Mulheres. Os primeiros somam 4.121 ou 78,41% do total pesquisado. Já o sexo Feminino representa 1.135 ou 21,59% da porcentagem válida de 5.256 vítimas.

A predominância do sexo masculino mostra a supremacia que o homem tem na relação social imperante na sociedade, com mais liberdade de agir, ir e vir, passando por diferentes ambientes legais e ilegais. Tal mobilidade é um requisito para a sociedade moderna. 'Ser autônomo', que pode decidir por si 'aonde ir'. Com isso, assumem o risco de encontrar ambientes que podem colocá-los em perigo eminente contra outros indivíduos e torná-los vítimas de um conflito. Essa é uma possibilidade bem presumível de acontecer. Ao passo que o sexo feminino apresenta-se como uma minoria diante do homem, mas esse número (1.135) é elucidativo do papel que a mulher vem a público denunciar, enquanto vítima. Comparativamente com a Tabela dos Réus (Tabela 5), é um subgrupo muito ínfimo de 309 mulheres, em termos absolutos. A mulher, ao se tornar vítima, expõe as incompatibilidades reinantes nas relações entre homem e mulher na sociedade londrinense, na época.

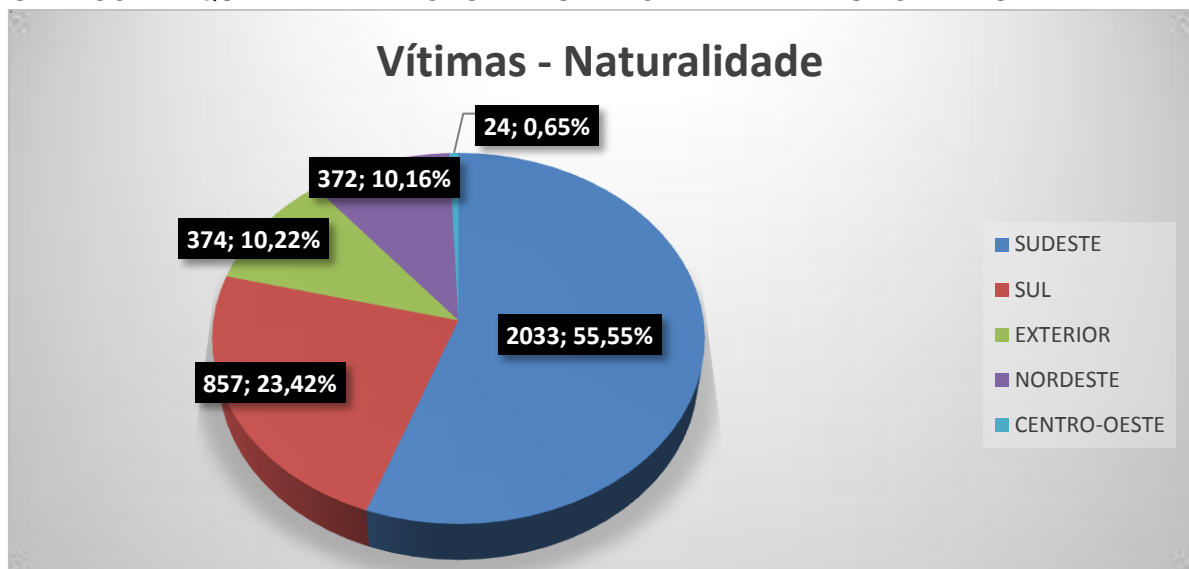
TABELA 13 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR NATURALIDADE

Naturalidade	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Sudeste	2033	35,08%	2033	55,55%
Sul	857	14,79%	857	23,42%
Exterior	374	6,45%	374	10,22%
Nordeste	372	6,42%	372	10,16%
Centro-Oeste	24	0,42%	24	0,65%
Não Informado	2135	36,84%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	3660	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 12 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum Da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL.

Os naturais da região Sudeste formam o maior grupo, em número de 2.033 (55,55%) do total válido de 3.660. São seguidos pelos oriundos do Sul, com 857 (23,42%) situações. Em terceiro e quarto lugar, quase empatados, estão os que vieram do Exterior, com 374 (10,22%) e os da região Nordeste com 372 (10,16%). Por último, há 24 (0,65%) vítimas na região Centro-Oeste.

Considerando o fato de que os originários da região Sudeste totalizam 2.033(55,55%) pessoas, associadas aos 2.754 (54,59%) réus da mesma região, sugere-se a predominância deles no processo migratório, na região de Londrina. Evidencia-se, ainda, que há ocorrência de conflitos inter e intra-regionais.

As vítimas oriundas da região Sul podem indicar que houve uma rivalidade intrínseca regional entre o sul (sulistas de Curitiba) e o norte do Paraná (paulistas),

como foi afirmado anteriormente, através do questionamento quanto à região norte ser paranaense ou não (ARIAS NETO, 1998, p. 61-65).

Os Estrangeiros e Nordestinos marcam presença, muito embora estejam espalhados na distribuição de frequência por vários estados, mostrando haver um tipo de preconceito contra essa gente. Arias Neto (1998, 165) afirma que ao lado da concepção de cidade planejada, racional, criada pelas elites londrinenses é o polo econômico que atraía grandes contingentes para cá. Esse último fato tem dois aspectos: 1) era desejável que viesse um contingente de migrantes que servia como mão de obra para o desenvolvimento e 2) junto com trabalhadores migrantes vieram também aqueles que querem “um enriquecimento fácil: os aventureiros, os escroques, as prostitutas, os golpistas, bem como os miseráveis, que tinham esperanças de construir uma vida melhor no Eldorado”. Assim, surge a noção de que o migrante é um suspeito, alguém que não se pode confiar, um ser perigoso.

Dessa forma, essa consideração demonstra duas situações na comparação entre Réus e Vítimas. Os indivíduos oriundos do Nordeste aparecem como quem mais cometeram crimes (Réus-14,01%) do que como Vitimados (10,16%). Já em relação aos que vieram do Exterior, ocorreu o inverso, foram muito mais Vítimas (10,22%) do que Réus (5,59%).

TABELA 14 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	4377	75,53%	4377	89,71%
Europa ocidental*	216	3,73%	216	4,43%
Oriente*	189	3,26%	189	3,87%
Europa oriental*	57	0,98%	57	1,17%
Oriente médio*	31	0,53%	31	0,64%
Países americanos*	9	0,16%	9	0,18%
Não Informado	916	15,81%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	4879	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

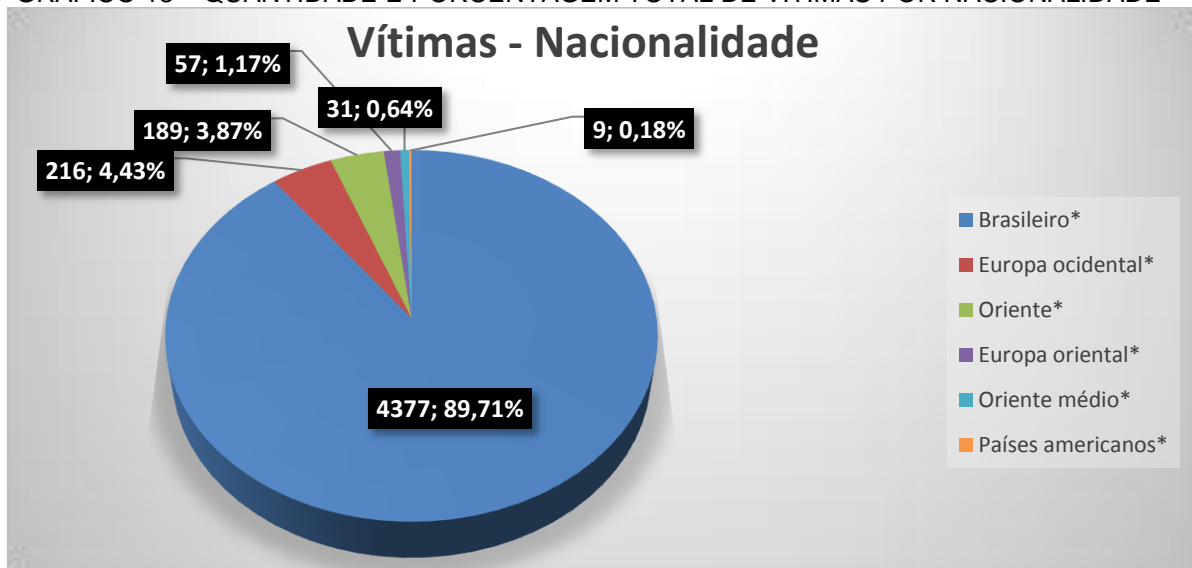
C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China)

F) Oriente médio* (Síria, Líbano)

GRÁFICO 13 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Com relação à Nacionalidade das Vítimas, os Brasileiros foram os mais vitimados com 89,71% (4.377) da porcentagem válida, como também foram a maioria dos Réus (93,83%). Entre os estrangeiros, destacam-se mais as vítimas providas dos países da Europa Ocidental, com 4,43% (216) e do Oriente com 3,87% (189). As demais situações formam subgrupos bem menores, entre os quais, a Europa Oriental (57-1,17%), o Oriente Médio (31-0,64%) e os Países Americanos (9-0,18%), totalizando 1,99% (97) da pesquisa.

A Europa Ocidental (4,43%) se faz presente pelos portugueses, italianos, espanhóis, alemães, cada qual com sua participação como vítima. Em boa parte estão representados na Tabela de Réus (2,40%), mas em menor escala de valor percentual. Essas etnias possuem aspectos culturais, linguísticos e costumes diferentes dos brasileiros e estão inseridas dentro de um contexto que não é só de adaptação a um país estranho, porque, como atores de um choque mundial – II Guerra Mundial –, fez com que fossem ‘percebidos’ muito mais com suspeição, diante de outros estrangeiros e brasileiros. A pré-guerra, a guerra e o pós-guerra os colocaram como alvos de segregação e de estigmas sociais.

As vítimas japonesas, representando o Oriente (3,87%), também estão incluídas na realidade acima, suscitando que tiveram muitas relações conflitantes com outras etnias. Mas, figuraram bem menos como Réus, apenas em 1,78% dos delitos cometidos. E, como os europeus ocidentais, constituíram uma cultura diametralmente oposta à brasileira, com dificuldades de comunicação e integração

com outras pessoas. Sendo assim, os imigrantes são vistos como um ser suspeito, com uma condição de vida precária e pobre, difícil de ser suportada. “O poder local, não podendo eliminar a presença dos indesejáveis, procurou controlar e limitar a atuação dos mesmos.” (ARIAS NETO, 1998, p. 165). Essa vigilância sobre aqueles tidos como ‘indesejáveis’ contribuiu para que se tornassem um alvo para chacotas, escárnios e desprezo. Isso fez deles as vítimas, como personificação que o mundo social queria para alguém subordinado. Foi uma submissão que, de certa forma, gerou uma revolta internalizada, tornando-os mais Vítimas do que Réus em processos criminais.

TABELA 15 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR COR

Cor	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	1076	18,57%	1076	66,30%
Negra*	354	6,11%	354	21,81%
Amarela*	102	1,76%	102	6,28%
Parda*	91	1,57%	91	5,61%
Não Informado	4172	71,99%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	1623	100,00%

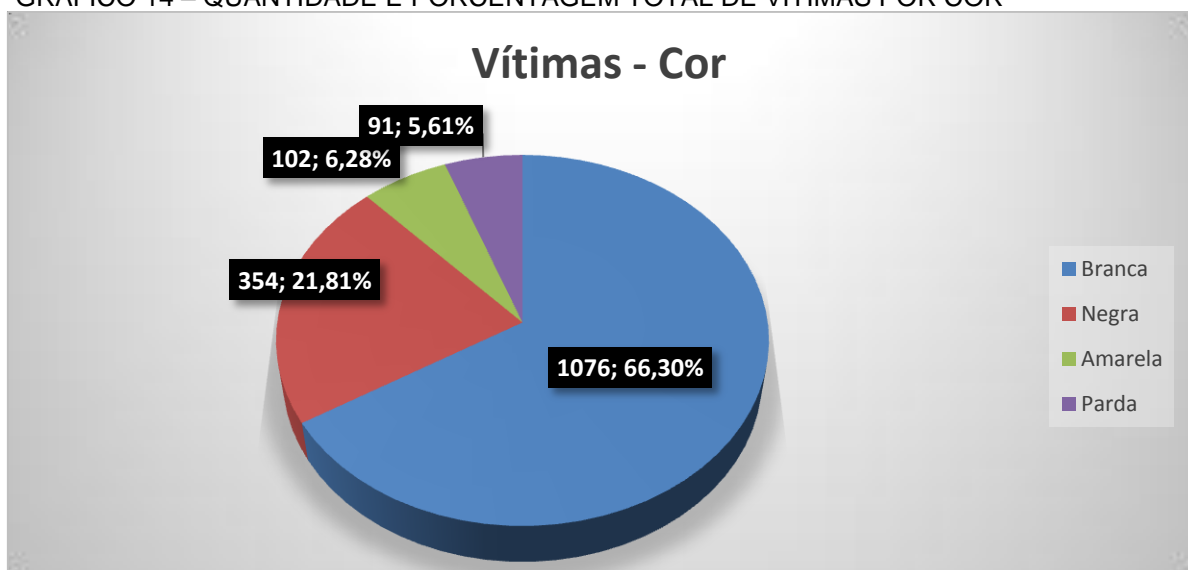
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 14 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

A Cor Branca, com 66,30% (1076) do total válido, prevalece como a vítima mais destacada, demonstrando o caráter da 'sociedade branca'. Porém, a categoria Negra (354-21,81%) e Parda (91-5,61%), com suas variâncias somadas, representa 27,42% (445) da totalidade, ou seja, quase a metade das vítimas brancas. Isso expressa que, proporcionalmente, o grau de violência sofrida entre ambos se equivale, pois a população branca é teoricamente superior à população de negros. Ressalta-se que, embora os números indiquem certa 'proporcionalidade', na realidade, deve-se considerar que existem aspectos como a subestimação ou sobreestimação das informações dadas e repassadas. Estes se relacionam à ausência de notificação da cor, à negligência de quem recebeu a denúncia e não seguiu a rotina administrativa, constando apenas como está nessa Tabela, 'não informado'. Por sinal, correspondeu à quase totalidade da pesquisa, ou seja, 71,99%.

Por último, a Cor Amarela é formada por uma parcela minoritária, com 102 vítimas ou 6,28% do percentual válido.

Estabelecendo um paralelo com os dados da Tabela Réus (Tabela 8), constata-se que as categorias seguem percentuais semelhantes, exceção dos Amarelos com 2,40% (87). Quanto aos demais réus, os Brancos aparecem com 66,07% (2393); Negros, 24,57% (890) e Pardos, 6,96% (252). Observa-se que a comparação é relativa, pois o total válido das amostras é diferente, devido ao item 'Não Informado'.

TABELA 16 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	3017	52,06%	3017	63,29%
Solteiro	1553	26,80%	1553	32,58%
Viúvo	159	2,74%	159	3,33%
Desquitado/separado*	38	0,66%	38	0,80%
Não Informado	1028	17,74%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	4767	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

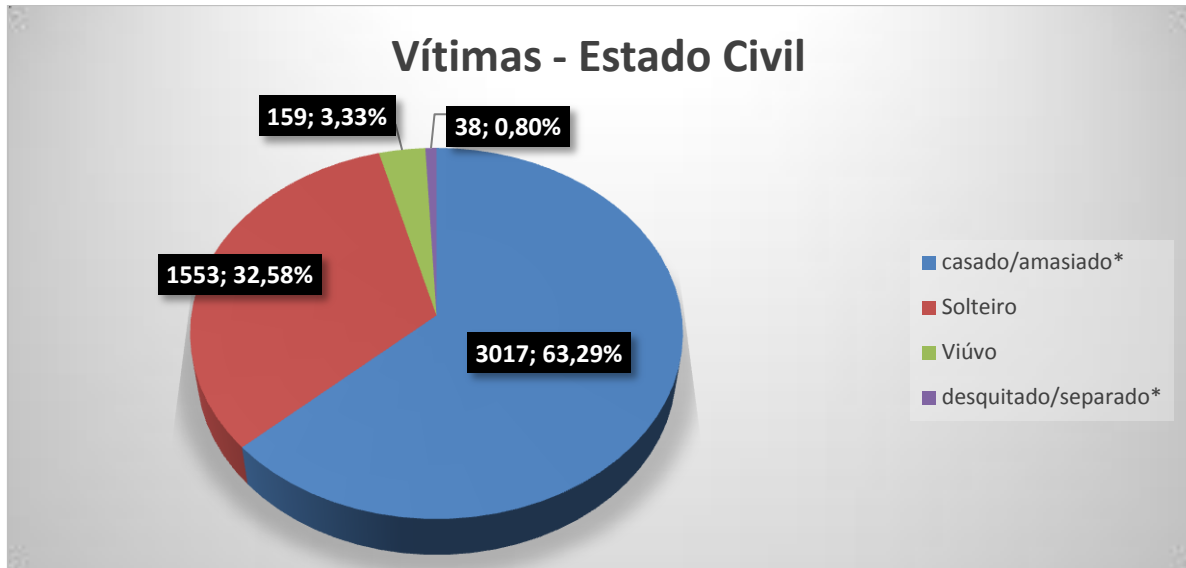
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 15 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Os Casados, em número de 3.017, com mais da metade do total válido, foram os mais vitimados com 63,29%. São seguidos por 1.553 Solteiros com 32,58%. Os Viúvos (159) e Desquitados/separados (38) somam juntos apenas 197 vítimas ou 4,13% correspondendo, respectivamente, a 3,33% e 0,80% da pesquisa.

As categorias de vítima Casado/amasiado e a de Viúvo constituem, na sociedade, aquelas pessoas que, teoricamente, são mais reconhecidas como 'honestas', 'sinceras'. Esse fato vem da representação legal, que confere uma valoração do indivíduo, principalmente daquele que sofreu um dano físico ou material ou, ainda, uma injustiça diante de um arbítrio ou uma fatalidade de um meliante. Desta feita, apresenta um conteúdo de condescendência social.

O solteiro, por sua vez, passa a imagem de uma pessoa autônoma e livre. Mas essa categoria não possui o mesmo *status* que a vítima casada, na medida em que não abrange as responsabilidades de uma relação familiar. A vítima solteira está livre para prosseguir seu caminho, ao passo que a casada/viúva fica mais restrita às suas responsabilidades domésticas e familiares.

Comparando-se Réus e Vítimas, não há muitas diferenças entre eles, exceto com relação aos Viúvos. Sendo assim, o Grupo de Réus (Tabela 9), apresenta os seguintes valores: Casados/Amasiados têm 55,06% (2.975); Solteiros, 42,13% (2.276); Viúvos, 1,61% (87) e Desquitados/separados detêm um percentual válido de 1,20% (65).

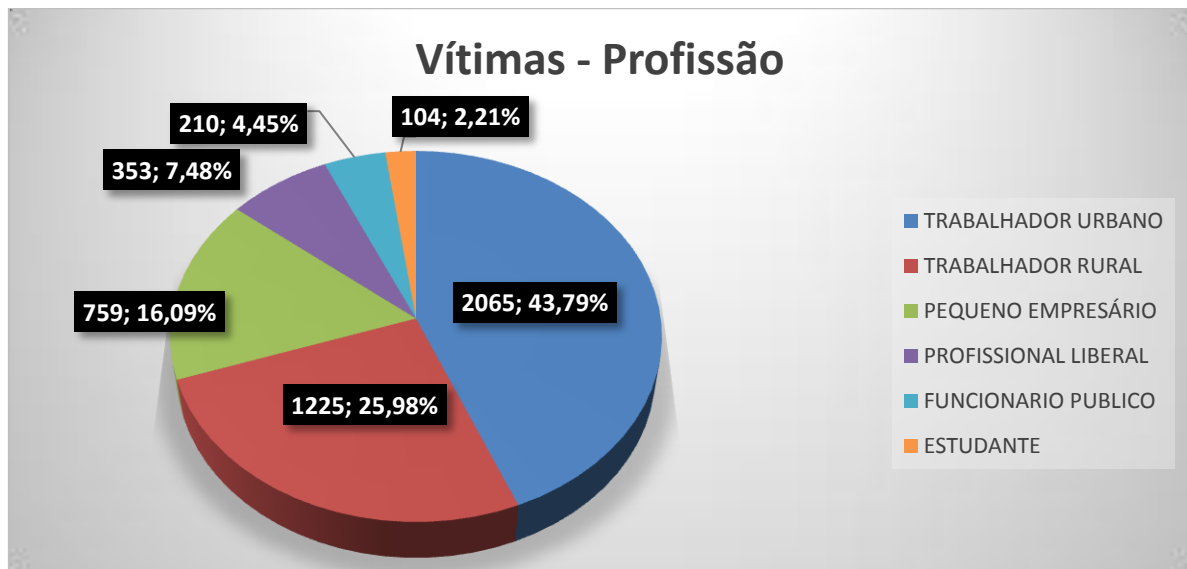
TABELA 17 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR PROFISSÃO

Profissão	Vítimas			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Trabalhador Urbano	2065	35,63%	2065	43,79%
Trabalhador Rural	1225	21,14%	1225	25,98%
Pequeno Empresário	759	13,10%	759	16,09%
Profissional Liberal	353	6,09%	353	7,48%
Funcionário Público	210	3,62%	210	4,45%
Estudante	104	1,80%	104	2,21%
Não Informado	1079	18,62%	-	-
Total Geral	5795	100,00%	4716	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 16 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE VÍTIMAS POR PROFISSÃO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

Com referência à Profissão do Grupo, os Trabalhadores Urbanos somam 2.065, com 43,79% do total válido de vítimas. Já os Trabalhadores Rurais correspondem a 1.225(25,98%) casos e o Pequeno Empresário conta com 759 (16,09%). E, fechando os três menores grupos, o de Profissional Liberal tem 353 (7,48%) vítimas, seguido pelo Funcionário Público com 210 (4,45%) e, por último, os Estudantes com 104 (2,21%) situações.

Ocorre certa similitude entre a Tabela de Vítimas e a Tabela de Réus (Tabela 10) de forma geral. Mas, há nuances que revelam existir mais do lado de quem sofre uma arbitrariedade ou ofensa contra seus direitos do que o outro, com mais consequências da prática de um delito. É o que pode ser observado com a

inversão de papéis de atores diferentes em algumas profissões, que apresentam mais vítimas do que réus. Verificam-se essas alterações com os Réus que estão na categoria de Trabalhador Rural (18,94%-1.001), Profissional Liberal (4,96%-262) e Estudante (0,91%-48). O contrário constata-se com os Trabalhadores Urbanos (47,48%-2.509), Pequenos Empresários (19,06-1.007) e Funcionários Públicos (5,66-299). Ressalta-se, ainda, que não houve vítimas entre os Desempregados e Grandes Empresários.

Dessa forma, ambas as Tabelas demonstram que o mundo do trabalho gira como um eixo principal e que a cidade progride no sentido da maior especialização, significando que o crescimento econômico demanda mais profissionais e técnicos da modernidade. Os Trabalhadores Urbanos, Rurais, Pequenos Empresários, Profissionais Liberais e Funcionários Públicos expressam esse mundo, que transitava em torno da riqueza do café, sejam como Vítimas ou Réus.

No próximo capítulo, exporemos, de forma minuciosa, os crimes mais comuns praticados nas ruas da cidade de Londrina. Assim, serão fornecidas informações sobre o número de delitos praticados, dados sobre os réus e sua evolução por períodos históricos.

Capítulo IV

TIPIFICAÇÃO DE CRIME, ANÁLISE SOCIOCULTURAL E POR PERÍODO HISTÓRICO

4 TIPIFICAÇÃO DE CRIME, ANÁLISE SOCIOCULTURAL E POR PERÍODO HISTÓRICO

Apresentaremos uma análise sociocultural por tipos de crimes. Em algumas tabelas e gráficos foram agregados delitos que não abrangem, estrito senso, os capítulos penais do Código Penal. Ao contrário, aproximamos os tipos de delito pela sua forma e conteúdo de similitude em relação à ação desencadeada no conflito. Por exemplo, lesão corporal e dano são tipificações diferentes no Código Penal, porém a forma e o conteúdo das duas ações implicam em algum grau de violência sobre a vítima. O banco de dados permite a montagem de tabelas e gráficos observando as características físicas de cada réu. As características estão divididas em: Faixa Etária, Sexo, Naturalidade, Nacionalidade, Estado Civil, Cor e por Período Histórico, permitindo uma visão mais descritiva de cada delito em si. Estes dados serão expostos também por períodos, desde o ano de 1934 até 1980. No entanto, observa-se que serão analisados somente os períodos de 1941 a 1970.

Dessa forma, a partir dos 5.795 delitos apresentados no Capítulo I -Seção 1.6, foram agrupados 5.285 em cinco Grupos: Crimes de Lesão Corporal, Crimes Contra a Propriedade, Crimes de Sangue, Crimes Sexuais e Crimes Contra a Honra.

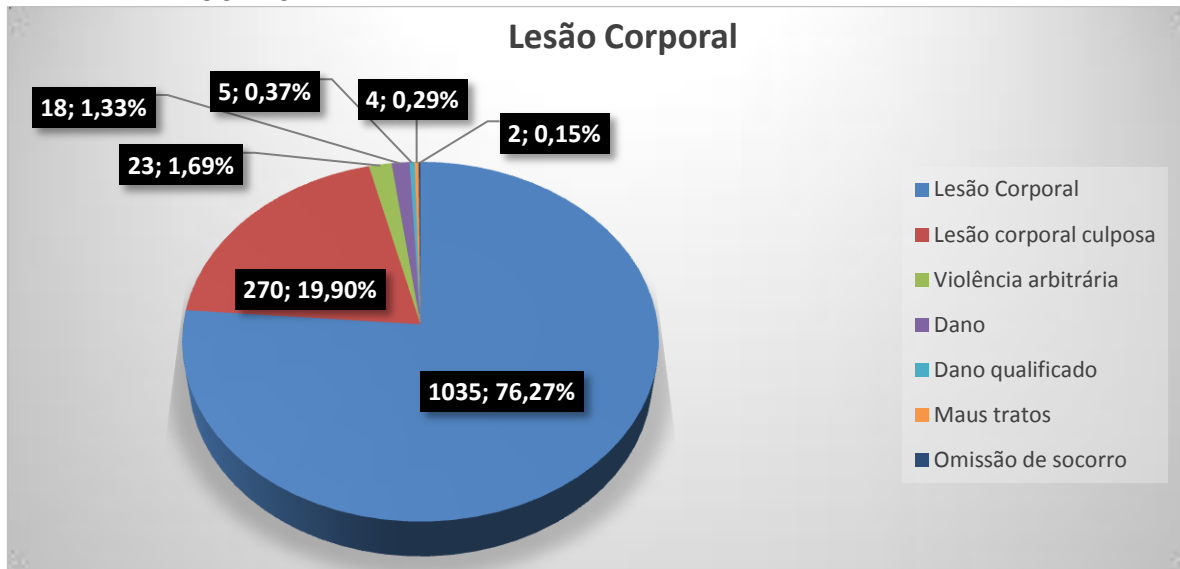
4.1 LESÃO CORPORAL

TABELA 18 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL

Crimes	Lesão Corporal	
	Quantidade	Porcentagem
Lesão corporal	1035	76,27%
Lesão corporal culposa	270	19,90%
Violência arbitrária	23	1,69%
Dano	18	1,33%
Dano qualificado	5	0,37%
Maus tratos	4	0,29%
Omissão de socorro	2	0,15%
Total Geral	1357	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UUEL

GRÁFICO 17 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/Uel

No gráfico e na tabela acima, os Réus, um total de 1.357, estão divididos por subgrupos de Lesão Corporal. Verifica-se que a maioria, 1.035 (76,27%), foi enquadrada no crime de Lesão Corporal e 270 (19,90%) em Lesão Corporal Culposa. O restante ficou dividido entre os delitos com menos ocorrências, quais sejam: Violência Arbitrária (23-1,69%), Dano (18-1,33%), Dano Qualificado (5-0,37%), Maus tratos (4-0,29%) e Omissão de Socorro (2-0,15%).

Tabela 19 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO E POR GRUPO: LESÃO CORPORAL

Crimes	Lesão Corporal															
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			Tot
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Lesão Corporal	42	100,00	4,06	195	82,28	18,84	410	79,61	39,61	387	69,35	37,39	1	20,00	0,10	1035
Lesão corp culp**	0	0,00	0,00	26	10,97	9,63	87	16,89	32,22	153	27,42	56,67	4	80,00	1,48	270
Viol arbitrária**	0	0,00	0,00	2	0,84	8,70	14	2,72	60,87	7	1,25	30,43	0	0,00	0,00	23
Dano	0	0,00	0,00	11	4,65	61,11	2	0,39	11,11	5	0,90	27,78	0	0,00	0,00	18
Dano qualificado	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	2	0,39	40,00	3	0,54	60,00	0	0,00	0,00	5
Maus tratos	0	0,00	0,00	2	0,84	50,00	0	0,00	0,00	2	0,36	50,00	0	0,00	0,00	4
Omissão soc**	0	0,00	0,00	1	0,42	50,00	0	0,00	0,00	1	0,18	50,00	0	0,00	0,00	2
Total Geral	42	100,00	3,10	237	100,00	17,46	515	100,00	37,95	558	100,00	41,12	5	100,00	0,37	1357

FONTE: Banco De Dados Dos Autos Criminais Do Fórum Da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/Uel

* NOTA: A) *Col: Porcentagem dos dados da coluna;

B) *Lin: Porcentagem dos dados da linha.

** NOTA: Lesão corp culp (Lesão corporal culposa), Viol arbitrária (Violência arbitrária) e Omissão soc (Omissão de socorro).

Analisando-se os dados em referência, constatam-se 195 (18,84%) delitos de Lesão Corporal entre 1941 a 1950. Na década posterior, aumentou mais que o dobro para 410 (39,61%), atingindo o valor mais expressivo do período analisado e entre os demais crimes. Mas, no final de 1970, diminuiu para 387 ou 37,39%.

Nos mesmos intervalos de tempo, observam-se 26 (9,63%) situações de Lesão corporal culposa, que triplicou para 87 (32,22%) e quase dobrou, chegando a 153 (56,67%). O delito de Violência Arbitrária iniciou com 2 (8,70%), aumentou significativamente para 14 (60,87%) e diminuiu para 7 (30,43%). O Dano apresentou 11 (61,11%) casos, reduziu-se para 2 (11,11%) e elevou-se para 5 (27,78%).

Quanto ao Dano qualificado foram 2 (40,00%) em 1951 a 1960 e passaram a 3 (60,00%) no final de 1970.

As ocorrências de Maus Tratos (2-50,00%) e Omissão de socorro (1-50.00%) tiveram registros nos anos de 1941 a 1950 e repetiram a mesma quantidade (2-1) em 1961 a 1970.

Comparando-se os crimes nos decênios entre 1941 a 1970, com relação ao “maior número”, tem-se que a Lesão corporal foi a infração mais praticada desse Grupo: 1941 a 1950 - 195 (82,28%); 1951 a 1960 - 410 (79,61%) e 1961 a 1970 - 387 (69,35%).

Avaliando-se este indicador linearmente para cada delito, durante o período analisado, constata-se em 1941 a 1950: Dano (11-61,11%); 1951 a 1960: Lesão Corporal (410 - 39,61%)/ Violência Arbitrária (14-60,87%) e em 1961 a 1970: Lesão corporal culposa (153-56,67%)/Dano qualificado (3-60,00%).

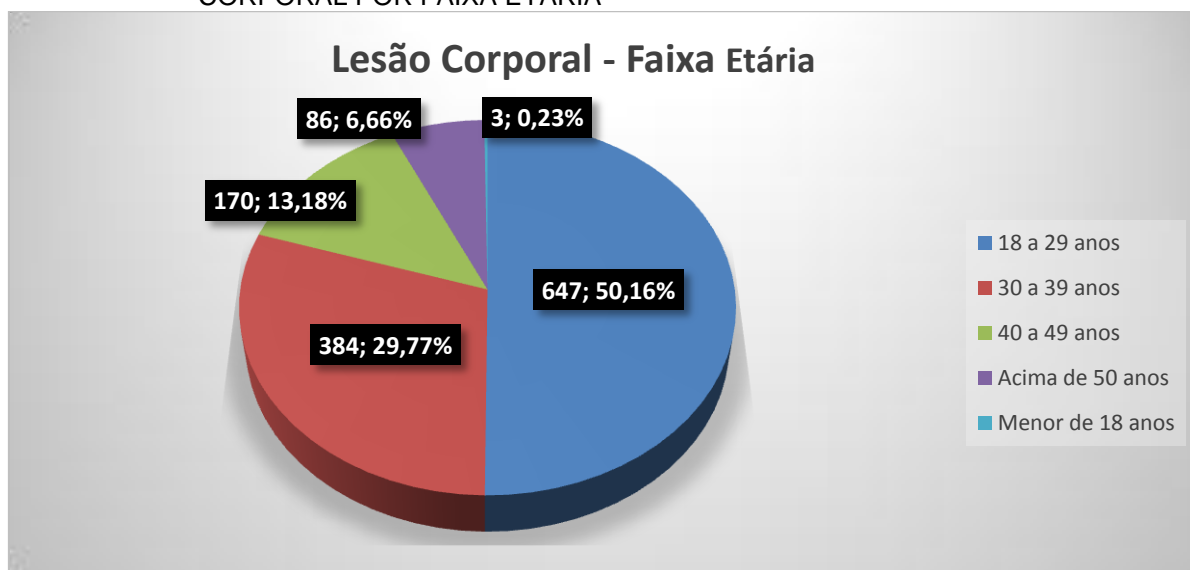
TABELA 20 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Lesão Corporal			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	647	47,68%	647	50,16%
30 a 39 anos	384	28,30%	384	29,77%
40 a 49 anos	170	12,53%	170	13,18%
Acima de 50 anos	86	6,34%	86	6,66%
Menos de 18 anos	3	0,22%	3	0,23%
Não informado	67	4,93%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	1290	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UDEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 18 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

A partir dos dados em epígrafe, constata-se que há uma concentração maior de jovens na Faixa Etária de 18 a 29 anos, com 50,16% (647) do total válido de Réus. É seguida pelas Faixas de 30 a 39, com 29,77% (384) e 40 a 49 anos com 13,18% (170). Em quarto lugar, encontram-se os que estão acima de 50 anos, com 6,66% (86) e, por último, os menores de 18 anos, que foram quem menos cometeram crimes, com 0,23% (3) da porcentagem válida.

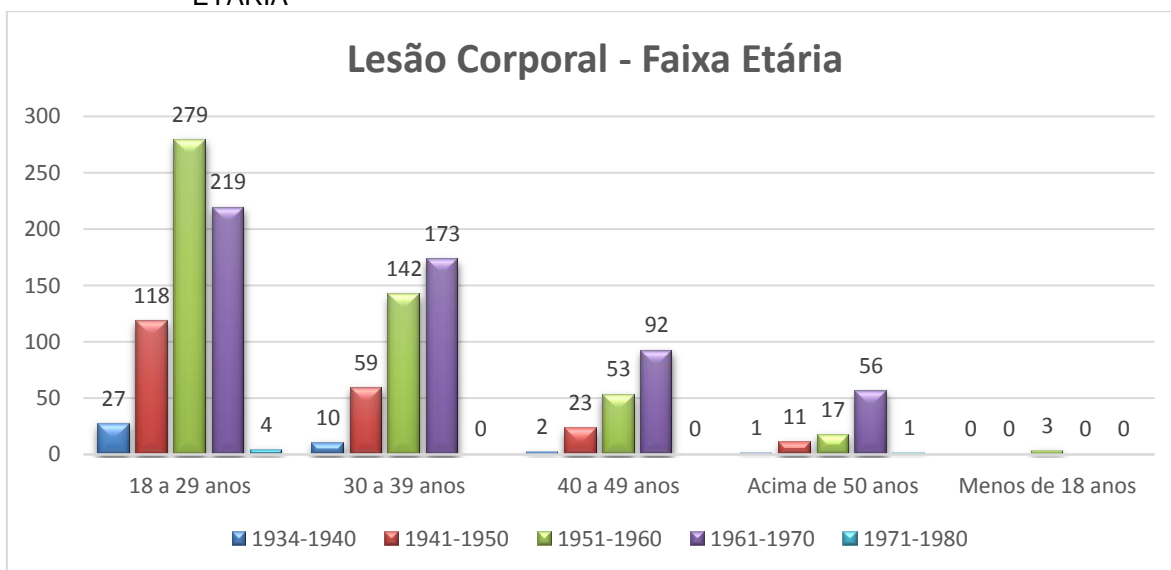
TABELA 21 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
18 a 29 anos	27	118	279	219	4	647
30 a 39 anos	10	59	142	173	0	384
40 a 49 anos	2	23	53	92	0	170
Acima de 50 anos	1	11	17	56	1	86
Menos de 18 anos	0	0	3	0	0	3
Total Válido*	40	211	494	540	5	1290
Não informado	2	26	21	18	0	67
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL.

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 19 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Conforme Tabela e Gráfico acima, verifica-se que a maior quantidade de réus está nos seguintes Períodos e Idades: 279 entre 1951-1960/18 a 29 anos; 173 entre 1961-1970/30 a 39 anos; 92 entre 1961-1970/40 a 49 anos e 56 nesse último período entre os maiores de 50 anos. A Faixa Etária dos menores de 18 anos apresentou só 3 casos na década de 1951 a 1960. Por outro lado, observa-se que dobrou o número de réus entre as faixas de 18 a 49 anos, nos períodos de 1941 a 1960. Houve ainda um decréscimo de ocorrências entre 1961 a 1970 entre aqueles com 18 a 29 e outro aumento entre as faixas de 30 a acima de 50 anos, com exceção dos menores de 18 anos.

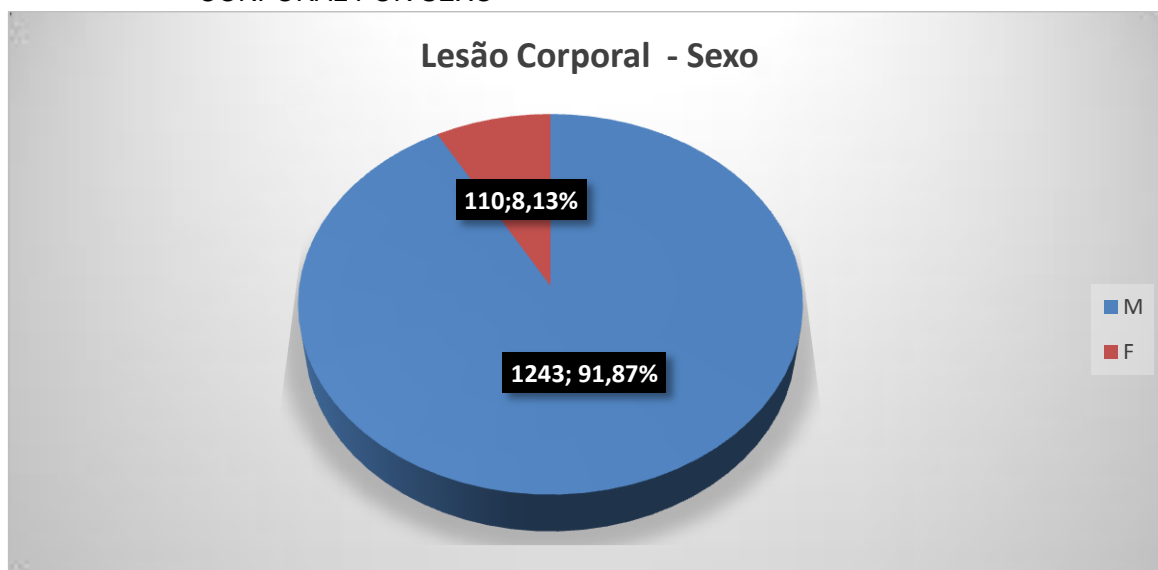
TABELA 22 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR SEXO

Sexo	Lesão Corporal			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	1243	91,60%	1243	91,87%
Feminino	110	8,11%	110	8,13%
Não Informado	4	0,29%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	1353	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 20 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Neste grupo de Lesão Corporal por Sexo, tem-se que 91,87% são do sexo Masculino, com 1.243 do total válido de 1.353 réus. Os do sexo Feminino, em número de 110, correspondem a 8,13% da porcentagem válida.

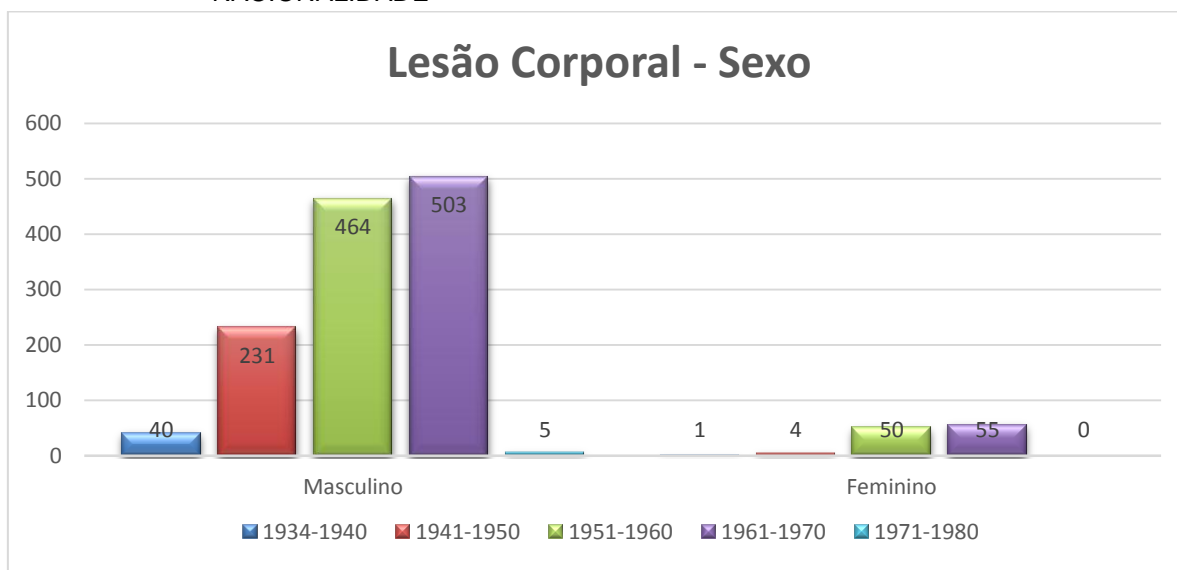
TABELA 23 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR SEXO

Sexo	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Masculino	40	231	464	503	5	1243
Feminino	1	4	50	55	0	110
Total Válido*	41	235	514	558	5	1353
Não Informado	1	2	1	0	0	4
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 21 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UUEL

Com relação ao Sexo dos Réus, na década de 1941 a 1950, os Homens eram 231 e, no período seguinte, dobrou esse número para 464, chegando a 503 ao término de 1970. As Mulheres praticaram apenas 109 crimes, no período analisado de 1941 a 1970. No intervalo entre 1951 a 1960, somavam 50 e passaram a 55 na década de 1961 a 1970.

TABELA 24 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR NATURALIDADE

Lesão Corporal				
Naturalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	669	49,30%	669	52,93%
SUL	297	21,89%	297	23,50%
NORDESTE	200	14,74%	200	15,82%
EXTERIOR	88	6,49%	88	6,96%
CENTRO-OESTE	6	0,44%	6	0,47%
NORTE	4	0,29%	4	0,32%
NÃO INFORMADO	93	6,85%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	1264	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UUEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 22 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Tratando-se da Naturalidade dos Réus, 669 ou 52,93% da porcentagem válida referem-se àqueles oriundos dos estados do Sudeste do Brasil. Com menos da metade da totalidade válida estão os pertencentes às regiões Sul, com 297 (23,50%) e Nordeste com 200 (15,82%) representantes. Os três últimos subgrupos, quais sejam, Exterior (88-6,96%), Centro-Oeste (6-0,47%) e Norte (4-0,32%) somam 98 ou 7,75% da porcentagem válida da pesquisa.

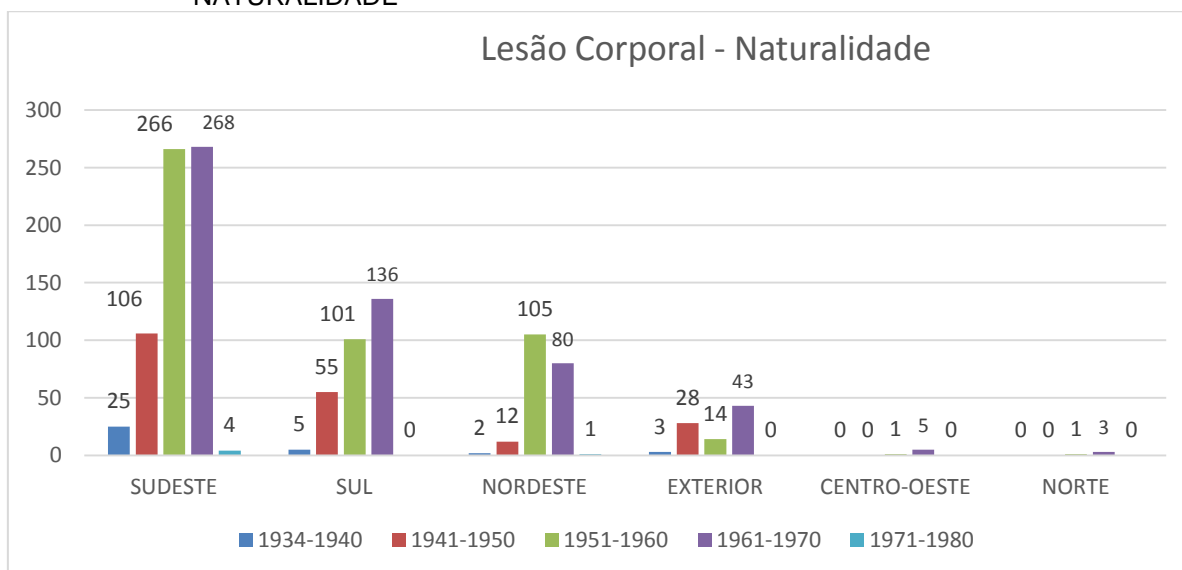
TABELA 25 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR NATURALIDADE

Naturalidade	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
SUDESTE	25	106	266	268	4	669
SUL	5	55	101	136	0	297
NORDESTE	2	12	105	80	1	200
EXTERIOR	3	28	14	43	0	88
CENTRO-OESTE	0	0	1	5	0	6
NORTE	0	0	1	3	0	4
Total Válido*	35	201	488	535	5	1264
NÃO INFORMADO	7	36	27	23	0	93
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 23 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Constata-se que entre os anos de 1951 a 1970 a maioria dos réus, um total de 534, é natural da região Sudeste. A seguir, nesse mesmo período, 237 vieram dos estados do Sul, 185 do Nordeste, 57 do Exterior, 6 do Centro-Oeste e 4 do Norte. Verifica-se que houve um crescimento maior do número de réus da década de 1941 até a de 1960, principalmente no Sudeste (106 para 266), Sul (55 para 101) e Nordeste (12 para 105). Na década seguinte, esse aumento manteve-se estável nas 2 primeiras (Sudeste: 268 e Sul: 136), com exceção da terceira (Nordeste: 80), onde houve um decréscimo. Em relação ao Exterior, ocorreu o contrário: caiu de 28 em 1941 para 14 em 1951, crescendo em 1961 para 43 réus. Quanto ao Centro-Oeste (6) e Norte (4) somaram apenas 10 situações no período de 1951 a 1970.

TABELA 26 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Lesão Corporal			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	1223	90,13%	1223	92,79%
Europa ocidental*	36	2,65%	36	2,73%
Europa oriental*	21	1,55%	21	1,59%
Oriente*	20	1,47%	20	1,52%
Oriente médio*	12	0,88%	12	0,91%
Países americanos*	6	0,44%	6	0,46%
Não Informado	39	2,87%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	1318	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
 B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
 C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, Suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)
 D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
 E) Oriente* (Japão, China);
 F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 24 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Tratando-se da Nacionalidade, há uma predominância dos Brasileiros, somando 1.223 Réus ou 92,79% do total válido de 1.318. A seguir, em números bem menores, observa-se os oriundos dos países da Europa Ocidental, Europa Oriental e Oriente com, respectivamente, 36(2,73%), 21(1,59%) e 20(1,52%) indivíduos. E as duas últimas nacionalidades, menos significativas ainda, são do Oriente Médio (12-0,91%) e de Países Americanos (6-0,46%), totalizando 18 (1,37%) situações.

TABELA 27 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Brasileiro*	37	186	491	504	5	1223
Europa ocidental*	3	7	7	19	0	36
Europa oriental*	0	19	2	0	0	21
Oriente*	0	7	3	10	0	20
Oriente médio*	0	1	2	9	0	12
Países americanos*	0	0	0	6	0	6
Total Válido*	40	220	505	548	5	1318
Não Informado	2	17	10	10	0	39
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

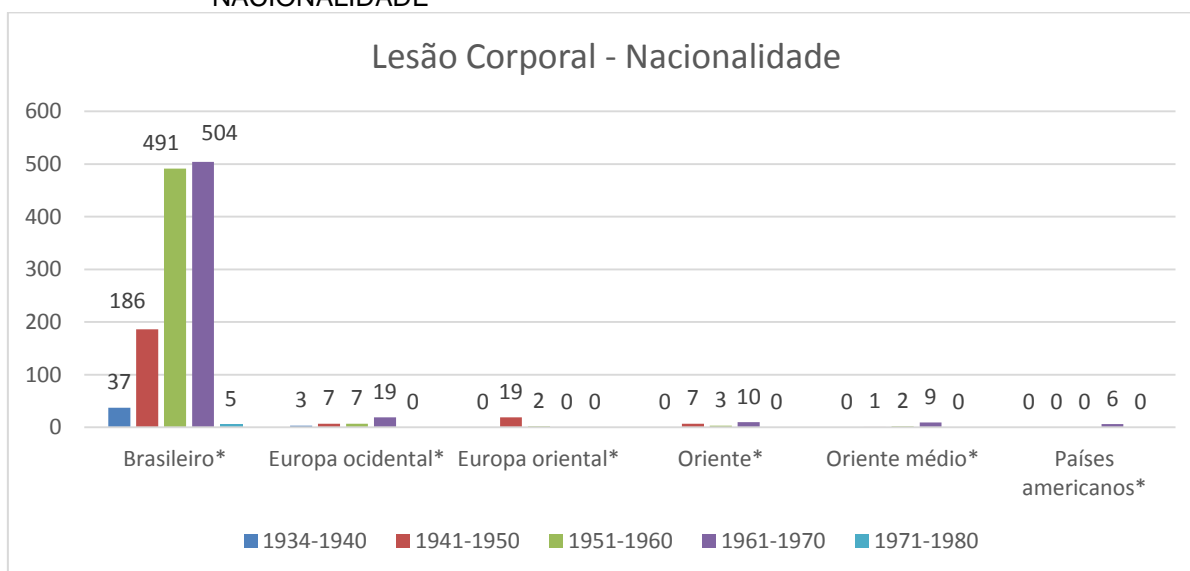
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

** NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
- B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
- C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)
- D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
- E) Oriente* (Japão, China);
- F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 25 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

A maioria dos réus é brasileira. No período de 1941 a 1950, representavam apenas 186 réus. Aumentaram significativamente entre as décadas de 1951 e 1961 para 491 e 504, respectivamente. Já aqueles oriundos dos países da Europa Ocidental (19), Oriente (10), Oriente Médio (9) e Países americanos (6) têm mais

representantes nos anos de 1961 a 1970, apesar de pouco expressivos. A Europa Oriental, por sua vez, conta com mais réus no período de 1941 a 1950, ou seja, o total de 19.

TABELA 28 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR ESTADO CIVIL

Lesão Corporal				
Estado Civil	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	758	55,86%	758	58,17%
Solteiro	514	37,88%	514	39,45%
Viúvo	19	1,40%	19	1,46%
Desquitado/separado*	12	0,88%	12	0,92%
Não Informado	54	3,98%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	1303	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

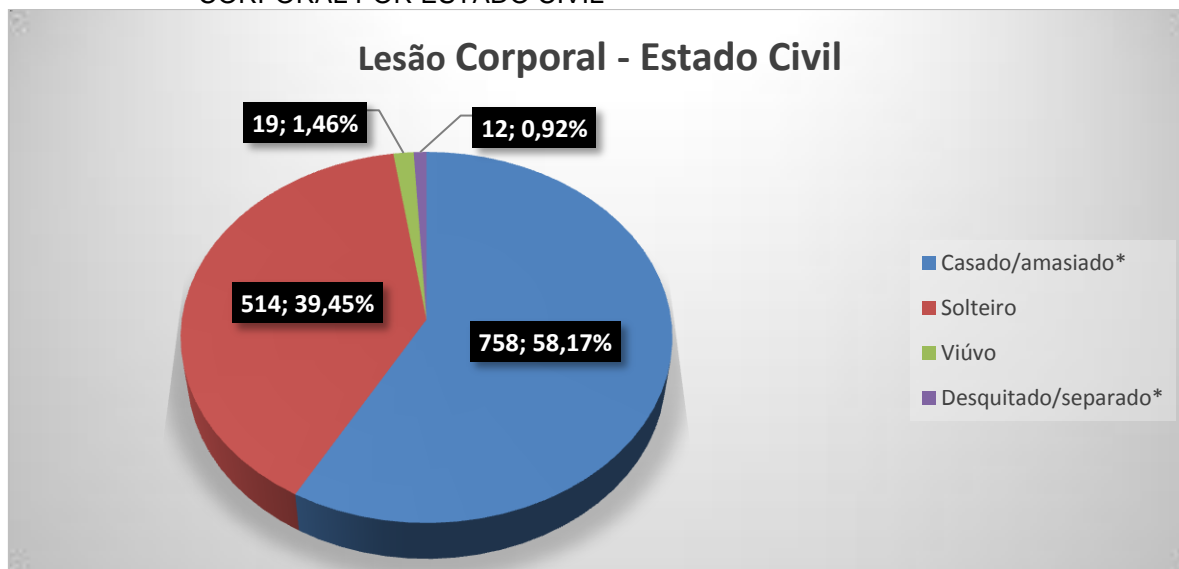
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 26 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Conforme Tabela e Gráfico acima, verifica-se que o Estado Civil Casado/amasiado é a maioria, com 758 Réus e 58,17% da porcentagem válida. Logo abaixo, estão 514 Solteiros, com 39,45%. Após esses dois subgrupos

majoritários, tem-se o Viúvo com 19 (1,46%) indivíduos e o Desquitado/separado com 12 (0,92%).

TABELA 29 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Casado/amasiado*	22	114	268	354	0	758
Solteiro	14	94	225	176	5	514
Viúvo	2	5	7	5	0	19
Desquitado/separado*8	0	0	2	10	0	12
Total Válido*	38	213	502	545	5	1303
Não Informado	4	24	13	13	0	54
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

** NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

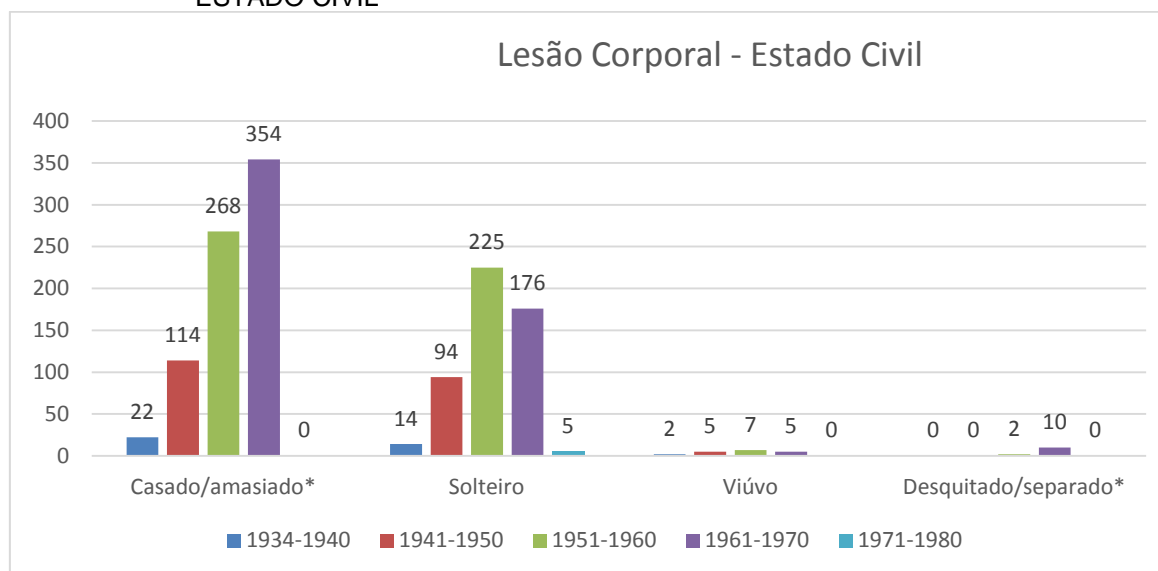
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 27 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL.

Quanto ao Estado Civil do Grupo, predominam os Casados/amasiados e Solteiros. O primeiro subgrupo tinha só 114 réus em 1941, passou para 268 na década de 1951 e, na seguinte, contou com 354, o maior número do período. Nos

mesmos períodos já mencionados, os Solteiros eram 94, 225 e 176 casos, porém com mais representantes nos anos de 1951a 1960. Também neste período, os Viúvos somavam 7 e os Desquitados/separados, na década seguinte, 10.

TABELA 30– QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR COR

Lesão Corporal				
Cor	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	605	44,58%	605	65,26%
Negra*	241	17,76%	241	26,00%
Parda*	64	4,72%	64	6,90%
Amarela*	17	1,25%	17	1,83%
Não Informado	430	31,69%	-	-
Total Geral	1357	100,00%	927	100,00%

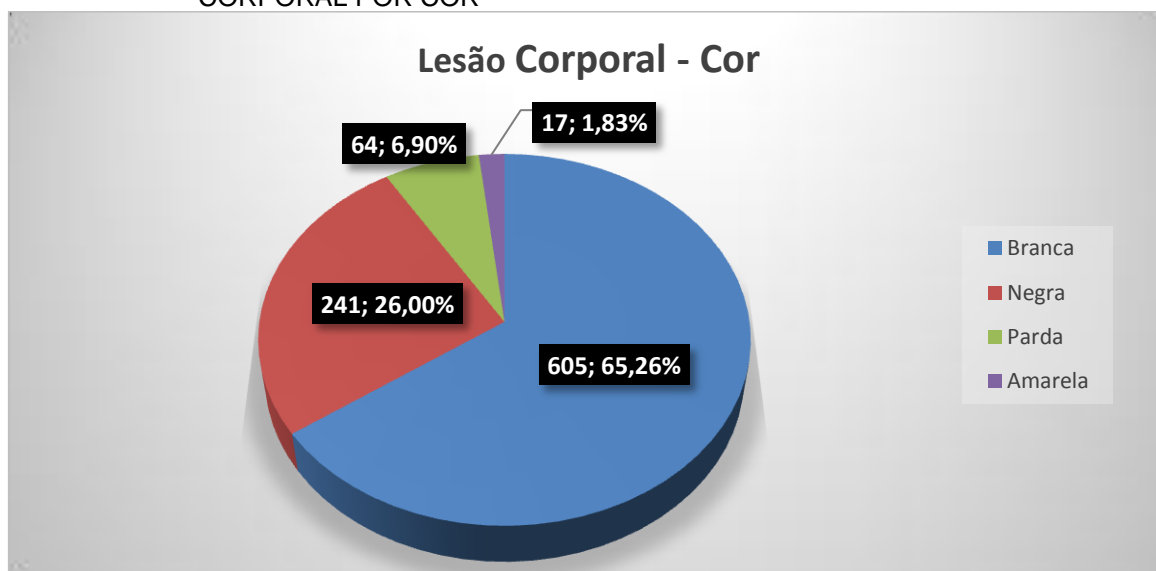
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 28 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: LESÃO CORPORAL POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Por último, apresenta-se a característica Cor dos Réus deste Grupo de Lesão Corporal. A Branca é predominante somando 605 representantes ou 65,26% do total válido. Após, está a Negra com 241 ou 26,00%. E, com números bem

menores, estão os Pardos (64-6,90%) e os Amarelos (17-1,83%), constituindo 81(8,73%) situações.

TABELA 31 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR COR

Cor**	Lesão Corporal					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Branca	5	43	249	308	0	605
Negra	1	16	90	134	0	241
Parda	0	1	27	36	0	64
Amarela	1	2	4	10	0	17
Total Válido*	7	62	370	488	0	927
Não Informado	35	175	145	70	5	430
Total Geral	42	237	515	558	5	1357

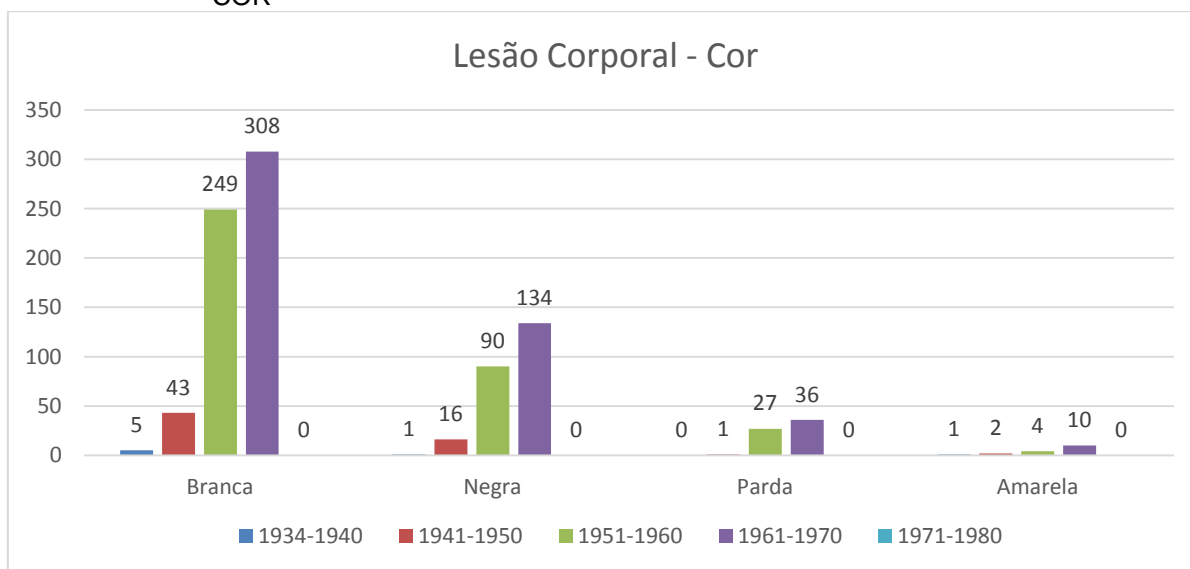
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

** NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 29 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: LESÃO CORPORAL POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Como observado nas tabelas/gráficos anteriores, por Período, há um crescimento dos delitos entre os anos de 1941 a 1950, porém há uma aceleração maior no período de 1951 a 1970 em todos os grupos. Os Brancos na década de 1941 eram 43, pularam para 249 na década seguinte, chegando a 308 entre 1961 a 1970. Nas mesmas décadas, os Negros somavam 16, 90 e depois 134; os Pardos

eram somente 1, em seguida 27 e 36 e os Amarelos, de 2 foram para 4 até o total de 10.

4.2 CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE

TABELA 32 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE

Crimes	Crimes Contra a Propriedade	
	Quantidade	Porcentagem
Furto*	1183	44,57%
Estelionato*	1051	39,60%
Apropriação indébita*	199	7,50%
Roubo	132	4,97%
Receptação	66	2,49%
Violação de domicílio	20	0,75%
Alteração de limites	2	0,08%
Duplicata simulada	1	0,04%
Total Geral	2654	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum Da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

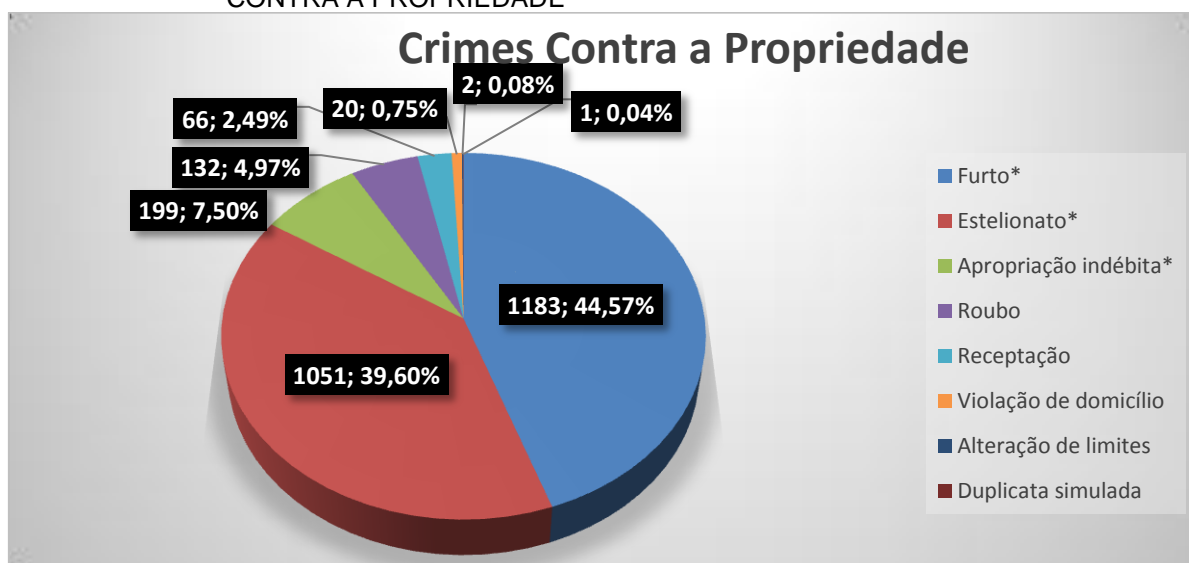
* NOTA: Para melhor apresentação visual, na Tabela e Gráfico, estão agrupados os crimes:

A) Furto (1.183): Furto de coisa comum (6), Furto (797), Furto qualificado (331), Furto/furto qualificado (26), Peculato (10), Esbulho possessório (8), Furto qualificado/Estelionato (3) e Furto/estelionato (2);

B) Estelionato (1.051): Estelionato (1043) e Estelionato/Extorsão indireta (8);

C) Apropriação indébita (199): Apropriação de coisa havida por erro, caso fortuito ou força da natureza (5), Apropriação de coisa achada (3), Apropriação indébita (190) e Apropriação indébita/Estelionato (1).

GRÁFICO 30 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O maior grupo é o dos Crimes Contra a Propriedade, com 2.654 réus. O Furto e o Estelionato foram os crimes mais praticados, somando 2.234 ou 84,17% do total, correspondendo, respectivamente, a 1183 (44,57%) e 1051 (39,60) situações. Seguem-se 199 delitos de Apropriação Indébita com 7,50%; 132 de Roubo ou 4,97% e 66 de Receptação com 2,49%. As ocorrências com menor incidência foram as de Violação de domicílio (20-0,75%), Alteração de Limites (2-0,08%) e Duplicata Simulada (1-0,04%), totalizando 23 ou 0,87% da pesquisa.

Tabela 33 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO E POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE

Crimes	Crimes Contra a Propriedade															Tot
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Furto*	4	21,05	0,34	108	47,58	9,13	416	37,14	35,16	653	50,90	55,20	2	40,00	0,17	1183
Estelionato*	9	47,37	0,86	76	33,48	7,23	542	48,39	51,57	421	32,81	40,06	3	60,00	0,28	1051
Aprop indéb**	0	0,00	0,00	10	4,40	5,03	76	6,79	38,19	113	8,81	56,78	0	0,00	0,00	199
Roubo	6	31,58	4,55	29	12,78	21,97	31	2,77	23,48	66	5,14	50,00	0	0,00	0,00	132
Receptação	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	52	4,64	78,79	14	1,09	21,21	0	0,00	0,00	66
Viol domicílio**	0	0,00	0,00	3	1,32	15,00	3	0,27	15,00	14	1,09	70,00	0	0,00	0,00	20
Alt de limites**	0	0,00	0,00	1	0,44	50,00	0	0,00	0,00	1	0,08	50,00	0	0,00	0,00	2
Dup simulada**	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	0,08	100,00	0	0,00	0,00	1
Total Geral	19	100,00	0,72	227	100,00	8,55	1120	100,00	42,20	1283	100,00	48,34	5	100,00	0,19	2654

FONTE: Banco De Dados Dos Autos Criminais Do Fórum Da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de Historia/UEL

**NOTA: Aprop indéb (Apropriação indébita), Viol domicílio (Violação de domicílio), Alt de limites (Alteração de limites) e Dup simulada (Duplicata simulada)

* NOTA: Para melhor apresentação visual, na Tabela e Gráfico, estão agrupados os crimes:

A) Furto (1183): Furto de coisa comum (6), Furto (797), Furto qualificado (331), Furto/furto qualificado (26),Peculato(10),Esbulho possessório(8),Furto qualificado/Estelionato(3) e Furto/estelionato(2);

B) Estelionato (1051): Estelionato (1043) e Estelionato/Extorsão indireta (8);

C) Apropriação indébita (199): Apropriação de coisa havida por erro, caso fortuito ou força da natureza (5), Apropriação de coisa achada (3), Apropriação indébita (190) e Apropriação indébita/Estelionato (1).

D) *% Col: porcentagem dos dados da coluna;

E) *% Lin: porcentagem dos dados da linha

A partir das informações da Tabela acima, constatam-se 108 (9,13%) crimes de Furto entre 1941 a 1950; esse valor mais que triplicou, chegando a 416 (35,16%) no decênio seguinte e foi para 653 (55,20%) entre 1961 a 1970.

No mesmo intervalo acima, o Estelionato contava com apenas 76 (7,23%) casos, aumentou progressivamente para 542 (51,57%) e após, diminuiu para 421 (40,06%). Os delitos de Apropriação indébita e Roubo apresentaram respectivamente, 10 (5,03%) e 29 (21,97%); depois 76 (38,19%) e 31 (23,48%) e

elevaram-se para 113 (56,78%) e 66 (50,00%). Quanto às situações de Violação de Domicílio, tiveram 3 (15,00%), repetiram 3(15,00%) novamente e quase quintuplicaram-se para 14 (70,00%).

Observam-se ainda, 52 (78,79%) ocorrências de Receptação entre 1951 a 1960 e 14 (21,21%) no final de 1970; 2 registros de Alteração de limites, sendo 1 (50,00%) na década 1941 a 1950 e mais 1 (50,00%) entre 1961 a 1970. Também neste último decênio, houve só 1 (100,00%) registro de Duplicata simulada.

Analisando-se a distribuição linear dos crimes no período analisado, as maiores ocorrências foram em 1951a 1960 com Estelionato (542-51,57%) / Receptação (52-78,79%) e em 1961 a 1970: Furto (653-55,20%), Apropriação Indébita (113-56,78%), Roubo (66-50,00%), Violação de domicílio (14-70,00%).

E comparando-os no período decenal, os mais incidentes são: em 1941 a 1950, Furto com 108 (47,58%); em 1951 a 1960, Estelionato com 542 (48,39%) e em 1961 a 1970, novamente o Furto com 653 (50,90%). Ressalta-se que este último foi a infração mais frequente em 2 decênios, como também em todo período analisado.

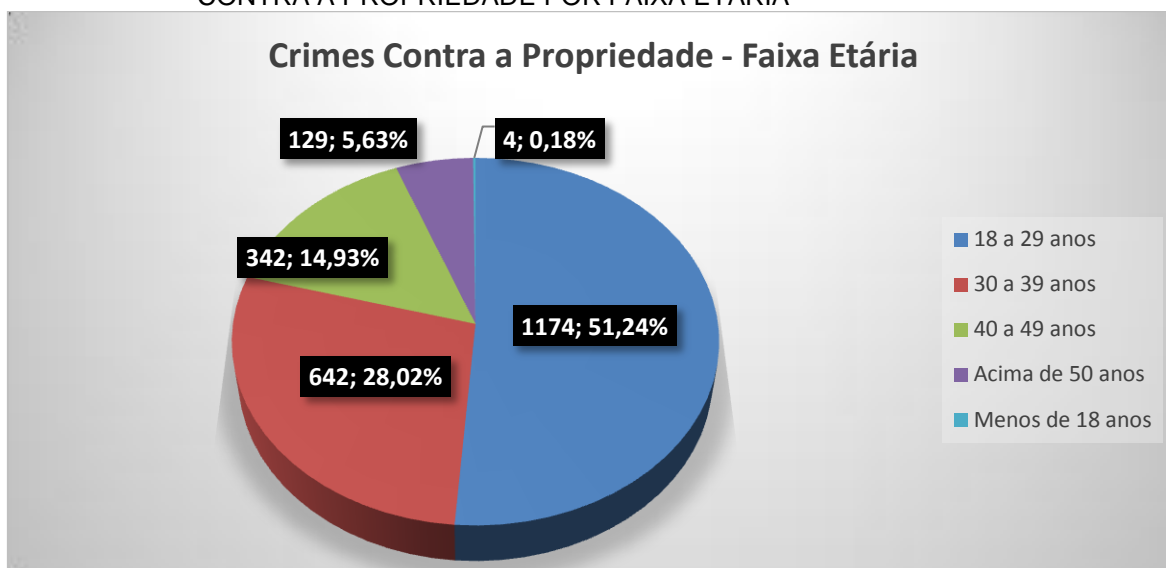
TABELA 34 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes contra a propriedade			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	1174	44,23%	1174	51,24%
30 a 39 anos	642	24,19%	642	28,02%
40 a 49 anos	342	12,89%	342	14,93%
Acima de 50 anos	129	4,86%	129	5,63%
Menos de 18 anos	4	0,15%	4	0,18%
Não informado	363	13,68%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	2291	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 31 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Na Tabela e Gráfico em referência, verifica-se que os jovens da Faixa Etária de 18 a 29 anos foram os que mais praticaram estes crimes, no total de 1.174 ou 51,24% da porcentagem válida. Em segundo lugar, a Faixa de 30 a 39 anos apresenta 642 (28,02%) ocorrências e em terceiro, a de 40 a 49 com 342 (14,93%). A seguir, encontram-se os Réus com idades acima de 50 anos (129-5,63%) e com menos de 18 (4-0,18%), somando 133 ou 5,81% do total válido da pesquisa.

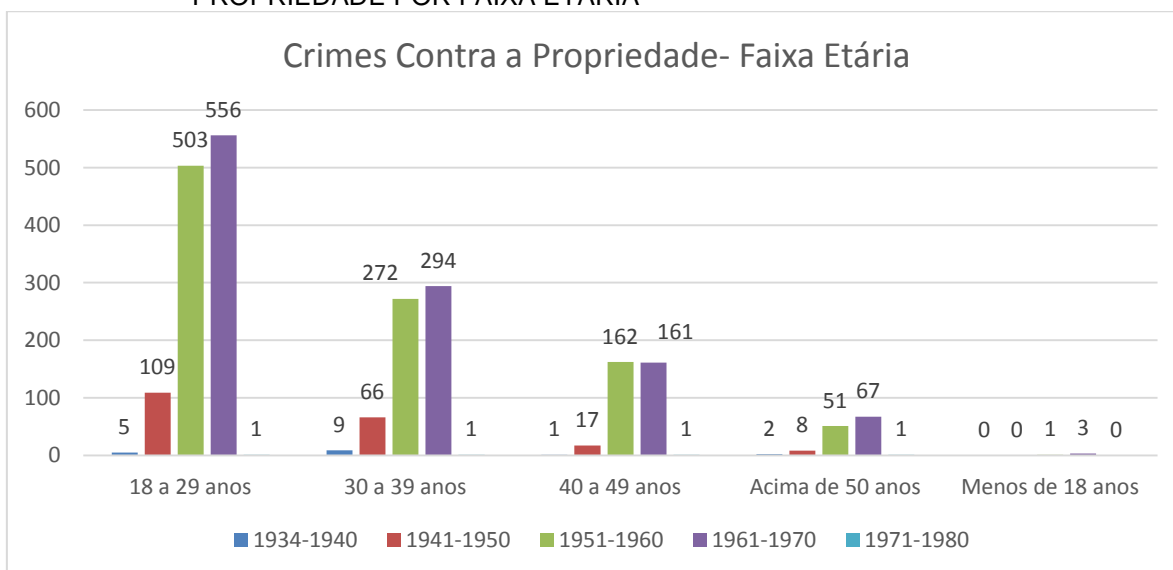
TABELA 35 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
18 a 29 anos	5	109	503	556	1	1174
30 a 39 anos	9	66	272	294	1	642
40 a 49 anos	1	17	162	161	1	342
Acima de 50 anos	2	8	51	67	1	129
Menos de 18 anos	0	0	1	3	0	4
Total Válido*	17	200	989	1081	4	2291
Não informado	2	28	131	202	0	363
Total Geral	19	227	1120	1283	4	2654

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de LONDRINA - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 32 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA PROPRIEDADE POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com referência à periodização, as faixas de idade que englobam de 18 a 29 anos, 30 a 39 e acima de 50 anos tiveram um aumento no período de 1941 a 1970, nas seguintes proporções, respectivamente: 109, 503, 556; 66, 272, 294; 8, 51 e 67. A faixa de 40 a 49 anos, em igual período, iniciou com 17 e depois foi de 162 para 161, mantendo-se praticamente estável, no final de 1970. A faixa que tange os menores de 18 anos teve um número baixo de réus, 4, sendo 1 deles no período de 1951 a 1960 e 3 entre 1961 a 1970.

TABELA 36 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR SEXO

Sexo	Crimes contra a propriedade			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	2569	96,80%	2569	97,94%
Feminino	54	2,03%	54	2,06%
Não Informado	31	1,17%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	2623	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 33 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Neste grupo, os homens, 2.569, são maioria com 97,94% do total válido de 2.623 Réus. Já as mulheres somam apenas 54, um valor muito inferior, correspondendo a 2,06% da porcentagem válida do grupo.

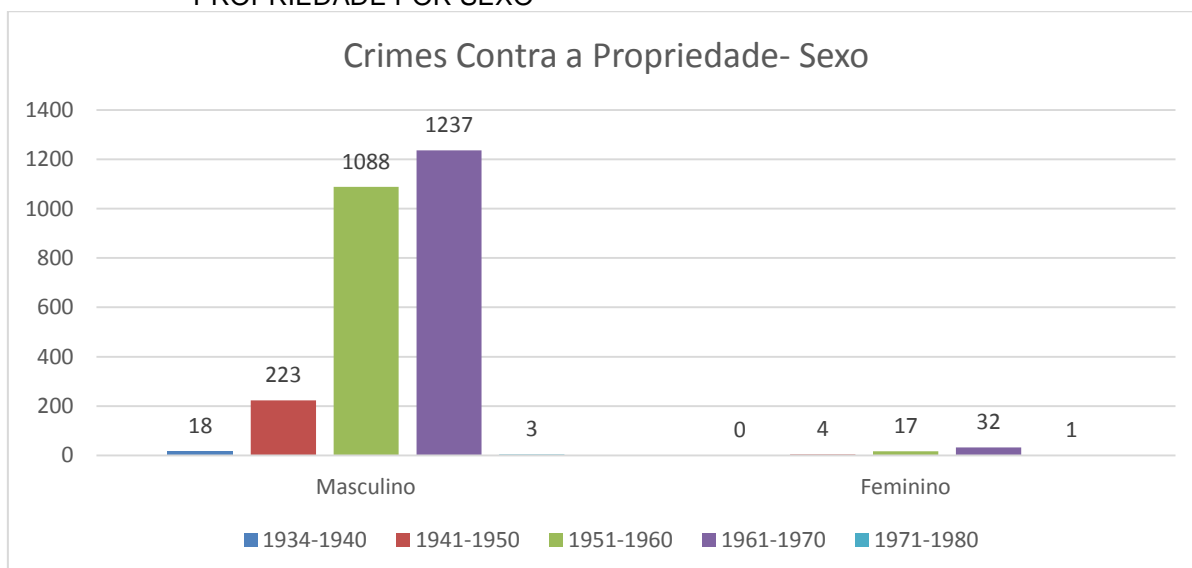
TABELA 37 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR SEXO

Sexo	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Masculino	18	223	1088	1237	3	2569
Feminino	0	4	17	32	1	54
Total Válido*	18	227	1105	1269	4	2623
Não Informado	1	1	15	14	0	31
Total Geral	19	227	1120	1283	4	2654

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 34 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA PROPRIEDADE POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Tanto o Sexo Masculino como o Feminino tiveram aumento com o passar das décadas analisadas. Os Homens eram 223 réus no período de 1941 a 1950; tiveram um aumento expressivo para 1088 em 1951 a 1960 e passaram para 1237 entre 1961 a 1970. As Mulheres, em igual período, eram apenas em número de 4, que pulou para 17 e quase dobrou para 32 réus, no final de 1970.

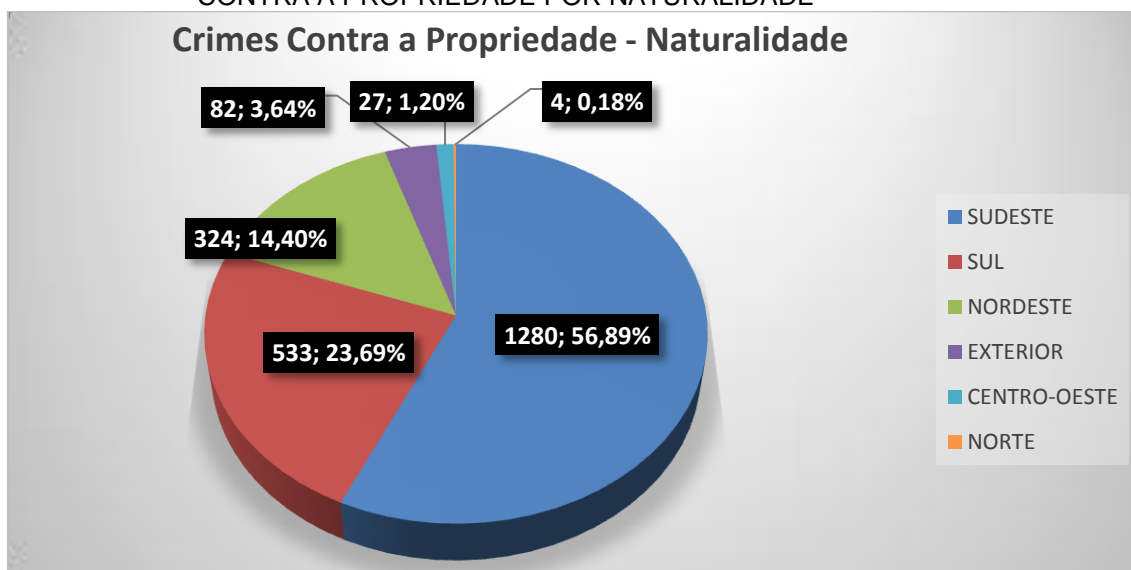
TABELA 38 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NATURALIDADE

Crimes contra a propriedade				
Naturalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	1280	48,23%	1280	56,89%
SUL	533	20,08%	533	23,69%
NORDESTE	324	12,21%	324	14,40%
EXTERIOR	82	3,09%	82	3,64%
CENTRO-OESTE	27	1,02%	27	1,20%
NORTE	4	0,15%	4	0,18%
NÃO INFORMADO	404	15,22%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	2250	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 35 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

No grupo por Naturalidade, a região Sudeste aparece em maior número, com 1.280 Réus ou 56,89% do total válido de 2.250. Em segundo lugar, a região Sul com quase metade do valor da região anterior, ou seja, 533 ou 23,69%. E, em terceiro, a região Nordeste com 324 indivíduos ou 14,40%. As demais, quais sejam, Exterior (82-3,64%), Centro-Oeste (27-1,20%) e Norte (4-0,18%) possuem juntas 113 situações ou 5,02% da porcentagem válida.

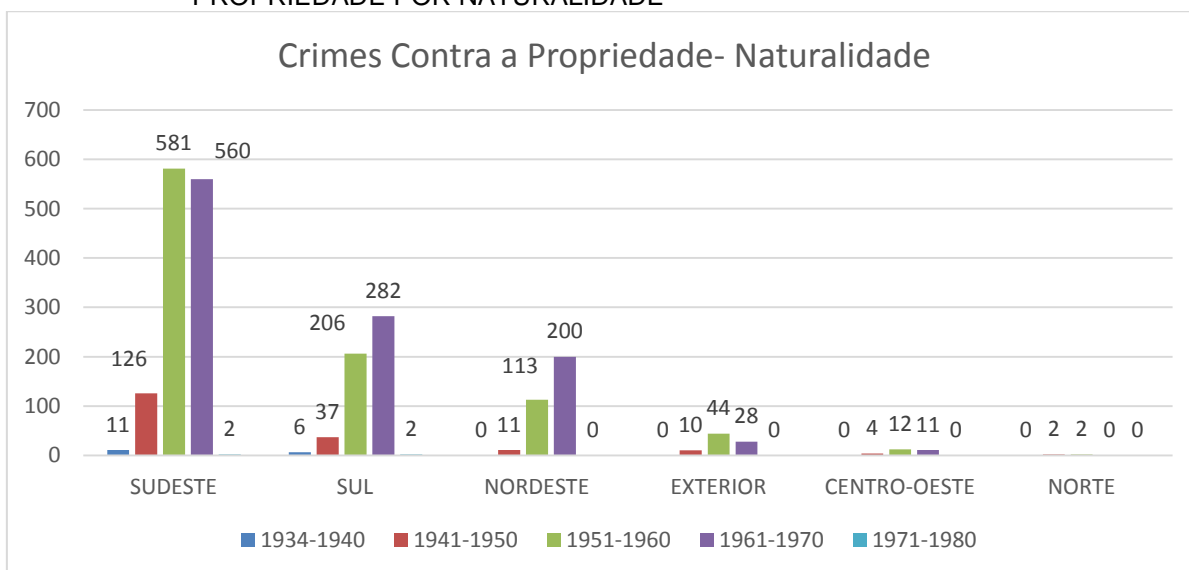
TABELA 39 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NATURALIDADE

Naturalidade	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
SUDESTE	11	126	581	560	2	1280
SUL	6	37	206	282	2	533
NORDESTE	0	11	113	200	0	324
EXTERIOR	0	10	44	28	0	82
CENTRO-OESTE	0	4	12	11	0	27
NORTE	0	2	2	0	0	4
Total Válido*	17	190	958	1081	4	2250
Não Informado	2	39	162	202	0	404
Total Geral	19	227	1120	1283	4	2654

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 36 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Nos Crimes Contra a Propriedade, o Sudeste, responsável pelo maior número de réus, iniciou a década de 1941 a 1950 com 126; saltou para 581 entre 1951 a 1960 e sofreu um decréscimo para 560 em 1970. O mesmo aconteceu com os Estrangeiros nesse mesmo período com 10, depois 44 e 28. Quanto aos indivíduos naturais dos estados do Sul eram 37 na década de 1941 a 1950 e entre os anos de 1951 a 1970, aumentaram de 206 para 282, ao contrário do Sudeste. Seguindo essa tendência de crescimento, os originários do Nordeste somavam 11 e depois, passaram de 113 para 200. O número daqueles que vieram dos estados da região Centro-Oeste estabilizou-se em um valor baixo, passando de 12 para 11 entre os anos de 1960 a 1970. A região Norte aparece apenas com 4 réus, 2 no período de 1941 a 1950 e 2 no período de 1951 a 1960.

TABELA 40 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NACIONALIDADE

Crimes contra a propriedade				
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	2356	88,77%	2356	94,74%
Oriente*	57	2,15%	57	2,29%
Europa ocidental*	51	1,92%	51	2,05%
Países americanos*	9	0,34%	9	0,36%
Europa oriental*	8	0,30%	8	0,32%
Oriente médio*	6	0,23%	6	0,24%
Não Informado	167	6,29%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	2487	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
- B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
- C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia);
- D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
- E) Oriente* (Japão, China);
- F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 37 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação à Nacionalidade dos Réus, a Brasileira é a que está mais presente com 2.356 ou 94,74% da porcentagem válida. Em seguida, estão aqueles que vieram do Oriente (57-2,29%) e da Europa Ocidental (51-2,05%), somando 108 situações ou 4,34%. Por fim, os menores subgrupos são aqueles de origem dos Países Americanos, da Europa Oriental e do Oriente Médio, com respectivamente, 9 (0,36%), 8 (0,32%) e 6 (0,24%) réus do total válido de 2.487 pesquisados.

TABELA 41 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Brasileiro*	17	200	970	1165	4	2356
Oriente*	1	2	43	11	0	57
Europa ocidental*	0	8	24	19	0	51
Países americanos*	0	0	6	3	0	9
Europa oriental*	0	1	5	1	0	7
Oriente médio*	0	0	1	6	0	7
Total Válido*	18	211	1049	1205	4	2487
Não Informado	1	17	71	78	0	167
Total Geral	19	227	1120	1283	4	2654

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

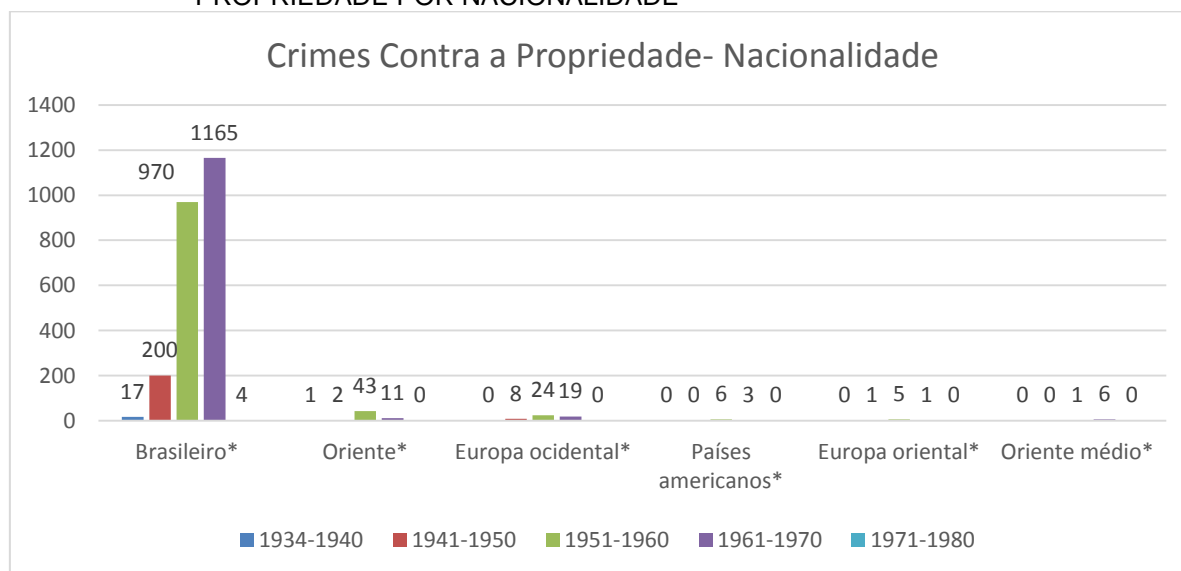
C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China);

F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 38 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os réus de Nacionalidade Brasileira aumentaram com o passar das décadas analisadas. Entre 1941 a 1950, o total de 200 passou para 970 na década seguinte, 1951 a 1960. E, na posterior, de 1961 a 1970, houve novamente outro aumento para 1.165 réus. Com relação às outras nacionalidades, o número de réus foi baixo, se

comparado ao dos brasileiros. No mesmo intervalo anterior, aqueles oriundos do Oriente eram 2, depois foram para 43 e diminuíram para 11. Os naturais de países da Europa Ocidental somaram 51. A maior parte deles, 43, está no período de 1951 a 1970 e o restante, 8, entre 1941 a 1950. Os últimos três grupos, Países Americanos, Europa Oriental e Oriente Médio totalizam 23 réus, sendo que 22 deles situam-se no período de 1951 a 1970.

TABELA 42 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR ESTADO CIVIL

Crimes contra a propriedade				
Estado Civil	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	1304	49,13%	1304	53,31%
Solteiro	1076	40,54%	1076	43,99%
Desquitado/separado*	40	1,51%	40	1,64%
Viúvo	26	0,98%	26	1,06%
Não Informado	208	7,84%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	2446	100,00%

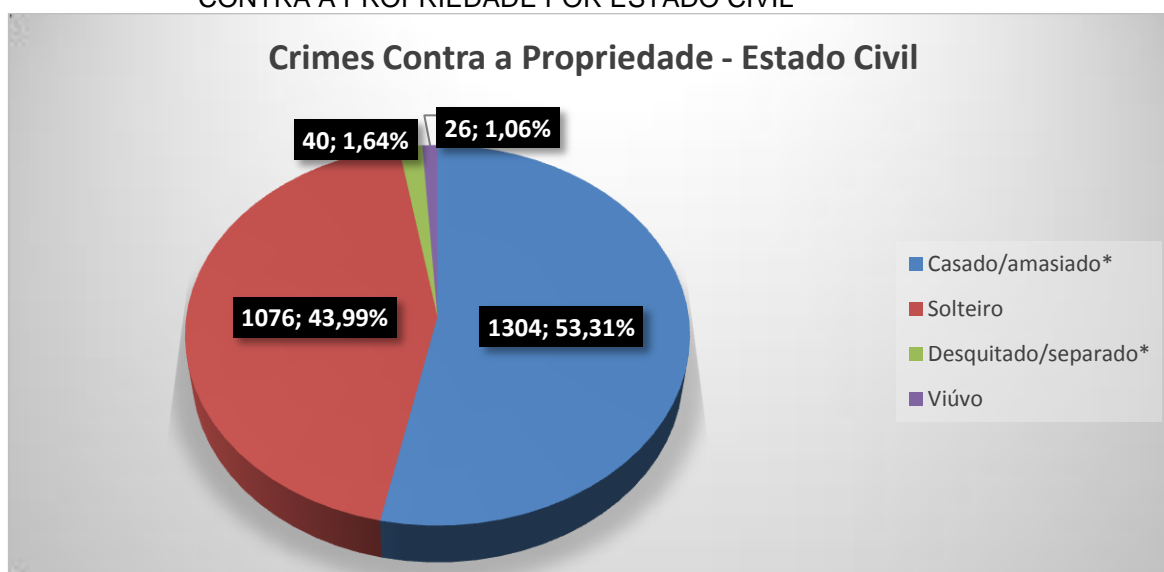
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

- A) solteiro
- B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável
- C) viúvo
- D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação

GRÁFICO 39 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Neste grupo, Crimes Contra a Propriedade, os Casados/amasiados representam a maior parte dos Réus, ou seja, 1.304 ou 53,31% da porcentagem válida. Já os Solteiros também aparecem significativamente com 1.076 ou 43,99%. Restam, ainda, os Desquitados/separados (40-1,64%) e Viúvos (26-1,06%), somando 66 (2,70%) situações do total válido.

TABELA 43 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Casado/amasiado*	11	97	554	640	2	1304
Solteiro	7	103	457	508	1	1076
Desquitado/separado*	0	2	13	24	1	40
Viúvo	0	6	11	9	0	26
Total Válido*	18	208	1035	1181	4	2446
Não Informado	1	20	85	102	0	208
Total Geral	19	228	1120	1283	4	2654

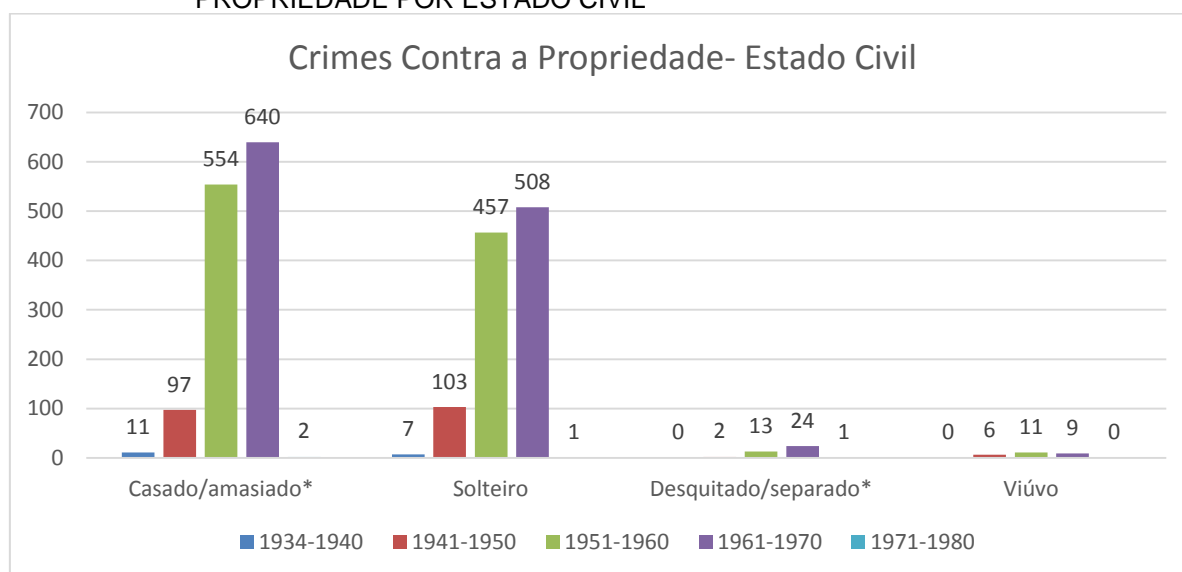
FONTE: BANCO de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

- A) solteiro
- B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável
- C) viúvo
- D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 40 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação ao Estado Civil dos Réus, tanto os Casados como os Solteiros aumentaram com o passar das décadas. O número dos primeiros era de 97, na década de 1941 a 1950; elevou-se para 554 na década de 1951 a 1960 e na seguinte, para 640. Neste mesmo intervalo de tempo, os Solteiros eram 103, aumentaram para 457 e chegaram a 508. Os Desquitados/separados apresentam mais réus, 13, na década de 1951 a 1960 e 24, no final de 1970. Comparando-os com os Viúvos neste período, ocorreu o inverso, pois de 11 passaram para 9.

TABELA 44 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR COR

Crimes contra a propriedade				
Cor	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca	1074	40,47%	1074	65,93%
Negra	393	14,81%	393	24,12%
Parda	121	4,56%	121	7,43%
Amarela	41	1,54%	41	2,52%
Não Informado	1025	38,62%	-	-
Total Geral	2654	100,00%	1629	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UDEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

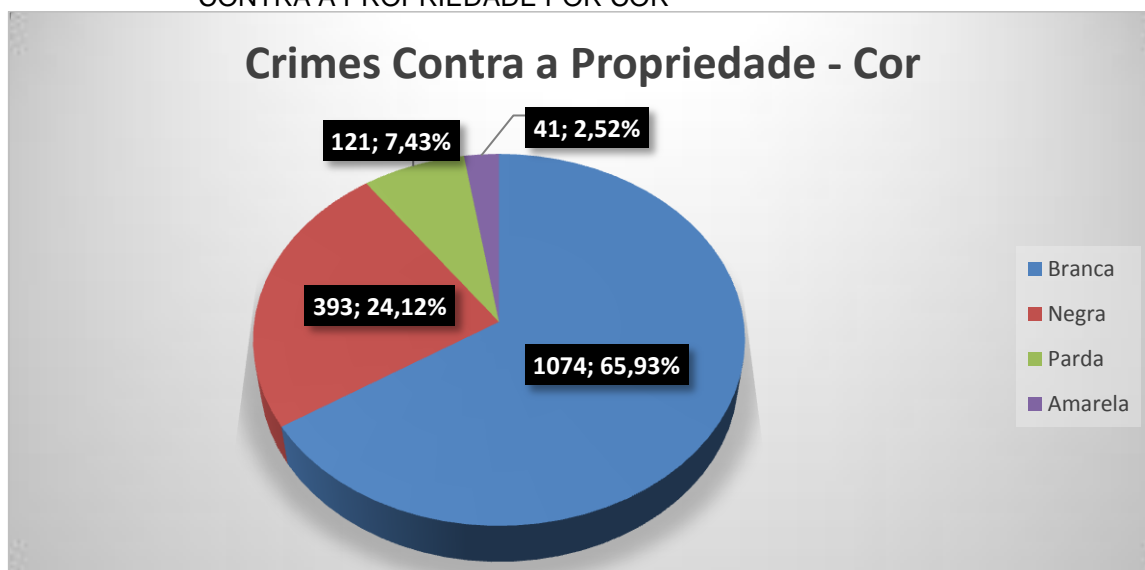
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 41 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UDEL

Os Brancos, em número de 1.074, destacam-se com 65,93% da porcentagem válida de Réus. Negros (393) e Pardos (121) aparecem em seguida com 24,12% e 7,43%, respectivamente. E os Amarelos (41), em minoria, representam apenas 2,52% do total válido de 1.629 pesquisados.

TABELA 45 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR COR

Cor	Crimes Contra a Propriedade					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Branca	4	43	464	562	1	1074
Negra	3	17	149	223	1	393
Parda	0	4	53	64	0	121
Amarela	0	9	24	8	0	41
Total Válido*	7	73	690	857	2	1629
Não Informado	12	155	430	426	2	1025
Total Geral	19	227	1120	1283	4	2654

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

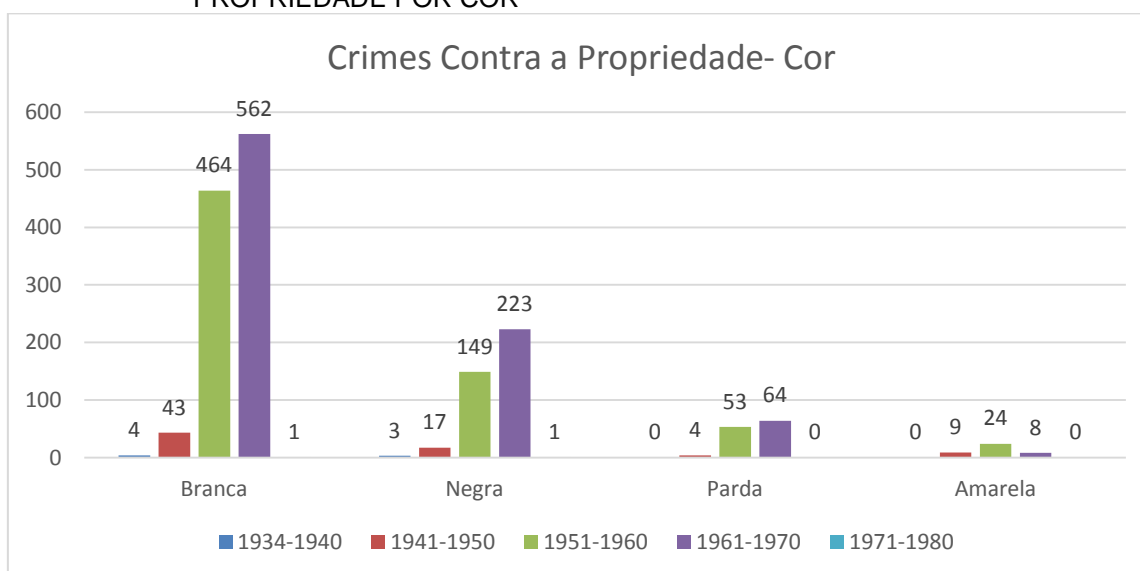
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 42 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os réus da Cor Branca aumentaram, significativamente, mais do que os da etnia Negra, porém estes em menores números absolutos. Na década de 1941 a

1950, os primeiros somavam 43 e entre as décadas de 1951 a 1970, aumentaram de 464 para 562. Observa-se que este é o maior valor do período, em relação às outras categorias. Nas mesmas décadas anteriores, os Negros eram 17 e elevaram-se de 149 para 223. Os Pardos tem maior presença entre 1951 a 1970, com 53 na década de 1951 e 64 na seguinte. E os réus de raça Amarela apresentaram um quadro diferente das anteriores. Observa-se que em 1941 a 1950, o total de 9 indivíduos aumentou para 24 entre os anos de 1951 a 1960 e depois foi reduzido para 8, no final de 1970.

4.3 CRIMES DE SANGUE

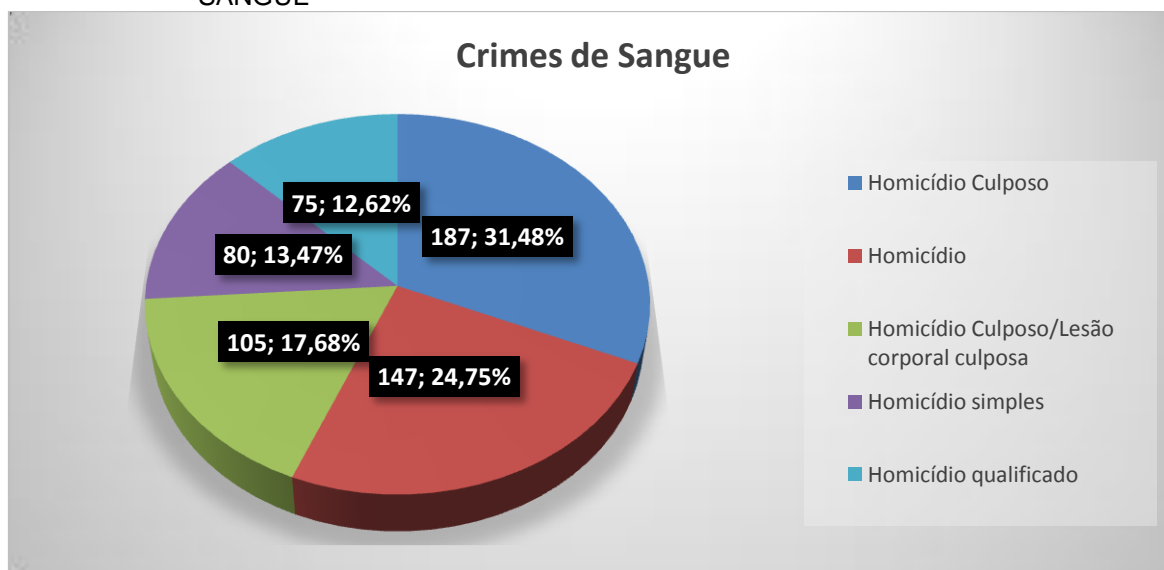
TABELA 46 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE

Crimes	Crimes de Sangue	
	Quantidade	Porcentagem
Homicídio Culposo	187	31,48%
Homicídio	147	24,75%
Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa	105	17,68%
Homicídio simples	80	13,47%
Homicídio qualificado	75	12,62%
Total Geral	594	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 43 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

No grupo Crimes de Sangue, os Réus estão divididos de forma mais homogênea entre os diversos delitos. O Homicídio Culposo foi o mais cometido por 187 (31,48%) indivíduos do total de 594. Logo em seguida, estão o Homicídio e o Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa com 147 (24,75%) e 105 (17,68%) ocorrências, respectivamente. Por último, quase empatados, estão o Homicídio simples, que apresenta 80 situações com 13,47% e o Homicídio Qualificado com 75 ou 12,62% da pesquisa.

TABELA 47 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO E POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE

Crimes	Crimes de Sangue															Tot
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Hom Culposo**	12	20,34	6,42	13	14,29	6,95	36	21,56	19,25	124	45,26	66,31	2	66,67	1,07	187
Homicídio	47	79,66	31,97	28	30,77	19,05	36	21,56	24,49	35	12,77	23,81	1	33,33	0,68	147
Hom C/L c c**	0	0,00	0,00	7	7,69	6,67	41	24,55	39,05	57	20,80	54,28	0	0,00	0,00	105
Hom simples**	0	0,00	0,00	28	30,77	35,00	26	15,57	32,50	26	9,49	32,50	0	0,00	0,00	80
Hom qualif**	0	0,00	0,00	15	16,48	20,00	28	16,76	37,33	32	11,68	42,67	0	0,00	0,00	75
Total Geral	59	100,00	9,93	91	100,00	15,32	167	100,00	28,11	274	100,00	46,13	3	100,00	0,51	594

FONTE: Banco De Dados Dos Autos Criminais Do Fórum Da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de Historia/UEL

**NOTA: Hom Culposo (Homicídio Culposo), Hom C/L c c (Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa), Hom simples (Homicídio simples) e Hom qualif (Homicídio qualificado).

* NOTA: A) % Col: porcentagem dos dados da coluna;

B) % Lin: porcentagem dos dados da linha

Conforme dados da Tabela 47, na linha, verifica-se que, na década de 1941 a 1950, houve 13 (6,95%) situações de Homicídio Culposo; em 1951 a 1960, mais que dobrou para 36 (19,25%) e entre 1961 a 1970, aumentou significativamente para 124 (66,31%).

Nas mesmas décadas anteriores, o Homicídio tinha 28 (19,05%) casos, foi para 36 (24,49%) e caiu para 35 (23,81%). Os casos de Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa eram apenas 7 (6,67%), elevaram-se expressivamente para 41 (39,05%) e chegaram a 57 (54,28%). Já o Homicídio simples teve uma distribuição quase equitativa nos decênios, com 28 (35,00%), 26 (32,50%) e novamente 26 (32,50%). Quanto ao Homicídio qualificado, iniciou com 15 (20,00%), depois 28 (37,33%), terminando com 32 (42,67%).

Analisando-se linearmente, o “maior número” de crimes entre os decênios de 1941 a 1970 tem-se: no primeiro constata-se 28 (35,00%) situações de Homicídio

simples; no segundo, 36 (24,49%) de Homicídio e no terceiro 124 (66,31%) de Homicídio Culposo, 57 (54,28%) de Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa e 32 (42,67%) de Homicídio qualificado.

Traçando-se um paralelo entre os delitos no plano decenal, com relação ao indicador acima, tem-se que em 1941 a 1950, o Homicídio e o Homicídio simples apresentaram, igualmente, 28 (30,77%) casos; em 1951 a 1960, o Homicídio Culposo/Lesão corporal culposa, 41 (24,55%) e em 1961 a 1970, o Homicídio Culposo com 124 (45,26%), torna-se o mais praticado no período analisado.

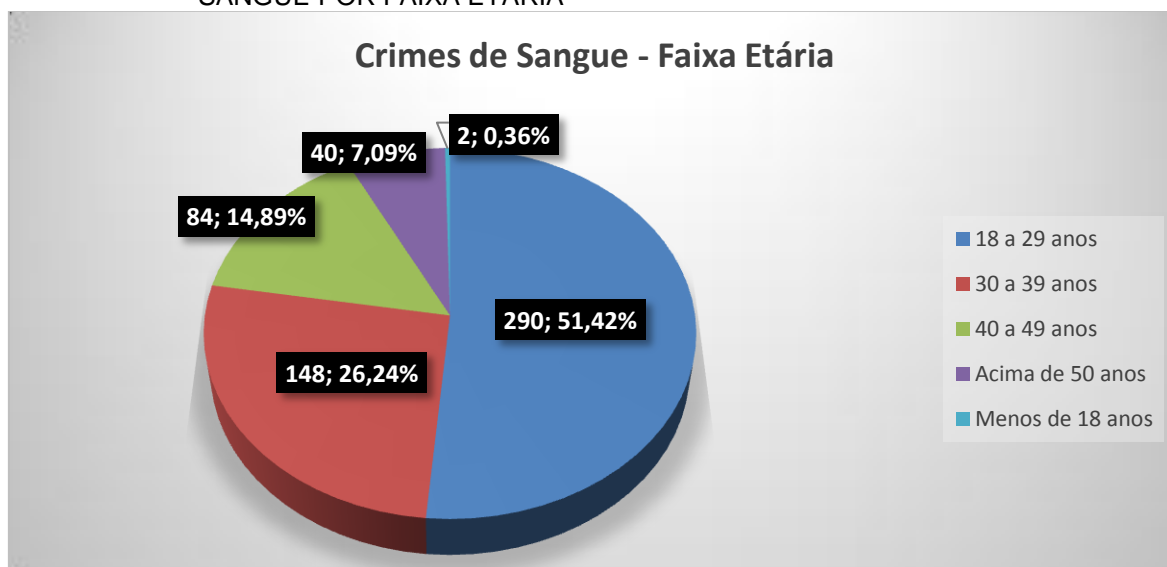
TABELA 48 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes de Sangue			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	290	48,82%	290	51,42%
30 a 39 anos	148	24,92%	148	26,24%
40 a 49 anos	84	14,14%	84	14,89%
Acima de 50 anos	40	6,73%	40	7,09%
Menos de 18 anos	2	0,34%	2	0,36%
Não informado	30	5,05%	-	-
Total Geral	594	100,00%	564	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 44 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Iniciando a análise do perfil dos réus deste grupo, observa-se que na Faixa Etária de 18 a 29 anos encontram-se aqueles que mais praticaram crimes, 290 com 51,42% da porcentagem válida. Além disso, são também os mais jovens, assim como ocorreu nos Grupos de Crimes Contra a Propriedade e Lesão Corporal. Em segundo lugar está a Faixa de 30 a 39 anos, com pouco mais da metade da faixa etária anterior, ou seja, 148 ocorrências ou 26,24%. Após, aparece a faixa etária de 40 a 49 anos com 84 indivíduos ou 14,89%. E finalizando, com poucos representantes, estão as faixas etárias acima de 50, com 40 réus ou 7,09% e menos de 18 anos, com 2 réus ou 0,36% do total válido de réus.

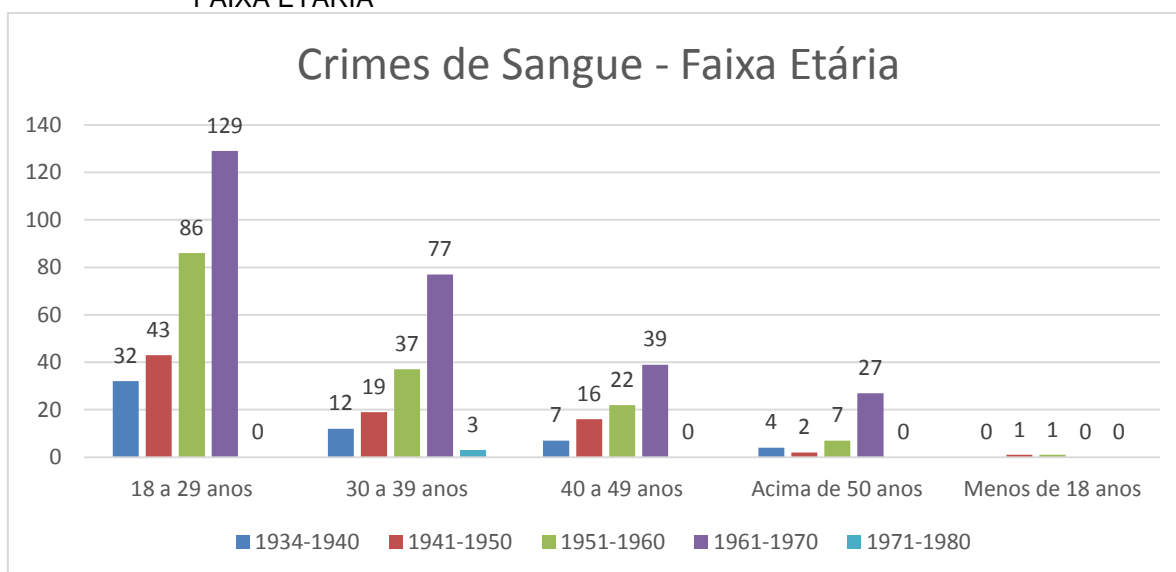
TABELA 49 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
18 a 29 anos	32	43	86	129	0	290
30 a 39 anos	12	19	37	77	3	148
40 a 49 anos	7	16	22	39	0	84
Acima de 50 anos	4	2	7	27	0	40
Menos de 18 anos	0	1	1	0	0	2
Total Válido*	55	81	153	272	3	564
Não informado	4	10	14	2	0	30
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 45 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação à Periodização deste Grupo, verifica-se que a Faixa Etária de 18 a 29 anos tinha 43 réus na década de 1941 a 1950; na próxima dobrou para 86 e no final de 1970, aumentou para 129. Entre aqueles situados na faixa de 30 a 39, nos mesmos períodos anteriores, eram 19, depois 37 e chegaram a 77. E os réus com 40 a 49, totalizavam 16; aumentaram para 22 e no final, 39. Quanto aos acima de 50, foram os que tiveram maiores aumentos, comparando-se com os grupos anteriores. E apresentaram mais indivíduos na década de 1951 a 1970, passando de 7 para 27. Observa-se que nestas faixas etárias, o índice de crescimento foi mais acentuado entre os anos de 1941 a 1970. Os réus com menos de 18 anos, somam 2, sendo 1 entre os anos de 1941 a 1950 e mais 1, na década de 1951 a 1960.

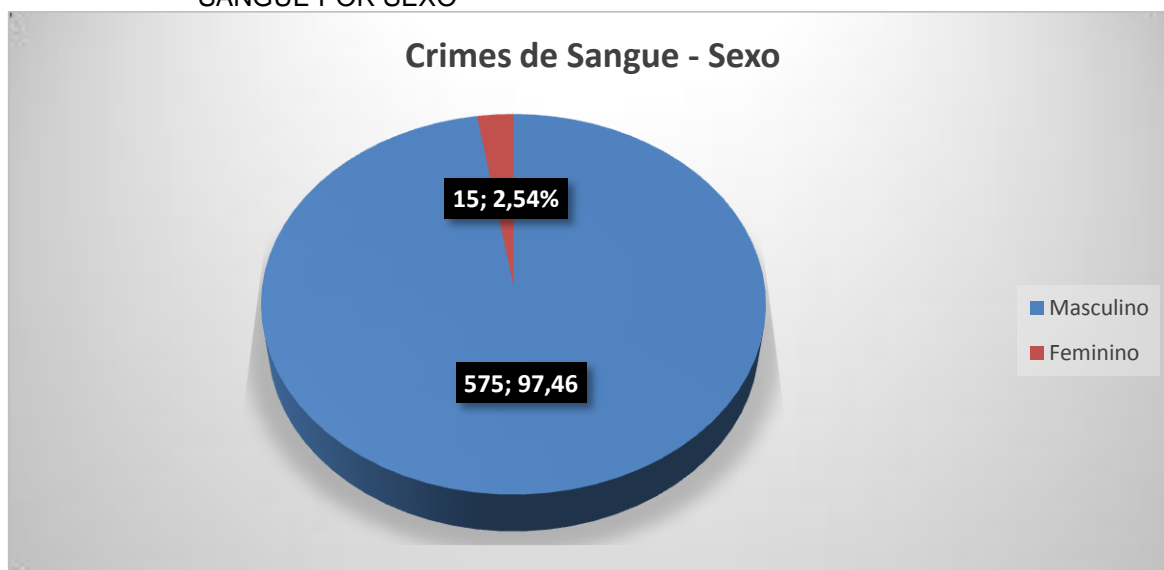
TABELA 50 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR SEXO

Crimes de Sangue				
Sexo	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	575	96,80%	575	97,46%
Feminino	15	2,53%	15	2,54%
Não Informado	4	0,67%	-	-
Total Geral	594	100,00%	590	100%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 46 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

No grupo Crimes de Sangue, os Homens quase são exclusividade, em número de 575 ou 97,46% da porcentagem válida. As mulheres somam apenas 15, com 2,54% da porcentagem válida de Réus.

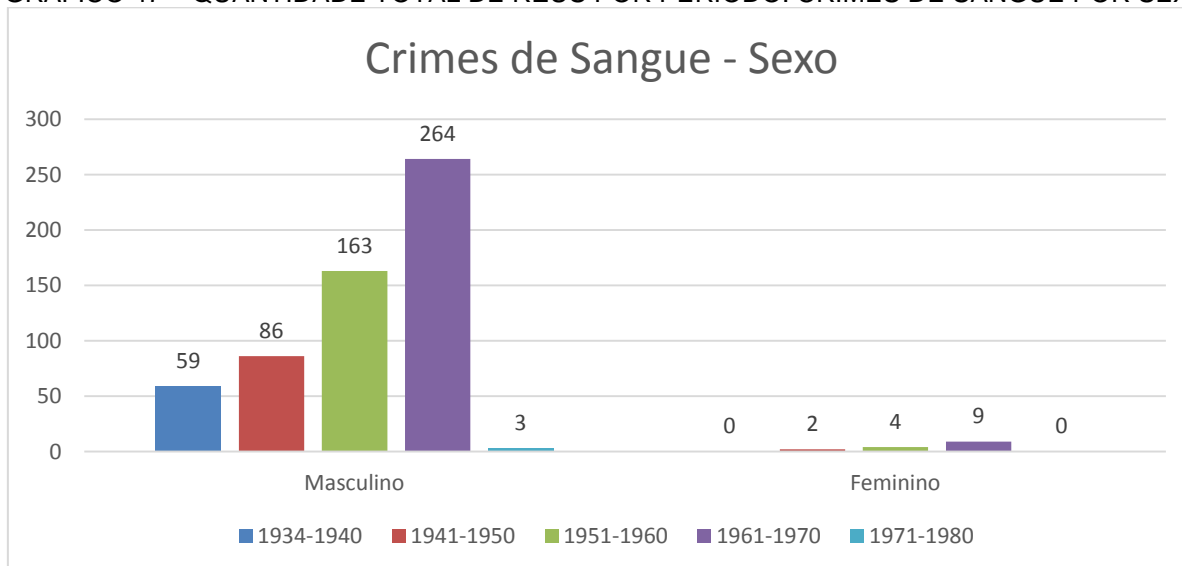
TABELA 51 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR SEXO

Sexo	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Masculino	59	86	163	264	3	575
Feminino	0	2	4	9	0	15
Total Válido*	59	88	167	273	3	590
Não informado	0	3	0	1	0	4
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 47 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

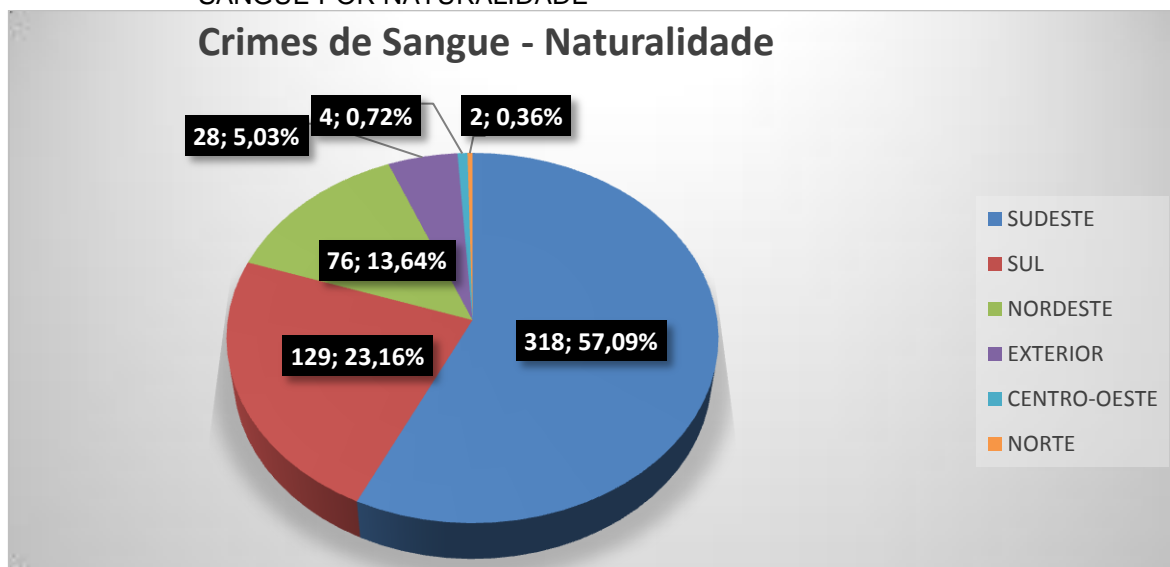
Conforme Tabela e Gráfico acima, verifica-se que o número de réus do sexo Masculino aumentou de forma considerável com o decorrer das décadas. No período de 1941 a 1950, a quantidade de réus, que era de 86, pulou para 163 em 1951 a 1960 e chegou a 264 na década de 1961 a 1970. Quanto aos crimes cometidos pelo sexo Feminino também progrediram, porém em números bem menos expressivos. Na década 1941 a 1950 somavam 2 e entre 1951 a 1970, passaram de 4 para 9 réus.

TABELA 52 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR NATURALIDADE

Crimes de Sangue				
Naturalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	318	53,54%	318	57,09%
SUL	129	21,72%	129	23,16%
NORDESTE	76	12,79%	76	13,64%
EXTERIOR	28	4,71%	28	5,03%
CENTRO-OESTE	4	0,67%	4	0,72%
NORTE	2	0,34%	2	0,36%
NÃO INFORMADO	37	6,23%	-	-
Total Geral	594	100,00%	557	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL
 * NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 48 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Em relação à Naturalidade dos Réus, dividida por regiões, verifica-se que a região Sudeste é a que predomina com 318 situações ou 57,09% da porcentagem válida. Seguem-se as regiões Sul com 129 ou 23,16% e Nordeste com 76 ou 13,64%. Por fim, com números pouco expressivos, há ainda os réus oriundos do Exterior (28-5,03%), Centro-Oeste (4-0,72%) e Norte (2-0,36%), totalizando 34 ocorrências ou 6,11% do total válido da pesquisa.

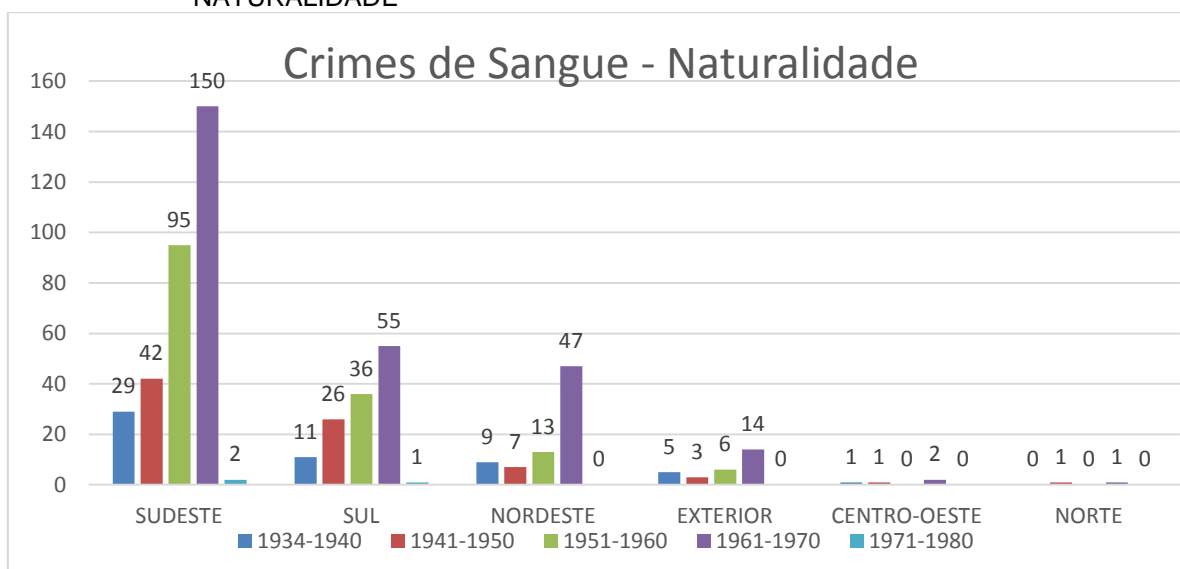
TABELA 53 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR NATURALIDADE

Naturalidade	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
SUDESTE	29	42	95	150	2	318
SUL	11	26	36	55	1	129
NORDESTE	9	7	13	47	0	76
EXTERIOR	5	3	6	14	0	28
CENTRO-OESTE	1	1	0	2	0	4
NORTE	0	1	0	1	0	2
Total Válido*	55	80	150	269	3	557
Não informado	4	11	17	5	0	37
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 49 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação à Naturalidade desse Grupo, semelhante ao que aconteceu com os Grupos anteriores, houve aumento do número de réus durante as décadas de 1941 a 1970. O montante de indivíduos naturais da região Sudeste somava 42, na década de 1941 a 1950 e nas décadas de 1951 a 1970, passou de 95 para 150. Nesse mesmo período, a evolução da quantidade de pessoas oriundas dos estados da região Sul foi menor, pois era de 26 e passou de 36 para 55. Ainda considerando o período já mencionado, a maior diferença encontra-se entre os naturais da região Nordeste, pois eram apenas 7 e progrediram de 13 para 47 indivíduos. Quanto ao Exterior, apresentaram mais ocorrências, 6, em 1951 a 1960 e 14 no final de 1970.

O Centro-Oeste (2) e o Norte (1), juntos, tiveram maior presença em 1961 a 1970, com 3 réus.

TABELA 54 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR NACIONALIDADE

Crimes de Sangue				
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	540	90,91%	540	94,90%
Europa ocidental*	22	3,70%	22	3,86%
Oriente*	5	0,84%	5	0,88%
Oriente médio*	1	0,17%	1	0,18%
Europa oriental*	1	0,17%	1	0,18%
Não Informado	25	4,21%	-	-
Total Geral	594	100,00%	569	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

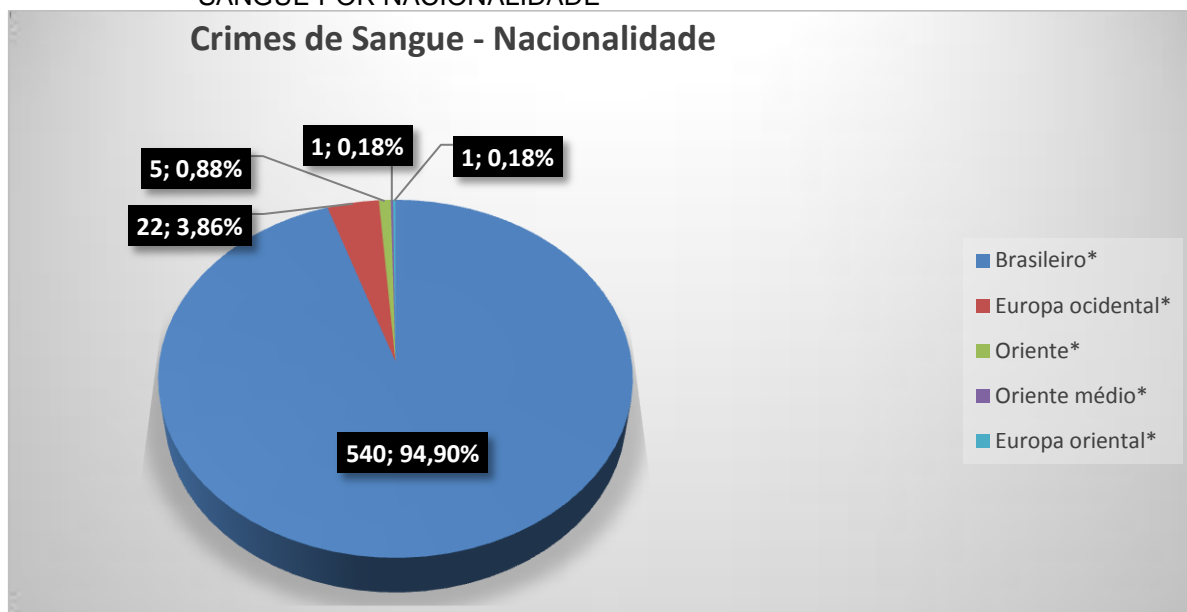
B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China)

GRÁFICO 50 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os Brasileiros, novamente, como nos Grupos anteriores, são os que mais praticaram Crimes de Sangue, somando 540 ou 94,90% da porcentagem válida.

Após, estão os oriundos da Europa Ocidental com 22 réus e 3,86%. As demais nacionalidades, com números ínfimos, totalizam 7 (1,24%) situações, sendo 5 (0,88%) daqueles que vieram do Oriente, 1 (0,18%) do Oriente Médio e 1 (0,18%) da Europa Oriental.

TABELA 55 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Brasileiro*	52	80	149	256	3	540
Europa ocidental*	5	2	5	10	0	22
Oriente*	0	0	0	5	0	5
Oriente médio*	0	0	0	1	0	1
Europa oriental*	0	0	1	0	0	1
Total Válido*	57	82	155	272	3	569
Não Informado	2	9	12	2	0	25
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

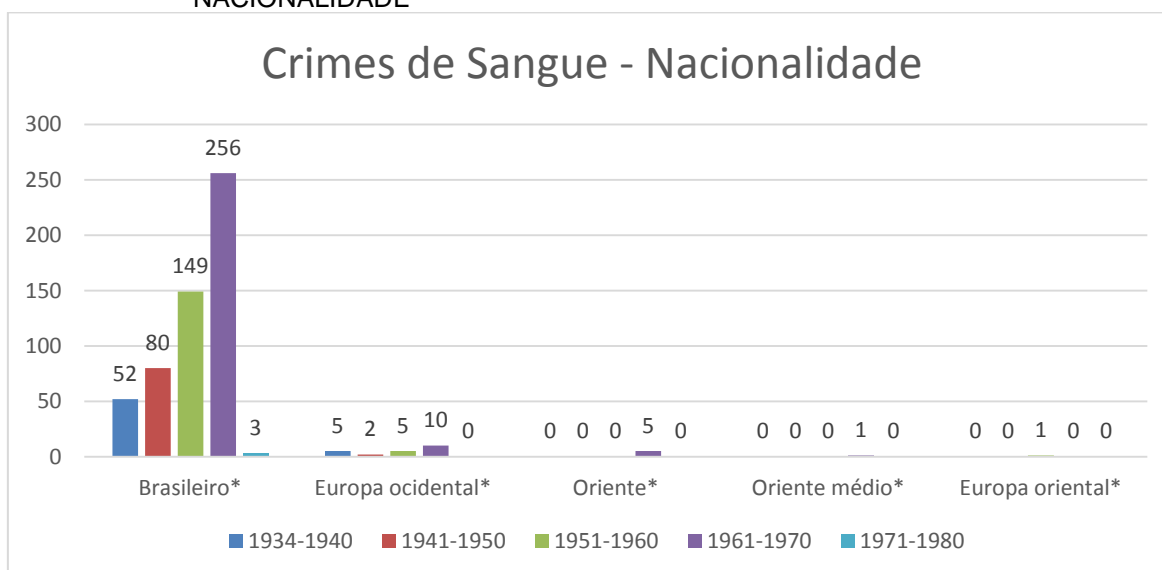
C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China)

F) Oriente médio* (Síria, Líbano)

GRÁFICO 51 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação ao Período, verifica-se que o número de réus de Nacionalidade Brasileira aumentou significativamente durante as décadas analisadas. No período de 1941 a 1950, o número era de 80; na década de 1951 a 1960, aumentou para 149 e chegou a 256 em 1961 a 1970. Os indivíduos dos países da Europa Ocidental também tiveram aumentos nas mesmas décadas anteriores, todavia bem menores, passando de 2 para 5 e dobrando para 10. Os oriundos do Oriente (5) e do Oriente Médio (1) tiveram mais réus entre 1961 a 1970. E quanto aos de procedência da Europa Oriental, houve apenas 1 réu no período de 1951 a 1960.

TABELA 56 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR ESTADO CIVIL

Crimes de Sangue				
Estado Civil	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	320	53,87%	320	57,35%
Solteiro	222	37,37%	222	39,78%
Viúvo	15	2,53%	15	2,69%
Desquitado/separado	1	0,17%	1	0,18%
Não Informado	36	6,06%	-	-
Total Geral	594	100,00%	558	100,00%

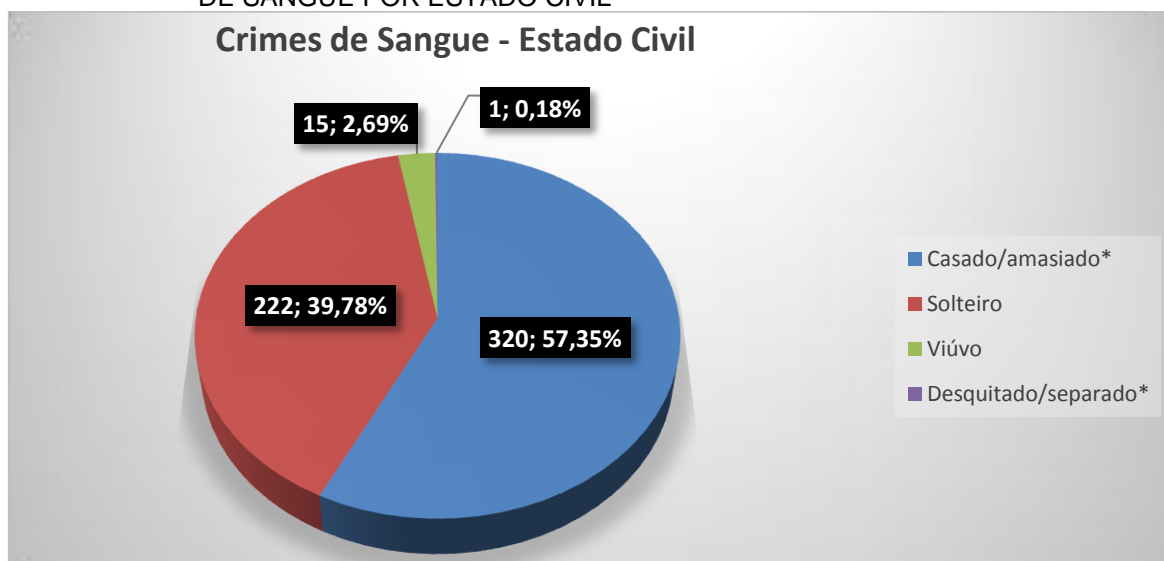
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

- A) solteiro
- B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável
- C) viúvo
- D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 52 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os Casados/amasiados e os Solteiros somam juntos mais de 90% da porcentagem válida deste Grupo. Os primeiros, compondo a maioria, aparecem com 57,35% ou 320 do total de 558 réus. Os Solteiros aparecem mais abaixo, em número de 222 réus com 39,78%. Viúvos (15-2,69%) e Desquitados/separados (1-0,18%) constituem apenas 16 pesquisados, com 2,87%% do total válido.

TABELA 57 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Casado/amasiado*	25	38	89	166	2	320
Solteiro	30	40	58	94	0	222
Viúvo	2	2	8	3	0	15
Desquitado/separado*	0	0	1	0	0	1
Total Válido*	57	80	156	263	2	558
Não Informado	2	11	11	11	1	36
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

A) solteiro

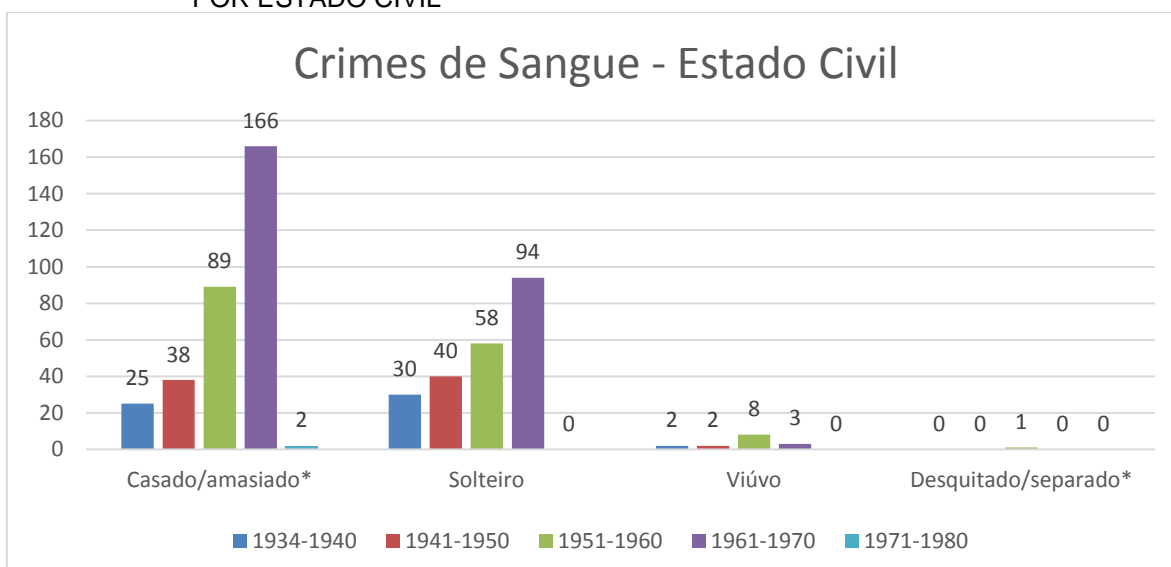
B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 53 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Nesse Grupo de Crimes de Sangue por Estado Civil, verifica-se que o total de réus Casados ultrapassa o de Solteiros. Na década de 1941 a 1950, os Casados passaram de 38 réus para 89 entre 1951 a 1960 e aumentaram para 166, no período de 1961 a 1970. No mesmo intervalo de tempo, os Solteiros em número de 40 foram para 58 e depois se elevaram para 94, valor mais alto do período, mas bem abaixo do montante dos Casados. Os Viúvos, que somavam 8 em 1951 a 1960, foram para um patamar baixo, com apenas 3 na década de 1961 a 1970. Os Desquitados/separados tiveram apenas 1 réu nos anos de 1951 a 1960.

TABELA 58 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR COR

Crimes de Sangue				
Cor	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	242	40,74%	242	62,21%
Negra*	105	17,68%	105	26,99%
Parda*	25	4,21%	25	6,43%
Amarela*	17	2,86%	17	4,37%
Não Informado	205	34,51%	-	-
Total Geral	594	100,00%	389	100,00%

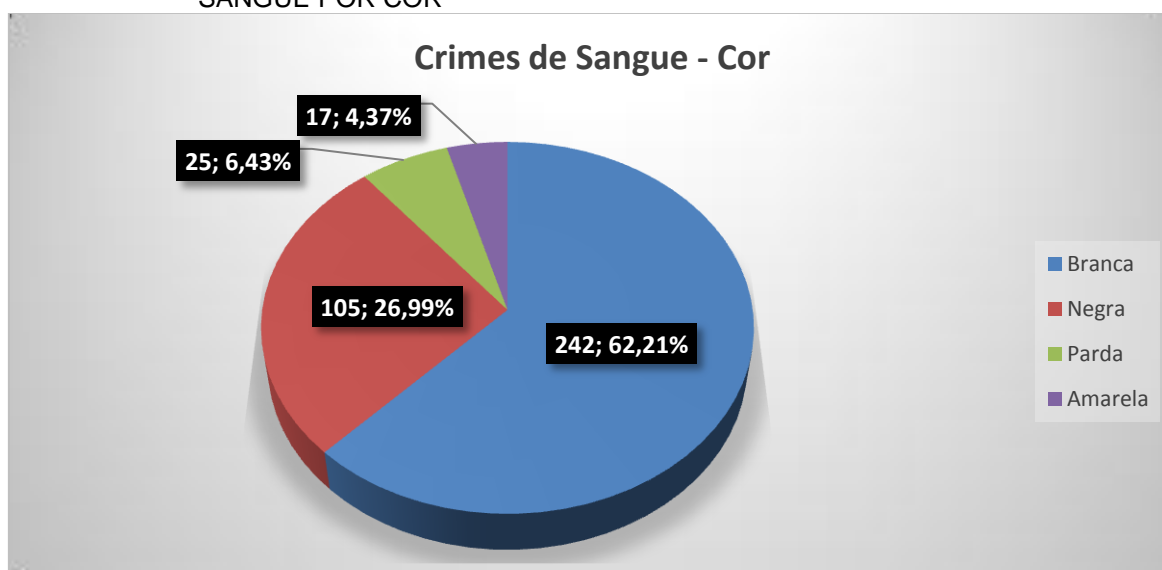
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 54 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES DE SANGUE POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação à Cor dos Réus, a Branca é predominante com 242 indivíduos ou 62,21% da porcentagem válida do grupo. Posicionando-se com menos da metade da primeira, a Negra aparece com 105 pesquisados ou 26,99%. E, fechando o grupo, estão os representantes da cor Parda (25-6,43%) e Amarela (17-4,37%), somando 42 situações ou 10,80% do total válido.

TABELA 59 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR COR

Cor	Crimes de Sangue					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Branca	16	11	69	146	0	242
Negra	8	11	12	72	2	105
Parda	1	1	11	12	0	25
Amarela	1	1	1	14	0	17
Total Válido*	26	24	93	244	2	389
Não Informado	33	67	74	30	1	205
Total Geral	59	91	167	274	3	594

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

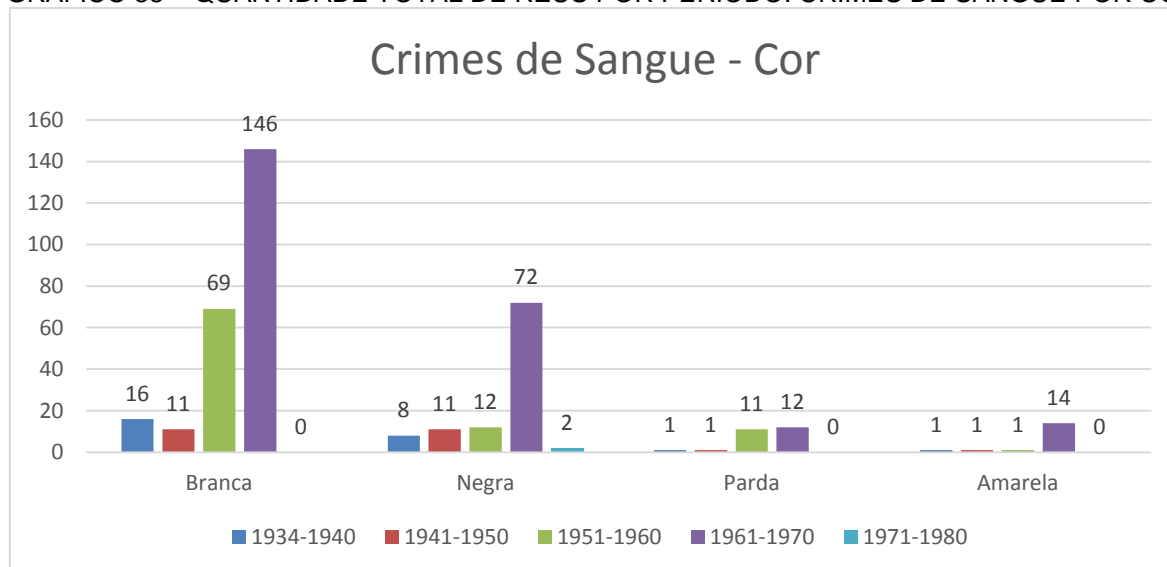
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 55 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES DE SANGUE POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970 Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os réus que são considerados Brancos aumentaram consideravelmente com o decorrer das décadas analisadas. Antes, empatados com os de Cor Negra, eram 11 no período de 1941 a 1950; aumentaram significativamente para 69 na década de 1951 a 1960 e foram para 146 em 1961 a 1970. Em comparação, neste período,

a raça Negra que tinha 11, passou para 12 e saltou para 72 réus. Aqueles de Cor Parda, que eram 11 em 1951 a 1960, permaneceram com quase a mesma quantidade, somando 12 indivíduos no final de 1970. Neste igual intervalo de tempo, os Amarelos, com números baixos, também aparecem com 1 e depois, 14 réus.

4.4 CRIMES SEXUAIS

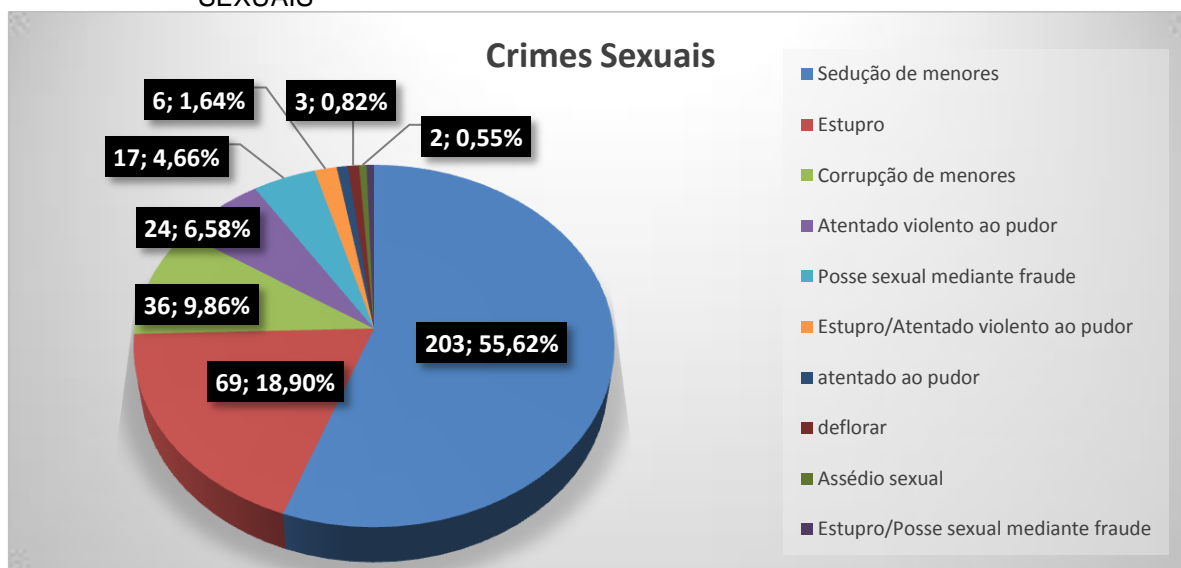
TABELA 60 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS

Crimes	Crimes Sexuais	
	Quantidade	Porcentagem
Sedução de menores	203	55,62%
Estupro	69	18,90%
Corrupção de menores	36	9,86%
Atentado violento ao pudor	24	6,58%
Posse sexual mediante fraude	17	4,66%
Estupro/Atentado violento ao pudor	6	1,64%
Atentado ao pudor	3	0,82%
Deflorar	3	0,82%
Assédio sexual	2	0,55%
Estupro/Posse sexual mediante fraude	2	0,55%
Total Geral	365	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 56 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os réus que cometeram o crime de Sedução de menores foram os que mais apareceram nesse grupo, 203 ou 55,62%. Em números menos expressivos, o

Estupro (69-18,90%), Corrupção de menores (36-9,86%), Atentado violento ao pudor (24-6,58%) e Posse sexual mediante fraude (17-4,66%) representam 146 delitos ou 40%. Os demais crimes, com menor incidência ainda, totalizam 16 ocorrências ou 4,38%.

TABELA 61 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO E POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS

Crimes	Crimes Sexuais															Tot
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Sed menor**	0	0,00	0,00	37	68,52	18,23	51	56,67	25,12	115	53,74	56,65	0	0,00	0,00	203
Estupro	1	20,00	1,45	11	20,37	15,94	17	18,89	24,64	39	18,23	56,52	1	50,00	1,45	69
Corrup menor**	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	5	5,55	13,89	30	14,02	83,33	1	50,00	2,78	36
Atent viol pudor**	0	0,00	0,00	1	1,85	4,16	10	11,11	41,67	13	6,08	54,17	0	0,00	0,00	24
Posse sx m fraude**	0	0,00	0,00	3	5,56	17,64	7	7,78	41,18	7	3,27	41,18	0	0,00	0,00	17
Estup/Atent v pudor**	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	6	2,80	100,00	0	0,00	0,00	6
Atent pudor**	1	20,00	33,33	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	2	0,93	66,67	0	0,00	0,00	3
Deflorar	3	60,00	100,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	3
Assédio sexual	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	2	0,93	100,00	0	0,00	0,00	2
Estup/Posse sx fraude**	0	0,00	0,00	2	3,70	100,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	2
Total Geral	5	100,00	1,37	54	100,00	14,79	90	100,00	24,66	214	100,00	58,63	2	100,00	0,55	365

FONTE: Banco De Dados Dos Autos Criminais Do Fórum Da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de História/UEL

**NOTA: Sed menor (Sedução de menores), Corrup menor (Corrupção de menores), Atent viol pudor (Atentado violento ao pudor), Posse sx m fraude (Posse sexual mediante fraude), Estup/Atent v pudor (Estupro/Atentado violento ao pudor), Atent pudor (Atentado ao pudor) e Estup/Posse sx fraude (Estupro/Posse sexual mediante fraude).

*NOTA: A) % Col: porcentagem dos dados da coluna;

B) % Lin: porcentagem dos dados da linha

A partir dos dados da tabela acima, observa-se que o delito mais frequente desse Grupo, Sedução de Menores, ocorreu primeiramente em 1941 a 1950, em número de 37(18,23%); na década seguinte, passou para 51 (25,12%) e no final de 1970, mais que dobrou para 115 (56,65%).

Nesses mesmos decênios, o Estupro aparece com 11 (15,94%), depois 17 (24,64%) e duplica-se para 39 (56,52%). Quanto às situações de Corrupção de Menores, surge apenas em 1951 a 1960, com 5 (13,89%) e depois, avança substancialmente para 30 (83,33%). O Atentado violento ao pudor começa com 1 (4,16%), aumenta para 10 (41,67%) e chega a 13 (54,17%). Com relação à Posse sexual mediante fraude, inicia com 3 (17,64%) e nos demais períodos, apresenta 7 (41,18%) registros em cada um.

Constata-se, entre 1961 a 1970, uma incidência linear maior não só dos crimes acima, como também dos demais, embora em menor número. Os mais praticados neste intervalo foram: Sedução de menores (115-56,65%), Estupro (39-56,52%), Corrupção de menores (30-83,33%), Atentado Violento ao Pudor (13-54,17%) e Estupro/Atentado violento ao pudor (6-100%). Quanto ao delito Posse sexual mediante fraude tem igual número de registros, 7 (41,18%) nas décadas de 1951 e 1961.

Analisando-se os crimes por décadas de 1941 a 1970, verifica-se que o mais praticado foi Sedução de menores, sendo 37 (68,52%) na primeira, 51 (56,67%) na segunda e 115 (53,74%) na terceira.

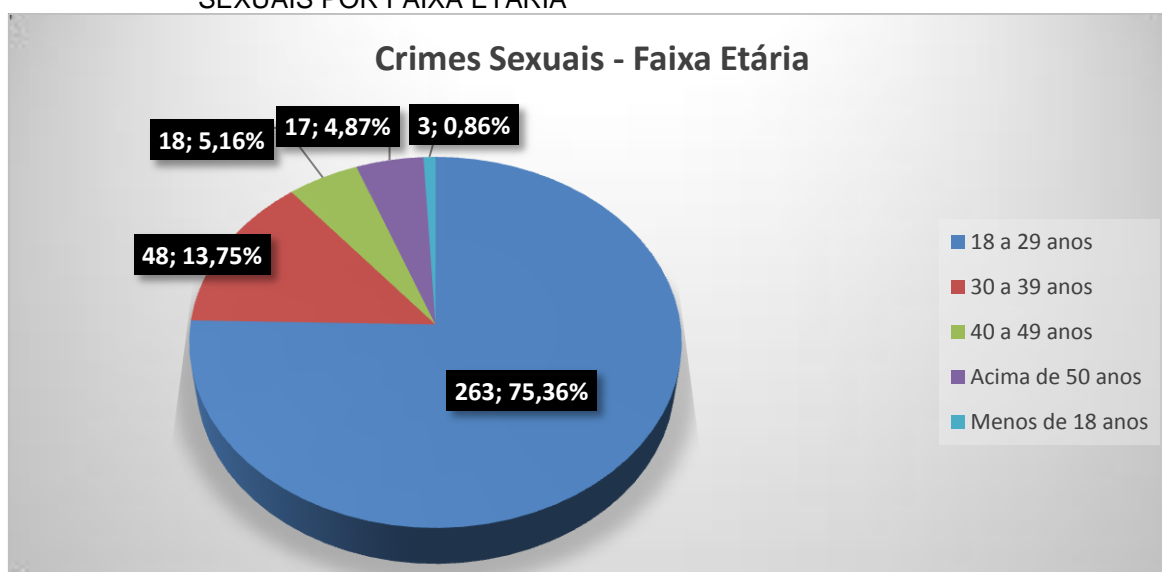
TABELA 62 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR FAIXA ETÁRIA

Crimes Sexuais				
Faixa Etária	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
18 a 29 anos	263	72,06%	263	75,36%
30 a 39 anos	48	13,15%	48	13,75%
40 a 49 anos	18	4,93%	18	5,16%
Acima de 50 anos	17	4,66%	17	4,87%
Menos de 18 anos	3	0,82%	3	0,86%
Não informado	16	4,38%	-	-
Total Geral	365	100,00%	349	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 57 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

Nesse Grupo, 263 Réus, que estão na Faixa Etária entre 18 a 29 anos, foram quem mais cometeram esse tipo de crime, com 75,36% da porcentagem válida. Aqueles entre 30 a 39 anos praticaram apenas 48 delitos ou 13,75%, enquanto os que se encontram entre 40 a 49 anos representam somente 18 ou 5,16%. As últimas Faixas, acima de 50 anos (17-4,87%) e menos de 18 anos (3-0,86%) somam 20 ocorrências ou 5,73% do total válido da pesquisa.

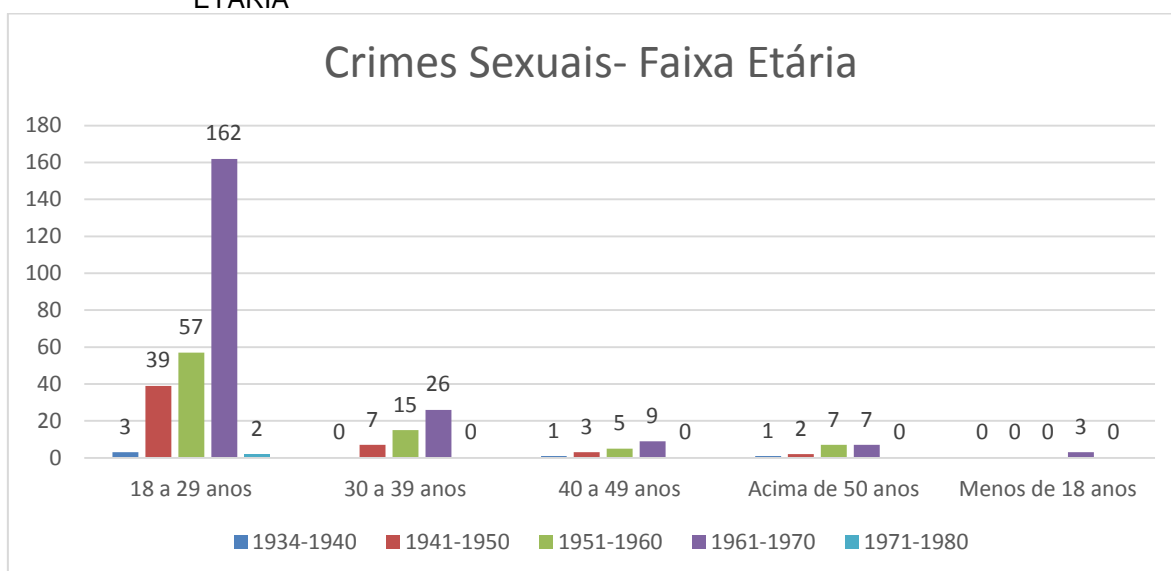
TABELA 63 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
18 a 29 anos	3	39	57	162	2	263
30 a 39 anos	0	7	15	26	0	48
40 a 49 anos	1	3	5	9	0	18
Acima de 50 anos	1	2	7	7	0	17
Menos de 18 anos	0	0	0	3	0	3
Total Válido*	5	51	84	207	2	349
Não informado	0	3	6	7	0	16
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 58 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL.

Com relação a esse Grupo de Crimes, a quantidade de réus que se enquadra na Faixa Etária de 18 a 29 anos aumentou de forma muito expressiva. Na

década de 1941 a 1950 somaram 39; passaram para 57 no decênio seguinte e elevaram-se para 162 no período de 1961 a 1970. Esse aumento também apareceu entre as idades de 30 a 39 anos, porém, em valores absolutos bem menores. No mesmo período, eram 7 situações, foram para 15 e terminaram em 26. As Faixas de 40 a 49 anos e acima de 50 anos apresentam números bem inferiores de réus, se comparados às idades anteriores em igual período, com respectivamente, 3,5 9 e 2,7 e 7. Os menos de 18 anos tiveram apenas 3 réus na década de 1961 a 1970.

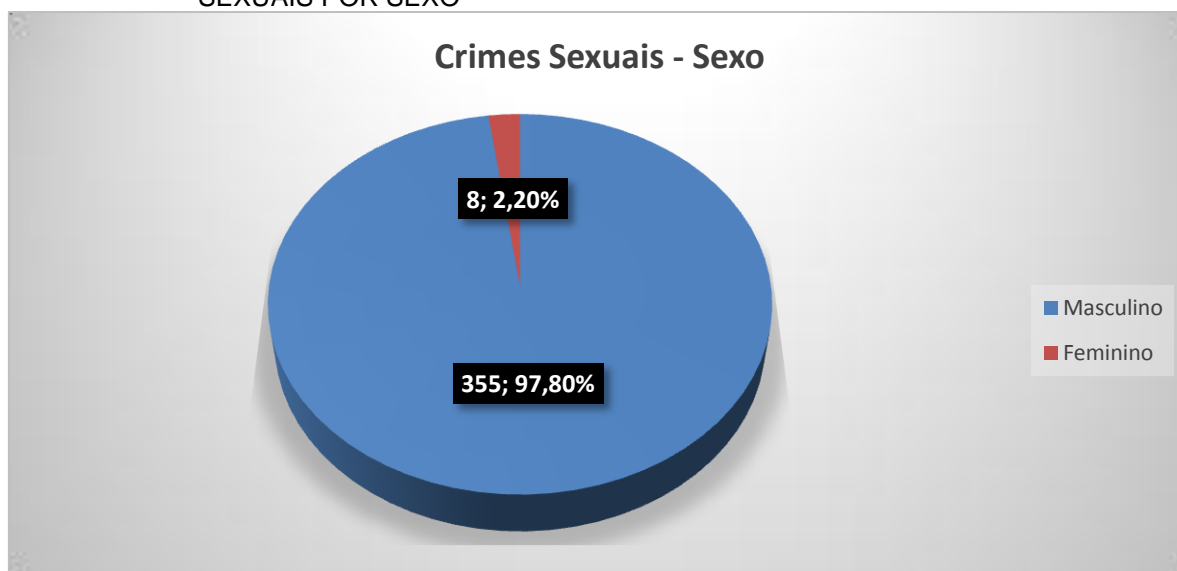
TABELA 64 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR SEXO

Crimes Sexuais				
Sexo	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	355	97,26%	355	97,80%
Feminino	8	2,19%	8	2,20%
Não Informado	2	0,55%	-	-
Total Geral	365	100,00%	363	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 59 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O sexo masculino é maioria entre os réus dos Crimes Sexuais, em número de 355 ou 97,80% da porcentagem válida. As mulheres quase não aparecem neste grupo, sendo encontradas em apenas 8 situações ou 2,20% do total válido pesquisado.

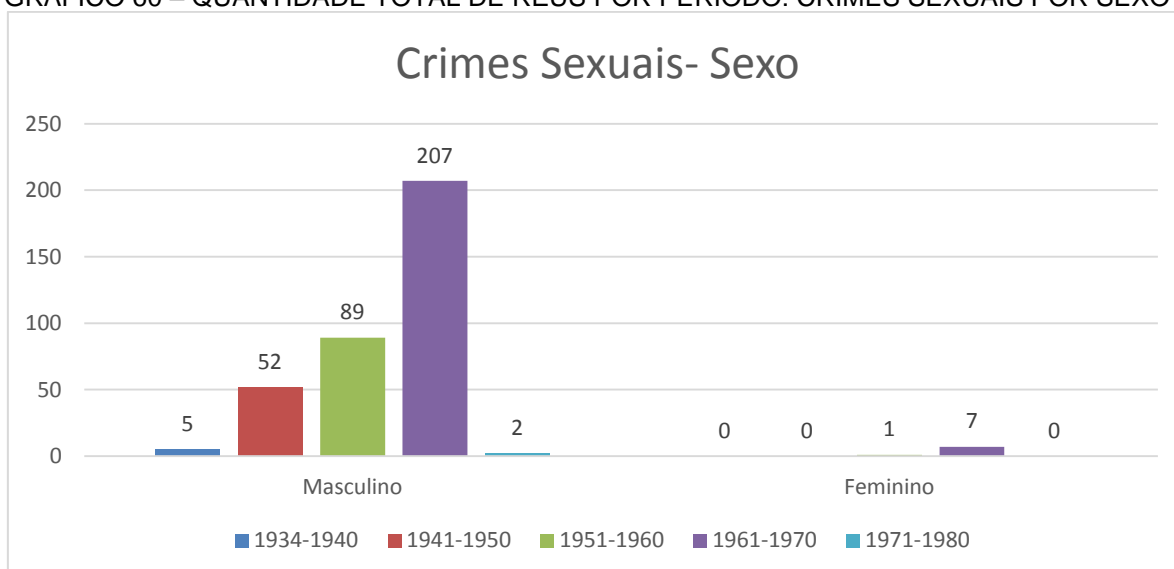
TABELA 65 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR SEXO

Sexo	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Masculino	5	52	89	207	2	355
Feminino	0	0	1	7	0	8
Total Válido*	5	52	90	214	2	363
Não informado	0	2	0	0	0	2
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 60 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O montante de Homens, responsáveis pela maior parte dos delitos envolvendo os Crimes Sexuais, foi de 52 para 89 réus no período de 1941 a 1960. Aumentou ainda mais na década seguinte de 1961 a 1970, passando para 207 indivíduos. O número de Mulheres, 1, entre 1951 a 1960, teve um acréscimo expressivo de 7, ficando concentrado, praticamente todo, na década de 1961 a 1970.

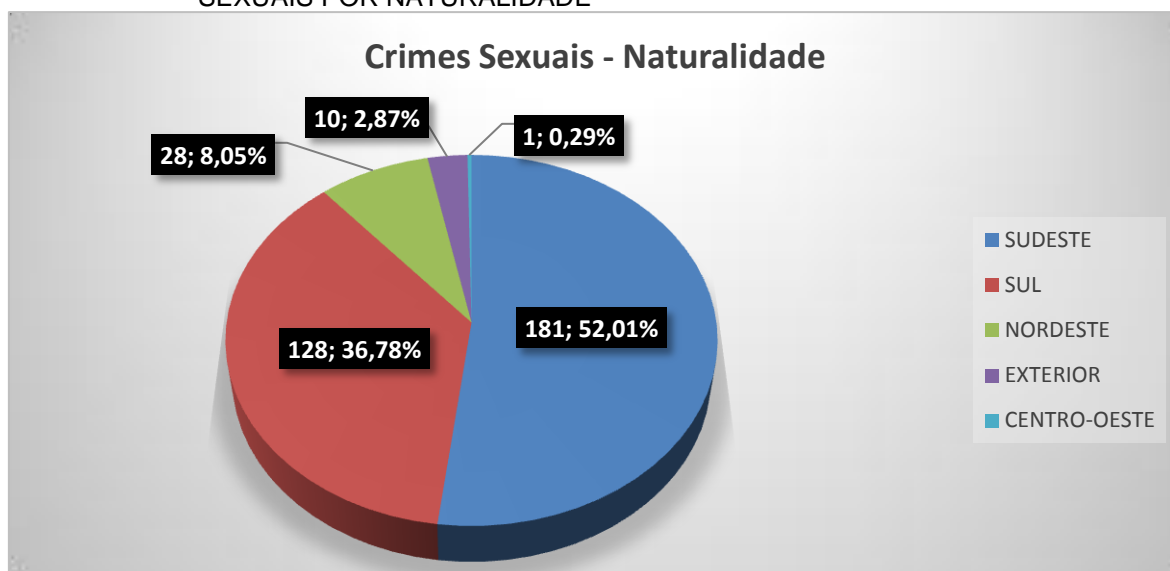
TABELA 66 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR NATURALIDADE

Crimes Sexuais				
Naturalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	181	49,59%	181	52,01%
SUL	128	35,07%	128	36,78%
NORDESTE	28	7,67%	28	8,05%
EXTERIOR	10	2,74%	10	2,87%
CENTRO-OESTE	1	0,27%	1	0,29%
NÃO INFORMADO	17	4,66%	-	-
Total Geral	365	100,00%	348	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 61 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR NATURALIDADE



Fonte: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação à Naturalidade, os réus estão divididos por regiões brasileiras. A região Sudeste desponta em primeiro lugar em número de réus, com 181 indivíduos ou 52,01% da porcentagem válida. E a Sul vem em seguida com 128 ou 36,78%. As demais regiões Nordeste (28-8,05%), Exterior (10-2,87%) e Centro-Oeste (1-0,29%) totalizam 39 situações e 11,21% do total válido. Observa-se, ainda, que a região Norte não apresentou nenhuma ocorrência neste grupo.

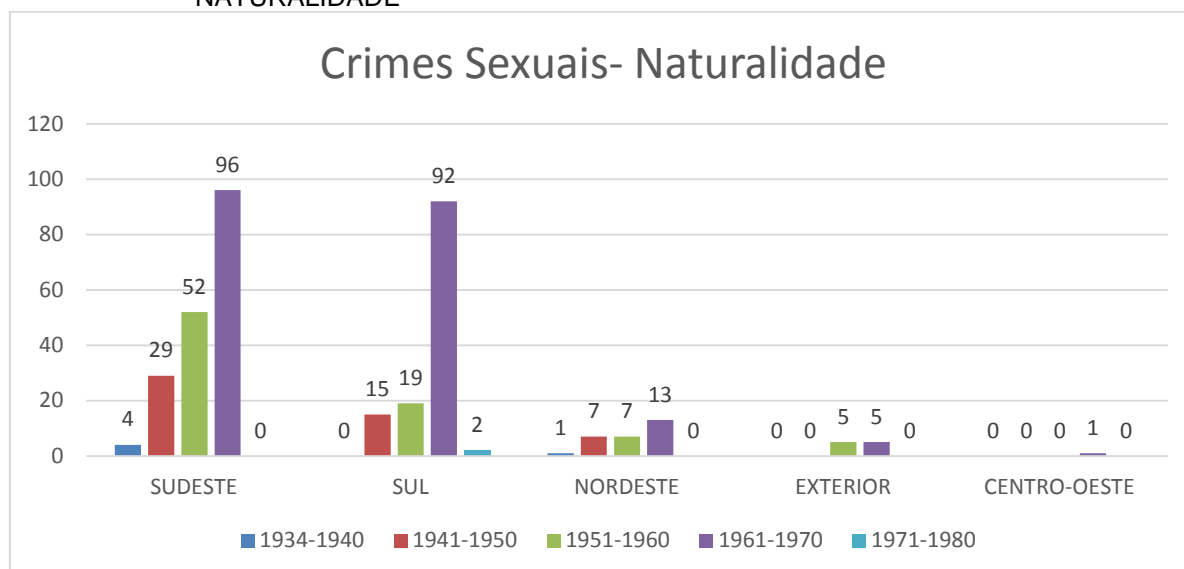
TABELA 67 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR NATURALIDADE

Naturalidade	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
SUDESTE	4	29	52	96	0	181
SUL	0	15	19	92	2	128
NORDESTE	1	7	7	13	0	28
EXTERIOR	0	0	5	5	0	10
CENTRO-OESTE	0	0	0	1	0	1
Total Válido*	5	51	83	207	2	348
NÃO INFORMADO	0	3	7	7	0	17
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 62– QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Constata-se, com o decorrer dos períodos, uma progressão da quantidade de réus nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste. O Sul foi a que apresentou maior crescimento com 15 indivíduos na década de 1941 a 1950; foi para 19 em 1951 a 1960 e terminou com 92 entre 1961 a 1970, quando teve o maior acréscimo. A região Sudeste aparece com maior montante no mesmo período. Todavia, seu crescimento foi menor do que o da região Sul, saltando de 29 réus para 52 e ficando com 96. O Nordeste e o Exterior demonstraram valores bem menos expressivos. O primeiro subgrupo registrou igual número de réus, 7, entre as décadas de 1941 a 1960, aumentando para 13 no final de 1970. Já os réus do Exterior também eram 5,

só que nos dois últimos períodos da região anterior, entre 1951 a 1970. Quanto ao Centro-Oeste constou só 1 (uma) situação entre 1961 a 1970.

TABELA 68 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Crimes Sexuais			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	353	96,72%	353	97,51%
Oriente*	6	1,65%	6	1,65%
Europa ocidental*	1	0,27%	1	0,28%
Oriente médio*	1	0,27%	1	0,28%
Países americanos*	1	0,27%	1	0,28%
Não Informado	3	0,82%	-	-
Total Geral	365	100,00%	362	100,00%

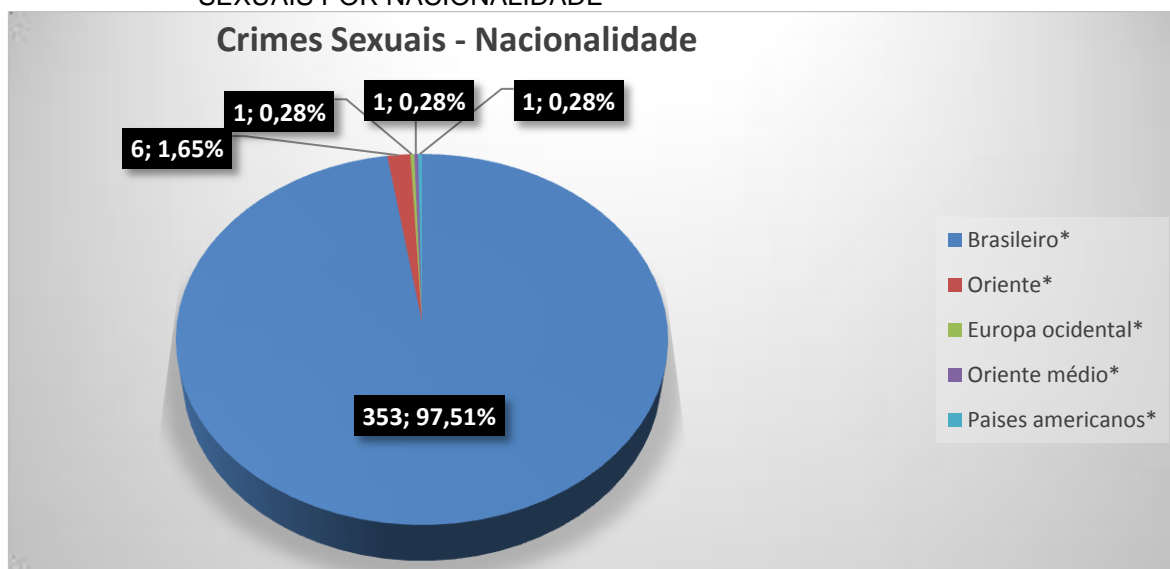
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UDEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
- B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
- C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)
- D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
- E) Oriente* (Japão, China)
- F) Oriente médio* (Síria, Líbano)

GRÁFICO 63 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UDEL

Tratando-se da Nacionalidade, a Brasileira foi quase unanimidade, com 353 Réus ou 97,51% da porcentagem válida. O restante do percentual de 2,49% está dividido entre 9 Réus, oriundos de outros países como do Oriente (6 - 1,65%),

Europa Ocidental (1- 0,28%), Oriente Médio (1- 0,28%) e Países Americanos (1- 0,28%).

TABELA 69 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Brasileiro*	5	52	84	210	2	353
Oriente*	0	0	5	1	0	6
Europa ocidental*	0	0	0	1	0	1
Oriente médio*	0	0	0	1	0	1
Países americanos*	0	0	0	1	0	1
Total Válido*	5	52	89	214	2	362
Não Informado	0	2	1	0	0	3
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

A) Brasileiro* (nato e naturalizado);

B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);

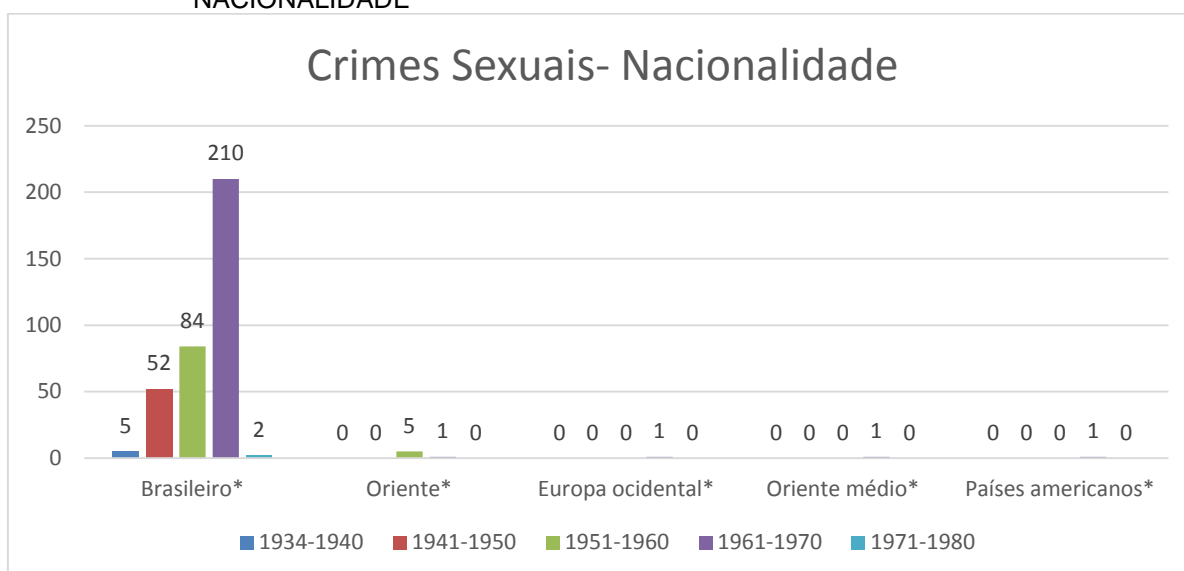
C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)

D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);

E) Oriente* (Japão, China)

F) Oriente médio* (Síria, Líbano)

GRÁFICO 64 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

A quantidade de réus Brasileiros cresceu de forma considerável, durante os períodos analisados. Entre 1941 a 1950, o montante era de 52; na década seguinte

de 1951 a 1960, passou para 84 e mais que dobrou para 210 entre 1961 a 1970. Com relação às outras nacionalidades, apenas o Oriente apresentou 5 indivíduos no decênio de 1951 a 1960, diminuindo para apenas 1 (um) no período seguinte de 1961 a 1970. Quanto às demais etnias, tiveram também só 1 (um) representante, porém todos, entre 1961 a 1970.

TABELA 70 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Crimes Sexuais			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Solteiro	245	67,12%	245	69,01%
Casado/amasiado*	106	29,04%	106	29,86%
Desquitado/separado*	2	0,55%	2	0,56%
Viúvo	2	0,55%	2	0,56%
Não Informado	10	2,74%	-	-
Total Geral	365	100,00%	355	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

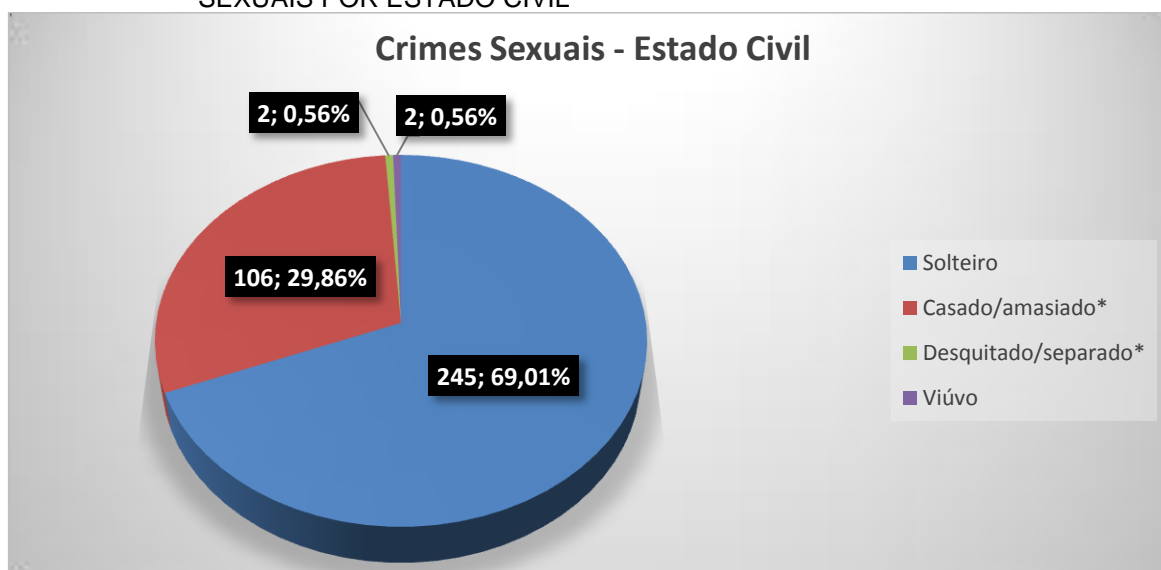
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 65 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os Solteiros são os que mais cometeram os Crimes Sexuais, com 69,01% do total da porcentagem válida ou 245 Réus. Bem abaixo deste valor, estão os Casados/amasiados com 29,86% ou 106 réus. Desquitados/separados (2) e Viúvos (2) também aparecem, porém com um valor ínfimo, ambos com 0,56% do total válido da pesquisa.

TABELA 71 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Solteiro	3	41	49	150	2	245
Casado/amasiado*	2	10	36	58	0	106
Desquitado/separado*	0	0	0	2	0	2
Viúvo	0	0	1	1	0	2
Total Válido*	5	51	86	211	2	355
Não Informado	0	3	4	3	0	10
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

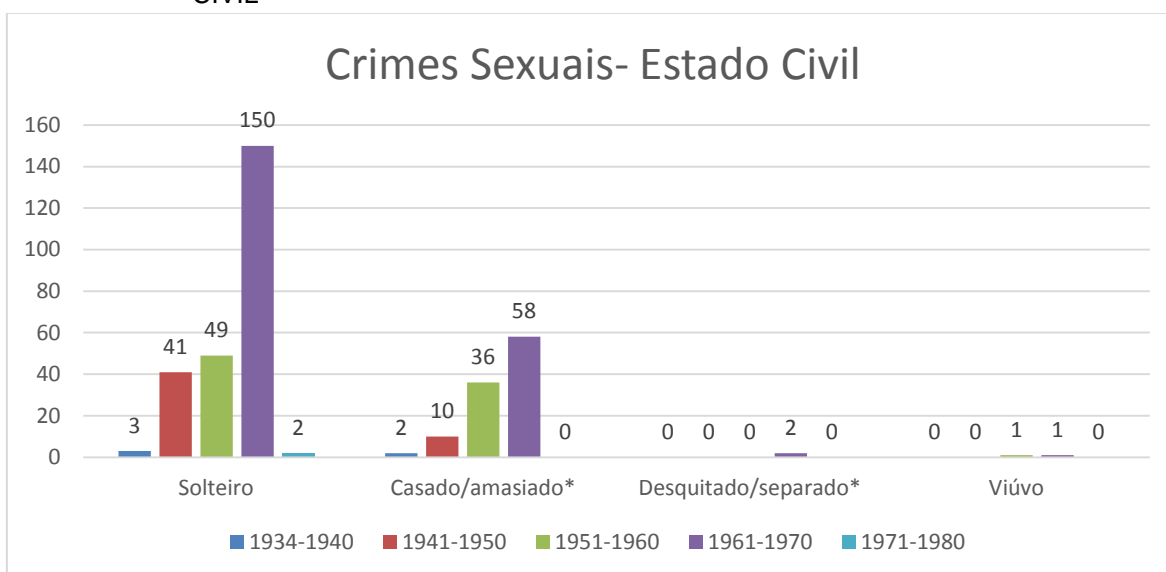
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 66 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Na análise dos Réus Por Período, os Solteiros constituem ruço. Na década de 1941 a 1950 eram 41, passando para 49 no período de 1951 a 1960. E apresentaram o maior crescimento entre os anos de 1961 a 1970, saltando para 150. Com aumentos absolutos bem menos significativos, o número de Casados/amasiados, nos mesmos períodos, foi de 10 e depois, pulou de 36 para 58. Com referência ao subgrupo de Desquitado/separado teve apenas 2 indivíduos em 1961 a 1970 e o de Viúvo registrou a mesma quantidade de réus, 1(um) em cada década do período de 1951 a 1970.

TABELA 72 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR COR

Cor	Crimes Sexuais			
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	180	49,31%	180	68,18%
Negra*	66	18,08%	66	25,00%
Parda*	14	3,84%	14	5,30%
Amarela*	4	1,10%	4	1,52%
Não Informado	101	27,67%	-	-
Total Geral	365	100,00%	264	100,00%

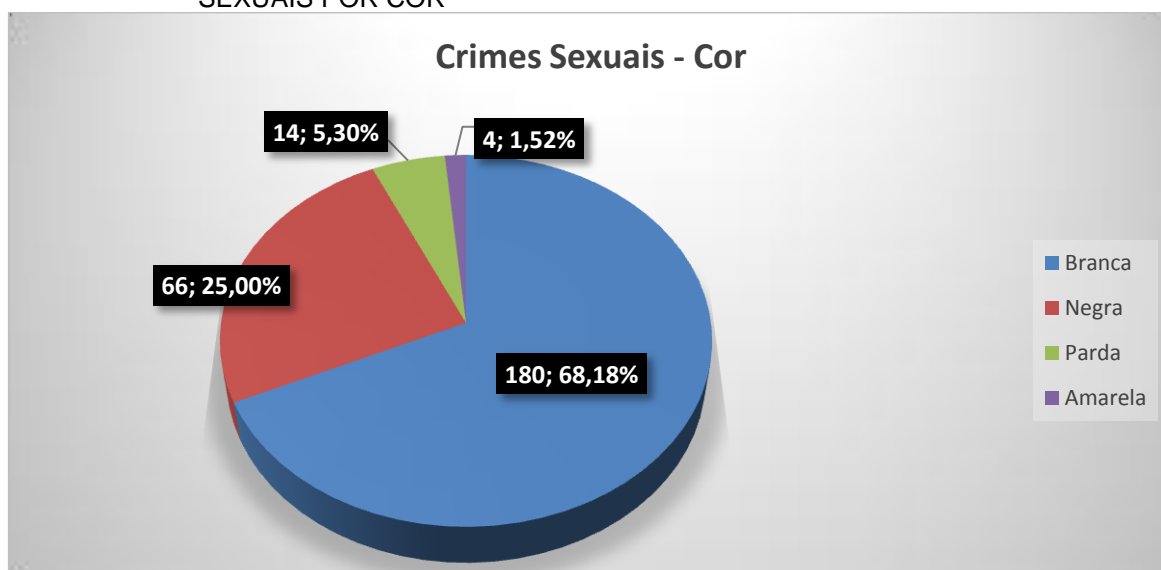
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

- A) Branca: Branca e Clara.
- B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.
- C) Parda: Parda.
- D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 67– QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES SEXUAIS POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca De Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

A cor Branca é a maioria com 180 Réus e 68,18% da porcentagem válida. Em seguida, com menos da metade da primeira, estão os Negros com 66 representantes e 25,00%. Os Pardos (14-5,30%) e Amarelos (4-1,52%) formam subgrupos minoritários, somando 18 indivíduos ou 6,82% do total válido.

TABELA 73 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR COR

Cor	Crimes Sexuais					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Branca	3	15	37	125	0	180
Negra	0	7	9	50	0	66
Parda	0	1	4	9	0	14
Amarela	0	0	2	2	0	4
Total Válido*	3	23	52	186	0	264
Não Informado	2	31	38	28	2	101
Total Geral	5	54	90	214	2	365

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

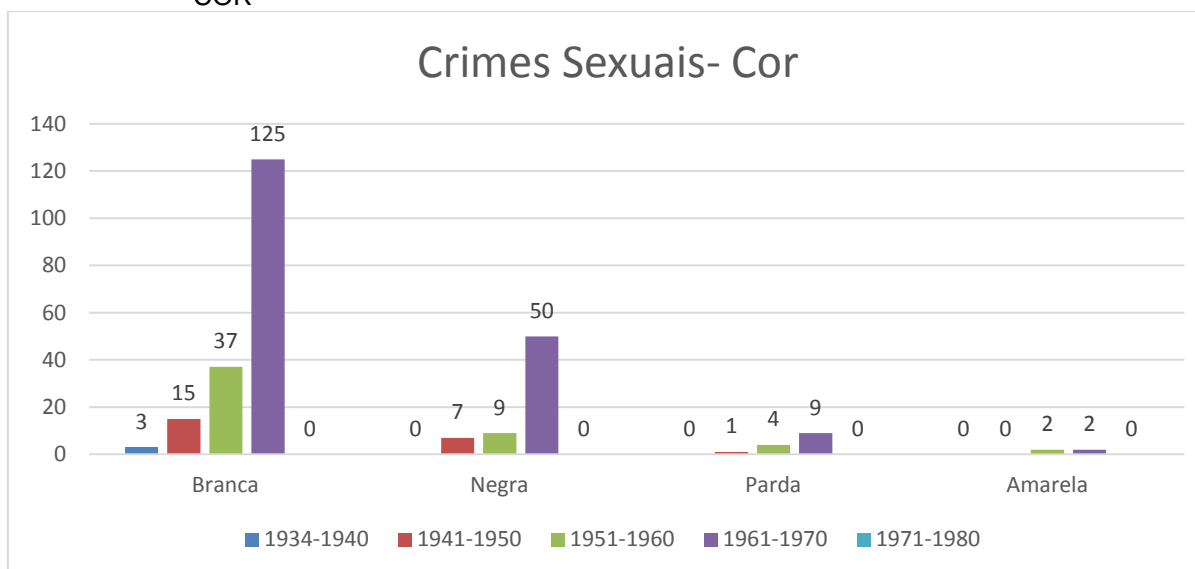
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 68 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES SEXUAIS POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina – 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com aumentos expressivos, o número de réus de cor Branca e Negra foram as etnias mais presentes nesse Grupo de Crimes. Os Brancos somavam 15, no período de 1941 a 1950 e aumentaram de 37 para 125 entre 1951 a 1970. No mesmo período anterior, os Negros em número de 7, foram de 9 para 50 indivíduos.

Com relação aos Pardos, apresentaram em cada década do período, respectivamente, 1, 4 e 9 réus, valores bem inferiores aos dos Brancos e Negros. Por último, os Amarelos tiveram a mesma quantidade de representantes, 2, no final das décadas de 1951 e 1961.

4.5 CRIMES CONTRA A HONRA

TABELA 74 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA

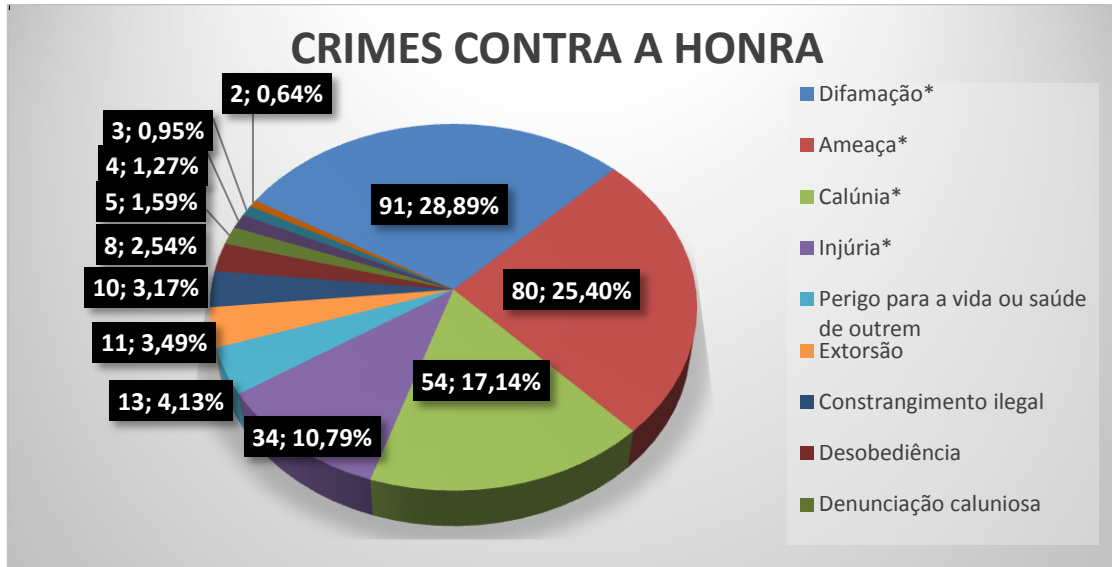
Crimes	Crimes Contra a Honra	
	Quantidade	Porcentagem
Difamação*	91	28,89%
Ameaça*	80	25,40%
Calúnia*	54	17,14%
Injúria*	34	10,79%
Perigo para a vida ou saúde de outrem	13	4,13%
Extorsão	11	3,49%
Constrangimento ilegal	10	3,17%
Desobediência	8	2,54%
Denúncia caluniosa	5	1,59%
Concussão	4	1,27%
Desacato	3	0,95%
Desonra	2	0,64%
Total Geral	315	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Para melhor apresentação visual, na Tabela e Gráfico, foram agrupados os crimes:
 A)Difamação(91): Difamação(57), Difamação/Injúria(20) e Difamação/Injúria/Ameaça(14);
 B)Ameaça(80): Ameaça(78) e Ameaça/Extorsão(2);
 C)Calúnia(54): Calúnia(26), Calúnia/Difamação/Injúria(11),
 Calúnia/Difamação/Injúria/Ameaça(8), Calúnia/Difamação(5) e Calúnia/Injúria(4);
 D)Injúria((34): Injúria(29) e Injúria/Ameaça(5).

GRÁFICO 69 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O último grupo, Crimes Contra a Honra, é o menor de todos e possui apenas 315 réus. Desse montante, 91 (28,89%) estão enquadrados em Difamação, 80 (25,40%) na Ameaça, 54 (17,14%) na Calúnia e 34 (10,79%) em Injúria. Os outros 56, com 17,78% do total pesquisado, estão divididos em 8 delitos de menor incidência: Perigo para a vida ou saúde de outrem (13-4,13%), Extorsão (11-3,49%), Constrangimento ilegal (10-3,17%), Desobediência (8-2,54%), Denúncia caluniosa (5-1,59%), Concussão (4-1,27%), Desacato (3-0,95%) e Desonra (2-0,64%).

TABELA 75 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO E POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA

Crimes	Crimes Contra a Honra															
	1934-1940			1941-1950			1951-1960			1961-1970			1971-1980			Tot
	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	QT	%Col*	%Lin*	
Difamação*	0	0,00	0,00	6	28,57	6,59	22	25,29	24,18	61	31,44	67,03	2	50,00	2,20	91
Ameaça*	2	22,22	2,50	2	9,53	2,50	23	26,43	28,75	53	27,32	66,25	0	0,00	0,00	80
Calúnia*	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	16	18,39	29,63	38	19,59	70,37	0	0,00	0,00	54
Injúria*	5	55,56	14,71	5	23,81	14,71	10	11,49	29,41	14	7,21	41,17	0	0,00	0,00	34
Per p/ vida out**	0	0,00	0,00	1	4,76	7,69	3	3,45	23,08	9	4,64	69,23	0	0,00	0,00	13
Extorsão	0	0,00	0,00	1	4,76	9,09	3	3,45	27,27	5	2,57	45,46	2	50,00	18,18	11
Constrang ilegal**	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	1,15	10,00	9	4,64	90,00	0	0,00	0,00	10
Desobediência	0	0,00	0,00	5	23,81	62,50	2	2,30	25,00	1	0,52	12,50	0	0,00	0,00	8
Denun caluniosa**	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	3	3,45	60,00	2	1,03	40,00	0	0,00	0,00	5
Concussão	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	3	3,45	75,00	1	0,52	25,00	0	0,00	0,00	4
Desacato	0	0,00	0,00	1	4,76	33,33	1	1,15	33,33	1	0,52	33,34	0	0,00	0,00	3
Desonra	2	22,22	100,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	2
Total Geral	9	100,00	2,86	21	100,00	6,66	87	100,00	27,62	194	100,00	61,59	4	100,00	1,27	315

FONTE: Banco De Dados Dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH)/Departamento de Historia/UEL

** NOTA: Per p/ vida out (Perigo para a vida e saúde de outrem), Constrang ilegal (Constrangimento ilegal) e Denun caluniosa (Denúncia caluniosa).

* NOTA: Para melhor apresentação visual, na tabela e gráfico, foram agrupados os crimes:

A)Difamação(91): Difamação(57), Difamação/Injúria(20) e Difamação/Injúria/Ameaça(14);

B)Ameaça(80): Ameaça(78) e Ameaça/Extorsão(2);

C)Calúnia(54):Calúnia(26),Calúnia/Difamação/Injúria(11),Calúnia/Difamação/injúria/Ameaça (8), Calúnia/Difamação(5) e Calúnia/Injúria(4);

D)Injúria((34): Injúria(29) e Injúria/Ameaça(5).

E) % Col: Porcentagem dos dados da coluna;

F) % Lin: Porcentagem dos dados da linha.

Conforme dados da tabela em referência tem-se que, em 1941 a1950, houve 6 (6,59%) situações de Difamação; em 1951 a 1960, esse valor foi para 22 (24,18%) e em 1961 a 1970, quase triplica-se para 61 (67,03%), tornando-se o delito mais cometido da década e de todo o período.

Nesse mesmo intervalo de tempo, constata-se 2 (2,50%) casos de Ameaça, que aumentaram significativamente para 23 (28,75%) e mais que dobraram para 53 (66,25%). O delito Calúnia iniciou, só na década de 1951, com 16 (29,63%) e elevou-se para 38 (70,37%). Quanto ao de Injúria, tinha 5 (14,71%), foi 10 (29,41%) e terminou com 14 (41,17%). E com relação ao Perigo para a vida ou saúde de outrem, era apenas 1 (7,69%), elevou-se para 3 (23,08%) e triplicou para 9 (69,23%). Quanto à infração Extorsão, passou de 1 (9,09%) para 3 (27,27%) e depois 5 (45,46%).

Os delitos apresentaram, linearmente, mais ocorrências, assim como no Grupo Crimes sexuais no período de 1961 a 1970, quais sejam: Difamação (61-

67,03%), Ameaça (53-66,25%), Calúnia (38-70,37%), Injúria (14-41,17%), Perigo para a vida ou saúde de outrem (9-69,23%), Extorsão (5-45,46%) e Constrangimento ilegal (9-90,00%).

E estabelecendo um paralelo decenal entre os crimes com maior incidência observa-se: 1941 a 1950 – Difamação – 6 (28,57%); 1951 a 1960 – Ameaça – 23 (26,43%) e em 1961 a 1970 – Difamação – 61 (31,44%).

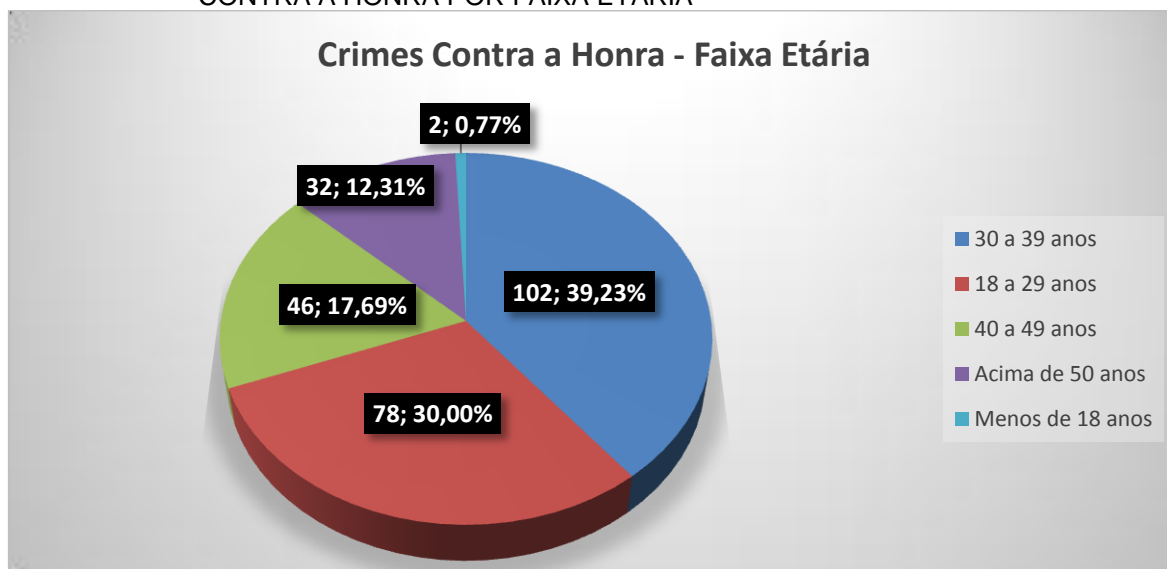
TABELA 76 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR FAIXA ETÁRIA

Crimes Contra a Honra				
Faixa Etária	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
30 a 39 anos	102	32,38%	102	39,23%
18 a 29 anos	78	24,76%	78	30,00%
40 a 49 anos	46	14,60%	46	17,69%
Acima de 50 anos	32	10,16%	32	12,31%
Menos de 18 anos	2	0,64%	2	0,77%
Não informado	55	17,46%	-	-
Total Geral	315	100,00%	260	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 70 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Na Tabela e Gráfico acima, verifica-se que a Faixa Etária de 30 a 39 anos apresenta mais Réus, ou seja, 102 e 39,23% da porcentagem válida. Diferencia-se também dos Grupos anteriores, em que os jovens predominaram entre as idades de

18 a 29 anos. Nesse Grupo, estão em segundo lugar, com 78 indivíduos ou 30,00%. Nas Faixas seguintes, de 40 a 49 anos, encontram-se 46 (17,69%) situações e na de Acima de 50, 32 com 12,31%. Para finalizar, o subgrupo com o de Menos de 18 tem apenas 2 Réus (0,77%) do total válido de 260 pesquisados.

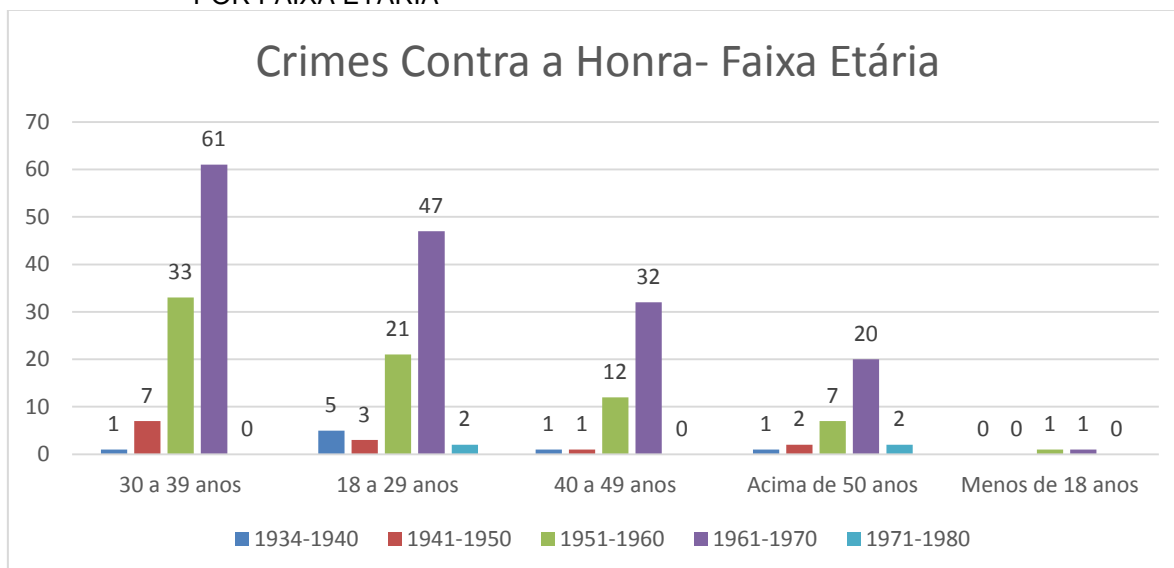
TABELA 77 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
30 a 39 anos	1	7	33	61	0	102
18 a 29 anos	5	3	21	47	2	78
40 a 49 anos	1	1	12	32	0	46
Acima de 50 anos	1	2	7	20	2	32
Menos de 18 anos	0	0	1	1	0	2
Total Válido*	8	13	74	161	4	260
Não informado	1	8	13	33	0	55
Total Geral	9	21	87	194	4	315

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 71 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Observa-se que todas as Faixas, exceto a de Menos de 18 anos, registraram aumentos no número de réus com o passar das décadas analisadas. A Faixa de 30 a 39 anos tinha 7 indivíduos, na década de 1941 a 1950; foi para 33 na década de 1951 e aumentou para 61 na década de 1961 a 1970. No mesmo intervalo anterior,

aqueles com as idades entre 18 a 29 anos eram 3, elevaram-se para 21 e mais que dobraram para 47. Quanto às faixas de 40 a 49 e acima de 50 anos apresentaram um crescimento mais significativo entre 1951 a 1970, como segue, respectivamente: em 1951 a 1960, 12 e 7 e em 1961 a 1970, 32 e 20. Por fim, a Faixa dos Menos de 18 anos apresentou 1 delito em cada década entre 1951 a 1970.

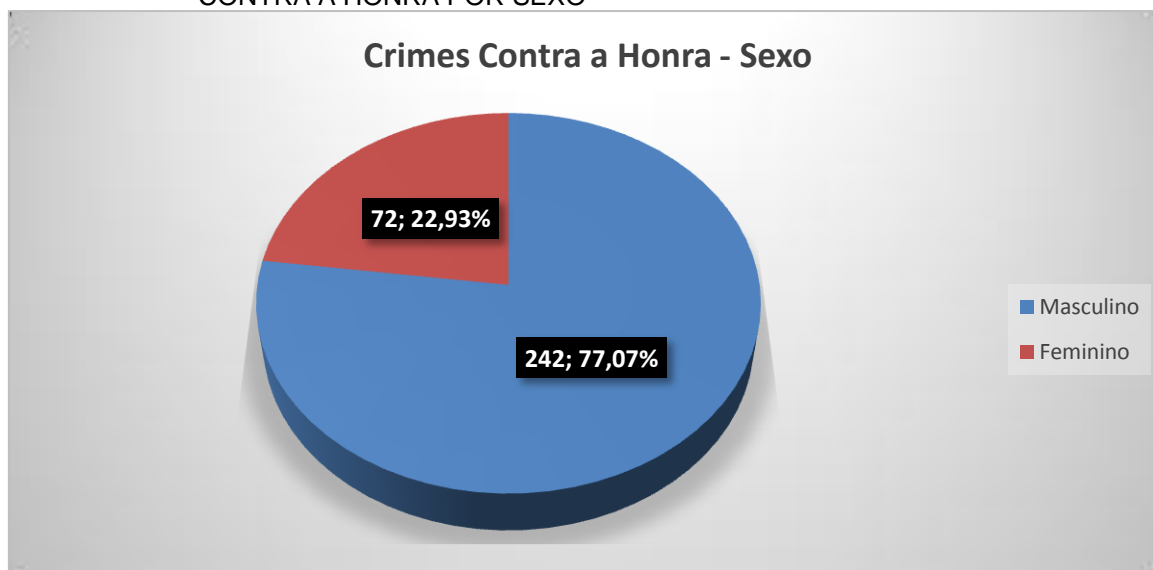
TABELA 78 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR SEXO

Crimes Contra a Honra				
Sexo	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Masculino	242	76,82%	242	77,07%
Feminino	72	22,86%	72	22,93%
Não Informado	1	0,32%	-	-
Total Geral	315	100,00%	314	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 72 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Com relação ao Sexo dos Réus, este grupo é o que está mais dividido. Os homens, em número de 242, constituem a maioria com 77,07% da porcentagem válida. Já as mulheres, embora sejam apenas 72, com 22,93% do total válido, marcam mais presença do que nos grupos anteriores.

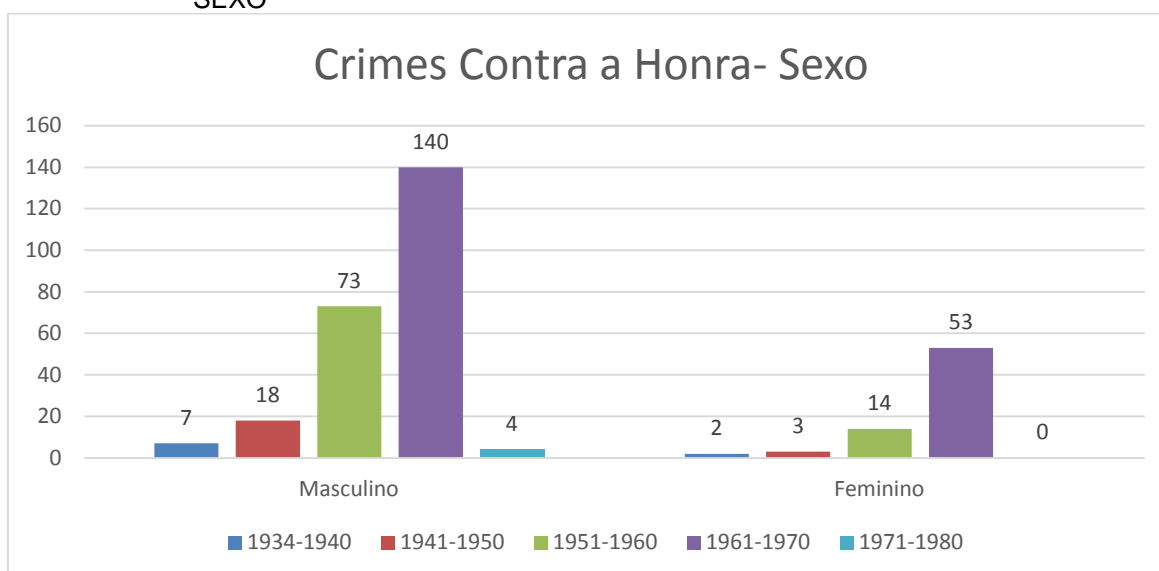
TABELA 79 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR SEXO

Sexo	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Masculino	7	18	73	140	4	242
Feminino	2	3	14	53	0	72
Total Válido*	9	21	87	193	4	314
Não informado	0	0	0	1	0	1
Total Geral	9	21	87	194	4	315

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 73 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR SEXO



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Na década de 1941 a 1950, o número de réus do Sexo Masculino era de 18, passando para 73 no período de 1951 a 1960 e, por fim, atingiu o montante de 140 em 1961 a 1970. A quantidade de Mulheres também aumentou com o passar das décadas. Na primeira, em 1941 a 1950, eram apenas 3 e depois, aumentaram de 14 para 53 entre os anos de 1951 a 1970.

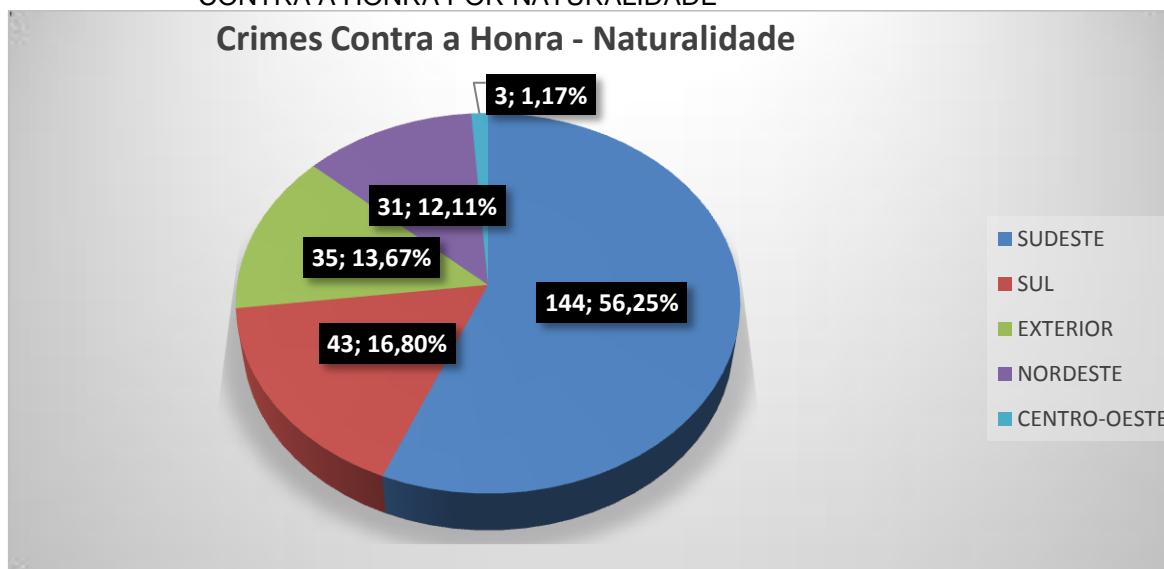
TABELA 80 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NATURALIDADE

Crimes Contra a Honra				
Naturalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
SUDESTE	144	45,72%	144	56,25%
SUL	43	13,65%	43	16,80%
EXTERIOR	35	11,11%	35	13,67%
NORDESTE	31	9,84%	31	12,11%
CENTRO-OESTE	3	0,95%	3	1,17%
NÃO INFORMADO	59	18,73%	-	-
Total Geral	315	100,00%	256	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UUEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 74 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UUEL

Tratando-se da Naturalidade dos Réus, a maioria, somando 144, é oriunda da Região Sudeste, com 56,25% da porcentagem válida. Em proporções menores, vem a Região Sul com 43 (16,80%), seguida pelo Exterior com 35 (13,67%) e a Região Nordeste com 31(12,11%) representantes. E, para fechar o grupo, há 3 indivíduos da região Centro-Oeste, com 1,17% do total válido.

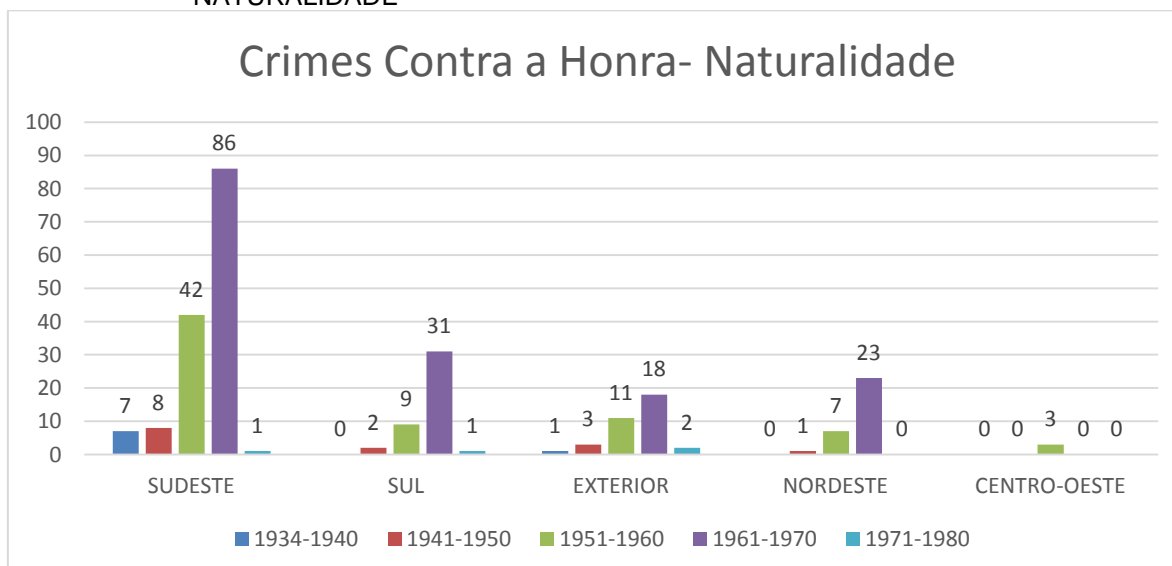
TABELA 81 - QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NATURALIDADE

Naturalidade	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
SUDESTE	7	8	42	86	1	144
SUL	0	2	9	31	1	43
EXTERIOR	1	3	11	18	2	35
NORDESTE	0	1	7	23	0	31
CENTRO-OESTE	0	0	3	0	0	3
Total Válido*	8	14	72	158	4	256
Não informado	1	7	15	36	0	59
Total Geral	9	21	87	194	4	315

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

GRÁFICO 75 - QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NATURALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

A região Sudeste é a que possui a maior quantidade de réus em todos os períodos. No primeiro, 1941 a 1950, possui apenas 8 réus e entre 1951 a 1970 salta de 42 para 86. A região Sul, com um montante menor, no mesmo intervalo de tempo, aparece com apenas 2 e aumenta de 9 para 31 indivíduos. Com valores próximos aos da região Sul, o Exterior tem 11 situações em 1951 a 1960 e 18 na década de 1961 a 1970. O Nordeste, no mesmo intervalo, tem 7 ocorrências, que elevaram-se para 23, quase se igualando com o Sul e Exterior. A região Centro-Oeste aparece com apenas 3 réus entre 1951 a 1960.

TABELA 82 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NACIONALIDADE

Crimes Contra a Honra				
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Brasileiro*	265	84,13%	265	88,63%
Europa ocidental*	12	3,81%	12	4,01%
Oriente*	8	2,54%	8	2,68%
Oriente médio*	8	2,54%	8	2,68%
Europa oriental*	6	1,90%	6	2,00%
Não Informado	16	5,08%	-	-
Total Geral	315	100,00%	299	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
- B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
- C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)
- D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
- E) Oriente* (Japão, China);
- F) Oriente médio* (Síria, Líbano).

GRÁFICO 76 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

No grupo Crimes Contra a Honra, os Brasileiros foram os que mais praticaram estes crimes, no total de 265 ou 88,63% da porcentagem válida de Réus. Em seguida, vem a nacionalidade da Europa Ocidental, com 12 representantes ou 4,01%. As demais, com números ínfimos, vieram do Oriente (8-2,68%), Oriente

Médio (8-2,68%) e Europa Oriental (6- 2,00%), somando 22 indivíduos com 7,36 % do total válido.

TABELA 83 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NACIONALIDADE

Nacionalidade	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Brasileiro*	8	16	74	165	2	265
Europa ocidental*	0	3	4	3	2	12
Oriente*	0	0	3	5	0	8
Oriente médio*	0	0	4	4	0	8
Europa oriental*	1	0	0	5	0	6
Total Válido*	9	19	85	182	4	299
Não Informado	0	2	2	12	0	16
Total Geral	9	21	87	194	4	315

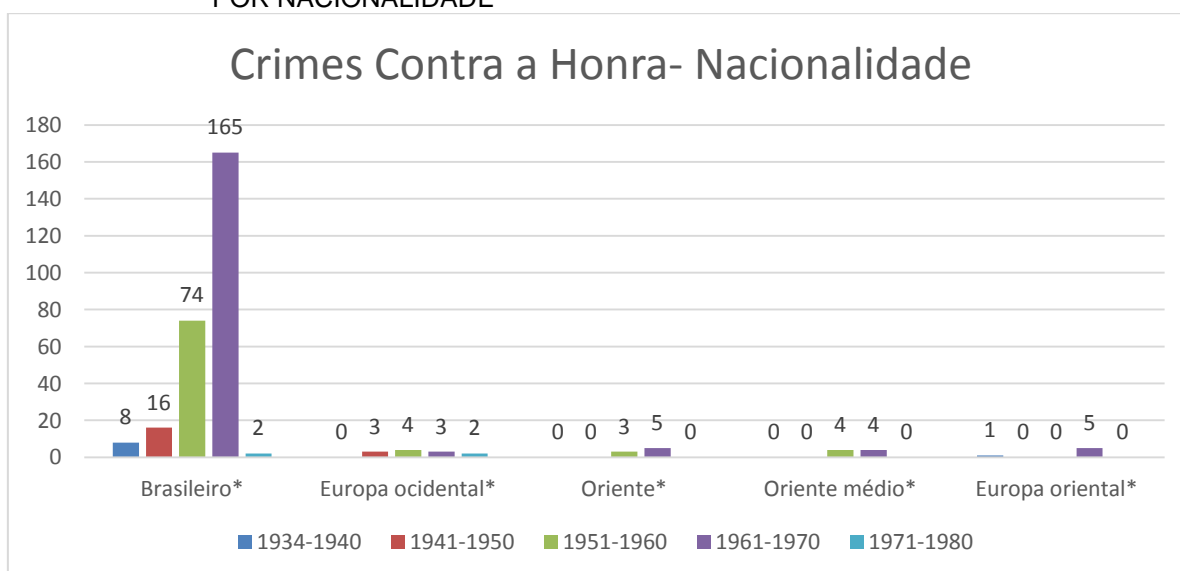
FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: Os grupos de Nacionalidade foram divididos da seguinte forma:

- A) Brasileiro* (nato e naturalizado);
- B) Países americanos* (Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, México, EUA);
- C) Europa ocidental* (Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Grécia, Dinamarca, Suíça, Turquia, Bélgica, Holanda, Suécia)
- D) Europa oriental* (Hungria, Tchecoslováquia, Rússia, Letônia, Polônia, Armênia, Bulgária, Iugoslávia, Lituânia, Romênia, Ucrânia);
- E) Oriente* (Japão, China)
- F) Oriente médio* (Síria, Líbano)

GRÁFICO 77 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR NACIONALIDADE



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O montante de réus de Nacionalidade Brasileira aumentou durante o período analisado. No primeiro eram 16, entre 1941 a 1950, aumentando para 74 no

segundo, de 1951 a 1960. No terceiro, 1961 a 1970, mais que dobraram, passando para 165 situações. A Europa Ocidental, nesse mesmo intervalo de tempo, apresentou, respectivamente, 3, 4 e 3 réus. O Oriente (8), Oriente Médio (8) e Europa Oriental (5) apresentam números pouco expressivos, totalizando 21 pesquisados.

TABELA 84 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR ESTADO CIVIL

Crimes Contra a Honra				
Estado Civil	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Casado/amasiado*	225	71,43%	225	74,75%
Solteiro	66	20,95%	66	21,93%
Viúvo	8	2,54%	8	2,66%
Desquitado/separado*	2	0,64%	2	0,66%
Não Informado	14	4,44%	-	-
Total Geral	315	100,00%	301	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 78 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Os Casados/Amasiados, 225 Réus, formam o subgrupo majoritário com 74,75% do percentual válido. Em segundo lugar, aparecem os Solteiros com 66 réus ou 21,93%. Viúvos e Desquitados/Separados são minoritários e possuem, respectivamente, 8 (2,66%) e 2 (0,66%) componentes do total válido de 301 pesquisados.

TABELA 85 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR ESTADO CIVIL

Estado Civil	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Casado/amasiado*	4	13	67	139	2	225
Solteiro	3	3	17	42	1	66
Viúvo	0	0	0	8	0	8
Desquitado/separado*	0	0	1	1	0	2
Total Válido*	7	16	85	190	3	301
Não Informado	2	5	2	4	1	14
Total Geral	9	21	87	194	4	315

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Estado Civil foram considerados os seguintes aspectos:

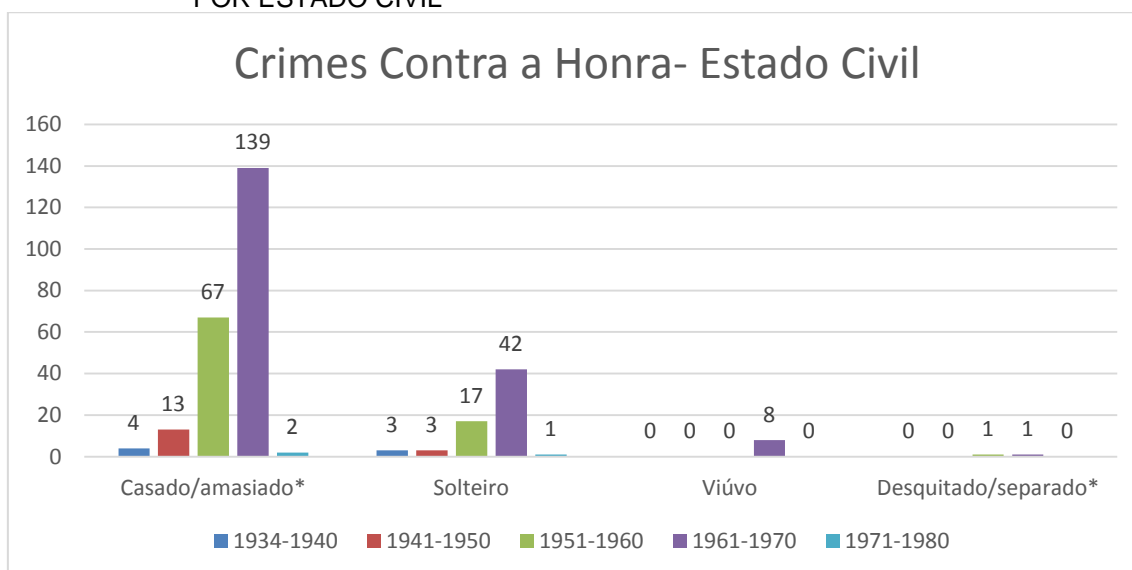
A) solteiro

B) casado/amasiado* foi considerado amasiado uma relação estável

C) viúvo

D) desquitado/separado* foi considerado separado a condição não oficial da separação/desquite

GRÁFICO 79 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR ESTADO CIVIL



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

O subgrupo Casado/amasiado representa a maioria dos réus no período analisado. Na década de 1941 a 1950 eram 13 e aumentaram de 67 para 139 entre 1951 a 1970. Em números absolutos bem menores estão os Solteiros. Em comparação ao período anterior, na primeira década, eram apenas 3 e passaram de 17 para 42 réus. Os Viúvos são somente 8 entre os anos de 1961 a 1970, enquanto os Desquitados/separados totalizam 2 situações, sendo 1 em cada decênios entre 1951 a 1970.

TABELA 86 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR COR

Crimes Contra a Honra				
Cor	Quantidade	Porcentagem	Quantidade Válida	Porcentagem Válida
Branca*	131	41,59%	131	74,43%
Negra*	38	12,06%	38	21,59%
Parda*	6	1,90%	6	3,41%
Amarela*	1	0,32%	1	0,57%
Não Informado	139	44,13%	-	-
Total Geral	315	100,00%	176	100,00%

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O percentual válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

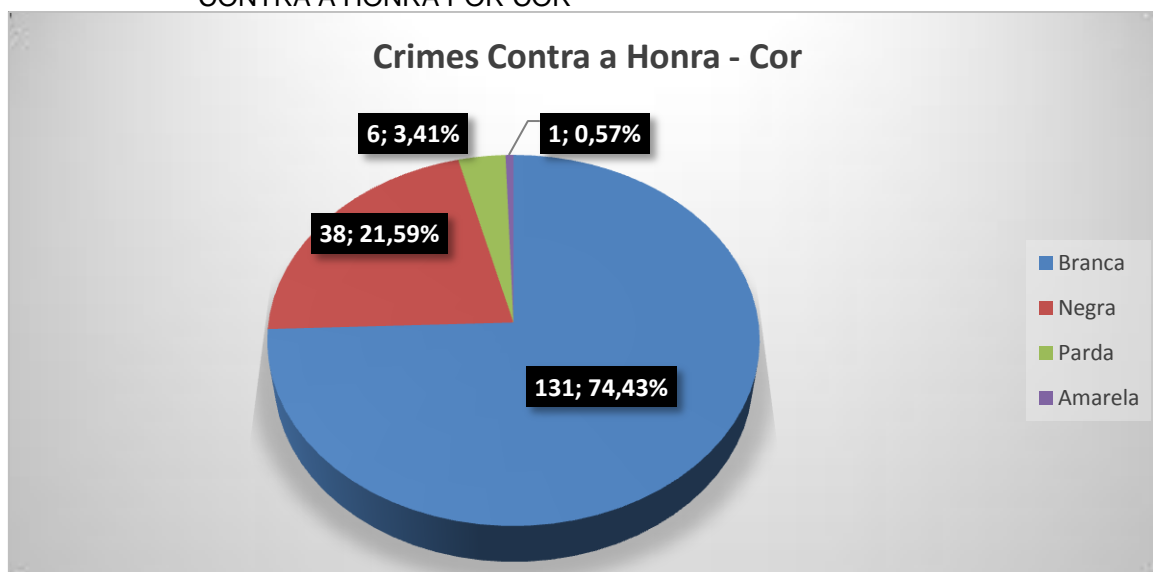
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 80 – QUANTIDADE E PORCENTAGEM TOTAL DE RÉUS POR GRUPO: CRIMES CONTRA A HONRA POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Em relação à Cor dos Réus do Grupo Crimes contra a Honra, há 131 Brancos, com 74,43% da porcentagem válida. A seguir, com menos de 1/3 do primeiro estão 38 Negros ou 21,59%. Os Pardos (6-3,41%) e Amarelos (1-0,57%), juntos, constituem grupos minoritários, com 7 pesquisados ou 3,98% do total válido.

TABELA 87 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR COR

Cor	Crimes Contra a Honra					Total Geral
	1934-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1970	1971-1980	
Branca	0	1	33	95	2	131
Negra	0	2	9	26	1	38
Parda	0	0	0	6	0	6
Amarela	0	0	0	1	0	1
Total Válido*	0	3	42	128	3	176
Não Informado	9	18	45	66	1	139
Total Geral	9	21	87	194	4	315

FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

* NOTA: O Total Válido foi incluído na tabela e expurga o item não informado.

* NOTA: No grupo Cor foram agrupadas as seguintes etnias:

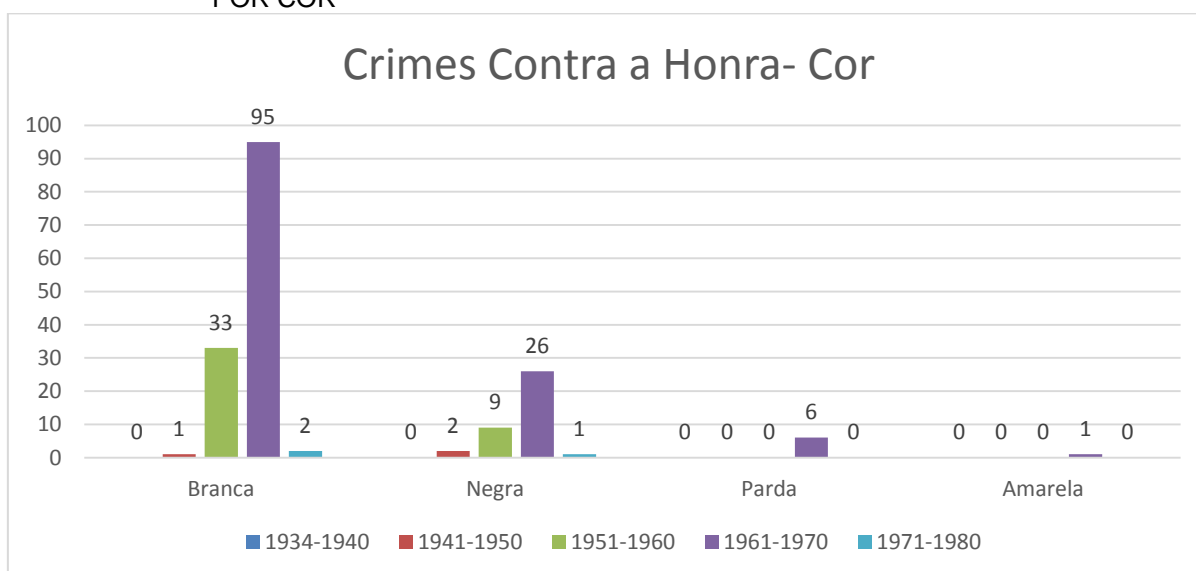
A) Branca: Branca e Clara.

B) Negra: Escura, Morena, Mulata, Preta e Negra.

C) Parda: Parda.

D) Amarela: Amarela.

GRÁFICO 81 – QUANTIDADE TOTAL DE RÉUS POR PERÍODO: CRIMES CONTRA A HONRA POR COR



FONTE: Banco de Dados dos Autos Criminais do Fórum da Comarca de Londrina - 1934/1970, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) /Departamento de História/UEL

Nesse Grupo de Crimes Contra a Honra, os réus Brancos aumentaram expressivamente durante o período analisado. No primeiro, de 1941 a 1950, tinha

apenas 1, passou para 33 no segundo e quase triplicou para 95 réus no terceiro. Os Negros também aumentaram nessas décadas: eram 2, depois 9 e saltaram para 26. Já os Pardos apresentaram 6 indivíduos no total e todos, na década de 1961 a 1970. Igualmente neste mesmo intervalo, os de etnia Amarela tiveram apenas 1 réu.

No próximo capítulo, a seguir, faremos uma análise mais interpretativa das informações obtidas no Banco de Dados e apresentadas em tabelas e gráficos, nos capítulos anteriores. Assim, correlacionaremos a ideia de que Londrina foi uma cidade construída alinhada a um processo de urbanização planejado, semelhante aos países industrializados. Refletiremos sobre os crimes mais comuns encontrados em Londrina, comparando-os com outras duas análises regionais (São Paulo e Minas Gerais) de outros autores, examinando a evolução e o desenvolvimento da criminalidade na sociedade brasileira.

CAPÍTULO V

O ELDORADO, A ESTATÍSTICA E O CONFLITO SOCIAL: O CONTROLE SOCIAL

5 O ELDORADO, A ESTATÍSTICA E O CONFLITO SOCIAL: O CONTROLE SOCIAL

5.1 LONDRINA: O ELDORADO E A CIDADE MODERNA

A cidade Londrina, fruto e obra da colonização inglesa desde sua constituição, sempre foi imaginada, pensada e concebida como uma cidade moderna, segundo Arias Neto (1998) e Rolim (1999). Sua concepção tem a ver tanto com interesses econômicos voltados para a produção de matéria-prima do algodão, posteriormente, do café para exportação quanto seu espaço geográfico-espacial foi planejado para compor uma harmonização entre um local de distribuição e intermediação de negócios, mercadorias e capital e de servir como *habitat* para se morar e viver com as comodidades de uma cidade ordenada com seu paisagismo, casas, ruas, praças e calçadas servindo de pano de fundo como as cidades inglesas, especialmente, as modernas aparecidas com a revolução industrial.

Como vimos anteriormente, as casas de madeira foram tombadas e substituídas pelo concreto e tijolo, os edifícios construídos apontados para o infinito do céu, a rua encapada pelas pedras-sabão tampando e congelando a terra vermelha, as ruas do comércio e os bairros residenciais, a localização da igreja matriz no centro e no ponto mais alto da urbe, a arquitetura moderna dos pontos de referências como o Cine Ouro Verde ou a Estação Rodoviária de João Batista Vilanova Artigas ou, ainda, a Estação Ferroviária, todas são criações para embelezar a paisagem urbana e agradar os ocupantes fazendeiros 'novos ricos'.

A estrada de ferro e as estradas de terra abertas para passagem de caminhões e carros mostravam como os meios de transportes superavam os de tração animal, pouco produtivos e lentos. O planejamento urbano promovido pelos colonizadores e, posteriormente, pelos prefeitos municipais e pelas elites londrinenses imaginaram uma cidade arejada, arborizada e com beleza para se viver e trabalhar.

Um indicativo desse crescimento vertiginoso do setor urbano é que se as construções prediais foram em torno de 362.000m² na década de 40, no período de 50/60 atingiram 861.000 m², portanto, um aumento em torno de 137% na realização de edificações [...] a cidade havia ultrapassado o perímetro central, avançando em direção à periferia. [...] já havia 53 vilas espalhadas por diferentes lugares, "nascidas da subdivisão de lotes

pequenos terrenos de baixo preço", formando um padrão periférico de moradia. (ROLIM, 1999, p. 45).

A representação social da cidade perpassava por um modelo geográfico-espacial que dispunha o território para seu povoamento na certeza de possuir uma racionalidade do centro com seu comércio e da igreja matriz, afastando-se para os bairros de casas de material ao estilo moderno. Esse planejamento urbano implica que o povoamento também seja realizado de forma equilibrada, com levas de gente que possam ser assentadas conforme o que foi pensado pelos colonizadores.

Foucault (2008), no texto que estuda as relações entre segurança, território e população que se transformam na passagem do feudalismo para o capitalismo, vai discutir as concepções de cidades, que virão à tona para dar conta da população expulsa do campo e que vai para as vilas e burgos europeus. Apresenta três tipos de cidades concebidas para determinados fins de povoamento e ocupação.

A primeira concepção de cidade é aquela na qual a capital é o centro fundamental do território e sua população. "Deve ser uma relação geométrica, no sentido de que um bom país é, em poucas palavras, um país que tem a forma de círculo, e é bem no centro do círculo que a capital deve estar situada" (Foucault, 2008:19). Haveria uma centralidade da capital, que emana para o território uma "relação estética e simbólica", ser um "ornamento do território", ser o "centro da política", ser o "exemplo dos bons costumes", ser a "sede das academias", ser o "lugar do luxo para que constitua um lugar de atração para as mercadorias que vem do estrangeiro, e ao mesmo tempo deve ser o ponto de redistribuição pelo comércio" (idem acima)

A segunda diz respeito a um conceito de cidade na qual sua forma se dá através da construção de quadrados e retângulos, cuja inspiração vem do acampamento romano que possuía grandes exércitos e necessitava manter a ordem em seus acampamentos militares. A concepção é ter pequenas 'figuras geométricas' a partir do quadrado e retângulo, em que se poderia exercer "os controles coletivos e individuais no grande projeto de disciplinarização do exército." (FOUCAULT, 2008, p. 21). De um lado, nas ruas mais espaçosas ficariam as residências, o 'bairro residencial' com diferentes tipos de moradias de um ou dois andares, mostrando as diferenças sociais como posição social, riqueza; de outro lado, o comércio, os artesãos, as lojas em quadrados pequenos com menos espaçamento entre as ruas seria o bairro comercial com estreitamento entre lojas. Ao lado disso, uma igreja.

Ordenamento seria dirigido pela disciplinarização geoespacial com os quadrados menores para fins comerciais e os retângulos maiores para fins de moradias.

A terceira seria o da reforma urbana nas cidades já existentes. Possuiria quatro aspectos: a) prioridade da questão de higiene no espaço citadino, procurando acabar com os locais de pouca ventilação onde vigoraria os “bolsões em que acumulavam os miasmas mórbidos nos bairros demasiados apertados” Foucault (2008, p. 24); b) tornar seguro o comércio na cidade, onde as pessoas podiam fazer suas compras com tranquilidade; c) viabilizar que uma rede de estradas pudesse ser conectada com as ruas comerciais para que houvesse a transferência de mercadorias para fora da cidade; e d) dar “vigilância [...] [pois] a insegurança das cidades tinha aumentado devido ao afluxo de todas as populações flutuantes, mendigos, vagabundos, delinquentes, criminosos, ladrões, assassinos, etc”. (FOUCAULT, 2008, p. 24).

Esses dois últimos exemplos comporiam as características principais das cidades oriundas da revolução industrial, cujo planejamento urbano teria a prioridade de formular as políticas geoespaciais em torno de onde se localizaria os centros de comércio, de indústria, de moradias e de lazer. Assim, a ‘modernidade’ da concepção de Londrina residiria nestes aspectos.

A legislação colocada através da Lei 133 de 1951 prescreveu o zoneamento da cidade; do Código de Postura da cidade de 1953 (poderes das polícias sanitárias e de ordem pública) e do Código de Obras, Lei 281 de 1955, que fixava as regras para construção, edificação e reformas de imóveis na cidade. A questão do zoneamento, da postura e das obras são instrumentos gerados para se construir o imaginário de cidade moderna.

Os bairros residenciais com casas de alvenaria e suas ruas e as avenidas largas, as quadras em forma de quadratura, a Avenida Higienópolis (vem de higiene), o cinema e a rodoviária de concepção modernista, o comércio situado no centro juntamente com a Igreja Matriz fazem esse registro da vida moderna londrinense.

Por fim, assinala que o que se busca é estabelecer uma ordem perdida, em primeiro lugar, com a invasão de migrantes internos e externos com toda sorte de tipo de gente (pessoas honestas, trabalhadores, ladrões, criminosos, etc.) em busca de um futuro melhor numa cidade imaginada ser o Eldorado com riqueza abundante para todos. Quando na realidade o que se encontrou foi uma situação limite em que

a riqueza gerada não podia ser distribuída de forma equitativa para todos. As levas de pessoas vindas para Londrina estavam sem condições econômicas e sociais para se estabelecerem de forma digna. Em segundo lugar, a lei de zoneamento da cidade era para refrear as divisões de terras para fins de habitação que se fazia na periferia da cidade de forma desorganizada, conforme a chegada do fluxo de pessoas na cidade. Em terceiro lugar, a falta de infraestrutura como energia, água e esgoto, comunicação fazia com que partes da cidade fossem consideradas locais adequados de se viver e outras não, pois não possuíam este tipo de equipamento.

5.2 CONFLITO SOCIAL E A ESTATÍSTICA: A BUSCA DA ORDEM

A ordem significava também a busca de uma política de segurança que viabilizasse o controle social daqueles tidos como delinquentes, miseráveis e criminosos. A modernização do aparato de segurança realizada pelos governos municipais e estaduais, em termos de recursos humanos, comunicação interna, edificação de delegacias e cadeias, motorização da polícia melhorava em muito a ação policial na cidade, impondo uma vigilância mais constante à massa perigosa que perambulava pelo centro e bairros residenciais e oferecendo perigo aos moradores e comerciantes honestos. (ROLIM, 1999).

Rolim (1999, p.133,161) afirma, no seu trabalho sobre o uso da estatística, para contabilizar o trabalho policial em termos de sua eficiência na luta contra a criminalidade. Taxas de prisões de suspeito, averiguações, batidas em locais públicos e 'estabelecimentos comerciais' como hotéis suspeitos, bares e prostíbulos. Desta feita, a contabilidade de eventos está posta a serviço da segurança, que visa diminuir a intranquilidade vivida pela população ordeira londrinense, mostrando os números da ação policial na cidade.

Estas ações policiais cumpriam o papel de amainar a sensação de insegurança na medida em que o grau de delinquência e dos crimes tinha pouco impacto sobre a população. A mendicância, os jogadores de carteados, as prostitutas, os embriagados e os pobres não impunham um risco grave para os londrinenses. Ou seja, "a pequena, mas extensa delinquência. Os pequenos golpes e os diversos expedientes utilizados para se obter algum dinheiro deixavam os grupos enriquecidos aflitos." (ROLIM, 1999, p.136).

No trabalho de Vellasco (2004, p.194, 277), sobre a justiça mineira no século XVIII, expõe a necessidade de 'contenção da rale' através de regras, regulamentos e pessoal de segurança que fizesse a vigilância destas categorias sociais. Uma guarda municipal e nacional foi criada para esse fim. Uma preocupação similar como o que foi executado em Londrina em relação aos desclassificados que chegavam em hordas. O estabelecimento de condições objetivas para que se efetivasse o controle social na sociedade, portanto, de uma ordem.

A ordem implica aquilo que torna o mundo social possível e os mecanismos capazes de mantê-lo estruturado em termos de reprodução de instituições, normas, procedimentos e valores, enfim, o que produz e reproduz as formas responsáveis pelo caráter rotineiro das condutas sociais capazes de garantir um quadro estável de referências coletivas. (VELLASCO, 2004, p. 216).

Desta feita, o que as elites e as autoridades londrinenses almejavam era conter uma turba de se espalhar pela cidade provocando alvoroço e desordem no meio social.

Quando falamos em turba, multidão, estamos falando dos indivíduos que possuem uma matriz social, uma naturalidade, uma nacionalidade ou um pertencimento a um grupo social de *status*. Os mendigos, as prostitutas, os jogadores, os populares e imigrantes compunham essa categoria de elementos a serem priorizados na busca de sua periculosidade.

5.3 ROUBO E FURTO: PREVALÊNCIA DOS CRIMES CONTRA A PROPRIEDADE

Os crimes contra a propriedade, como furto, estelionato e roubo, apresentados nos capítulos I e IV, são a grande maioria dos delitos ocorridos em Londrina, ocupando em primeiro lugar entre os mesmos. Este fato contrasta com os dados levantados por Vellasco (2004, p. 250, p. 287; 288) nos inquéritos judiciais em Minas Gerais, levando em conta o período analisado (1800/1890), que coloca o furto e roubo em terceiro lugar entre as ocorrências, com 15,9% dos casos apresentados. Apresenta um gráfico em que os crimes contra o patrimônio possuem dois picos: um em 1810 e outro entre 1860 e 1880, havendo um descenso após os picos. Argumenta em dois aspectos esses picos: 1) a demanda provocada pela organização da justiça, isto é, pela mudança interna de seu funcionamento nos períodos mencionados acima devido à chegada da família real ao país, provocando

transformações nas relações entre as autoridades portuguesas que aqui trabalhavam e a Corte portuguesa; 2) pelo aperfeiçoamento do sistema judicial e policial iniciado em 1840, que proporcionaria uma maior eficiência do trabalho criminal.

De fato, Londrina passa por uma transformação similar tanto política quanto de reestruturação do aparelho militar-policial. Política no sentido de que o Governo do Estado do Paraná atua criando uma política de segurança estatal paranaense que se inicia em fins dos anos 40 e 50 do século XX. Ocorre o reaparelhamento em termos de recursos humanos e materiais que faz com que os delitos e crimes sejam mais bem reprimidos pelo sistema policial e, com isso, um encaminhamento maior para o judiciário de casos de furto e roubo.

Fausto (2001, p. 57, 62), em trabalho sobre processos criminais na cidade de São Paulo, examinando os delitos mais comuns, assinala que furto e roubo estão em primeiro lugar em termos de prisões efetuadas (54,60% das prisões), e em segundo lugar (p. 58; 61) nos inquéritos judiciais (28,6% e 17,9% dos casos) em dois períodos distintos: 1893-1895 e 1921-1923. Expõe que em 1907 houve uma mudança na legislação criminal na denominação imprecisa de 'gatunagem' para roubo e furto, mais precisos, preconizando que isso poderia ter refletido na tendência de queda da frequência. Porém, o autor faz uma atualização comparativa entre os períodos de 1893-1923 e 1980-1981 nos inquéritos judiciais, constatando que os crimes contra propriedade se tornam dominantes (52,2% dos inquéritos).

Essa evolução é compatível com os estudos de criminalidade que associam os crimes contra propriedade e as fraudes com as grandes cidades modernas, considerando os crimes de sangue uma característica da chamada sociedade tradicional. (FAUSTO, 2001, p. 62).

Essa afirmação dá sustentação ao que foi verificado em Londrina, onde os crimes contra o patrimônio são a grande maioria, confirmando a característica de cidade moderna que os fundadores criaram. Desta feita, quando fazemos a comparação com Vellasco (2004), devemos levar em consideração que o período analisado remete-nos ao modelo de sociedade de tipo tradicional assinalado por (FAUSTO, 2001).

Quando observamos a questão da cor em Londrina, em relação ao crime contra a propriedade, encontramos a predominância dos brancos (Tabela 44) 1.074 ou 65,93%, contra a minoria negra/pardo 514 ou 31,55% dos totais válidos. Mas,

aqui, devemos levar em consideração que os 'não informados', 1.025 ou 38,62%, podem significar 'omissão' ou uma 'subnotificação' para declarar a cor do réu. Fazendo uma comparação com os dados de Fausto (2001, p. 69), sobre o mesmo delito informa que o grupo negro/pardo forma o aglomerado social que mais comete tal infração, respectivamente 64,6% contra 58,0% de brancos. Vellasco (2004) também apresenta uma quantificação similar com relação ao par acima citado, com 144 casos contra 49 de brancos (p.260). Podemos supor que em Londrina essa realidade observada por ambos os autores pode ser verdadeira na medida em que o dado numérico alto de 'não informado' supera em muito (o dobro) o negro/pardo.

Com relação à nacionalidade dos réus em Londrina, dos crimes contra o patrimônio, a categoria brasileira abrange 2.356 pessoas ou 94,74% (Tabela 40), supera os imigrantes em todas as etnias, 131 pessoas ou 5,26% (tabela idem acima). O primeiro compõe a grande maioria dos infratores enquanto os estrangeiros são uma minoria. Fausto (2001) constata uma realidade diferente. Em relação às prisões, temos estrangeiros em geral com 55,5% contra brasileiros 44,5% (p.71). Com os indiciados em inquéritos relata que os estrangeiros (italianos, 30,0%; portugueses, 12,2%; espanhóis, 6,3%; outros, 11,8%) são 60,3% e os brasileiros expressam 39,7% (p.74). No nosso trabalho, o italiano, o português e o espanhol enquadram-se na categoria de Europa Ocidental com 51 pessoas ou 2,05% do total válido. Repetindo, Londrina apresenta um percentual elevado de 94,74% de brasileiros contra os 39,7% na cidade de São Paulo. Esse quadro comparativo diverge em muito com o que foi verificado nos inquéritos judiciais londrinenses.

Ainda nesta faixa de argumentação, Fausto (2001) relata a ação violenta de policiais contra meliantes que praticam roubos e furtos na cidade de São Paulo. Diz: "Entre 512 indiciados por crime contra a propriedade [...] 54 (10,5%) queixam-se pessoalmente ou por intermédio de advogado de terem sido vítimas de violência para confessar." (2001, p. 181). Afirma que é uma 'violência institucional' e cotidiana do aparelho repressivo em relação aos presos comuns. Isso corrobora as afirmações feitas por Rolim (1999, p.148) e relatadas mais acima na seção sobre a cidade de Londrina. A imprensa local narra casos de agressão policial em Londrina, servindo de porta voz dos agredidos.

Cabe frisar a evolução da faixa etária dos réus nos crimes contra o patrimônio em Londrina, que é de forma crescente e permanecendo alta em duas faixas de idade: de 18 a 29 anos e 30 a 39 anos (Tabela 35). Nos anos de

1941/1950 eles eram, respectivamente, 109 e 66; no decênio seguinte 1951/1960 elevaram-se, sucessivamente, para 503 e 272 e, no próximo, 1961/1970 aumentaram para 556 e 294 pessoas. Quando comparados com a lesão corporal (Tabela 21) e homicídios (Tabela 49), a distribuição por faixa etária mostra-se mais equitativa em todas as categorias. Tanto em Fausto (2001) quanto em Vellasco (2004) não se apresentam dados sobre esse item específico. É de se supor que os crimes de roubo e furto por faixa etária confirmam a análise faustiana, de que essa modalidade de infração ocorre na sociedade moderna na medida em que ela pertence ao mundo da produção de mercadoria. Esta, por sua vez, é um objeto de desejo de todos.

Por fim, em relação ao gênero, coincidem os dados londrinenses (Tabela 36) com os de Fausto (2001). Em ambos, o sexo masculino tem mais de 90% contra um percentual abaixo de 10% do sexo feminino. Dois aspectos são apontados por Fausto: 1) o sexo feminino pratica 'pequenos furtos' com mais regularidade do que grandes roubos e 2) "a delinquência feminina é mais acidental do que a masculina" (FAUSTO, 2001, p.89). Na nossa pesquisa no banco de dados, não foi possível verificar o porquê dessa realidade, seria necessário analisar os autos para obter alguma explicação. Este não era o nosso objetivo. Porém, pela argumentação lógica apresentada por Fausto, essa seria uma possível explanação sobre os índices londrinenses.

5.4 HOMICÍDIO: O CRIME VIOLENTO

Nesta seção, iremos comentar sobre dois crimes, lesão corporal e homicídio, ao mesmo tempo. Ambos estão inseridos no Código Penal como crimes contra a pessoa. Mas, neste trabalho, apresentamos cada tipo de crime *per si* para analisá-los em detalhe e pormenor devido à importância verificada na classificação de crimes mais frequentes. Outro aspecto que deve ser considerado é o fato de que, no trabalho de Vellasco (2004), ele considera o homicídio e ofensa física juntos, denominados de crimes violentos. Em outro momento, iremos trabalhar somente com homicídio acompanhando a análise de Fausto (2001) na medida em que apresenta mais características socioculturais dos criminosos.

Antes, faremos uma breve apresentação da lesão corporal e homicídios. A lesão corporal está em segundo lugar na lista dos crimes mais frequentes, com

1.305 casos (Tabela 2). A faixa etária entre 18 e 39 anos perfaz 1.031 ou 79,93 % das idades (ver a seção de lesão corporal no capítulo IV). A grande maioria é homem, com o total de 1.243 ou 91,87%. Observamos que em relação à naturalidade, a região Sudeste tem uma prevalência de 669 ou 52,93%, em comparação o sul e o nordeste juntos têm apenas 497 ou 39,32%. Quanto à nacionalidade, tem 1.223 brasileiros ou 92,79% em relação aos estrangeiros; em relação ao estado civil, os casados/amasiados têm 758 ou 58,17%, comparado com os solteiros 514 ou 39,45%; ou ainda, por cor, a branca tem 605 ou 65,26% e negros e pardos 305 ou 32,90%. Destarte, os brasileiros, em geral, e os da região Sudeste, em específico, são os homens brancos que provocaram mais lesões corporais, a maioria casados.

Com relação aos homicídios, ocupa o quarto lugar nos crimes mais frequentes, apresentando 594 casos (Tabela 2). No quesito da faixa etária entre 18 a 39 anos corresponde a 77,66% ou a 438 de pessoas (ver a seção de crimes de sangue no capítulo IV). O sexo masculino prevalece com 575 homens ou 97,46%. A naturalidade dos homicidas, em sua grande maioria, vem do Sudeste com 318 ou 57,09%, o Sul e o Nordeste perfazem juntos 205 ou 36,80%. Os brasileiros são em 540, equivalendo a 94,90% em relação aos estrangeiros. Os casados/amasiados são 320 ou 57,35% e os solteiros compõem-se de 222 ou 39,78%. Os homens brancos prevalecem com 242 ou 62,21% e os negros e pardos têm, juntos, 130 ou 33,42%. Em resumo, os indiciados de homicídios são, em geral, brasileiros brancos, vindos da região Sudeste, que possuem uma faixa etária entre 18 e 39 anos e são casados.

Ao juntarmos a lesão corporal com homicídio para criar a categoria de crime contra a pessoa, teríamos 1.951 casos. Em relação à faixa etária entre 18 a 39 anos, ela corresponde a 1.469 indivíduos ou 75,29%. Há 1.818 homens que compõem 93,18%. Por região, o Sudeste abrange 987 ou 50,59%; o Sul e o Nordeste perfazem juntos 702 ou 35,98%. Quanto à nacionalidade, os brasileiros são em 1.763, equivalendo a 90,36% em relação aos estrangeiros. Com relação aos casados/amasiados são 1.078 ou 55,25% e os solteiros compõem-se de 736 ou 37,72%. Os homens brancos prevalecem com 847 ou 43,41% e negros e pardos corresponderiam a 435 ou 22,30%. Em síntese, os réus em crimes contra a pessoa são, em geral, brasileiros brancos, oriundos da região Sudeste, prevalecendo uma faixa etária entre 18 e 39 anos e são casados.

Velasco (2004, p. 287-293) nomeia de crimes violentos a ofensa física e o homicídio. No período examinado, os crimes violentos têm uma incidência alta, na qual ele examina historicamente e culturalmente o fenômeno. Invoca vários autores que tratam da temática para explicar sua razão de existir, com seus limites e contradições. Como sua abordagem histórica abrange um longo período (1800/1890), analisa a ofensa física e o homicídio de forma independente. Mas assinala que ambos conformam a principal característica da sociedade mineira oitocentista: crime violento.

Discute teoricamente o que é ofensa física e homicídio. Afirma que a partir da ofensa física não existe limite claro e estabelecido para se chegar ao homicídio, no qual o uso de arma de fogo é predominante nas relações interpessoais.

Somados, os crimes violentos perfazem 57,1% da amostra, uma proporção que se mantém durante todo período observado. [...] Isoladas, as ofensas físicas respondem por mais de um terço do total. Se acrescentarmos [...] às ameaças e posse de armas, que caracterizam as tentativas de controle antecipado da violência interpessoal, o total chega a 61,6% da produção judiciária, [...] entre essas modalidades de violência não há, a rigor, diferenças quanto ao ato praticado e suas prováveis intenções. [...] As diferenças entre as ações classificadas como tentativas de homicídio [...] e as ofensas físicas são, na prática, inexistentes, e aplicam-se com frequência a casos idênticos. (VELLASCO, 2004, p. 250, 251).

Ressalta que esse tipo de delito faz parte da cultura cotidiana, na qual todos os membros da sociedade faziam uso de algum tipo de agressividade para sua defesa. O ambiente social não tinha formas institucionais de proteção aos indivíduos quando se sentissem injustiçados, pois a estrutura social, embora rígida, permitia um maior contato entre todos desde a elite passando pelas camadas médias e escravos livres até os escravos. Desta feita, a violência encontra um local para ser semeado e explodir em todos os segmentos sociais.

A violência era parte constitutiva e indissociável da forma como o mundo era percebido e aceito como tal; e as próprias condições de dominação justificavam-se largamente, em função da legitimidade da violência, como forma necessária e naturalizada das interações sociais, que definiam situações de poder e de submissão, o que garantia, [...], uma estreita correspondência entre as disposições mentais e estrutura social. Homens e mulheres—sempre mais os primeiros—em todos estratos sociais, tornavam-se violentos, [...], recorriam à violência, como forma corriqueira de solução dos problemas, de enfrentamento de conflitos, como defesa do que julgassem seus direitos e, [...], na afirmação de sua posição e defesa de seus valores, tais como honra, valentia e coragem, esses outros nomes da dignidade. (VELLASCO, 2004, p. 247, 248).

Assim, crime violento abrangia um largo espectro de valores e crenças sociais dos grupos sociais ultrapassando os limites impostos pelos códigos de leis penais ou de costumes que era preciso coibir pela ação do Estado. Apesar disso, no decorrer do tempo, essa forma de crime ‘tende a diminuir’ dando lugar para crimes contra o patrimônio. (VELLASCO, 2004, p. 233, 292, 293).

E relação à violência em geral, não se restringindo a uma categoria específica como lesão corporal, homicídio, ameaça ou outro do trabalho apresentado no capítulo quatro deste trabalho, sob o prisma da nacionalidade e da naturalidade dos indiciados nos processos londrinenses, brasileiros e oriundo da região Sudeste, podemos levantar a hipótese de que em Londrina, no período analisado, essa forma de violência era comum e difusa nas relações interpessoais. Relação de dominação e subordinação que se impunha para manter a ordem ‘naturalizada’ do mais forte no cotidiano das pessoas. Mineiros e paulistas foram as grandes massas que aqui acorreram quando do início da colonização na região Norte do Paraná. São Paulo e Minas Gerais são dois estados antigos que possuem uma historiografia com particularidades únicas na história brasileira. Os valores, crenças e costumes criados no decorrer do processo histórico de cada Estado ainda repercutem no Brasil.

Talvez expresse a ideia do pioneiro ou do bandeirante que desbrava o sertão paranaense e a construção do Eldorado. Um lugar prometido de fartura e riqueza. Uma terra imaculada e seu café (ouro verde) como as minas de ouro que produz uma sociedade diversificada socialmente, mas economicamente baseada na monocultura. Assim, um rol de conflitos e delinquentes são administrados pela justiça como brigas em geral, bebedeiras, mendicância, brigas com prostitutas, ambulantes, punguistas, menores abandonados, famílias pobres ‘a deus dará’, ladrões e homicidas diversos. Essa violência mais geral está na fisionomia dos relatos históricos da cidade de Londrina e das tabulações e gráficos socioculturais dos delitos do Fórum londrinense.

Fausto (2001, p. 61) usa o termo crimes de sangue para designar os “homicídios, tentativas de homicídios, ferimentos” (2001, p.315, 316), assim, procura articular todas as formas que podem ser enquadradas no ato de matar. Possui uma amostra em que quantifica os dados numéricos associados a uma interpretação abrangente deles. Em Londrina, o homicídio ocupa o quarto lugar na lista dos crimes mais frequentes para o período de 1934-1980, com 594 (Tabela 2). Em São Paulo,

nos inquiridos levantados, ocupa o primeiro lugar com 5.941 ou 66,0% da amostra para o período de 1893-1923. Entretanto, faz um comparativo atualizando para 1980/1 e o percentual cai para 44,3%. Isto acontece devido ao expurgo que realiza em relação aos acidentes de trânsito que foram contabilizados como crimes contra a pessoa (2001, p.62). Com essa retificação, os crimes de sangue apresentam a tendência de queda, como em Vellasco (2004, p. 69) e também em Londrina.

Em relação à cor, para o período de 1880-1924, brancos têm um percentual de 26,1%, pretos² de 18,5% e mulatos de 22,0%; juntos (pretos/mulatos) representam 40,5%%. Em Londrina, os homens brancos prevalecem com 242 ou 62,21% e os negros de 105 ou 26,99% e pardos de 25 ou 6,43%, juntos perfazem 130 ou 33,42% (Tabela 58). Comparando, os brancos têm, em ambas as situações, supremacia de homicidas. Londrina apresenta um percentual maior (26,99%) em relação a São Paulo (18,5%) para os pretos/negros. E é menor (6,43%) contra São Paulo (22,0%) em relação aos mulatos/pardos. Observa-se que essa comparação não apresenta uma nitidez racial, pois as classificações são diferentes para preto/mulato em Fausto (2001) e aquelas que foram nomeadas neste trabalho, pois tem uma abrangência maior, como foi colocado na nota de rodapé.

No que diz respeito ao imigrante, Fausto (2001, p. 74) cataloga três etnias que têm grande prevalência em São Paulo: italiano (40,1%), português (11,1%) e espanhol (5,9%). Estas etnias, no caso de Londrina, estão agrupadas na categoria da Europa Ocidental, perfazendo 22 casos ou 3,86% (Tabela 54). Londrina apresenta relativamente um percentual baixo se comparado com São Paulo, na medida em que o segundo recebeu um maior contingente de estrangeiros que chegava através do porto de Santos. Assinala que em São Paulo o total de estrangeiros corresponde a 61,3% dos indiciados contra 38,7% dos brasileiros. Em Londrina, os brasileiros são em 540, equivalendo a 94,90% em relação aos estrangeiros com 29 ou 5,10% do total (Tabela 54). Fausto (2001) frisa a dificuldade de aventar uma explicação sobre a prevalência estrangeira sobre a nacional no caso paulista. No caso de Londrina, os brasileiros são maioria e poderíamos sugerir o que foi argumentado mais acima, pois a colonização no Norte do Paraná foi feita por paulistas e mineiros.

²A designação de Preto/Mulato obedece a classificação dada por Fausto (2001) em sua obra e Negro/Escura/ Morena/ Mulata/ Preta foi a categoria encontrada nos processos criminais e agrupada em Negro.

Observa o papel do gênero nos crimes de sangue, em que o homem representa 93% com 240 casos e a mulher tem 7% ou 18 casos Fausto (2001, p.88). Em Londrina, o sexo masculino prevalece com 575 homens ou 97,46% e a mulher com 15 casos ou 2,54% (Tabela 50). Fausto (2001, 89, 90) discute o papel feminino na questão do homicídio em duas linhas diversas: a) que possuem “papel social bastante restrito”, ou seja, não teriam uma atuação diversificada como o homem desempenha e b) vinculada às questões familiares e sentimentais que a impelem para esse tipo de delito. Em Londrina, a segunda linha tem probabilidade de ser efetivada na medida em que a cidade foi um grande entreposto de prostituição nacional, servindo tanto as elites quanto as massas ou populares. As questões familiares e sentimentais com certeza afloravam dentro dos núcleos familiares oficiais ou extra-oficiais.

Com relação à profissão dos réus de crime de sangue, tanto em São Paulo quanto em Londrina o perfil dos profissionais é similar ao da capital paulista. Desta feita, isto pode indicar que o processo econômico desenvolvido em Londrina, em certo sentido, acompanha o progresso econômico que é irradiado pela capital paulista. Como exemplo, mostramos em ordem decrescente as categorias profissionais elencadas por Fausto (2001, p. 103): jornaleiros urbanos, empregados de serviços, comerciantes, operários industriais e trabalhadores rurais. Em Londrina, temos a seguinte configuração: trabalhador urbano, pequeno empresário, trabalhador rural, funcionário público e profissional liberal (Anexo A). Assim, as profissões urbanas se sobressaem em detrimento das do campo. Ressalta, com isso, a presença dos trabalhadores manuais e que “são em larga medida gente pobre. As informações sugerem que, na época e nos limites dos crimes estudados [...] o significado das prisões como instrumento de controle social da massa da população.” (FAUSTO, 2001, p. 102, 105).

Fausto (2001) apresenta também o crime de sexo no seu trabalho sobre análise de processos judiciais, mas o faz de forma detalhada e interpretativa com uso da estatística mais incidental para apoiar suas argumentações. Nesta seção, usaremos seus dados estatísticos para fins de comparação e interpretação com os realizados nas tabulações dos autos criminais.

5.5 CRIME SEXUAL: O GÊNERO FEMININO EM FOCO

Fausto (2001, p. 61) levanta um número de 1.086 casos de crime sexual que corresponde a 12,1% da amostra total de crimes examinados da amostra para o período de 1893-1923. Entretanto, o autor faz um comparativo atualizando para 1980/1 e o percentual cai para 3,5% (2001, p.62). Na cidade de Londrina, a sedução de menores está em quinto lugar e o estupro ocupa o nono lugar na lista dos crimes mais frequentes para o período de 1934-1980 com, respectivamente, 203 (4,08%) e 69 (1,39%) dos delitos mais comuns (Tabela 2). Segundo o autor, é constatada a 'tendência de queda', porém essa realidade não pode ser checada de fato, pois pode haver uma subnotificação ou mesmo a não denúncia pela vítima. No caso de Londrina, quando observamos a evolução dos crimes sexuais por faixa etária (Tabela 63) por período histórico, entre 18 a 29 e 30 a 39, há um crescimento de casos no período de 1951/1960 (57 e 15 casos) e 1961/1970 (162 e 26) para decrescer a partir daí. O banco vai até a década de 1980. Através desta periodização, não é possível afirmar se ocorre um aumento ou um declínio como Fausto (2001) afirma. O que se pode supor é que os crimes sexuais ocorrem com mais vigor entre os jovens e adultos jovens, cujo vigor físico-sexual está em ascensão.

E ainda Fausto (2001) vai discriminar as formas de crimes sexuais que ocorrem no período de 1880-1924, respectivamente, informa que o defloramento apresenta 51,4% dos casos, estupro 29,3%, atentado ao pudor 14,2% e rapto 5,1%. Na Tabela 60, encontramos a seguinte situação para os cinco primeiros delitos: Sedução de menores com 203 ocorrências ou 55,62%, Estupro com 69 ou 18,90%, Corrupção de menores com 36 eventos ou 9,86%, Atentado violento ao pudor com 24 ou 6,58% e Posse sexual mediante fraude com 17 ou 4,66% do total de casos. Coincidem as ocorrências de estupro e atentado ao pudor. O defloramento está em penúltimo lugar e não há casos de rapto em Londrina. Com relação à cor, para o período de 1880-1924, brancos têm um percentual de 27,7%, pretos de 16,9% e mulatos de 20,0%; juntos (pretos/mulatos) representam 36,9% (p. 69). Na cidade de Londrina, os homens brancos prevalecem com 180 ou 68,18% e os negros de 66 ou 25,00% e pardos de 14 ou 5,30%, juntos (negros/pardos) perfazem 80 ou 30,30% (Tabela 72). Comparando, os brancos têm em ambas as situações a supremacia de crimes sexuais, entretanto o percentual londrinense é extremamente alto. Na Tabela

73, a década de 1961/1970 apresenta 125 casos cometidos por brancos e os negros com 50 eventos, representando assim o maior número de casos comparando com os demais períodos históricos.

Com relação ao imigrante, Fausto (2001) pondera que em São Paulo o total de estrangeiros corresponde a 51,2% dos indiciados contra 48,8% dos brasileiros (p. 74). Em Londrina, os brasileiros são 353, equivalendo a 97,51% em relação aos estrangeiros com 9 ou 2,49% do total (Tabela 68). Os números e percentuais apontados aqui para o imigrante e o nacional sobre os crimes sexuais são muito destoantes entre si. Pela análise comparativa executada até aqui, sempre há uma correlação ou similaridade existente, mínima que seja, entre as categorias analisadas. Os percentuais postos na categoria brasileiros de 97,51% para Londrina e de 48,8% para São Paulo é uma diferença de 100%. Em relação aos estrangeiros, de 2,49% em Londrina e de 48,8% para a capital paulista mostra uma disparidade aproximada de 1.850%. Neste ponto, temos que levar em conta que a imigração em Londrina é muito pequena quando comparada a São Paulo, que foi superior. Fica a incógnita de que os números realmente expressam a realidade ou a própria manipulação dos dados foi mal realizada?

Por fim, há os crimes contra a honra que compõem o quadro dos crimes contra a pessoa. Seria o pavio aceso para uma agressividade mais violenta, o caminho mais curto para o castigo capital e o impropério da irracionalidade a atingir pessoas inocentes. Isto seria a entrada para os “bêbados e perigosamente armados em defesa da honra” Vellasco(2004, p. 268), subtítulo do capítulo ‘As Formas da Violência’. Bem sugestivo o assunto para enquadrar essa forma de agressão muito comum entre nós. Em Londrina, as ocorrências policiais, devido à bebida e às armas, são relatadas por (ROLIM,1999, p. 44,77). Não só isso, mas também prostituição, jogos, mendicância, punquistas, estelionatários, estrangeiros e migrantes nacionais, um rol de desclassificados que aportaram e andaram pela cidade em busca de riqueza. Cenas de brigas entre bêbados, bêbados e prostitutas, casos de amor e de traição são artifícios para que o espírito seja chamado para gritar insultos aos ventos e os ânimos serem incendiados pela bebida, pela cachaça vagabunda. Os insultos, as ameaças, a honra ofendida, as calúnias, as difamações são os gritos de guerra. Temos armada a confusão. A polícia intervém e os envolvidos são enviados para a delegacia para dar queixa e se cria um boletim de ocorrência por um delito contra a honra. Essa é a trama comum, mas ela pode variar

de cenário para cenário. Uma família, pais e filhos, amigos em comum, festas de casamento, aniversário, bailes públicos.

estimulados pela bebida e armados, os homens daquela sociedade reconheciam, nas situações de conflito, dois desafios [...] a ameaça a suas prerrogativas e a defesa da sua honra, ambas estreitamente ligadas. [...] a honra e a vingança constituíam os móveis das ações violentas, cuja finalidade era restaurar uma posição ameaçada pelo desafio proposto. As posições sociais eram amplamente baseadas num código de honra, envolvendo prerrogativas e deferências devidas, que deveriam ser observadas. Prerrogativas que se hierarquizam no sexo, na cor, na condição e na posição social, que definiam os comportamentos recíprocos a serem mantidos. A honra de um homem residia na sua capacidade de responder aos desafios postos pelo outro quando ultrapassava os limites que deveriam ser respeitados. Responder aos desafios era afirmar publicamente uma posição e uma disposição em defendê-la, numa sociedade onde o anonimato era inexistente e a reputação era a garantia de ser respeitado e temido pela opinião pública. (VELLASCO, 2004, p. 278, 279).

As armas, as mais comuns são as brancas e, depois, os revólveres, são o instrumento de defesa que cada pessoa usa para sua defesa. Todos têm algum tipo de instrumento que pode ferir de morte seu adversário. Mas não é só isso, há também pedaços de pau, pedras, porretes, facão, foice, tudo aquilo que poderia lesionar o outro na briga. O armamento pessoal era um procedimento usual, todos tinham e ninguém achava estranho ou irregular não estar armado. Tanto Vellasco (2001) como Rolim (1999) relatam as campanhas para o desarmamento afim de evitar as mortes, especialmente quando havia festas públicas ou festas em lugares privados, onde haviam mulheres e bebidas. O Estado promovia, através de seus aparatos de repressão, como polícia civil ou militar ou exército que executavam as revistas e as *blitzens* nas ruas e lugares suspeitos.

a ação policial recaia sobre os bailes públicos, frequentados pelos grupos populares e em relação às pessoas “suspeitas na calada da noite”, [...] para que ficassem circunscritos e controlados e não se espraiassem para o restante da cidade. [...] o Delegado justificava que as revistas de suspeitos nos bares da cidade eram para evitar imprevistos [...] porque constituíam-se em locais onde o “tempo era quente” [...] Após as corriqueiras revistas, batidas e blitzens isso redundava em prisões de pessoas que frequentavam os locais considerados “denegridores” da imagem hegemônica em torno da modernidade e da prosperidade. Em relação ao espaço da prostituição as praticas do aparelho policial não se limitaram às prisões e detenções de malandros, marginais, jogadores, embriagados e prostitutas. Para as autoridades, era necessário uma verdadeira operação de desarmamento, tal a quantidade de clientes que perambulavam pelo local armados. (ROLIM, 1999, p.140,141).

Com relação aos crimes contra a honra, difamação ocupava o sétimo lugar com 91 ocorrências ou 1,83%, ameaça tinha a oitava posição com 80 casos ou 1,61% (Tabela 2). No quesito da faixa etária, entre 18 a 39 anos corresponde a 69,23% ou a 180 de pessoas (Tabela 76). Ainda, a década de 1961/1970 (Tabela 77) para a mesma faixa etária tem o pico de 108 pessoas. O sexo masculino prevalece com 242 homens ou 77,07% e a mulheres com 72 casos ou 22,93% (Tabela 78). Observamos aqui uma maior proporcionalidade entre homem e mulher, pois a segunda tem um comportamento mais proativo. A naturalidade (Tabela 80) em sua grande maioria vem do Sudeste, com 144 ou 56,25%, o Sul apresenta 43 ou 16,80%, o exterior, ou seja, o estrangeiro com 35 ou 13,67% e, por fim, o Nordeste perfaz 31 ou 12,11%. Aqui também encontramos um maior equilíbrio entre as categorias. Os brasileiros (Tabela 82) são 265, equivalendo a 88,63% em relação aos estrangeiros. Os casados/amasiados (Tabela 84) são 225 ou 74,75% e os solteiros compõem-se de 66 ou 21,93%. A categoria casado/amasiado sugere que há maior sensibilidade em relação à intolerância social, especialmente quando o casal é 'amasiado'. Os homens brancos prevalecem com 131 ou 74,43% e os negros e pardos têm, juntos, 44 ou 25,00% (Tabela 86) A questão da cor com o crime de honra devia repercutir uma maior equidade entre branco e negro/pardo, porque o preconceito contra o último não é tão invisível socialmente. Em resumo, os indiciados em crimes contra a honra são, em geral, brasileiros brancos, vindos da região Sudeste, que possuem uma faixa etária entre 18 e 39 anos e são casados.

Neste capítulo procuramos mostrar que existem relações entre diferentes análises de processos judiciais utilizando como baliza Vellasco (2004), Rolim (1999) e Fausto (2001), que promovem uma interpretação alicerçada na estatística sociocultural contida nos autos criminais.

CONCLUSÃO

Londrina, situada no norte do Paraná, em sua vida de cidade média brasileira, teve como principal eixo de crescimento econômico a monocultura de café, o 'ouro verde', que fez circular mercadorias, pessoas e capitais diversos. Acompanhou, neste crescimento, a ideia de ser uma cidade moderna em sua constituição e planejada à imagem de seu criador: o colonizador inglês. Sempre pensada pela elite como um centro ou pólo de referência para a região em que está assentada. Assim, ruas e avenidas, calçadas, praças, locais de comércio e residências, entradas e saídas da cidade, os meios de transporte rodoviário, aéreo e ferroviário estiveram e fizeram parte de um plano de desenvolvimento para bem representar a 'capital do ouro verde'. Uma cidade que impressionava pela sua beleza urbana, arborização, casas de alvenarias, prédios, ruas asseadas e limpas. Tudo isso, como maior símbolo da modernidade.

A partir do desenvolvimento econômico, formou-se, concomitantemente, um polo político. No início, com os colonizadores ingleses que gerenciavam e dirigiam o empreendimento econômico, vendendo lotes de terra para a produção econômica e, posteriormente, lotes urbanos para a construção de casas e comércio. A política vem com a urbanização, quando se começa a ideação da cidade com os comerciantes prósperos, fazendeiros, profissionais liberais e a classe média, enfim, toda a gente que a fazia crescer. O núcleo político, com o tempo, divide-se em partidos políticos procurando se articular com a capital do Estado. Londrina entra no circuito estadual como um centro econômico, que não pode ser mais deixado de lado, sendo arrecadador de impostos para o governo. De um lado, sua importância política advém da articulação que as elites fazem no rearranjo do poder municipal e, de outro, na esfera estadual.

A sua fama corre o Brasil como cidade próspera, de fácil acesso à sua riqueza e à sua terra vermelha, que tudo produz. Começam a chegar pela estação de trem e pela rodoviária contingentes humanos de todos os tipos de raças, de crenças, de religiosos, de costumes, de pessoas boas e ruins. Tudo de uma vez só, não sendo possível separar o joio do trigo. A população explode e invade o meio urbano e a cidade não comporta tal número de indivíduos e famílias. O problema demográfico se instala. Além disso, outra categoria de gente, segundo a visão das elites londrinenses, também se sente atraída por sua riqueza. Ladrões, bandidos,

prostitutas, mendigos, vagabundos, menores e famílias pobres que têm as calçadas como o local de suas moradias. Deixam lá, à vista de todos, seus pertences, suas malas, suas trouxas, suas panelas, suas roupas, os sujos e maltrapilhos.

O problema social se instala. Onde colocar essa gente que não tem eira nem beira. Uma parte segue para a periferia, onde não existe nenhuma infraestrutura; a outra prefere ficar no centro, na calçada, onde, pelo menos, pode esmolar e pedir comida. E isso incomoda quem mora, vive e trabalha neste espaço moderno. Andar nas calçadas significava esbarrar em pedintes, bêbados dormindo esparramados e nenhuma polícia. Assim, os cidadãos comentam e pedem uma ação das autoridades. A imprensa local noticia essa calamidade pública nas ruas de Londrina. A partir daí, o medo e a insegurança chegam para ficar.

A insegurança das pessoas é o tema comum: como viver no meio de tantos desclassificados e delinquentes? Com isso, o medo toma conta da cidade. Um problema se avulta: os pequenos, mas extensos casos de roubo e furto pela cidade. Agrega-se outro, os antros de prostituição proliferam: casas de prostituição ricas e pobres crescem a céu aberto. A competição é tanta que as prostitutas invadem a cidade na noite londrinense. Outro, ainda, o jogo de cartas tem seus locais próprios atraindo todo tipo de gente. O céu parece desaparecer e o inferno começa a surgir. Todos os males parecem assombrar a cidade abençoada. A 'sensação de insegurança' Fausto (2001, p.185-191) permeia a população. É necessária uma atitude, diante de tantas coisas ilícitas acontecendo no meio urbano de Londrina.

A ordem deve ser preservada e mantida. É a palavra da hora. Ordem no sentido de que deve haver regras, regulamentos e valores comuns a todos. Os órgãos de comunicação proclamam a urgência de se colocar ordem na sociedade londrinense. O comportamento humano deve ter um norte de respeito, educação e responsabilidade no trato coletivo. Ordem corresponde à regulação entre pessoas e grupos sociais, uma sociabilidade que torne a vida mais adequada reciprocamente. Ordem é a disciplina que todos devem possuir em relação a todos.

Londrina, cidade da fortuna, busca sua saída para resolver as questões de segurança e da alta demografia. Dentro do contexto histórico relatado, os problemas demográficos, com o tempo, foram respondidos de duas formas: a) pelo movimento de migração interna, no espaço nacional, com a marcha para a região Oeste do Brasil, despovoando a cidade e b) pela construção de conjuntos residenciais longe do centro da cidade e transplantando para outro lugar os problemas sociais e

assistenciais, como falta de serviços básicos para esta população. Na realidade, os conjuntos residenciais expressam uma política segregacionista, que separa aqueles que podem usufruir das benesses da vida moderna e aqueles que devem sonhar com essas qualidades de vida.

Com relação à segurança, Londrina vai se beneficiar, nos anos 50-60, da política estadual de reorganização administrativa de pessoal e de material, dos órgãos responsáveis pela repressão, como a vigilância e o controle. Foram criados e instituídos novos órgãos de repressão, cargos e profissionais, laboratórios especializados, meios de transporte e de comunicação. Essa reformulação irá refletir na cidade, em uma polícia mais eficiente. Com ela, aparece o uso da estatística para medir a eficiência do trabalho policial: quantos presos suspeitos eram encarcerados para verificação, quantidade de batidas constantes em locais 'quentes', número de armas apreendidas, número de vagabundos, prostitutas, mendigos e ladrões 'tirados' do centro da cidade. Enfim, todos os tipos de números eram usados através da estatística para medir a capacidade da ação policial.

A justiça, enquanto local de disputa teatral entre o inocente e o culpado, encerra um capítulo neste processo histórico de Londrina. Os autos criminais formalizam um testemunho histórico e o Banco de Dados do Fórum de Londrina é sua expressão mais real. O tratamento estatístico descritivo, dado neste trabalho, com certeza é menos rico e limitado em detrimento da interpretação da ação contida nos autos criminais, executada por (FAUSTO, 2001; VELLASCO, 2004). Tentamos expor quem foram os réus e vítimas, suas características socioculturais e os principais delitos praticados correlacionados com os réus por períodos históricos.

Por fim, assinalar que o Estado assume o papel de ser o protagonista na elaboração e execução de políticas de segurança, agindo e atuando na repressão propriamente dos crimes, com seus órgãos especializados como delegacias de homicídios, roubos e furtos, costumes, trânsito, falsificações e defraudações e outros, por um lado. Atua e opera como agente intermediador de resolução de conflitos e crimes: operador de justiça. Nesse papel, teoricamente, age dentro dos limites da lei e impõe o que esta última preconiza. É um "campo de lutas, cuja especificidade é dada pela construção de uma forma de dominação legal" (VELLASCO, 2004, p. 223), de outro. Desta feita, o crime e o conflito social emergem como um problema para o Estado.

REFERÊNCIAS

- ARIAS NETO, J. M. **O Eldorado**: representações da política em Londrina, 1930/1975, Londrina/PR: UEL, 1998.
- BAYER, A. et al. **A estatística e sua história**. 2014. Disponível em: <http://www.exatas.net/ssbec_estatistica_e_sua_historia.pdf>. Acesso em: 10 jan.2014.
- BESSION, J. L. **As estatísticas: verdadeiras ou falsas?**In: BESSION, J. L. (org.). **A ilusão das estatísticas**. São Paulo: UNESP, 1995.
- _____. Nem tanto excesso de honra, nem tanta indignidade. In: BESSION, J.L. (org.): **A ilusão das estatísticas**, São Paulo: UNESP, 1995a.
- CAMARGO, A. de P. R. As instituições estatísticas na história social da ciência: algumas perspectivas e especificidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética 25, 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.
- CASTILHO, E. A. de; SZWARCOWALD, C. Os caminhos da estatística e suas incursões pela epidemiologia. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio Janeiro, v. 8, n. 1, p. 5-21, jan./mar.1992.
- COMTE, M. A fluidez e a rigidez. In: BESSION, J. L. (org.). **A ilusão das estatísticas**. São Paulo: UNESP, 1995.
- COSTA, T. F. **Réu, acusado, argüido, suspeito, indiciado, culpado**. 19 mar. 2010. Disponível em:<<http://ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=27685>>. Acesso em: 24 jan. 2014.
- CRESPINO, A. A. **Estatística fácil**. São Paulo: Saraiva. 2002.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Declaração dos Princípios Básicos de Justiça Relativos às Vítimas da Criminalidade e de Abuso de Poder – 1985**, Adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 40/34, de 29 de Novembro de 1985. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direitos-Humanos-na-Administração-da-Justiça.-Proteção-dos-Prisioneiros-e-Detidos.-Proteção-contra-a-Tortura-Maus-tratos-e-Desaparecimento/declaracao-dos-principios-basicos-de-justica-relativos-as-vitimas-da-criminalidade-e-de-abuso-de-poder.html>>. Acesso em: 30 maio, 2014,
- BRASIL. Decreto nº 17.943-A, de 12 de Outubro de 1927, **Consolida as leis de assistência e proteção a menores**. Código dos Menores. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D17943A.htm>. Acesso em: 30 maio, 2014
- DEMING, W. E. **Qualidade**: a revolução da administração, Rio Janeiro: Marques-Saraiva, 1990.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA - UFRGS. **História da estatística**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/mat/graduacao/estatistica/historia-da-estatistica/sendtoform>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

FAUSTO, B. **Crime e cotidiano**: a criminalidade me São Paulo (1880-1924). São Paulo: Universidade de São Paulo. 2001.

FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. O Legado da Raça Branca, Rio de Janeiro: Globo. 2012, v. 1

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis - RJ: Vozes. 1987.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. 2008.

GAUSS, M. CORDEIRO, G. M. **História da Estatística**. Disponível em: <http://www.des.uem.br/uploads/arquivos_professor/1125192908.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva. 1974.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis – RJ: Vozes. 2009.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**, São Paulo: Nacional. 1968.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio Janeiro: Objetiva, 2001.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IBGE. Censo Demográfico 2010. **Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência**. Rio Janeiro, 2012.

IGNÁCIO, S. A. Importância de estatística para o processo de conhecimento e tomada de decisão. **Notas Técnicas/IPARDES**, n. 6, Curitiba, 2010.

ISHIKAWA, K. **Controle de qualidade total**: à maneira japonesa, Rio Janeiro: Campus. 1993.

JOURNET, O. Um outro olhar, In: BESSON, J. L. (org.) **A ilusão das estatísticas**. São Paulo: UNESP. 1995.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, (s.d.).

LECLERC, G. **Crítica da antropologia**. Lisboa: Estampa. 1973.

LEME, E. J. H. **Faces ilícitas de uma cidade**: representações da prostituição em londrina (1940-1960). Dissertação de Mestrado (História). UNESP – Campus Assis. 2001.

LEVIN, J. **Estatística aplicada às ciências humanas**. São Paulo: Harpers&Row do Brasil. 1978.

LONDRINA. Prefeitura Municipal de Londrina. **Perfil do Município de Londrina**. 2001. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil2001.pdf>. Acesso em: 30 maio, 2014.

_____. Prefeitura Municipal de Londrina. **Perfil do Município de Londrina**. 2008. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_planejamento/perfil/perfil2008.pdf>. Acesso em: 30 maio, 2014.

_____. Prefeitura Municipal de Londrina: **Perfil do Município de Londrina**. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/storage/sec_planejamento/perfil/perfil_de_londrina_2013.pdf>. Acesso em: 30 maio, 2014.

_____. Prefeitura Municipal de Londrina: Perfil Da Região Metropolitana de Londrina. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/storage/sec_planejamento/perfil/regiao_metropolitana/perfilm>. Acesso em: 30 maio, 2014.

MARTIN, O. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 13-34. 2001.

MEMÓRIA, J. M. P. **Breve história da estatística**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004. Disponível em: <http://www.im.ufrj.br/~lpbraga/prob1/historia_estatistica.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MEILLSSOUX, C. **Mulheres, celeiros & capitais**. Porto: Afrontamento. 1976.

OLIVEIRA, L. de F.; FERREIRA, da S. V. Processos judiciais como fonte de dados - poder e interpretação. In: _____. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 7, n. 13, jan./jun. p. 244-259. 2005.

PANOBIANCO, D. Especial - 35 anos da geada de 1975 - Entenda o que foi a geada negra que dizimou todas as plantações de café do Paraná. 17 jul., 2010. **Revista Cafeicultura**. Disponível em: <<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?mat=34022>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

POUBEL, M. W. Um Estudo da História da Estatística: o 1º. Censo Demográfico. In: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA. Sociedade Brasileira de História da Matemática. **Anais...** (s./d.). Disponível em: <http://www.each.usp.br/ixsnhm/anaisixsnhm/comunicacoes/1pobel_m_w_um_estudo_da_hist% c3% b3 ria_da_estat% c3% adstica.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

PRIORI, Â. A revolta camponesa de Porecatu. In: MOTTA, M.; ZARTH, P. (Orgs.). **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história.** São Paulo: UNESP, 2008, p. 117 - 142.

ROLIM, R. C. **O policiamento e a ordem: histórias da polícia em Londrina, 1948-1962.** Londrina: Ed. UEL. 1999.

SALSBURG, D. **Uma senhora toma chá...: como a estatística revolucionou a ciência no século XX.** Rio Janeiro: Zahar.2009.

SALVATICO, T. Passarela em frente ao Ney Braga está liberada para pedestres: Segundo Econorte, pedestres circulam pelo local desde o período de finalização da obra. **Jornal de Londrina.** Londrina, 01 abr. 2014, Folha Cidades. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?id=1458729>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

SCHRITZMEYER, A. L. P. **Controlando o poder de matar uma leitura antropológica do Tribunal do Júri- ritual lúdico e teatralizado.** Tese de doutorado em (Antropologia Social). USP, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2001.

SHIGUTI, W. A.; SHIGUTI, V. da S. C. **Apostila de estatística.** Brasília, 2006. Disponível em:<http://www.inf.ufsc.br/~pssb/download/apostila5_ine5102quimica.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SILVA, C. B. E COUTINHO, C. de Q. e S. O nascimento da estatística e sua relação com o surgimento da teoria da probabilidade. **Revista Integração**, n. 41, abr./mai. /jun. p. 191-196. 2005.

SPIEGEL, M. R. **Estatística: resumo da teoria, 875 problemas resolvidos, 619 problemas propostos,** São Paulo: McGraw-Hill. 1974.

SOLA, L.O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, C. G. (Org).**Brasil em Perspectiva.** São Paulo: Difel, 1974.

SUTHERLAND, E. H. **Princípios de criminologia.** SP: Martins Fontes. 1949.

TAMANINI, M. *et al.* **Normas para apresentação de trabalho científicos no curso de Ciências Sociais da UFPR.** Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba: UFPR, Departamentos de Ciências Sociais, 2012.

VELLASCO, I. de A. **As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais – século XIX,** SC:EDUSC com co-edição ANPOCS.2004.

ANEXO

ANEXO A – LISTA DE PROFISSÕES RÉUS E VÍTIMAS

1.1 Classificação das Profissões/RÉUS

TRABALHADOR URBANO = Açougueiro, Agenciador, Agenciador de Hotel, Aeroviário, Aeronauta, Agente de Loterias, Auxiliar de Frigorífico, Auxiliar de escritório, Ajudante de caminhão, Ajudante de motorista, Ajudante de Mecânico, Ajudante de maquinista, Ajudante de Cozinheiro, Ajudante de carpinteiro, Agente auxiliar de impostos, Agente de Segurança da SSP, Agente de Segurança, Ambulante, Ambulante (comerciante de Joias), ambulante de frutas, Armador, Auxiliar, Armeiro, Auxiliar de Topógrafo, Auxiliar de protético, Auxiliar de portaria – INPS, Auxiliar de Farmácia, Auxiliar de Caixa, Aposentado, Aviador, Bailarina, Balconista, Bancário, Barbeiro, Bilheteiro, Biscateiro, Boiadeiro, Borracheiro, Cabeleireiro, Calceteiro, Carregador, Camareiro, Cambista, Camiseiro, Campeiro, Cantor, Casa de jogos, Carregador de Sacos, Carpinteiro, Carroceiro, Cinema Topografista, Charreteiro, Cobrador, Cobrador de ônibus, Conferente, Confeiteiro, Cobrador comercial, Contador, Construtor, Cirurgião dentista, Corretor de Imóveis, Corretor de automóveis, Corretor de Seguros, Corretor de título, Corretor, Copeiro, Cozinheiro, Costureira, Coveiro, Cromador, Decorador, Desenhista, Despachante, Distribuidor de jornal, Doceiro, Do Lar, Domador, Doméstica, Ensacador, Eletricista, Empregado, Eletrotécnico, Empreiteiro, Encanador, Engraxate, Escultor, Farmacêutico, Faxineiro, Ferroviário, Ferreiro, Fiscal do Trânsito, Fiscal Furador do IBC, Fiscal de Matas, Fiscal de ônibus, Foguista, Fotógrafo, Funileiro, Frentista de posto, Funcionário da Cervejaria, Func. Ferroviário, Garapeiro, Garçon, Garçon de Club de Jogo, Gerente, Gráfico, Guarda, Guardião, Guarda Livros, Impressor de OHF-7, Industrial, Inspetor de Quarteirão, Inspetor de Seguros, Inspetor de Laboratório, Inspetor de Terras, Inspetor de Terras, Instalador de telefones, Intermediário de negócios, Jardineiro, Jogador, Jogador de Futebol, Jornalista, Latoeiro, Lanceiro, Laminador, Lavador de automóveis, Lavadeira, Leiteiro, Lenhador, Locutor de Rádio, Lustrador, Lustrador de Móveis, Lubrificador, Magarefe, Maquinista, Mascate, Massagista, Marceneiro, Mecânico, Mecnógrafo, Meretriz, Meretrício, Mestre de obras, Modista, Modelo de desenhista, Motorista, Motorista de taxi, Motorista profissional, Músico, Nivelador, Oleiro, Oficial de sapateiro, Oficial de farmácia, Oficial de justiça, Oficial de relojoaria, Operador Cinematográfico, Operador de caldeira, Operador de bombas, Operador de Máquinas pesadas, Operário, Ourives, Padeiro, Pasteleiro, Pastor Evangélico, Parteira, Pedreiro, Pintor, Piloto, Piloto Comercial, Piloto de linha aérea, Posseiro, Plainista, Placas de Luminosos, Polidor, Prático de farmácia, Pracista, Prendas domésticas, Professor, Professor de Inglês, Professor de datilografia, Protético, Profissional do Futebol, Publicista, Quiromante, Radialista, Rádio Técnico, Recepcionista de Hotel,

Relojoeiro, Representações em geral, Representante Comercial, Saqueiro, Sapateiro, Serrador, Servente, Serralheiro, Secretário, Serventuário da Justiça, Tecelão, Tapeceiro, Técnico eletricista, Técnico de Rádio, Técnico Eletrônico, Técnico em frigorífico, Técnico em refrigeração, Técnico em radiologia, Tintureiro, Telegrafista, Topógrafo, Tipógrafo, Torneiro Mecânico, Vereador, Vendedor, Viajante, Viajante Comercial, Vendedor ambulante, Vigia Noturno, Volante e Zelador;
PEQUENO EMPRESÁRIO = Alfaiate, Chefe Pessoal, Chefe de escritório, Comandante do destacamento, Comerciante, Comerciante Ambulante, Comerciante de joias, Comerciante de café, Comerciante de terras, Comerciarío, Comércio, Do Comércio, Empresário Teatral, Hoteleiro, Jornalista/diretor/redator e gerente, Proprietário, Proprietária de Pensão, Proprietária de Boate, Proprietária do Lupanar, Proprietário de agência lotérica, Proprietário de Farmácia, Proprietário de casas de banhos e Proprietário e capitalista;

TRABALHADOR RURAL = Administrador da Fazenda, Agricultor, Agrimensor, Comprador de café, Comprador de gado, Corretor de café, Conferente de Café, Classificador de café, Corretor de Terras, Criador de gado, Da agricultura, Empreiteiro/Lavrador, Empregado agrícola, Embarcador de Café, Embarcador de Café, Lavrador, Retireiro, Safrista, Seleiro, Trabalhador de enxada, Técnico em agricultura, Trabalhador rural, Trabalhador em uma fazenda, Turmeiro de Estrada, Tratorista, Tropeiro, Trabalho Braçal, Turfista e Vaqueiro;

FUNCIÓNÁRIO PÚBLICO = Agente de polícia, Agente da FPE, Agente Colaborador da Polícia, Agente Policial, Bombeiro, Cabo da Ronda, Cabo da Polícia Militar, Carteiro, Coveiro, Datilógrafa, Delegado de Polícia, Escriturário, Escrivão da Policial Civil, Funcionário Municipal, Funcionário Público Estadual, Funcionário Público Federal, Funcionário da Justiça, Funcionário do IBC, Fiscal da COMAP, militar, Funcionário federal, Guarda Noturno, Guarda-livros, Guarda da Prefeitura, Guarda de Trânsito, Guarda Civil, Guarda Urbano, Inspetor Policial, Militar da PME, Militar, Militar reformado, Médico e prefeito de Sertanópolis, Magistrado, Operário da Prefeitura Municipal, Oficial de Justiça, Operário de serraria, Op. Prefeitura, Professora Pública, Professor, Promotor Público, Policial Civil, Piloto Civil, Prefeito, Serventuário da Justiça, Servente Estadual, Superintendente da guarda urbana de Londrina, Sub-tenente da PM, Serve da Justiça e Soldado da PME;

PROFISSIONAL LIBERAL= Advogado, Dentista, Engenheiro Agrônomo, Enfermeiro, Engenheiro civil, Farmacêutico, Médico, Médico Veterinário, Bacharel e Bacharel em Direito/Delegado

Desempregado = Desempregado, Sem profissão definida e Sem profissão;

ESTUDANTE = Estudante;

GRANDE EMPRESÁRIO = Industriário, proprietário, Proprietário Folha do Paraná e Diretor da "Folha do Paraná", Fazendeiro, Pecuarista;

NÃO INFORMADO = Ignorado, Indefinida, Não tem fixa e Sem profissão definida;

1.2 Classificação das Profissões/VÍTIMAS

TRABALHADOR URBANO = Administrador, Administrador do Aeroporto de Londrina, Açougueiro, Aeronauta, Agente Lotérico, Aeroviário, Agente de Impostos, Agenciador de Hotel, Ajudante de Chofer, Agrimensor, Ajudante de motorista Ajudante de caminhão, Ajustador de máquinas, Ajudante de Pedreiro, Ajudante de transporte, Ajustador Mecânico, Alfaiate, Ambulante, Armador de ferro, Aposentado, Aprendiz de alfaiate, Artista, Aprendiz Protético, Artista de rádio, Atendente de consultório médico, Artista de circo, Atleta, Autônomo, Auxiliar de escritório, Auxiliar de mecânica, Auxiliar de Impressos, Auxiliar de Motorista, Balconista, Bancário, Carregador, Bailarina, Barbeiro, Bicicleteiro, Bilheteiro, Borracheiro, Cabeleireiro, Caixeiro, Camareira de hotel, Cambista, Cambista de loteria, Cantor profissional, Carroceiro, Carpinteiro, Cerealista, Chefe de vendas, Charreteiro, Chofer, Cirurgião dentista, Cobrador, Cobrador de ônibus, Colono, Comércio, Comerciante, Comércio ambulante, Comissário de Menores, Consertador de sacaria, Confeiteira, Construtor, Contador, Contabilista, Corretor, Corretor de imóveis, Corretor de vendas, Costureira, Cozinheiro, Datilógrafo, Do Comércio, Dona de casa, Diretor, Doméstica, Eletricista, Empreiteiro de estrada, Empreiteiro da Pedreira, Empreiteiro, Empreiteiro de café, Encanador, Encarregado do Posto Indígena, Enfermeira, Entregador, Ensacador, Entregador de pão, Escrevente de Cartório, Escolar, Feirante, Farmacêutico, Ferroviário, Ferreiro, Frentista, Fiel de Armazém, Fotógrafo, Funcionário da Churrascaria Galeto, Funileiro, Garçon, Garimpeiro, Gerente, Governanta, Gráfico, Guarda Particular, Guardião noturno, Hoteleiro, Impressor, Industriário, Inspetor de Seguros, Inspetor de Cia de Capitalização, Instrutor de Mecânica, Jardineiro, Jôquei, Jornalista, Jornaleiro, Juiz de futebol, Labista, Laminador, Lavadeira, Livreiros Editores Ltda, Lavador de automóveis, Lubrificador, Marceneiro, Mascate, Mecânico, Meretriz, Mestre de obras, Motorista, Motorista de táxi, Motorista de caminhão, Motorista de praça, Motorista profissional, Modista, Músico, Oficial de Farmácia, Operário, Operária da Máquina de Café, Operário do aeroporto de Londrina, Ourives, Padeiro, Parteira, Pavimentador, Pastor Evangélico, Pedreiro, Placas de Luminosos, Piloto Aviador, Piloto, Pintor, Prático de contabilidade, Porteiro, Prendas domésticas, Presidente do Clube do Café, Professora de corte e costura, Professora de piano, Prostituta, Publicitário, Radialista, Rádio Técnico, Rádio-atriz, Religioso, Relojoeiro, Repórter, Representante comercial, Saqueiro, Sapateiro, Secretária, Serrador, Servente, Servente de pedreiro, Serralheiro, Sub-gerente do Banco Brasileiro, Tecelão/fiador, Técnico de rádio, Técnico de Acumulador, Técnico em contabilidade, Tapeceiro, Telegrafista, Telefonista, Tintureiro, Tipógrafo, Torneiro Mecânico, Trabalho braçal, Vendedor, Vendedor ambulante, Vendedor de sorvete, Viajante, Vidraceiro, Vigia noturno, Volante, Vulganizador e Zelador;

TRABALHADOR RURAL = Administrador de Fazenda, Agente de terras, Agricultor, avicultor, Fiscal da Fazenda, Horticultor, Lavrador, Lenhador, Peão, Posseiro, Peixeiro, Sítiante e Trabalhador rural;

PEQUENO EMPRESÁRIO =Agente Comercial, Comerciante, Comercária, Dono da Pensão Cruzeiro, Dono da casa São Francisco, Dono do Café Ouro Verde, Gerente/comerciante, Proprietária de casa de tolerância, Proprietária de bordel, Proprietário, Proprietário da Livraria Mercúrio, Proprietário de Açougue, Proprietário da oficina mecânica Cia, Proprietário da Firma, Proprietário do Bar Feijó, Proprietário de Pensão, Proprietário de empresa e Proprietário do Cine Jóia;

PROFISSIONAL LIBERAL = Advogado, Bacharel, Bacharel em Direito/delegado, Dentista, Economista, Engenheiro, Engenheiro Agrônomo, Enfermeira, Engenheiro Civil, Farmacêutico, Médico, Químico e Químico Industrial;

FUNCIONÁRIO PÚBLICO =Agente de Polícia, Agente Colaborador da Polícia, Bacharel e delegado de polícia, Cabo da Polícia Militar, Coveiro do cemitério municipal, Escrivania, Escrivão da Policial Civil, Delegado de Polícia, Funcionário Público Municipal, Funcionário Pública estadual, Funcionário Pública Federal, Fiscal da COMAP, Funcionário da Justiça, Funcionário do IBC, Guarda Civil, Guarda Noturno, Guarda da Prefeitura, Guarda de Trânsito, Guarda Urbano, Guarda-livros, Inspetor Policial, Juiz de Direito, Militar da PME, Militar, Militar reformado, Médico e prefeito de Sertanópolis, Magistrado, Operário da Prefeitura Municipal, Oficial de Justiça, Piloto Civil, Policial, Professor, Prefeito, Promotor Público, Servente Estadual, Serve da Justiça, Serventuário da Justiça, Soldado da PME, Soldado da polícia militar, Soldado da PME, Superintendente da guarda urbana de Londrina e Sub-tenente da PM;

ESTUDANTE = Estudante;

NÃO INFORMADO =Ignorada, Não consta, Não Informado, Sem profissão definida e Sem profissão;